



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**NAPOLEÃO MARCOS DE MOURA MENDES**

**“NO PRINCÍPIO ERA... A VISÃO”: CARISMA E PERFORMANCE NAS  
NOVAS COMUNIDADES PROTESTANTES**

**FORTALEZA-CE**  
**2011**

**NAPOLEÃO MARCOS DE MOURA MENDES**

**“NO PRINCÍPIO ERA... A VISÃO”: CARISMA E PERFORMANCE NAS  
NOVAS COMUNIDADES PROTESTANTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Dra. Júlia Maria Pereira de Miranda  
Henriques

**FORTALEZA-CE  
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

M492n

Mendes, Napoleão Marcos de Moura.

“No princípio era...a visão” : carisma e performance nas novas comunidades protestantes / Napoleão Marcos de Moura Mendes. – 2011.

230 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2011.

Área de Concentração: Sociologia.

Orientação: Profa. Dra. Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques.

1.Cruz,Armando Bispo da. 2.Igrejas batistas – Fortaleza(CE) – Clero. 3.Liderança cristã – Fortaleza(CE) – Igreja Batista. 4.Desempenho(Arte). 5.Templos – Fortaleza(CE). 6.Cultos – Fortaleza(CE). 7.Protestantismo – Fortaleza(CE). 8.Igreja Batista Central de Fortaleza.I. Título.

CDD 253.098131

---

**NAPOLEÃO MARCOS DE MOURA MENDES**

**“NO PRINCÍPIO ERA... A VISÃO”: CARISMA E PERFORMANCE NAS  
NOVAS COMUNIDADES PROTESTANTES**

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Aprovada em 25 / 04 / 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques(Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará-UFC

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marion Aubrée  
L'École des Hautes Études en Sciences Sociales-EHESS

---

Prof. Dr. Ricardo Mariano  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS

---

Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale  
Universidade Federal do Ceará-UFC

---

Prof. Dr. Antonio George Lopes Paulino  
Universidade Federal do Ceará-UFC

À Marta Maria Pinheiro Mendes, minha  
esposa, por todo o incentivo e apoio.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria e graça, por ter me concedido mais uma vitória em minha formação acadêmica.

À professora Dr<sup>a</sup>. Júlia Miranda, minha gratidão por ter sido orientadora paciente e amiga, que, com diretrizes seguras, incentivo e competência, contribuiu para a realização desta pesquisa.

À Marta, por ter me encorajado a investir na minha formação acadêmica e me incentivado quando pensei em desistir, e aos meus filhos, por terem compreendido minhas ausências.

À minha mãe e aos meus irmãos e irmãs, que sempre colaboraram e me incentivaram em vários momentos de minha vida tão corrida, fazendo-me prosseguir.

Ao Pr. Armando Bispo, ao Nelson Massambani, à Síria Giovenardi e aos demais líderes da IBC, que além da realização desta pesquisa, contribuíram para minha formação pessoal e ministerial.

Ao Rev. Rogério Carlos, ao Rev. Sundar Andrade, aos demais pastores e às igrejas do Presbitério do Ceará, pelo incentivo a prosseguir na vida acadêmica e pela solidariedade demonstrada quando enfrentei a doença do Vítor, meu filho.

Ao Rev. Armando Diógenes e família, pelo apoio recebido em minha estadia em Itapipoca.

À Dona Terezinha Felipe e ao Pr. Antonio Pinheiro, pelo apoio no meu retorno a Fortaleza.

Aos professores do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca-CE, especialmente aos professores Célio Coutinho, Solange Xerez, Ana Cristina e Renata Maranhão, pela solidariedade em momentos difíceis.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Ao Conselho e aos membros da Igreja Presbiteriana de Teresina.

Ao professor Dr. Domênico Batocchio, *in memoriam*, por ter visto um sociólogo em um seminarista protestante que resolveu fazer Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará.

Quantidades de atitudes veneráveis foram abandonadas e muitos dos “fatos e verdades eternas” do século anterior, que tinham projetado, qual uma pedra enorme uma sombra tão formidável, ao serem examinados, provaram-se de areia, o que os tornava adequados para a construção de edifícios fantásticos, mas não duráveis ou seguros ante a água do mar.

Mas o debate foi travado: a arte dúbia foi ajustada, autoridades foram invocadas, foi dado apoio aos sonhos e construíram-se sistemas com base nos testemunhos de inspirações individuais.

Por algum tempo a ação política e social pareceu oferecer uma saída ou entrada [...], após tão altas esperanças, a perene incapacidade humana para ordenar a sociedade, sobreveio a desilusão, resolvida amargamente em numerosos casos pela adoção de algum dogma místico, de preferência tão rico em história, tão amplo e despropositado em suas pretensões que fosse absolutamente aceitável para o triste romântico que queria, acima de tudo, *sentir*, saber sem raciocinar.

Assim, naqueles tempos portentosos, apenas os cientistas se sentiam contentes, ao construírem máquinas cada vez mais fabulosas para desintegrar os invisíveis núcleos da vida, enquanto os anticientíficos pulavam nervosamente de um absoluto para outro... ora correndo para o antigo atrás da graça, ora para o novo buscando a salvação, sem concordarem realmente em qualquer coisa, exceto na necessidade de concordância e do conhecimento final. Isto, para concluir, foi a nota predominante daquele tempo; já que a razão foi declarada insuficiente, só um místico poderia demarcar as fronteiras da vida com autoridade final, misteriosamente revelada. Era perfeitamente claro. Tudo o que estava faltando era o homem.

(VIDAL, Gore. *Messias*. São Paulo: Rocco, 1990. p. 18, Grifo do autor)

## RESUMO

Aborda a gênese, o desenvolvimento, a estrutura e as práticas de uma comunidade religiosa, a Igreja Batista Central de Fortaleza (IBC), geradas sob o influxo da liderança carismática exercida pelo Pr. Armando Bispo da Cruz, que tem como modo de autenticação do carisma a *performance* realizada em celebrações espetaculares. A presente investigação toma como referencial teórico as contribuições de Max Weber (1989, 1982, 1994, 1999), Pierre Bourdieu (1984, 1989 e 1992), Jean-Paul Willaime (1986, 2000, 2002, 2003 e 2009), Paul Zumthor (1997 e 2000) e Renato Cohen (2007), dentre outros autores que também foram importantes para a realização deste trabalho. Além da pesquisa bibliográfica, empregaram-se também procedimentos de pesquisa qualitativa, tais como análise de imagens, observação, entrevistas e conversas informais para obtenção de dados. A gênese e o desenvolvimento do campo religioso protestante brasileiro são apresentados em suas linhas gerais, possibilitando a compreensão do surgimento e da expansão da IBC, uma das novas comunidades protestantes cuja estrutura administrativa e organização estratégica servem de suporte para o exercício da liderança carismática e profética, no sentido weberiano. Partindo ainda de uma abordagem histórica acerca dos templos no cristianismo e, especificamente, no protestantismo, analisa-se a utilização do local das celebrações de maior porte dessa comunidade, a Tenda, como espaço de espetáculo, cenário de performances. Nessa ótica, a partir da etnografia realizada, são analisadas as celebrações dominicais. A relação entre atuação profética e performance são analisadas, permitindo compreender como se articulam para os fins da autenticação do carisma.

Palavras-chave: Carisma, Performance e Protestantismo.



## **ABSTRACT**

It's about the genesis, development, structure and practices of a religious community to Central Baptist Church of Fortaleza (IBC), generated under the influence of charismatic leadership exerted by Pastor Armando Bispo da Cruz, whose charisma authentication mode the held in spectacular celebrations. This research has like a theoretical reference contributions of Max Weber (1989, 1982, 1994, 1999), Pierre Bourdieu (1984, 1989 and 1992), Jean-Paul Willaime (1986, 2000, 2002, 2003 e 2009), Paul Zumthor (1997 and 2000) and Renato Cohen (2007), among other authors who were also important for this work. Besides the literature, procedures were employed for qualitative research, such as image analysis, observation, interviews and informal conversations to gather data. The genesis and development of the religious Protestant brazilian field are presented in general terms, allowing us to understand the emergence and expansion of the IBC, a new Protestant communities whose administrative structure and strategic organization serve as support for the exercise of charismatic leadership and prophetic, in the Weberian sense. Starting still from a historical approach on the temples in Christianity, specifically Protestantism, it analyzes the use this communit's greatest place of celebrations, the Tent, like a space of spectacle, scene of performances. From this perspective, since the held ethnography, the sunday celebrations are analyzed. The relationship between the prophetic role and performance are analyzed, allowing us to understand how to articulate in order of authentication of charisma.

Keywords: Charisma, Performance, Protestantism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estruturação da pesquisa.....	19
Figura 2 - Configuração organizacional da IBC.....	71
Figura 3 - Estrutura de pastoreio da IBC.....	86
Figura 4 - Estrutura do Processo IDE.....	86
Figura 5 - Processo INCLUSÃO.....	87
Figura 6 - Processo de DESENVOLVIMENTO.....	88
Figura 7 - Mapa de acesso à Tenda.....	138
Figura 8 - Mapa histórico do pentecostalismo.....	223
Figura 9 - Grade curricular do curso “Capacitar”.....	229

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Imposição de mãos sobre o Pr. Armando Bispo (1983).....	52
Fotografia 2 - Pregação do Pr. Armando Bispo na “Palhoça”.....	62
Fotografia 3 - Erguimento da Tenda da IBC.....	64
Fotografia 4 - Vista noturna da Tenda.....	65
Fotografia 5 - Batismos na IBC-Pedras (25/05/2008).....	81
Fotografia 6 - Pr. Armando Bispo pilotando no Rally dos Sertões.....	101
Fotografia 7 - Templo da IBC em 1982.....	135
Fotografia 8 - Vista aérea da Tenda.....	138
Fotografia 9 - Chegada na IBC-Pedras (18/05/2008).....	139
Fotografia 10 - Portão de entrada da IBC-Pedras (24/08/2008).....	141
Fotografia 11 - Nave da Tenda (16/03/2008).....	142
Fotografia 12 - Palco com músicos (16/03/2008).....	143
Fotografia 13 - Palhoça de vendas e serviços (02/03/2008).....	147
Fotografia 14 - Vista aérea da IBC (Anel viário e BR 116 ao fundo).....	149
Fotografia 15 - Palco da Tenda (29/06/2008).....	166
Fotografia 16 - Palco da Tenda (18/05/2008).....	167
Fotografia 17 - Palco da Tenda (24/08/2008).....	168
Fotografia 18 - Pr. Armando Bispo durante pregação (21/10/2007).....	190
Fotografia 19 - Pr. Armando Bispo no templo da Gonçalves Lêdo (1983).....	193
Fotografia 20 - Pr. Armando Bispo no palco (28/10/2007).....	195

## LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1 - Total de Pequenos Grupos da IBC, conforme as Redes.....	83
Quadro 1 - Comparação das comunidades protestantes.....	43
Quadro 2 – Tipos de Autoridade ideológica e Formas de legitimação.....	181
Quadro 3 - Tipologia do pentecostalismo brasileiro .....	212
Quadro 4 - Tipologia do protestantismo brasileiro.....	214
Quadro 5 - Formas de classificação do pentecostalismo brasileiro.....	215

# SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE FOTOGRAFIAS.....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 PROTESTANTISMOS, PENTECOSTALISMOS E NOVAS COMUNIDADES PROTESTANTES.....</b>	<b>26</b>
1.1 Os Protestantismos no Brasil .....	27
1.2 Os pentecostalismos no Brasil .....	29
1.3 A Igreja Batista Regular no Brasil.....	32
1.4 As novas comunidades protestantes.....	35
<b>2 GÊNESE, DESENVOLVIMENTO E CONFIGURAÇÃO ORGANIZACIONAL E COMUNITÁRIA DA IBC.....</b>	<b>50</b>
2.1 Gênese e desenvolvimento da Igreja Batista Central de Fortaleza.....	50
2.2 A estrutura burocrático-administrativa: as vivências da organização.....	70
2.3 A experiência dos pequenos grupos: a vida do organismo.....	76
<b>3 CONSTRUÇÃO E LEGITIMAÇÃO DA AUTORIDADE PASTORAL NA IBC.....</b>	<b>94</b>
3.1 Vocação, habitus e carisma no ministério pastoral.....	94
3.2 A figura do pastor na IBC a partir das abordagens de Max Weber e Pierre Bourdieu.....	102
3.3 A figura do pastor na IBC a partir da análise de Jean-Paul Willaime.....	108
3.4 O carisma diante da vida orgânica e organizacional da comunidade.....	117
3.5 A dimensão política no discurso do Pr. Armando Bispo.....	121
<b>4 DOS TEMPLOS À TENDA: OS USOS DO LOCAL DE ADORAÇÃO.....</b>	<b>125</b>
4.1 O templo na tradição judaica.....	126
4.2 Os templos na igreja cristã.....	129
4.3 Os templos protestantes no Brasil.....	132
4.4 A Tenda e seus componentes arquitetônicos.....	137
4.5 O usos sociais do espaço religioso.....	144
<b>5 A RITUALIDADE DAS CELEBRAÇÕES NA IBC: CENOGRÁFIAS DE UM ESPETÁCULO.....</b>	<b>152</b>
5.1 Considerações sobre culto e ritual.....	152
5.2 A ritualidade das celebrações dominicais.....	156
5.2.1 A introdução na esfera cultural: a dinâmica da acolhida.....	156
5.2.2 Orando e cantando: o momento da invocação.....	158
5.2.3 A pregação da palavra de Deus: a edificação do rebanho.....	160
5.2.4 O retorno ao cotidiano: a hora da despedida.....	162
5.3 Cenografia e espetáculo nas celebrações.....	163

<b>6 A PERFORMANCE DO PASTOR.....</b>	<b>172</b>
6.1 O pastor, a cura de almas e a prédica.....	172
6.2 O pastor como Pregador e como Doutor.....	181
6.3 O pastor como performer.....	184
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>205</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>213</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>215</b>

## INTRODUÇÃO

Na esfera do protestantismo, de uma forma geral, observa-se uma fragmentação que origina diversas comunidades religiosas com o propósito de realinhamento dentro da nova ordem social e “concorrência” com os empreendimentos neopentecostais, bem como com grupos de outras matrizes religiosas. A compreensão desse fenômeno permite ampliar os horizontes no que se refere às mutações em andamento no campo religioso brasileiro.

É perceptível, no entanto, a limitação das tipologias vigentes para dar conta das mutações no campo religioso protestante. As novas comunidades que têm surgido não encontram uma classificação na qual possam ser inseridas. No presente momento, para os fins desta pesquisa, cabe apenas ressaltar a fragilidade e limitações dessas tipologias para dar conta das transformações em andamento.

Nesse quadro, surgiram novas comunidades protestantes cuja ênfase no sobrenatural é marcada pelos sentimentos e afetos, que se desenvolvem num processo de ruptura com as linhas tradicionais do protestantismo histórico e das diversas ondas pentecostais, em cujas atividades rituais centradas na experiência e no uso dos sentidos o papel do pastor se orienta num sentido protagonístico, *profético* (no sentido weberiano) e performático.

Essa realidade pode ser observada no campo religioso de Fortaleza, que tem se caracterizado pela presença protestante histórica desde o final do século XIX,<sup>1</sup> acrescida da presença pentecostal desde o início do século XX. Há uma grande diversidade de igrejas evangélicas, sendo possível encontrar diversas tendências: fundamentalistas, tradicionais, progressistas, renovadas, pentecostais e neopentecostais.

---

<sup>1</sup> A presença protestante no Ceará, na verdade, data do período da colonização do Brasil. É bem conhecido o debate na historiografia cearense acerca da fundação de Fortaleza pelo calvinista holandês Mathias Beck, sendo Raimundo Girão um dos principais defensores dessa tese em contraposição a da origem católica da cidade.

As transformações na esfera religiosa, ocorridas como resultado das condições sociais vigentes nas duas últimas décadas no Brasil, com especial atenção para o quadro concorrencial do campo religioso atual, bem como a problemática geral das relações entre o surgimento de novos atores dentro desse campo e as atuais condições sócio-culturais e as contribuições dessas relações na produção de mudanças no protestantismo, conduziu-me a tomar como objeto de estudo uma comunidade religiosa evangélica de constituição recente: a Igreja Batista Central de Fortaleza. Essa comunidade religiosa, com a chegada do Pr. Armando Bispo para ocupar a posição de líder principal da comunidade, em 22 de março de 1983, desenvolveu formas inovadoras de gestão do sagrado desenvolvidas em diálogo ou em confronto com experiências de outras comunidades evangélicas situadas no Brasil e no exterior, assumindo características que tornam difícil sua classificação dentro do cenário evangélico fortalezense.

Este é, portanto, um estudo que tem como objetivo compreender a gênese, o desenvolvimento, a estrutura e as práticas de uma comunidade religiosa geradas sob o influxo de uma liderança que tem na sua *performance* o modo de autenticação do seu carisma.

De forma específica, objetivou-se neste trabalho: discutir conceitos que servissem de ponto de partida para a compreensão das práticas religiosas na contemporaneidade; descrever o surgimento e o desenvolvimento das diversas modalidades de protestantismo e de pentecostalismo no Brasil, observando os desdobramentos históricos que possibilitaram o surgimento da IBC no Ceará; analisar a estrutura organizacional, a expressão relacional (princípios que regem a vida comunitária) e cultural da IBC; e, finalmente, analisar a expressão prática da *performance* pastoral para fins de autenticação do carisma religioso.

Meu interesse pelas transformações no campo religioso brasileiro remonta ao ano de 1989, quando participei de uma série de conferências sobre o protestantismo no Brasil ministradas pelo prof. Dr. Antonio Gouveia Mendonça (pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e professor da Universidade Metodista de São Paulo), no Seminário Teológico de Fortaleza. Naquela ocasião, eu estava no primeiro ano do curso de bacharel em Teologia, em preparo para o



exercício do ministério pastoral. Minha monografia de conclusão teve como tema a tarefa missionária do apóstolo Paulo, elaborada sob a orientação dos pastores e missionários norte-americanos Jayme Maner (parte exegética) e Frank L. Arnold (parte teológica).

No segundo semestre de 1989, resolvi cursar Ciências Sociais e fui aprovado no vestibular da Universidade Estadual do Ceará, onde encontrei um ambiente propício para aprofundar meus conhecimentos na área de Sociologia da Religião. O andamento do curso teve que ser suspenso durante vários períodos em virtude das atividades como seminarista e, depois, como pastor. Na conclusão do curso, sob a orientação do prof. Dr. Domênico Battocchio (ex-padre católico de origem italiana) apresentei monografia com o título “A produção de anjos: um estudo sobre a formação de agentes religiosos no Seminário Teológico de Fortaleza”.<sup>2</sup>

Fui ordenado pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil em 1993, assumindo a função de pastor na Igreja Presbiteriana de Pajuçara e contribuindo como professor em instituições de ensino teológico em Fortaleza-CE. No ano de 1998, me transferi para Teresina-PI para assumir a função de Diretor Acadêmico e professor do Seminário Teológico do Nordeste, mantido por uma agência missionária presbiteriana da Coréia do Sul, para auxiliar na passagem daquela instituição teológica para a Igreja Presbiteriana do Brasil. Desvinculei-me da função de Diretor Acadêmico do seminário em 2000 e assumi a função de pastor da Igreja Presbiteriana de Teresina no ano seguinte.

O conselho administrativo da Igreja Presbiteriana de Teresina apoiou minha disposição em dar continuidade à minha formação acadêmica, liberando-me para prosseguir nos estudos desde que não interferisse na dinâmica do trabalho pastoral (pregação, visitas, reuniões e outras atividades). No ano de 2002, dei início ao Mestrado em Educação na Universidade Federal do Piauí, onde defendi dissertação sobre práticas docentes no ensino religioso escolar na capital piauiense sob a orientação do prof. Dr. José Ribamar Tôrres Rodrigues. A escolha da temática decorreu do meu envolvimento, como líder religioso de uma denominação

---

<sup>2</sup> Essa instituição de ensino, que visava a formação de pastores e líderes, era mantida pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, mas foi fechada em 2010.

protestante histórica participante da discussão sobre a implantação de uma nova proposta de ensino religioso na rede estadual de ensino no Piauí.

Concluída essa fase da minha formação acadêmica, considerei importante retomar os estudos na área de sociologia da religião em virtude de ter percebido, durante visitas que fiz, entre o início de 2004 e o segundo semestre de 2005, a diversas igrejas evangélicas em Fortaleza que estavam experimentando transformações nas áreas litúrgica, teológica e administrativa. Não é muito difícil perceber que, em virtude da minha biografia, que dentro dessa busca em avançar nos estudos sociológicos, existiram interesses acadêmicos e religiosos, pois seria impossível deixar de reconhecer “a existência de uma vinculação estreita entre os interesses, valorações e desejos que impulsionam um pesquisador em direção a um determinado objeto de pesquisa” (CAMPOS, 1987, p. 9).

O processo seletivo para ingressar no programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará foi um grande desafio às minhas pretensões. Cheguei a considerar que a minha condição de pastor seria um entrave, mas consegui a aprovação. Assim, no final de 2005, solicitei minha desvinculação do pastorado da Igreja Presbiteriana de Teresina para iniciar o Doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza-CE, visando inicialmente desenvolver estudo sobre as mutações no protestantismo cearense nas duas últimas décadas.

### **O percurso metodológico da pesquisa**

Na pesquisa sobre a religião na sua forma institucionalizada ou em processo de institucionalização podem ser distinguidos dois planos: o plano “micro”, as práticas religiosas, as atitudes e os comportamentos religiosos; e o plano “macro”, as análises sobre as mudanças dentro de uma organização religiosa (MARTELLI, 1995, p. 361). Pretendi fazer uma abordagem onde esses dois planos pudessem ser utilizados na compreensão do objeto da pesquisa, combinando

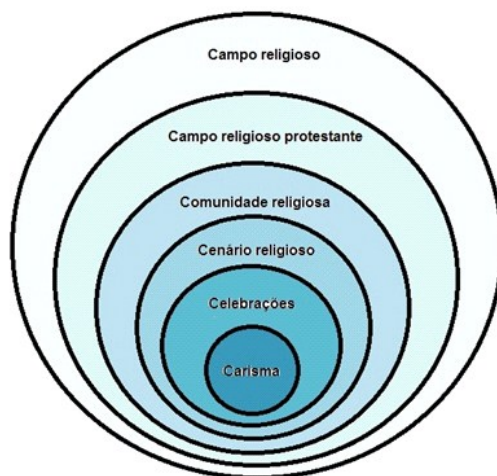
múltiplas técnicas de investigação. Quanto ao planejamento e a execução da pesquisa, alguns aspectos serão agora explicitados.

Procurei fazer um levantamento bibliográfico com ênfase nos temas “religião na sociedade contemporânea”, “protestantismo”, “pentecostalismos”, “carisma”, “performance” e “novas comunidades protestantes”. Recolhi as contribuições de diversos autores, como suporte teórico, sistematizando-os da seguinte forma para fins de abordagem de temas específicos: para o fenômeno religioso e as práticas religiosas contemporâneas (WEBER, 1989 e 1994; BOURDIEU, 1989 e 1992; WACH, 1990; HERVIEU-LÈGER, 2005; e outros autores), para a compreensão do Protestantismo e os diversos tipos de pentecostalismo (MENDONÇA, 1984a; 1984b; FRESTON, 1993; MARIANO, 1999), para o fenômeno da vocação religiosa e sua conexão com o carisma individual, que pode ser transferido para uma organização religiosa em que se cotidianiza (WEBER, 1989, 1982, 1994, 1999; BOURDIEU, 1984 e 1992; e outros autores), para a compreensão do pastor como um tipo específico de clérigo (WILLAIME, 1986, 2000, 2002, 2003 e 2009), e, por último, a experiência religiosa e as formas de autenticação do carisma na contemporaneidade relacionam-se ações performáticas ou atos performativos (ZUMTHOR, 1997 e 2000; COHEN, 2007; LE BRETON, 2006 e 2009; e outros autores). Posteriormente à revisão de literatura empreendida na fase de redefinição do projeto de pesquisa durante a disciplina Tópicos Avançados em Metodologia (com as professoras Alba Pinho e Isabele Brás Peixoto), foram incorporados outros autores, dentre os quais destaco Abumanssur (2004), Van Gennep (1977) e Bauman (2001).

O levantamento bibliográfico incluiu ainda vários materiais sobre o uso de imagens na pesquisa, pois compreendi a necessidade de ampliar conhecimentos sobre como utilizar as tecnologias da imagem e do som para documentar, interpretar e comunicar a realidade dentro de uma perspectiva sociológica, bem como analisar os produtos da comunicação visual, a fim de ampliar a compreensão do meu objeto de estudo.

A presente pesquisa foi concebida de forma concêntrica, conf. Figura 1, compreendendo a articulação entre as seguintes esferas: campo religioso, campo

religioso protestante, comunidade religiosa, cenário religioso, celebrações religiosas e carisma religioso.



**Figura 1** - Estruturação da pesquisa  
**Fonte:** Elaborada pelo pesquisador, 2007.

O estudo de caso envolvendo uma *comunidade religiosa*, com todas as implicações que isto envolveu, além de inserção na vida dessa comunidade, exigiu a utilização de um olhar hermenêutico envolvido na compreensão do fenômeno investigado, empregando a metodologia qualitativa na análise das entrevistas com lideranças, na análise de textos e publicações, sempre que possível comparando essa comunidade com outras formas de manifestação do sagrado existentes no protestantismo histórico e nas diversas correntes neopentecostais.

No planejamento e na realização desse estudo de caso, com algumas adaptações, segui as orientações de Godoy (2006) e Yin (2001). Este último, afirma que “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32).

Em qualquer setor do conhecimento científico, o pesquisador constrói, ainda que com diferentes graus de sistematização, os seus horizontes de compreensão partindo de sua existência concreta, ou seja, seus conceitos, modelos e teorias não deixam de ser um horizonte de pré-compreensão determinante, pelo

menos parcialmente, de sua compreensão da realidade. O pesquisador que mantém uma relação vivencial com o seu objeto de pesquisa tem muitas possibilidades de apreendê-lo, mas também pode ser traído pelas evidências.

A minha pré-compreensão da Igreja Batista Central elaborou-se a partir de vivências religiosas, pastorais e acadêmicas. Estava na minha mira, inicialmente, o estudo de duas comunidades religiosas que eu havia visitado no primeiro semestre de 2005 por sugestão de amigos. Pretendia fazer um estudo comparativo. No entanto, surgiram situações imprevistas que impediram a realização desse projeto. Em um caso, a família do pastor da primeira igreja sondada para a pesquisa passou por uma ameaça de sequestro. No caso da outra igreja, a denominação a qual se vinculava estava passando por uma crise que desaguou numa cisão, com formação de nova denominação pelos dissidentes. Considerei que essas situações poderiam inviabilizar a pesquisa e descartei a possibilidade de investigá-las. A partir daí, tive que pensar em outras comunidades religiosas que estivessem desenvolvendo práticas inovadoras em Fortaleza. Lembrei-me, então, da Igreja Batista Central, a IBC.

Na ocasião em que ouvi falar da IBC pela primeira vez, eu era um recém chegado ao protestantismo. Havia me convertido ao final de 1984 e sido batizado em 1985 na Igreja Batista do Bairro Henrique Jorge, em Fortaleza-CE. Cinco anos depois, então membro e seminarista da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, conheci o Pr. Armando Bispo da Cruz em uma palestra no Seminário Teológico de Fortaleza em 1990. Lembro que cheguei a ler diversas vezes, em épocas distintas, um artigo do Pr Armando intitulado “Os dons espirituais: despertando o potencial divino da igreja local” (CRUZ, 1994). Impressionava-me com a forma como foi conduzido o processo de mudança na estrutura da igreja descrito no artigo.

Em 1997, durante um encontro de pastores e líderes promovido pelo já extinto Conselho de Ministros Evangélicos do Estado do Ceará, pude conhecê-lo mais de perto e ouvir sobre suas experiências pastorais. No ano seguinte, me transferi para o Piauí e não tive mais informações sobre a IBC e o Pr. Armando Bispo. Durante visitas ao Ceará, no período de férias, ouvia falar da IBC, mas ainda não havia ido visitá-la. Com os acontecimentos que me deixaram sem um campo de

investigação, resolvi visitá-la e percebi que poderia ir muito mais além dos meus interesses preliminares de pesquisa.

A *pré-compreensão*, pressuposta como condição de possibilidade de compreensão, é sempre limitada, mas nunca fechada em si. A *pré-compreensão*, enriquecida pela recepção de novos conteúdos, pode desenvolver-se até tornar-se *compreensão objetiva* da realidade. Isso acontece quando a intensa proximidade com o objeto é equilibrada com um distanciamento crítico do mesmo ou, em outras palavras, quando a familiaridade convive simultaneamente com o distanciamento torna-se possível assumir uma atitude de “proximidade crítica”. Gadamer (apud MENEZES, 2006b, p. 25), ao tratar da hermenêutica histórica, lembra que “existe um lugar situado a meio caminho entre a familiaridade e o senso de estranheza. Esse local está, portanto, situado entre as intenções históricas, a objetividade já distanciada da herança, e nosso senso da tradição à qual pertencemos”.

Embora tenha exercido meu ministério pastoral em igrejas fortemente tradicionais (como era a Igreja Presbiteriana de Pajuçara nos anos 1990 e como ainda é a Igreja Presbiteriana de Teresina), minha formação teológica e sociológica me permitiram flexibilidade e objetividade em lidar com práticas religiosas distintas das minhas práticas pessoais e daquelas comuns ao meio presbiteriano conservador. Além disso, nunca deixei de ter contatos com grupos pentecostais e de atender convites para realizar pregações em comunidades da Assembléia de Deus, da Igreja de Deus no Brasil e da Igreja de Cristo no Brasil no período em que estive nas funções de ministro religioso.

Mesmo com tantas vivências no meio evangélico, reconheço que esbarrei com limites da compreensão. Estes se relacionaram com a limitação linguística, pois a tarefa de evitar a linguagem religiosa e transmitir o sentido de ideias e experiências em termos científicos faz com que parte da riqueza destas seja perdida. Outro limite foi a dificuldade de fugir das evidências, que me obrigou constantemente a simular desconhecimento do objeto. Finalmente, me deparei com o limite das diferentes escalas de experiências e valores vividos na IBC e minhas próprias experiências e valores. O choque contra esses limites contribuiu para o enriquecimento do meu próprio horizonte de compreensão.

Utilizei dois tipos de delineamento na investigação: o delineamento a partir do material bibliográfico impresso e eletrônico consultado sobre o assunto pesquisado; o delineamento a partir do material empírico obtido mediante os diversos procedimentos metodológicos e técnicas de coletas de dados utilizados na pesquisa. Yin (2001, p. 32-33) observa que

A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

A frequência aos cultos dominicais da IBC, além da participação de atividades especiais, foi muito importante para construir e consolidar dados. Em muitas ocasiões, na companhia da minha esposa e dos meus filhos, utilizei meu próprio carro testando os diversos trajetos possíveis para quem parte do Bairro Antonio Bezerra em direção ao Bairro Pedras e se vê obrigado a atravessar boa parte da cidade para participar de um culto religioso. Aliás, essas viagens foram um desafio para o meu automóvel, um Fiat Uno 1998, que em muitas ocasiões nem sequer me permitiu sair de casa levando a família por conta de problemas mecânicos. Por isso, em diversas ocasiões e não apenas por causa de uma estratégia de pesquisa, fui sozinho ou acompanhado para o culto, utilizando o ônibus Grande Circular para ir do Terminal do Antônio Bezerra até o Terminal da Messejana, para deste último subir em outro ônibus que levasse até uma parada próxima à Tenda. Também cheguei a utilizar o ônibus da IBC que segue uma rota previamente estabelecida pelos bairros Messejana, Passaré, Veneza Tropical, Itapery e Parangaba.

A frequência nos cultos dominicais e a presença em eventos tiveram que ser praticamente suspensa a partir segunda metade do ano de 2008, em virtude do grave quadro de saúde do meu filho, Vítor Pinheiro Mendes, vítima de Leishmaniose Visceral (Calazar) implicando em ausências temporárias do campo de pesquisa.

Dentre as atividades especiais que participei, destaco: o musical “O Grande Sacrifício” (realizado em parceria com a Igreja Presbiteriana de Fortaleza),

no período de 14 a 16/03/2008); o Curso “Pós-modernidade: uma leitura cultural / um desafio ministerial” (14/04/2008, com o líder de jovens Gabriel Avelar); o Encontro de Pastores e Líderes (EPL), ocorrido no período de 21 a 23 de março de 2008, com o tema “A Glória da Liderança”; o aniversário de 5 anos do “Celebrando a Restauração” (dia 02/04/2008).

A participação nos cultos e atividades especiais tinham como objetivo a realização de etnografias, que serviram de base para construir a descrição das celebrações contidas no quarto capítulo e acompanhar as pregações realizadas pelo Pr. Armando Bispo, objetos de análise no quinto capítulo.

Os líderes Nelson Massambani<sup>3</sup> e Síría Giovenardi<sup>4</sup> foram os contatos mais efetivos que tenho estabelecido com a liderança da IBC. Sempre que ia às atividades da IBC procurava manter conversas informais com estes. O Pr Armando Bispo da Cruz designou esta última para me atender e fornecer informações estatísticas da IBC, o que aconteceu através de e-mails.

Realizei entrevistas com os Pastores Armando Bispo, Nelson Massambani, Síría Giovenardi, um ex-colaborador e membros da IBC que solicitaram para não ser identificados. A técnica aplicada nas entrevistas foi a da *entrevista estruturada*, que permitiu, ao entrevistador, utilizar um roteiro explorado durante o transcurso da entrevista. As perguntas foram apresentadas antes da entrevista aos pastores, que de muito bom grado colaboraram na pesquisa. Combinando as orientações de Richardson (1999), Bell (2008) e Minayo (1994), adotei o seguinte roteiro na análise das entrevistas: organizei os dados coletados, transcrevendo as entrevistas que foram gravadas em formato mp3 e fazendo uma leitura preliminar do texto; destaquei palavras, expressões e ideias relacionadas aos conceitos utilizados na pesquisa e analisei o material, visando estabelecer conexões entre os dados e a discussão teórica conforme os objetivos do trabalho.

---

<sup>3</sup> Nelson Massambani é líder do ministério Celebrando a Restauração e responsável pelo desenvolvimento do processo de expansão da igreja em grupos pequenos na IBC. Estudou teologia no Seminário Bíblico Irmãos Menonitas, no estado do Paraná. É graduado em Educação Física e Especialista em “Prevenção em Dependência Química” pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

<sup>4</sup> Síría Giovenardi atua como diaconisa no ministério Celebrando a Restauração, além de consultora em Planejamento Estratégico há mais de 20 anos.



A pesquisa, considerando os sujeitos e o cenário da investigação, exigiu a utilização de recursos que caminhassem além da descrição textual da etnografia ou dos registros das entrevistas. Cada culto e cada evento possuía uma riqueza narrativa que não podia ser ignorada e que é passível de se perder num relato etnográfico e nas entranhas de um texto escrito. A linguagem imagética, com toda a sua expressividade e força metafórica, contribuiu para tornar mais sensível a percepção dos fenômenos religiosos investigados.<sup>5</sup>

Construí um acervo de imagens realizando fotografias e adquirindo gravações em formatos de vídeo. Além das fotografias que fiz, em diversas ocasiões, utilizei outras que se encontravam disponíveis no site da IBC. Quanto aos vídeos, parte do acervo que construí foi comprado junto ao Núcleo de Comunicação Audiovisual, fornecido por membros da IBC e “baixados” da internet. Como as tecnologias visuais tornaram-se universalmente disponíveis, percebi que era necessário examinar as representações visuais locais, ou seja, as imagens produzidas pelos próprios membros da IBC

As imagens são utilizadas neste trabalho não como uma mera ilustração nem como apêndice ou anexo da pesquisa, mas como uma forma de dar conta da profundidade e da riqueza de significados dos fenômenos estudados. O registro imagético de rituais e de outros momentos comunitários significativos e, principalmente, da atuação de participantes e pastores se fez imprescindível.

Concluindo, quero acentuar que considereei ser necessário o estabelecimento de uma relação de empatia com o objeto estudado sem perder, com isso, a busca pela objetividade. Segundo Weber,

Não existe qualquer análise científica puramente ‘objetiva’ da vida cultural, ou [...] dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente conscientes ou inconscientemente selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa (2003, p. 87)

---

<sup>5</sup> Segundo Peixoto, “A imagem em movimento registra a fala e seu contexto rico em significados gestuais, mímicas e olhares que muitas vezes passam despercebidos ao antropólogo. O filme ou o vídeo atuam, assim, como um complemento à escrita, revestindo-a de um sentido próprio; além de um excelente instrumento de análise, ele é um veículo de difusão bastante específico e eficaz (1998, p. 218).

A relação que mantive não desprezou a necessidade de adotar um distanciamento crítico do mesmo, no sentido de se estabelecer uma vigilância epistemológica para que preconceitos não interferissem na busca de uma apreensão objetiva da realidade. A vigilância epistemológica auxilia a permanecer atento de tal forma que a proximidade se torna crítica e que, em meio a tanta familiaridade, seja possível criar condições de manter um distanciamento.

### **Sobre a estrutura do trabalho**

A estrutura de apresentação do trabalho foi feita da seguinte forma: no primeiro capítulo, é apresentado um quadro do campo religioso protestante a partir da sua gênese, enfocando ainda os desdobramentos posteriores e lançando um olhar para questões relacionadas à prática religiosa contemporânea; no segundo capítulo, são apresentadas informações sobre o surgimento e a expansão da IBC, além de ressaltar os aspectos da sua estrutura organizacional e comunitária contemporânea; no terceiro, discuto a forma de construção e legitimação do carisma no contexto da IBC; no quarto capítulo, é feita uma breve abordagem histórica acerca dos templos no cristianismo e busca-se compreender como no protestantismo contemporâneo o templo cumpre um papel importante não apenas como espaço de manifestação do sagrado, mas também como cenário de performances; no quinto, é apresentada uma etnografia das celebrações que se realizam na Igreja Batista Central; o último capítulo, por sua vez, trata da relação entre vocação, carisma, profecia e *performance* na atuação pastoral.

O presente trabalho pretende contribuir para a compreensão das transformações experimentadas pelo protestantismo dentro do campo religioso turbulento e concorrencial nas atuais condições sócio-culturais.

# 1 PROTESTANTISMOS, PENTECOSTALISMOS E NOVAS COMUNIDADES PROTESTANTES

*Eu posso dizer que me identifico doutrinariamente com o protestantismo histórico. Acredito que sou calvinista em muitos aspectos. Não sou hipercalvinista, mas sou calvinista em muitos aspectos. Então, doutrinariamente me identifico. Me acho pentecostal no sentido de eu que acredito nos dons espirituais e acredito que a igreja nasceu em Pentecostes, que sem o Espírito nós não podemos sobreviver. Então eu sou pentecostal, mas não sou pentecostal se pentecostalismo está identificado com batismo no Espírito pós-conversão e se está identificado com línguas como o único sinal do batismo no Espírito [...]. Então, tô ligado, me identifico com o protestantismo histórico, me identifico com o pentecostalismo enquanto acredito nos dons espirituais e acredito nos fundamentos da fé. Eu acho que estou mais nesse meio, mas não é tão fácil você qualificar. Muita gente que vê, vindo de fora, diz “é uma igreja neopentecostal”. Alguns me ouvem aqui e acolá e vão dizer “esse cara é fundamentalista”.<sup>6</sup>*

Ao abrir o presente capítulo com esse trecho da entrevista que me foi concedida pelo Pr. Armando Bispo, pretendo de início ressaltar a dificuldade de situar a IBC dentro dos quadros de referência tradicionais utilizados para estudar o campo religioso protestante no Brasil. Essa afirmação desmonta qualquer modelo classificatório.

Mesmo quem tem vivência no mundo religioso contemporâneo, com todo o pluralismo e diversidade existente, não deixa de ficar pensando: como se pode ser, ao mesmo tempo, protestante, pentecostal e fundamentalista e ainda ser considerado neopentecostal?

Antes, entretanto, de passar para a análise da IBC, é necessário compreender as linhas gerais dos seus antecessores históricos: os protestantismos, os pentecostalismos e a Igreja Batista Regular, que foram implantados em território brasileiro em épocas distintas.

---

<sup>6</sup> O termo “fundamentalista” é empregado com orgulhos pelos batistas conservadores, como sinal de fidelidade aos fundamentos, ou seja, às doutrinas bíblicas decorrentes de uma interpretação literal dos textos sagrados. O movimento fundamentalista nos Estados Unidos consolidou-se entre 1919 e 1915, enfatizando “cindo doutrinas principais: a divina inspiração da Bíblia; o nascimento virginal de Cristo; o sacrifício expiatório de Cristo pelos nossos pecados; a ressurreição de Cristo e a iminência de sua volta” (MENDONÇA, 1997, p. 155). Guarda, portanto, uma distância muito grande do emprego desse mesmo termo aos terroristas islâmicos, por exemplo.

## 1.1 Os Protestantismos no Brasil

As primeiras tentativas de inserção do Protestantismo no Brasil aconteceram no período colonial. Franceses e holandeses fracassaram nessa empreitada. A presença desses últimos merece destaque, pois fundaram uma colônia em Pernambuco no ano de 1630, ocupando uma área que ia desde o maranhão até Sergipe.

Os missionários flamengos, que eram calvinistas, tentaram sem muito êxito alcançar os indígenas e a população local. Sérgio Buarque de Holanda faz referências às diferenças entre as experiências religiosas dos povos protestantes do Norte da Europa e dos povos católicos da Península Ibérica, afirmando que nestes últimos jamais se naturalizou “a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária” (1995, p. 38). Em outro ponto, mostrou a diferença entre os padrões de colonização dos holandeses e dos portugueses no Brasil. Ressaltando as diferenças dos padrões religiosos, ele observou ainda que os portugueses levaram vantagens sobre os holandeses na evangelização em virtudes da sua língua já ter sido aprendida por muitos negros e indígenas, além de serem portadores de uma religião que produz muito mais excitação aos sentidos ou à imaginação (HOLANDA, 1995).

Depois dessas experiências, observa-se a presença do chamado *Protestantismo de imigração*, que marcou com maior impacto a sociedade brasileira a partir de 1824, quando chegaram colonos luteranos e reformados, oriundos da Alemanha e Suíça em grande número para ocupar “espaços vazios” do território (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Espírito Santo) e, posteriormente, suprir a mão de obra nos cafezais (São Paulo). Posteriormente, chegou o *Protestantismo de missão*, representado inicialmente por missionários colportores (distribuidores e vendedores de bíblias e literatura religiosa) das sociedades bíblicas Britânica e Americana e, num segundo momento, pelo trabalho autônomo dos missionários escoceses, Robert R. Kalley e Sarah R. Kalley, responsáveis pela fundação em Petrópolis, da primeira Igreja Evangélica Nacional em 1858.<sup>7</sup> Logo depois chegaram

<sup>7</sup> O historiador da igreja Earle E. Cairns (1984), ao discorrer sobre o trabalho de Robert Kalley, ressalta ainda sua amizade com Dom Pedro II, a publicação de artigos nos jornais Correio Mercantil e Jornal do Comércio (onde tratou de temas como a liberdade de culto e a separação entre igreja e estado) e elaboração de um hinário evangélico, contendo hinos traduzidos e outros da autoria dele e

representantes das “Missões Eclesiásticas”, sustentados por Juntas Missionárias das várias denominações protestantes, como a Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal (MENDONÇA, 1984a; 1984b).

O *Protestantismo de Imigração* diferenciou-se do *Protestantismo de missão* pela tendência de se propagar somente no âmbito dos colonos e de se preocupar com a preservação da identidade cultural dos imigrantes, enquanto este último tinha como objetivo a expansão da fé protestante mediante conversão de brasileiros.

As ondas migratórias, no entanto, forçaram uma nova legislação e contribuíram para a tolerância religiosa, a separação entre Igreja e Estado, a secularização dos cemitérios e o casamento civil (CAIRNS, 1984). De certa forma, elas abriram espaço para a chegada do *Protestantismo de Missão*. Este, por sua vez, abriu caminho para a entrada do *Pentecostalismo* no Brasil.

A introdução do *Protestantismo de Missão* no Brasil também implicou no transplante da estrutura denominacionalista norte-americana. Mendonça (1984b, p. 50-51) observa quatro aspectos fundamentais desse denominacionalismo:

Primeiro, a denominação americana é uma *associação voluntária*, o que significa a realização do ideal puritano. Na Inglaterra, pertencer à igreja oficial e frequentá-la era uma obrigação a que ninguém podia furtar-se a não ser sob severas penas. A denominação era uma igreja desestatizada, composta por pessoas que a ela aderiam espontaneamente e de acordo com suas preferências e convicções pessoais [...]. Segundo, a associação voluntária tinha um *propósito* ou *intenção*, o que justificava a existência da denominação diante de outras, com seus pontos a serem propagados, seus métodos e seus traços definitivos. Certamente, os propósitos deviam contar como suporte, com uma base teológica que caracterizava a doutrinação como portadora de um propósito divino. Terceiro, a denominação americana tinha um propósito *unitivo* e *ecumênico*, isto é, nenhuma denominação se julgava exclusiva dona da verdade [...]. Finalmente, a denominação era *instrumental* na tarefa comum de cristianizar a sociedade, não somente a República, mas o mundo.

Mendonça observa ainda que o denominacionalismo norte-americano aparece como um contraponto ao protestantismo inglês, onde a monolítica Igreja Oficial (Anglicana) “funciona dentro do princípio de coerção e a partir de uma hierarquia autoritária” (1984b, p. 51).

---

de sua esposa.

## 1.2 Os pentecostalismos no Brasil

A tese de Doutorado de Paul Freston (1993) tem sido decisiva no desvelamento e classificação das diversas formas do pentecostalismo brasileiro, corrente protestante que chegou ao Brasil no início do século XX,<sup>8</sup> caracterizando-se como um movimento religioso de crescimento explosivo. Sua penetração deu-se, inicialmente com maior êxito nas camadas mais pobres da população. Campos observou que

[...] o pentecostalismo pode ser visto com o olhar da continuidade, pois nos EUA seguiu por picadas abertas por outros movimentos religiosos cristãos que os antecederam: o pietismo alemão, o reavivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade. Por sua vez, em sua expansão, particularmente, na América Latina, o pentecostalismo seguiu caminhos batidos pela religiosidade popular católica, beneficiando-se, por outro lado, da inserção do protestantismo na América Latina, África e Ásia. Em outras palavras, em sua primeira fase de expansão, o pentecostalismo pescou em aquários onde estavam os peixes colhidos pelo protestantismo histórico (2005, p. 110).

A **Congregação Cristã no Brasil**, fundada, pelo italiano Luigi Francescon em 1910, a partir de um cisma Igreja Presbiteriana do Brás, marcou o início desse movimento no Brasil. Depois, surgiu a **Assembléia de Deus**, fundada em 1911 pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren a partir de uma cisão da Igreja Batista de Belém.

Paul Freston chama esse primeiro momento de implantação das igrejas pentecostais no país de *Pentecostalismo da primeira onda*<sup>9</sup>, acentuando que “estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas” e que a Assembléia de Deus se expandiu geograficamente “como igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório” (FRESTON, 1993, p. 66, grifo do autor).

<sup>8</sup> Sobre os movimentos extáticos considerados como precursores do pentecostalismo moderno, cf. Mendonça (1997). Sobre as origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro, cf. artigo de Leonildo Campos (2005). O Anexo traz um mapa histórico do pentecostalismo elaborado por esse último autor.

<sup>9</sup> Para uma visualização da tipologia de Paul Freston, ver Apêndice 1.

Um segundo grupo de igrejas pentecostais que surgiram posteriormente é classificado por Freston como *Pentecostalismo da segunda onda*: a **Igreja do Evangelho Quadrangular** (1951), a **Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo** (1955) e a **Igreja Pentecostal Deus é Amor** (1962). Ele concentra sua pesquisa, a partir desse ponto, nos grupos mais significativos em virtude da fragmentação em dezenas de grupos novos ocorrida no período. Essas igrejas nasceram no período em que o pentecostalismo crescia aceleradamente, adaptando-se à sociedade urbana e inovando com técnicas modernas (como a utilização de programas radiofônicos) e uma nova forma de relacionar-se com a sociedade, alcançando sobretudo as camadas sociais mais baixas (FRESTON, 1993, p. 66 e 82).

Ao final do século XX, de forma acentuada, irão se processar múltiplas transformações (teológicas, litúrgicas e eclesiológicas) no âmbito dos diversos segmentos do protestantismo histórico e nas igrejas pentecostais acima referidas, que se relacionam à nova realidade social e econômica do país.

A expansão das igrejas pentecostais levou muitos pesquisadores a buscar respostas para o fenômeno do crescimento pentecostal. Para Waldo César, o fenômeno pentecostal deveria ser considerado como um fenômeno essencialmente urbano que surge como uma rejeição dos valores da sociedade urbana, aos quais apresentava três tipos de respostas: santificação pessoal, dons do Espírito Santo e a segunda vinda de Cristo (1974, p. 19-28). Emílio Willens (1967, apud ROLIM, 1980, p. 162-163), por sua vez, relacionava a expansão pentecostal com a tríade urbanização - migração - industrialização, reconhecendo que se apresenta às camadas populares como um caminho de ascensão social:

[...] O simples pedreiro, que na sociedade nada ou muito pouco encontra que o promova socialmente, pode no pentecostalismo chegar às funções de pastor. Empregadas domésticas, uma vez profetisas, recebem legitimação e consideração por parte dos irmãos. Abre assim a religião pentecostal as vias de promoção, ao passo que a sociedade urbana as mantém fechadas às classes populares (ROLIM, 1980, p. 163).

A expansão do pentecostalismo no Brasil, na visão de Rolim (1980), é melhor compreendida quando se considera dois aspectos básicos: (1) o processo de

urbanização dentro da estrutura social capitalista; (2) “a religiosidade preexistente que na esmagadora maioria dos convertidos, oriundos do catolicismo, era de tipo devocional” (ROLIM, 1980, p. 163).<sup>10</sup>

O *Pentecostalismo da terceira onda* ou *Neopentecostalismo* tem o seu período de expansão iniciado nos anos 80 do século passado é representado pela Igreja Universal do Reino de Deus, fundada pelo Bispo Edir Macedo em 1977, e pela Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada em 1980 pelo Missionário Romildo R. Soares, após um cisma na Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo Freston,

Os nomes das igrejas apontam para tendências econômicas diversas do nacionalismo dos anos 50 que influenciou a BPC (Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo). O país é outro, e o pentecostalismo da terceira onda adapta-se às mudanças: o aprofundamento da industrialização; o inchamento urbano causado pela expulsão de mão-de-obra do campo; a estrutura moderna de comunicação de massa que no final dos anos 70 já alcança quase toda a população; a crise católica e o crescimento da umbanda; e a estagnação econômica dos anos 80. Em contraste com a segunda onda de igrejas paulistas fundadas por migrantes de nível cultural simples, a terceira onda é sobretudo de igrejas cariocas fundadas por pessoas cidadinas de nível cultural um pouco mais elevado e pele mais clara. Iniciando-se no contexto de um Rio de Janeiro marcado pela decadência econômica, pelo populismo político e pela máfia do jogo, o novo pentecostalismo se adapta facilmente à cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética *yuppie* (1993, p. 95, grifo do autor).

Os termos *Pentecostalismo de terceira onda* e *Neopentecostalismo* são usados no presente trabalho, preliminarmente, de forma intercambiável. Na verdade, são construções distintas. O primeiro termo foi cunhado por Freston, que levou em conta aspectos históricos e geográficos, bem como ênfases teológicas dentro do pentecostalismo. O segundo foi utilizado por diversos autores, dentre os quais Mariano (1999), que apontou as seguintes características:

- 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da teologia da Prosperidade; 3) liberalização

<sup>10</sup> O catolicismo brasileiro, segundo Sérgio Buarque de Holanda, é devedor ao catolicismo tridentino da Contra-reforma com sua “exaltação das formas concretas e sensíveis da religião” (1995, p. 151). Mendonça (1984c, p. 14) observa que, a essência da religiosidade católica não é modificada radicalmente, mas absorvida e adaptada dentro do pentecostalismo: “[...] assim, a essência protestante da ênfase doutrinária bíblica, assim como a estruturação institucional, seria permeada pelo misticismo católico. Assim, o elevado teor de magia e misticismo presente no pentecostalismo, pode ser explicado principalmente pela presença de elementos católicos”. Sobre a afinidade do catolicismo popular, possuidor de uma tradição autônoma e híbrida, com os grupos pentecostais, cf. ainda Passos (2002).



dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente (1999, p. 36).

Spierski (2003), por sua vez, prefere o termo *Pós-pentecostalismo* para designar esse mesmo fenômeno, entendendo que esse movimento se afasta do pentecostalismo e tem como cerne a teologia da prosperidade e a batalha espiritual. Para os fins do presente trabalho o termo “pentecostalismos” se refere às três ondas do movimento pentecostal no Brasil.

Aproveito a discussão dessa terminologia para justificar a utilização do termo “novas comunidades protestantes”. Primeiro, descartei de imediato a ideia de chamar de “novas comunidades pentecostais”, pois seria muito fácil confundi-la com “comunidades neopentecostais”. Evitei ainda o termo “igrejas emergentes” ou “comunidades emergentes” para não gerar nenhuma associação com as igrejas protestantes que se inspiram no “emerging church movement” (movimento igreja emergente) ou que estão ligadas à “Convenção Brasileira de Igrejas Emergentes” (MEISTER, 2006, p. 96). Mesmo que haja imprecisão no termo, pois não é de hoje que o protestantismo produz novas comunidades. Aliás, o protestantismo, pelas razões mais diversas, tem a sua história marcada pela constante divisão. Assim, não apenas pela conexão com o protestantismo, mas por representarem um novo momento e expressarem rupturas com o protestantismo histórico e os diversos pentecostalismos, optei por “novas comunidades protestantes”.

### **1.3 A Igreja Batista Regular no Brasil**

Na seção anterior, foi mencionado que a Assembléia de Deus originou-se a partir de uma cisão provocada na Igreja Batista de Belém. Faltou, no entanto, uma palavra sobre os batistas. De onde vieram? Como chegaram ao Brasil? Que tipo de relacionamento mantiveram com os pentecostais?

Em termos históricos, a origem dos batistas se encontra em segmentos do puritanismo inglês no início do século XVII, que defendiam a autonomia das

comunidades cristãs locais em escolher seus pastores e resolver seus assuntos internos. Esses batistas estavam entre os puritanos que chegaram aos Estados Unidos a bordo do navio *Mayflower* em 1620, compondo o grupo dos *Pilgrims Fathers* fundadores da colônia de Massachussets dando origem, posteriormente, a uma das mais fortes denominações religiosas norte-americanas.

Muitos batistas não admitem a ideia de que têm origem no protestantismo e recorrem à explicação conhecida como “Sucessão”<sup>11</sup> para falar do surgimento de sua denominação, ou seja, à ideia de que as igrejas batistas existem desde o Novo Testamento. O missionário e historiador batista Asa Routh Crabtree (apud AZEVEDO, 1996, p. 216) afirmou que “a sucessão apostólica dos batistas não depende da continuação ininterrupta de igrejas batistas desde o tempo apostólico até o presente, mas sim da aceitação e prática das doutrinas e princípios e doutrinas apostólicas”.

O teólogo batista S. L. Watson (apud AZEVEDO, 1996, p. 216-217) fornece uma síntese dessa visão:

Através dos séculos da era cristã tem havido indivíduos e grupos maiores e menores pugnando insistentemente pela espiritualidade da igreja e dos seus membros. Tais grupos se chamavam por nomes diversos, tendo em certos casos uma ligação lógica e cronológica entre si e em outros nenhuma, mas sempre movidos pelo desejo de manter a espiritualidade da igreja ('igreja' no sentido genérico). Todavia há trezentos anos mais ou menos, concretizou-se e consolidou-se tal espírito de forma permanente no povo denominado batista. Deste modo a denominação batista data da era de João Batista e de Jesus, apesar de o nome ter aparecido tão recente como em 1640, mais ou menos.

Em entrevista concedida ao pesquisador, perguntado sobre a filiação da IBC ao protestantismo histórico, o Pr. Armando Bispo posicionou-se dentro da linha de pensamento sucessionista:

*Só para dizer que o meu protestantismo não começa com Lutero, Calvino e Zwinglio. Começa lá atrás, é apostólico. Então, falando sobre a sucessão apostólica, sobre a continuidade da igreja, que a igreja não foi romana, católica romana todo o tempo, que depois nós inventamos uma coisa diferente por volta de 1500. Não acredito nisso. Acredito que o Espírito de Deus usou, ao longo da história, a igreja, nas suas diversas*

<sup>11</sup> Essa ideia difere substancialmente daquela do catolicismo romano, que fundamenta a autoridade papal na doutrina da “sucessão apostólica”, ou seja, na afirmação dogmática de que o Papa é o “sucessor” do apóstolo Pedro.

*facetas. Ora institucional, imperialista, hierarquizada, ora vivendo nos mosteiros, como as ordens beneditinas e outras que foram tão evangélicas quanto nós o somos hoje. Eu tenho essa visão. Eu acho que o protestante entregou 1500 anos de história ou 1400 anos de história pra igreja católica apostólica romana e passa a contar o protestantismo, o cristianismo evangélico, a partir de 1500. Eu não acho isso justo. Eu não sou adepto do que eles chamam de “trail of blood”, o “trilho de sangue”, de que fomos sempre os dissidentes, vivendo nas cavernas. Isso aí também não, mas eu entendo que a igreja foi igreja do Senhor durante todos esses anos com todas suas lutas, suas dificuldades. Ela foi católica, foi apostólica, ora se tornou romana e quando ela se tornou romana de fato e de direito, um braço da igreja católica apostólica se tornou protestante e seguimos até aqui. Então, eu posso dizer que me identifico doutrinariamente com o protestantismo histórico.<sup>12</sup>*

Coerente com essa ideia, o Pr. Armando Bispo, conforme informação verbal,<sup>13</sup> também se descreve como “um bom católico, apostólico. Só não sou romano porque eu acredito na Bíblia. Católico quer dizer universal. Apostólico, que veio do ensino dos apóstolos, mas não somos romanos porque a sede do nosso cristianismo não está nem em Roma nem em Jerusalém, em canto nenhum, está à direita do Pai em Majestade, é Jesus.”

No que se refere ao Brasil, Thomas Jefferson Bowen (1814-1875) foi o primeiro missionário batista a chegar visando a implantação de igrejas. Veio em 1860 e, conforme o pastor Israel Belo de Azevedo (1996, p. 193), pretendia “formar uma igreja de fala inglesa e outra entre os escravos. Diante das restrições legais, distribuiu algumas Bíblias e conversou com os escravos. Ele ficou no Brasil menos de nove meses”.

A partir de 1865, migrantes oriundos do sul dos Estados Unidos começaram a chegar ao Brasil e se estabeleceram na região de Santa Bárbara, no estado de São Paulo. Organizaram uma igreja batista em 1871. Em 1881, sob a liderança do missionário William Buck Bagby foi fundada uma igreja em Salvador, Bahia, com cinco membros. A partir daí novas igrejas foram sendo plantadas em território nacional pelas organizações missionárias batistas norte-americanas (AZEVEDO, 1996).

<sup>12</sup> O “trilho de sangue” é uma referência a um opúsculo do norte-americano J.M. Carrol publicado no Brasil com o título “Rastros de sangue” por volta dos anos 1950 (AZEVEDO, 1996).

<sup>13</sup> Informação fornecida pelo Pr. Armando Bispo em pregação durante o culto dominical em 23 de março de 2008.

A Igreja Batista Regular surgiu em 1932, como fruto de um rompimento com a Convenção Batista do Norte, dos Estados Unidos, por motivos de controvérsias teológicas. Chegou ao Brasil na data de sua fundação, no estado do Rio Grande do Norte. No Ceará, em 1936, na cidade de Juazeiro do Norte, através do missionário Edward Guy McLain (AIBREB, 2009b).

A Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares foi fundada em Juazeiro do Norte-CE, no dia 20 de maio de 1953, por missionários norte-americanos e pastores brasileiros com a presença de cinco representantes de igrejas do Ceará, sete do Rio Grande do Norte, um do Amazonas, um do Acre e um de Roraima (AIBREB, 2009a).

Essa denominação se considerava conservadora em termos doutrinários e litúrgicos, afastando-se completamente das influências pentecostais que nos anos 1960 começaram a ganhar espaço nas igrejas protestantes históricas tradicionais e produziram o surgimento de novas denominações. Estas, por sua vez, procuravam manter parte de sua identidade teológica ao mesmo tempo em que afirmavam a transformação pentecostal que nelas havia se processado. Assumiram, portanto, a identificação de igrejas “renovadas”. Noutros casos, adotaram uma nova identificação para a comunidade dissidente.

A Igreja Batista Central de Fortaleza foi fundada por missionários norte-americanos batistas regulares. O processo de ruptura com a denominação será descrito no próximo capítulo. Antes de seguir adiante, acredito ser necessário considerar o cenário religioso contemporâneo, enfocando aspectos individuais e coletivos da experiência religiosa que dão margem ao surgimento de novas comunidades dentre as quais a IBC é representativa.

#### **1.4 As novas comunidades protestantes**

Na atualidade, pode ser observado um processo de desregulação institucional e de disseminação cultural da religião, onde a conjuntura sócio-religiosa

se caracteriza mais pelo enfraquecimento do poder social das instituições religiosas que pela crise do próprio crer, aparecendo a distinção formal e operativa entre religiosidade e religião (WILLAIME, 2009). Na modernidade tardia, o homem pode “pensar a si mesmo como individualidade e trabalhar para conquistar sua identidade pessoal, para além de toda identidade herdada ou prescrita” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 69).

Os indivíduos constroem a sua própria identidade sócio-religiosa a partir dos diversos recursos simbólicos postos à sua disposição, e/ou aos quais podem ter acesso em função de diferentes experiências em que estão implicados. A identidade analisa-se como o resultado, sempre precário e susceptível de ser posto em causa, de uma *trajetória de identificação* que se realiza na duração (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 72-73. Grifo da autora).

Uma *trajetória de identificação* implica a existência de práticas, pertenças vividas, visões de mundo, etc. Nela encontram-se as disposições, os interesses e as aspirações dos indivíduos. Entretanto, esses percursos desenvolvidos também se relacionam com condições institucionais, sociais, econômicas e políticas e culturais existentes. As trajetórias individuais “inscrevem-se em lógicas que correspondem às diferentes combinações possíveis das dimensões da identidade religiosa, combinações que desenham no próprio seio de cada tradição, uma constelação de identidades possíveis” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 83).

Na compreensão de Hervieu-Léger (2005, p. 74-77), a identidade religiosa apresenta quatro dimensões: a dimensão *comunitária* (marcas sociais e simbólicas que delimita as fronteiras do grupo religioso e indica a pertença); a dimensão *ética* (os valores partilhados dentro do grupo aceites pelo indivíduo); a dimensão *cultural* (o património cultural de um grupo, ou seja, o conjunto de conhecimentos, símbolos e práticas desse grupo); a dimensão *emocional* (o sentimento coletivo que se experimenta ao se tomar parte de um “nós”, um grupo).

No caso da IBC, é possível observar que os seus membros têm a possibilidade de articular essas quatro dimensões a partir das vivências religiosas oferecidas principalmente pela participação nos pequenos grupos e em suas celebrações (que serão descritos e analisados nos próximos capítulos).

Hervieu-Léger (2005), visando uma “leitura da paisagem religiosa contemporânea”, constrói ainda as figuras típicas da religiosidade: o *Peregrino* e o *Convertido*. Penso que essa abordagem pode ser estendida para além das fronteiras do catolicismo, utilizando-a também para uma análise do campo religioso protestante no Brasil. Entretanto, não há espaço aqui para uma descrição mais completa dessas figuras típicas. Interessa, no entanto, ressaltar a religiosidade peregrina como “emblema a uma modernidade religiosa caracterizada pela mobilidade das crenças e das pertenças” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 119).

Ora, a “condição peregrina” define-se essencialmente a partir desse trabalho de construção biográfica – mais ou menos elaborado, mais ou menos sistematizado – efetuado pelo próprio indivíduo. Esta construção de narrativas de si mesmo é a trama das trajetórias de identificação percorridas pelos indivíduos. Há formação de uma identidade religiosa quando a construção biográfica subjectiva se encontra com a objectividade de uma linhagem crente, incarnada numa comunidade na qual o indivíduo se reconhece. Precisemos desde já que esta referência não implica sempre a adesão completa a uma doutrina religiosa, nem a incorporação efectiva numa comunidade sob o controlo de uma instituição que fixe as condições de pertença. Ela inscreve-se, de modo muito mais corrente. Em operações de moldagem que permitem ao indivíduo ajustar as suas crenças aos dados da sua própria experiência (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 100).

A prática religiosa *peregrina*, para Hervieu-Léger, pode ser descrita como *voluntária, autônoma e pessoal*, pois implica uma escolha individual que não depende da regulação institucional de uma comunidade de fé para se concretizar. Como prática *móvel*, “conduz para uma outra forma de espacialização do religioso: a dos percursos que ela desenha, dos itinerários que baliza e nos quais os indivíduos se deslocam” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 110). E como uma das práticas mais significativas, a prática *excepcional*, que marca um momento de intensidade religiosa que não está inscrito no cotidiano. As características desse tipo de prática religiosa possibilitam afirmar sua afinidade com a prática religiosa no contexto das comunidades carismaticamente construídas nos moldes observados na pesquisa.

A IBC é uma comunidade especificamente religiosa cuja adesão dos seus membros acontece de forma pessoal, independente de laços familiares. Pretendo acentuar no momento, para os fins deste trabalho, que as novas comunidades protestantes, como a IBC e assemelhadas, vivem o paradoxo da coexistência desses dois perfis de religiosidade em seu interior.

A modernidade, na concepção de Balandier (1997, p. 212), produziu um duplo efeito sobre as exigências de sentido relacionadas ao sagrado: *enfraquecimento*, ao afetar as instituições e os valores religiosos, e *avivamento*, ao forçar a busca de novas saídas fora do ambiente institucional ou sob precário controle institucional. Balandier observou ainda que,

Os convertidos às novas religiosidades (e espiritualidades) manifestam também o trabalho de uma segunda “lei”, a da recombinação de elementos, da criação por sincretismo, no caso, a associação de referências, valores, modelos de vida que realçam ao mesmo tempo o atual e as tradições conjugadas. Trata-se de transfigurar assim a existência cotidiana, restituir-lhe sua parte de significação, esconder a razão técnica sob as cores da “experiência extática” (sem para tanto empregar a cultura da droga, da qual muitos convertidos se desligaram) Uma ética que não resulta mais de preceitos transcendentais, mas do vivido tenta se formular (1997, p. 214).<sup>14</sup>

Há, portanto, uma fluidez dos percursos espirituais individuais e dos conteúdos de crença elaborados e, ao mesmo tempo, flexibilidade no sentimento de pertença comunitária. É uma religiosidade que propicia tanto a mobilidade como a associação temporária, possibilitando que o indivíduo crente produza as significações da sua própria existência mediante seus próprios recursos e disposições num contexto de fragmentação ou “pluralização” de identidades.

Nesse cenário de recomposição religiosa, Jean-Pierre Bastian (1997) chama atenção para o lugar central que ocupa o “jogo do carisma”, afirmando sua presença tanto nas recomposições do campo religioso das sociedades avançadas, como nas transformações em andamento nas sociedades periféricas. A atuação de líderes carismáticas, nesse contexto, em virtude de uma ampla abertura para mudanças no plano individual e comunitário, ganha espaço e se realiza de múltiplas formas.

Para Balandier, “O sagrado, na medida em que está dissociado dos grandes dispositivos religiosos, pode parecer depender mais da escolha e da apropriação individuais” (1997, p. 212). Nesse sentido, ao discutir numa perspectiva psicanalítica a influência da subjetividade atual sobre a experiência religiosa dos indivíduos, Pereira observa que,

---

<sup>14</sup> A primeira “lei” seria a dos “extremos”: adesão ou rejeição absoluta às alternativas de sentido propostas pelas diversas religiosidades.

[...] na falta de uma verdade universal e no advento do individualismo ocidental o indivíduo tem a possibilidade de e conseqüentemente, o direito de escolher sua forma particular de acesso ao Divino. Um certo desdobramento da Reforma iniciada por Lutero, onde simultaneamente ao fato de cada um ter acesso a palavra de Deus, ao saber ler a Bíblia, acrescenta-se a possibilidade de cada um fazer o mosaico de sua própria crença, conjugando meios e formatos antes impensáveis.(2002, p. 44)

Assim, torna-se possível ao indivíduo elaborar e reelaborar o significado de suas convicções e práticas religiosas. Isso acontece porque, na visão de Simmel, “o conteúdo das nossas representações é um só, e é tirado do mundo da experiência cotidiana mediante a sensibilidade, como também é um só o fluxo das experiências” (MARTELLI, 1995, p. 241).

Na perspectiva simmeliana, a religiosidade é entendida como uma forma interior da experiência humana,<sup>15</sup> sendo uma das mais significativas formas culturais que serve de base para a organização dos dados da experiência e que, num segundo nível, mostra a sua eficácia ao plasmar “as vivências da vida prática, assim como os conteúdos produzidos por outras formas e colocando-os na esfera de significado própria, isto é, a religião, dentro da qual adquirem um significado novo” (MARTELLI, 1995, p. 242).<sup>16</sup>

Além da expansão pentecostal nas diversas camadas da sociedade, conforme já foi ressaltado na seção anterior, observa-se também que a “atitude pentecostal” ou “neopentecostal” avançou dentro das igrejas protestantes históricas produzindo diversos cismas nas principais igrejas. Surgiram assim diversas novas denominações, reforçando ainda mais sua tendência à divisão. Quanto a esse fenômeno, Freston observou que

<sup>15</sup> Em sala de aula, no seminário *Simmel e a Religião*, a professora Júlia Miranda observou que o termo “forma” empregado por Simmel é traduzido para o francês como *mise-en-forme* por Jean Paul Willaime, que na língua português equivaleria a *formatação*. Como forma, “A religiosidade é um modo de ser do homem, quer ela tenha agora, um conteúdo, ou não, quer esta característica possa ser incorporada ou não numa fé. Assim como é inteligente, erótico, justo ou belo, assim é religioso: o ser religioso, portanto, é uma maneira primária, absolutamente fundamental do ser” (SIMMEL apud MARTELLI, 1995, p. 243). Uma tradução para esse termos poderia ser “formalização” (WILLAIME, 2009).

<sup>16</sup> Dentro da tematização de Simmel, a *Religião* é um produto histórico social da religiosidade, ou seja, “uma transposição empírica, uma concretização no plano organizativo, mediante as diversas modalidades de igreja, seita, denominação, movimento” (CIPRIANI, 2007, p. 121). Isso significa que “assim como não é o conhecimento que cria a causalidade, e sim a causalidade que cria o conhecimento, não é religião que cria a religiosidade, mas a religiosidade que cria a religião” (SIMMEL apud CIPRIANI, 2007, p. 121).



Sempre houve indivíduos nas igrejas históricas atraídos pelos fenômenos carismáticos, mas somente nos anos 60 é que constituem número suficiente para se pensar em novas igrejas, as quais os colocariam num contexto atraente para a classe média, com cultos mais comedidos e sem os tabus pentecostais.

[...] Após os cismas, as igrejas presbiteriana e metodista abrandaram suas atitudes para manter seus carismáticos. Muitas vezes, estes constituem os únicos focos de crescimento numérico na denominação. As denominações renovadas, porém, não cresceram como esperavam. A expansão protestante na classe média se dá principalmente através das Comunidades independentes (1993, p. 114).

As disputas dentro do campo religioso acirraram-se ainda mais com a expansão das tendências pentecostalizantes dentro das Igrejas protestantes históricas e o advento de novas divisões eclesiásticas, novas denominações religiosas e com o surgimento do Neopentecostalismo a partir da metade dos anos 1970. Esses fatores contribuíram para disseminar um novo modelo de pastor, um líder religioso que além de demonstrar “espiritualidade”, mediante seu carisma, tem que apresentar a competência necessária para gerenciar de forma “empresarial” sua organização religiosa e utilizar as novas tecnologias da comunicação.

Os membros das comunidades religiosas de um modo geral, no entanto, não são meros recipientes dos conhecimentos e experiências disponibilizados pelos *sistemas de sentido* (teologia, doutrinas e crenças do grupo religioso) mediatizados pelas instâncias de formação e pelo conjunto de atividades religiosas aceitas pela organização religiosa a que pertencem. Eles são sujeitos capazes de reconstruírem esses conhecimentos e experiências segundo as suas próprias vivências e aspirações, num processo de aproximações e rupturas indefinidas. Na concepção de Antoniazzi,

Nas sociedades tradicionais, era a sociedade ou a “cultura” que determinava a identidade do indivíduo. No mundo moderno, pluralista, é o indivíduo que pode e de algum modo deve escolher a sua identidade, determinar quem ele é. Dessa forma, é claro que as opções religiosas serão marcadas pelo subjetivismo, o que poderá inclusive aumentar (como de fato aumentaram!) as chamadas “adesões parciais”: o indivíduo aceita uma parte dos dogmas e da disciplina da religião institucionalizada, mas discorda e rejeita outra parte (1998, p. 13).

Embora a pertença a uma comunidade religiosa forneça aos seus membros uma espécie de identidade pessoal, a experiência religiosa nas sociedades modernas comporta um significativo espaço para manifestações da

subjetividade. Com isso, abrem-se oportunidades para rupturas não apenas biográficas, mas também comunitárias. Novas comunidades, dessa forma, podem vir a se constituir.

Somando-se às igrejas protestantes históricas, renovadas, pentecostais e neopentecostais, novas comunidades protestantes multiplicam-se no cenário urbano brasileiro e produzem um novo impacto no campo religioso brasileiro. Dessa forma, verifica-se que “o mundo protestante contém uma imensa diversidade organizacional, teológica, litúrgica e política. Qualquer dissidente pode fundar uma igreja nova, *sem sair do mundo evangélico*” (FRESTON, 1993, p. 36. Grifo do autor).

Paul Freston (1993) aplica ainda o termo *comunidades carismáticas de classe média* a determinadas igrejas surgidas no mesmo período ou no período posterior em que surgiram as igrejas da “terceira onda” e as apresenta como um fenômeno distinto das comunidades renovadas surgidas com a cisão de igrejas históricas que abraçaram o pentecostalismo. Ele admite o recorte em virtude do estilo mais moderado e do conceito central de “restauração” da estrutura da igreja neotestamentária encontrados nessas comunidades. Mariano, por sua vez, inclui essas comunidades dentro do *Neopentecostalismo* (1999, p. 32).

As *comunidades carismáticas de classe média* têm como uma de suas características, tanto como herança do pentecostalismo quanto como sinal de sua autoctonia, a presença de lideranças carismáticas entre seus fundadores. Algumas dessas comunidades são “completamente independentes; outras se vinculam em redes” (FRESTON, 1993, p. 115). O maior exemplo de comunidade independente (não ligada a uma rede) é a **Igreja Renascer em Cristo**: “a carreira do fundador, Estevan Hernandez, ilustra a tendência da religião de classe média se aproximar dos setores empresariais modernos e de seus padrões de organização” (FRESTON, 1993, p. 115).

A classificação de Freston, *comunidades carismáticas de classe média*, que utilizei anteriormente em meu projeto de pesquisa para classificar o fenômeno que pretendia estudar revelou-se problemática em virtude da dificuldade empírica de se fazer uma delimitação da “classe média”, além da inevitável confusão com as diversas “comunidades” da Renovação Carismática Católica. Mais ainda, o tipo de

comunidade que é a IBC no presente momento histórico não se enquadra com facilidade nessa classificação em virtude das suas especificidades que transcendem o alcance destas. Talvez pudesse se referir a essa comunidade antes da mudança para a sede no bairro Pedras, que será apresentada mais adiante.

A Revista ÉPOCA, em 09 de agosto de 2010, apresentou em sua reportagem de capa o título “Os novos evangélicos: um movimento de fiéis critica o consumismo, a corrupção e os dogmas das igrejas – e propõe uma nova reforma protestante”, onde se deu destaque a pastores que cuidam de pequenas comunidades. A reportagem, de forma acertada, detecta o movimento do campo religioso, a presença de novos agentes e a ênfase em práticas religiosas distintas das protestantes ou pentecostais tradicionais (ALEXANDRE, 2010).

A ideia era mostrar que essas novas comunidades vivem sem o peso da institucionalização, utilizam uma linguagem mais contemporânea e preferem reuniões informais de pequenos grupos nas casas que as celebrações em grandes templos. Nesse último ponto, a reportagem falha por ter se concentrado, talvez na tentativa de fazer um contraponto com as igrejas neopentecostais, em lideranças que minimizam a importância das grandes celebrações, que podem acontecer nos templos ou até mesmo em ginásios, e a busca por uma estrutura administrativa leve e eficaz. Mais ainda, isso fica também evidente porque a reportagem não resiste em mostrar a forma “relaxada” dessas comunidades em lidar com os dízimos e as ofertas.

Deixando de lado toda a discussão e tentativa de encaixar a IBC em uma das muitas tipologias existentes ou, até mesmo, de “inventar” uma classificação própria, é possível afirmar que ela se trata de uma das novas comunidades protestantes, surgidas nas duas últimas décadas do século passado, cuja ênfase no sobrenatural é marcada pela dimensão relacional, que se desenvolve dentro de um processo de rupturas e aproximações com as linhas do protestantismo histórico e as diversas ondas pentecostais, em cujas atividades rituais centradas na experiência e no uso dos sentidos o papel exercido pelo pastor se orienta num sentido protagonístico, *profético* (Weber) e performático.

No Quadro 1, apresento uma comparação entre as igrejas protestantes históricas, as igrejas pentecostais e as novas comunidades protestantes (tipo em que pode ser inserida a IBC) . Tratam-se, claro, de generalizações que ajudam a compreender a forma como estas se diferenciam.

<b>Igrejas</b>	<b>IGREJAS PROTESTANTES HISTÓRICAS</b>	<b>IGREJAS PENTECOSTAIS</b>	<b>NOVAS COMUNIDADES PROTESTANTES</b>
<b>Características</b>			
<b>Surgimento</b>	A partir da 2ª década do século XIX, trazidas por estrangeiros.	A partir da 1ª década do século XX, trazidas por estrangeiros ou fundadas por brasileiros	Últimas duas décadas do séc. XX e início do XXI, fundadas por brasileiros.
<b>Ênfase</b>	Racionalidade da experiência religiosa.	Sobrenatural: falar em outras línguas, curas e exorcismo.	Sobrenatural, com foco nos sentimentos e afeições.
<b>Relação com religiosidades divergentes</b>	Destaque para a ruptura com catolicismo.	Destaque para a ruptura com o protestantismo histórico	Destaque para a ruptura com o “tradicionalismo” dos protestantes históricos e dos pentecostais.
<b>Papel do pastor</b>	O pastor divide com outros líderes, em alguns momentos, a condução das atividades rituais, concentrando-se no papel de pregador, onde procura utilizar técnicas oratórias tradicionais.	O pastor divide, em alguns casos, a condução de atividades rituais com outros líderes, inclusive o papel de pregador e , em muitos casos, de operador de “sinais e prodígios”, com forte apelo emocional.	O pastor é o principal condutor de atividades rituais e portador da “palavra profética”, adquirindo cada vez mais força o seu papel de protagonista de ações performáticas elaborados conscientemente.
<b>Culto</b>	Marcado pela racionalidade, com rigidez litúrgica e centralidade da pregação do pastor.	Marcado pela experiência mística, com flexibilidade litúrgica, tendo a predominância da música e da pregação.	Experimental e multi-sensorial, com atmosfera trabalhada por luzes, símbolos, mensagens multimídia, recursos artísticos e ambiente informal.

**Quadro 1 – Comparação das comunidades protestantes**

**Fonte:** Construído pelo pesquisador, 2009.

A IBC foi apresentada pelo seu pastor principal, em entrevista concedida ao pesquisador, como uma igreja que conserva doutrinariamente ligações com o protestantismo histórico e com o pentecostalismo:

*Eu posso dizer que me identifico doutrinariamente com o protestantismo histórico. Acredito que sou calvinista em muitos aspectos. Não sou hipercalvinista, mas sou calvinista em muitos aspectos. Então,*

*doutrinariamente me identifico. Me acho pentecostal no sentido de eu que acredito nos dons espirituais e acredito que a igreja nasceu em Pentecostes, que sem o Espírito nós não podemos sobreviver. Então eu sou pentecostal, mas não sou pentecostal se pentecostalismo está identificado com batismo no Espírito pós-conversão e se está identificado com línguas como o único sinal do batismo no Espírito. Prá mim isso é um desvio total e, quando você identifica pentecostalismo com essas duas coisas, ele perde o sentido. Três, perda da salvação tem a ver com o Arminianismo, mais do que qualquer coisa. Batismo no Espírito Santo como segunda experiência e línguas como resultante obrigatório do batismo no Espírito Santo. Eu acredito na segurança dos salvos, acredito no batismo com o Espírito Santo no momento da conversão e acredito nos dons espirituais, inclusive em línguas, mas não como uniforme prá todos, porque o batismo no Espírito pode gerar dons espirituais de todo tipo que a Bíblia elenca como prova ou sinal da presença do Espírito Santo na vida de uma pessoa. Então, tô ligado, me identifico com o protestantismo histórico, me identifico com o pentecostalismo enquanto acredito nos dons espirituais e acredito nos fundamentos da fé. Eu acho que estou mais nesse meio, mas não é tão fácil você qualificar. Muita gente que vê, vindo de fora, diz “é uma igreja neopentecostal”. Alguns me ouvem aqui e acolá e vão dizer “esse cara é fundamentalista”*

No que se refere ao protestantismo histórico, o Pr. Armando define-se como calvinista. Em sua fala revela concordância com a doutrina reformada da “segurança dos salvos”, onde se afirma que a salvação do indivíduo é uma dádiva de Deus e que, por isso, ele não teria como deixar de ser salvo. A salvação do indivíduo é entendida como uma escolha divina, pois o homem não teria condições espirituais de decidir-se pela sua própria salvação. Deus teria, mediante um decreto, decidido quem haveria de ser salvo da condenação eterna. A salvação, então, somente seria possível aos divinamente predestinados.

Essa doutrina foi contestada por Jacob Arminius, no século XVII, ao sustentar a tese da compatibilidade entre a soberania divina e o real livre-arbítrio do homem, dando origem ao Arminianismo. Conforme já foi ressaltado por Mario Aubrée (apud CORTEN, 1996, p. 46), “ainda que os pentecostais tenham uma distantíssima origem calvinista, a maioria dos pentecostais brasileiros não adere à doutrina da Predestinação. Eles são de tendência arminiana”.

O Pr. Armando não admite, no entanto, o “hipercalvinismo”, uma radicalização da fé calvinista que pode ser exemplificada pela atitude da Congregação Cristã no Brasil, corrente pentecostal que não realiza trabalhos de

evangelização considerando que aqueles que não de ser salvos se unirão às suas comunidades por um chamado de Deus.<sup>17</sup>

O fundamentalismo, ao oferecer uma verdade religiosa bastante definida, atende às aspirações dos indivíduos que procuram referências estáveis num mundo em profunda mutação (WILLAIME, 2000). A posição fundamentalista do Pr. Armando Bispo foi reafirmada em outro ponto da entrevista, onde ele também ressalta o caráter inovador das práticas desenvolvidas na IBC, conforme pode ser observado abaixo:

*Agora, se eu for ouvir as pessoas e repetir o que dizem sobre a gente, eu diria que nós temos essa característica de igreja que inova, mas que se mantém fundamentada em valores doutrinários ortodoxos, eu diria. É quase como a capacidade de manter o vinho e mudar o odre, mudar o invólucro. Eu acho que as pessoas têm dito isso. Ao longo dos anos eu não mudei a minha posição doutrinária. Eu não mudei. Continuo sendo um fundamentalista. Continuo sendo... um pré-milenista, pré-tribulacionista.<sup>18</sup> Continuo assumindo posturas consideradas por muitos como posturas arcaicas, dogmáticas, do ponto de vista da fé. Então, mas a nossa prática é de vanguarda. Ela é ousada. Ela quebra paradigmas todo o tempo.*

Nesse ponto, penso que pode ser aplicado o pensamento de Willaime (2000) quanto ao fundamentalismo e ao liberalismo duas tendências em tensão no protestantismo. Por insistir na Bíblia como única autoridade em matéria de fé e prática, o protestantismo seria um fundamentalismo. A compreensão da Bíblia e de sua utilização no contexto fundamentalista foi descrito da seguinte forma por Schünemann (2011, p. 122):

<sup>17</sup> “Como os protestantismos legitimam a verdade que eles reivindicam e quais são os modos por eles propostos para ter acesso a essa verdade? Como eles se reportam a um carisma e que perspectiva têm da sua transmissão? São questões que nos remetem ao coração das sensibilidades e das vivências religiosas e onde se pode reconhecer a questão da salvação e dos meios de acesso à salvação, mas que eu o formulo intencionalmente de maneira mais geral com objetivos de comparação no tempo e no espaço. É a questão epistemológica que abre a análise dos modos de gestão da verdade religiosa e, se se trata do protestantismo, coloca diretamente a questão da relação com os textos bíblicos, das múltiplas formas em que os textos bíblicos são instrumentalizados nos sistemas religiosos protestantes. Sob esse ângulo, o mundo protestante apresenta um amplo espectro que vai desde o fundamentalismo mais rigoroso ao liberalismo mais extremo e aciona relações com o carisma imediatas ou muito mediatizadas”. (WILLAIME, 2000, p. 27).

<sup>18</sup> Pré-milenismo é a crença de que no futuro, antes de mil anos de paz, um intervalo entre as lutas escatológicas entre as forças divinas e malignas, Jesus Cristo voltará para buscar os membros fiéis e escolhidos por ele. Pré-tribulacionismo, por sua vez, é a crença de que os membros serão levados (“arrebataados”, na linguagem teológica) antes de um período de intensa perseguição dos cristãos e sofrimento no mundo.

A ideia “a Bíblia é a Palavra de Deus” representa toda a centralidade que a Bíblia deve ter na organização do cotidiano. A Bíblia como Palavra de Deus significa, dentro dessa compreensão, que eu posso saber exatamente o que Deus quer para a minha vida hoje, basta lê-la. O problema de interpretação bíblica é relegado a um segundo plano [...].

A proposta básica é que, quando o crente verdadeiro lê a Bíblia, ele é iluminado pelo Espírito Santo para alcançar a “Verdade”. Em grupos como os batistas, que não apresentam um líder famoso na sua formação, a ideia de se ler a Bíblia como ela realmente é fica mais evidente ainda, pois parece claro que as crenças partilhadas pelos batistas vêm da leitura correta da Bíblia.

Entretanto, a defesa do livre exame das escrituras e a recusa de um magistério eclesial também fazem dele um liberalismo, pela autonomia que concede ao indivíduo na leitura, interpretação e aplicação ao cotidiano dos textos sagrados. No plano psicossocial, observa-se a tensão produzida por essas duas tendências:

uma que tende constantemente a inscrever o grupo em torno de uma verdade circunscrita e a reforçar o controle social dos atores. É uma tendência que pode ser qualificada de sectária segundo a tipologia webertroeltschiana. A outra tendência puxa, em sentido oposto, procurando constantemente abrir o cerco coletivo reivindicando a autonomia da consciência do crente aproximando-se, assim, do tipo místico de Troeltsch, haja vista a relativização que faz de todas as mediações institucionais. Esta tensão interfere numa outra na qual o protestantismo aparece como religião “quente” emocional ou como uma religião “fria” intelectual. Então o protestantismo representa também a tensão entre a efervescência do sentimento religioso e a frialdade intelectual da teologia (WILLAIME, 2000, p. 28).

O “liberalismo” do Pr. Armando Bispo se inscreve em práticas consideradas inovadoras, frutos de uma releitura dos textos bíblicos e uma consequente aplicação de determinados princípios na tentativa de construir uma estrutura eclesial diferente daquela que deu origem à IBC (Esses aspectos serão retomados no próximo capítulo). O interessante na fala do Pr. Armando Bispo é que o pentecostalismo e o fundamentalismo protestante se desenvolveram simultaneamente nos Estados Unidos. “Ambos vingaram em terreno semelhante, um ao lado do outro sem, contudo, se misturarem. O primeiro atrai pelo aspecto “irracional” da mística religiosa. O outro, pela sua capacidade de oferecer certezas” (CAMPOS, 2005, p. 105).

Quanto ao pentecostalismo, ele deixa claro inicialmente que por razões históricas se considera pentecostal, pois “a igreja nasceu em pentecostes”. Completa essa afirmação ao admitir a experiência do batismo com o Espírito Santo

e a atualidade dos dons espirituais. Entretanto, ele demarca as diferenças existentes entre suas convicções e a visão do pentecostalismo tradicional. Entende que o batismo com o Espírito Santo acontece no momento da conversão do indivíduo, não se tratando de uma “segunda bênção” ocorrida pós-conversão. Admite que os dons são para os dias atuais, mas que o dom de “falar em línguas” não é obrigado para todos, divergindo da crença pentecostal de que todos os crentes batizados com o Espírito Santo devem obrigatoriamente falar em outras línguas.<sup>19</sup>

A operacionalização dos dons espirituais na IBC também é diferente daquela desenvolvida nas igrejas pentecostais. Nestas últimas, os cultos são os espaços de visibilização do exercício dos dons espirituais, daí decorre a ênfase na pregação como mensagem profética de Deus ao povo, na prática do “falar em outras línguas”, na realização de curas e milagres e na expulsão de demônios. Os outros dons espirituais quase não são referidos no cotidiano dessas comunidades. No caso da IBC, como poderá ser observado no próximo capítulo, os ministérios e os pequenos grupos são espaços onde os dons podem ser exercidos pelos líderes e membros da igreja. Nos cultos, o centro é a “pregação profética” do Pr. Armando Bispo, cuja presença também se estende na voz de outros pregadores e nos esboços de estudos dos pequenos grupos

Quanto à relação com um dos aspectos que marcam o Neopentecostalismo, a IBC não se filia ao movimento de “batalha espiritual” nem enfatiza a temática (o que não quer dizer que rejeite a existência e a atuação de “espíritos malignos” na atualidade) nem defende a “Teologia da prosperidade”. Aliás, essa corrente teológica foi criticada em diversas ocasiões nas pregações realizadas pelo Pr. Armando Bispo.

No que se refere aos “sinais externos de santidade”, pode ser observado nos cultos dominicais da IBC um certo “relaxamento” no vestuário dos participantes (pessoas com bermudas, de chinelo e outros itens que revelam descontração no vestir). Não há nenhuma exigência dos sinais externos de santidade (vestuário, adereços e outros itens de beleza femininos).

<sup>19</sup> Nas minhas vivências no meio pentecostal – fui membro durante cerca de dois anos da Igreja de Deus no Brasil e conservo boas amizades com pastores e membros da Assembléia de Deus – aprendi que a pessoa pode estar inscrito na membresia sem ter necessariamente passado pela experiência do Batismo com o Espírito Santo, mas não pode ser pastor se não tiver já demonstrado publicamente que “fala em línguas”.



A “estruturação empresarial”, por sua vez, é marcante. A IBC possui dois “ambientes” de gestão do sagrado: o *ambiente pastoral*, que se liga ao desenvolvimento espiritual da comunidade, ficando suas decisões nas mãos de pastores e líderes; o ambiente institucional, que tem um líder responsável diretamente pelas questões administrativas mais tangíveis como, por exemplo, a contratação de funcionários. Os dois “ambientes” são acompanhados pelo pastor principal. Esse aspecto será abordado no próximo capítulo.

As instituições religiosas representam “modos de racionalização” da experiência religiosa. Como bem observou o teólogo protestante Rudolf Otto<sup>20</sup>:

Elas são a fonte de onde surge não a religião, mas a racionalização da religião, que frequentemente constrói uma estrutura tão pesada de teoria e um entrelaçado mais ou menos plausível de interpretações, que o “mistério” é completamente excluído (1985, p. 30).

No caso da IBC, é perceptível no discurso da sua liderança, exemplificada na entrevista pelo Pr. Armando Bispo, a preocupação em vivenciar um modelo de religiosidade que não se deixe cristalizar em formas institucionalizadas herméticas ou fechadas a inovações.

*Que a IBC jamais se torne no futuro uma instituição hierarquizada... engessada... pelas suas estruturas... pelos seus regulamentos internos - é tanto que estatutariamente nós somos até defasados porque o nosso estatuto é bem pequenininho - Porque eu sei de onde ela veio, eu sei do berço da IBC do ponto de vista denominacional. Eu não gostaria que ela voltasse a ser o que era, nesse sentido, organizacional. Ênfase em demasia na hierarquia, no organograma, nos programas e perdesse a essência de ser igreja movida pelo Espírito de Deus, constituída de sacerdotes, de membros sacerdotes, membros ministros e lideradas por homens e mulheres de Deus que se contentassem com a designação de servos e nada mais.*

<sup>20</sup> A racionalização e a moralização acontecem dentro do processo de evolução do conceito de sagrado, que se inicia no domínio do não racional. Na perspectiva de Rudolf Otto (1985, p. 119), “Quando, no curso da evolução histórica das religiões, os elementos racionais juntam-se aos elementos não racionais em consequência do princípio *a priori*, os primeiros esquematizam os segundos”. Dessa forma, os elementos racionais teriam a função de resguardar as religiões de cair no fanatismo ou no misticismo. Entretanto, não representam nenhuma garantia de que isso possa acontecer. O grande mérito de Rudolf Otto reside na sua preocupação em ressaltar que a experiência religiosa não se resume em qualquer tipo de moralidade, embora sofra o risco de ser reduzida à esfera dos sentimentos humanos quando admite que a vida religiosa tem como fonte uma predisposição do espírito humano.

Nesse ponto, lembro do que foi dito por Willaime quando faz referências às tensões produzidas pelo fundamentalismo e liberalismo, bem como pelo emocionalismo e pelo intelectualismo, que coexistem no protestantismo:

Essas tensões nutrem duas características do protestantismo: a sua grande capacidade fissípara e, aquilo que eu chamo a sua precariedade institucional. Se os protestos do século XVI engendraram, no final das contas, novas instituições, essas novas instituições engendraram novos protestos: o protestantismo é uma religião que se institucionaliza sempre veiculando o princípio de sua desinstitucionalização, uma religião do sentimento religioso individual que procura se estabelecer numa estrutura que em tudo a torna inválida. (WILLAIME, 2000, p. 29)

Aliás, se há algo a ser institucionalizado, seria a meta de não se conformar com o seu próprio *status quo* e assumir, para empregar a terminologia de Desroche (1985), um papel de *contestadora* dentro do campo religioso no qual procura legitimar suas práticas a partir do resgate da experiência cristã primitiva de uma comunidade orientada pelo Espírito Santo e da ênfase da Reforma Protestante do “sacerdócio universal dos crentes”.<sup>21</sup>

O resgate dessas ênfases, conforme se poderá observar no próximo capítulo, se conecta com a preocupação em manter uma estrutura administrativa eficiente, com princípios burocráticos que dão suporte à liderança carismática do Pr. Armando Bispo.

---

<sup>21</sup> A propósito dessa última consideração, Desroche (1985) observou que uma mesma religião pode, em dadas circunstâncias históricas, se apresentar de duas formas: *atestadora*, quando afirma os valores de uma sociedade, garantindo seu dinamismo e equilíbrio e preservando sua cultura; ou *contestadora*, quando “rompe com os modelos”, renova a sociedade e a própria religião, porta novas esperanças e gera inovações, revoltas ou desvios. “As religiões contemporâneas do mundo inteiro são, aliás, dominadas por essa alternativa” (DESROCHE, 1985, p. 82)

## 2 GÊNESE, DESENVOLVIMENTO E CONFIGURAÇÃO ORGANIZACIONAL E COMUNITÁRIA DA IBC

Neste capítulo, apresento o surgimento da IBC e seu desenvolvimento a partir da chegada do Pr. Armando Bispo, cujo caráter de líder carismático será ressaltado mediante a abordagem weberiana, pondo em destaque as configurações mais recentes que envolvem a estrutura organizacional e a estratégia de vivência comunitária e expansão do seu rebanho.

### 2.1 Gênese e desenvolvimento da Igreja Batista Central de Fortaleza

A narrativa da história da IBC apresentada no seu próprio *site* ([www.ibc.org.br](http://www.ibc.org.br))<sup>22</sup> é marcada pela emoção e pela fé, num tom de evidente triunfalismo, dela procurei extrair inicialmente informações sobre a implantação dessa comunidade e de sua trajetória<sup>23</sup>, inserindo outras informações obtidas verbalmente em eventos ou através de trabalhos produzidos por membros da IBC.<sup>24</sup> Segundo Willaime (2000, p. 16),

Não se pode negligenciar a história no estudo dos protestantismos, não só porque essas expressões religiosas se nutrem de seu passado e se reportam aos tempos da sua fundação, mas também porque a história,

---

<sup>22</sup> Conforme Bourdieu (1983, p. 91), a construção da história de um campo decorre da “aparição de um corpo de conservadores de vidas – os biógrafos – e de obras – os filólogos, os historiadores da arte e da literatura, que começam a arquivar os esboços, as fichas, os manuscritos... todas essas pessoas compactuam com a conservação do que é produzido no campo, tendo interesse em conservar e a se conservar conservando”.

<sup>23</sup> Um texto assim, “celebratório”, poderia ser desqualificado como fonte de informação confiável e até parecer inútil para uma abordagem sociológica, apontado como discurso dos “nativos”. Entretanto, penso que pode ser compreendido nos mesmos termos sugeridos por Campos (1999, p. 87) quando trata de “biografias pastorais”, como “parte do trabalho de construção e reprodução da cultura das organizações, principalmente nas originadas de um líder carismático ou do trabalho de um empreendedor personalista”.

<sup>24</sup> Os trabalhos mais significativos que encontrei sobre a IBC foram os de Kamilla G. Ladeira (2007) e Márcio José Félix Nogueira (2008). Monografias apresentadas, respectivamente, na Universidade Federal do Ceará, para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, e Faculdade Teológica Sul Americana (Pós-graduação).

esclarecendo tanto as continuidades quanto as discontinuidades, permite medir a amplitude das mutações que separam os protestantismos do passado com os protestantismos atuais. É a perspectiva histórica que autoriza a interrogação fundamental sobre a identidade de seu objeto através do tempo, uma identidade que não é evidente e que deve levar-nos a nos perguntar sobre as sociogêneses dos protestantismos nas diferentes épocas [...]

Elaborar um breve panorama histórico da IBC nos permite, portanto, perceber “tanto as continuidades quanto as discontinuidades” que marcam sua existência. Permite perceber a amplitude das mutações que a distanciam das suas origens e de suas possibilidades para o futuro. Assim, realizo um esforço para capturar o movimento de uma organização religiosa em constante mudança.

A narrativa se inicia com a chegada de missionários batistas norte-americanos em 1955 com o desejo de “alcançar as 400.000 almas da cidade” e salta para a data da organização oficial da Igreja em 7 de setembro de 1959. Segundo depoimento do missionário Charles Hocking,<sup>25</sup>

Devido ao nosso espaço físico limitado, tínhamos duas escolas bíblicas a cada domingo. Ao fim da primeira, iniciava-se a segunda. Isso resultava em uma tremenda aglomeração em nossa calçada. “Briga? É briga?”, gritaram dois policiais, correndo em direção à multidão [...]. Se eles tivessem olhado bem, veriam pessoas amontoadas em cada degrau, e se tivessem subido nos muros, teriam visto pessoas tomando espaço não ocupado por aqueles sentados nos bancos. Um crente disse certa vez: “aqui não cabe uma agulha sequer”. (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2006?).

Em seguida, a narrativa registra a inauguração da primeira sede própria (na rua Gonçalves Ledo) em 26 de março de 1967 e a chegada do primeiro pastor brasileiro para liderar a comunidade, Pr. Francisco Caetano Pereira. Outros ministros religiosos, cujos nomes não são mencionados no relato, passaram pela igreja, mas no ano de 1982 é registrado que a liderança convidou o Pr. Armando Bispo da Cruz para assumir o ministério pastoral (IGREJA BATISTA CENTRAL: 2006?).

Logo após uma visita, a igreja fez um convite formal para que o Pr. Armando assumisse o pastado, contudo ele pediu um prazo de um ano para um período de experiência. Na visão do jovem pastor, era importante que a igreja conhecesse, provasse e aprovasse a sua integridade e da sua família

<sup>25</sup> O missionário Charles Hocking participou da reunião de fundação da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares.

antes da formalização e imposição de mãos para o pastorado. (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2006?)

É importante salientar que, quando uma igreja batista, decide consagrar uma pessoa ao ministério pastoral, pressupõe-se o reconhecimento das qualidades espirituais, morais, intelectuais e teológicas necessárias para esse ofício, que são evidências da “chamada divina” do futuro pastor da comunidade. Ele não será reconhecido, no entanto, apenas como pastor daquela comunidade que decidiu consagrá-lo, mas de toda a denominação religiosa à qual se vincula. Após um exame de caráter teológico e prático, realiza-se, então, um ato solene de consagração mediante a presença dos membros de concílio de pastores, convocados pela igreja, que impõem as mãos sobre o vocacionado.<sup>26</sup>



**Fotografia 1** - Imposição de mãos sobre o Pr. Armando Bispo (1983).  
**Fonte:** 25 ANOS DE MINISTÉRIO..., 2008.

A cerimônia de consagração, como pode se depreender da Fotografia 1, refletia o caráter tradicional da denominação. Os pastores, num gesto de forte conteúdo simbólico, impõem as mãos sobre o Pr. Armando Bispo, conferindo-lhe

<sup>26</sup> O termo “cerimônia de consagração” é muito empregado nos meios batistas e equivale à expressão “rito de ordenação”, constitui numa forma ritual e institucional de construção da autoridade. Ao discorrer sobre esse rito, Georg Simmel aproxima-se da ideia weberiana de “carisma de função” e acentua que ele “cria a qualificação particular para a função à qual ela chama. Deus dá também àquele que ele chama para uma função a razão que a acompanha – este princípio é realizado aqui de forma mais radical que possa existir, em seus dois aspectos: a inaptidão anterior e a aptidão posterior, criada pela ‘função’” (apud WILLAIME, 2009, p. 151).

autoridade espiritual sobre a comunidade, que ficaria debaixo de sua responsabilidade como Ministro do Evangelho.

Em 22 de março de 1983, o Pr. Armando Bispo assumiu o pastorado da IBC. Na época, uma comunidade que contava com um pequeno número de membros. Segundo informação verbal<sup>27</sup>, a comunidade era alvo de críticas na denominação, por ser composta mais por jovens universitários que por adultos e por ser considerada muito intelectualizada. Segundo Nogueira (2008, p. 25),

Naqueles dias, um grupo de 40 pessoas, na sua maioria jovem, via com entusiasmo a possibilidade de crescimento da instituição. O primeiro ano de gestão do novo líder da igreja, foi uma fase de observação do funcionamento da organização e da postura dos indivíduos no dia-a-dia da comunidade. A pregação expositiva da Bíblia, chamada a palavra de Deus, foi a marca proposta como principal alavanca para o crescimento, baseando-se no princípio bíblico de que qualquer renovação espiritual deve começar pelo estudo da Bíblia, e não por pessoas, programas ou experiências.

As expectativas iniciais dos membros e a estratégia inicial do Pr. Armando Bispo foram fundamentais para o processo de transição que teria início naquela pequena comunidade local.

A partir do segundo ano de gestão, sem um modelo administrativo previamente estabelecido, iniciou-se um exame cuidadoso das práticas da instituição [...]. as programações foram sendo avaliadas e adaptadas segundo os novos alvos e desafios de crescimento que se propunha alcançar. No entanto, à medida que mudanças eram sugeridas, como o aperfeiçoamento dos programas e departamentos, tocava-se na maior de todas as barreiras, pessoas arraigadas à tradição e receosas do que era novo ou desconhecido. Compreendeu-se que havia pela frente uma longa jornada de investimento no amadurecimento de uma comunidade que relacionava a sua própria razão de existir com programas, liturgias, horários, locais e procedimentos. Os crentes estavam à mercê da organização local e da denominação que, funcionalmente, não admitiam a mudança de costumes (NOGUEIRA, 2008, p. 25-26)

A estratégia desenvolvida pelo Pr. Armando Bispo não representou nenhuma novidade se comparada às experiências de muitos pastores - dentre os

---

<sup>27</sup> Ricardo Marques no culto de comemoração dos 25 anos de ministério do Pr. Armando Bispo, em 03 de março de 2008, na Tenda do Bairro Pedras, em Fortaleza-CE. Ricardo Marques, conforme informações do site da IBC, é Biólogo, Paleontólogo e Educador. Atua na IBC como diácono, líder de grupo de casais e outros ministérios. É diretor-geral do Colégio Kerigma, escola fundada pela IBC como um ministério, sem fins lucrativos e que tem por missão promover a educação integral para todas as idades (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2010).

quais eu me incluo – e já foi descrita por Leonildo Campos (1987). O primeiro momento é o da “observação”, onde o pastor não entra em conflito com os líderes da comunidade e demais membros. O segundo momento é o da “tensão”, onde o pastor precisa definir os rumos que pretende dar ao seu pastorado naquela comunidade. No caso em estudo, as tensões geradas pela possibilidade de experimentar mudanças significativas tendiam, a partir daí, a crescer e se constituir um desafio para a liderança carismática que despontava, bem como para os seus seguidores.

O *carisma* do Pr. Armando Bispo foi reconhecido pelos membros da IBC em meio a essa experiência inicial à frente da comunidade. O termo *carisma* deve ser compreendido aqui, na perspectiva weberiana, como "uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como 'líder'" (WEBER, 1994, p. 158-159). Discorrendo sobre a criação do carisma, Weber acentua que este

Nasce da excitação comum a um grupo de pessoas, provocada pelo extraordinário, e da entrega ao heroísmo, seja qual for o seu conteúdo. Só disso já resulta que somente *in statu nascendi* tanto a fé do próprio portador e de seus discípulos em seu carisma – seja este de conteúdo profético ou qualquer – quanto a entrega fiel a ele e à sua missão por parte daqueles para os quais ele se sente enviado atuam com pleno poder, unidade e força. (1999, p. 331-332).

Weber não criou o termo *carisma*, mas o extraiu do discurso teológico cristão, onde significava inicialmente a capacitação divina transmitida pelo Espírito Santo para o exercício de diversas atividades na comunidade cristã<sup>28</sup> e, posteriormente, “o reconhecimento intuitivo por parte das pessoas leigas de que um

<sup>28</sup> Conforme pode se perceber a partir das passagens bíblicas que se encontram nas seguintes referências. 1ª Coríntios 12 e Efésios 4:7-14 (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999, p. 1360-1362 e p. 1405). Dentro da compreensão teológica protestante, carisma se refere aos dons espirituais concedidos pelo Espírito Santo para o seu uso no contexto dos serviços das comunidades cristãs, incluindo “tanto os dons relacionados a talentos naturais (tais como ensino, misericórdia e administração) quanto aos que parecem mais 'miraculosos' e menos relacionados a talentos naturais (tais como profecia, cura ou discernimento de espíritos)” (GRUDEN, 1999, p. 859). Na perspectiva da teologia católica, o padre José Comblin observa que carisma ou dom, segundo os ensinamentos do apóstolo Paulo, é uma capacidade para servir e que, depois de Constantino, “a Igreja clericalizou-se e os carismas desapareceram, pelo menos da consciência dos cristãos e das estruturas oficiais da Igreja” (2010, p. 31).

santo tinha contato íntimo com Deus” (ALVES, P., 2000, p. 35). Weber ressignificou o termo carisma ao utilizá-lo no contexto sociológico. Segundo Freund,

O carisma é ruptura da continuidade, seja legal ou tradicional; ele quebra as instituições, põe em dúvida a ordem estabelecida e o constrangimento habitual, para recorrer a uma nova maneira de conceber as relações entre os homens. É ao mesmo tempo destruição e construção (1987, p. 169).

A liderança do Pr. Armando Bispo, como toda liderança carismática, com suas “qualidades extraordinárias”, atraiu seguidores, criou movimentos de forte caráter emocional e disseminou ideias inovadoras dentro do campo religioso protestante de Fortaleza. Conforme Weber,

O ‘carisma’ deve ser compreendido como referência a uma qualidade extraordinária, independente de quanto esta qualidade é verdadeira, alegada ou pressuposta [...]. É a devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extracotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam constituem aqui fonte da devoção pessoal (1982, p. 135).

O que é decisivo para os carismaticamente dominados (os “adeptos”, os “discípulos”, os membros de uma *comunidade emocional*) é que seu líder é reconhecido como “um homem extraordinário”, em virtude de “vocação e provas”. Esse reconhecimento será abordado no último capítulo. Segundo Weber,

O portador do carisma assume as tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Se as encontra, ou não, depende do êxito. Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante “provas”. Mas, neste caso, não deduz seu “direito” da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o dever daqueles aos quais dirige sua missão. (1999, p. 324).

“Psicologicamente, esse ‘reconhecimento’ é uma entrega crente e inteiramente pessoal nascida do entusiasmo ou da miséria e esperança” (WEBER, 1994, p. 159). Essa entrega, portanto, tem fundamentos predominantemente emocionais, embora nesse cálculo não se descartem elementos racionais.



Ao estudar a base emocional sustentadora da relação carismática, assumindo que emoção não se opõe à racionalidade (pois as expressões emocionais se guiam geralmente pelas interações sociais ou pelos padrões culturais vigentes)<sup>29</sup>, Wasielewski ressalta que,

O poder pessoal do carismático está no fato de que ele compreende a organização emocional da sociedade, o que implica conhecer a estrutura e as regras do sentir, os modos de expor a emoção, as técnicas para trabalhar a emoção e provavelmente as consequências de transgredir as regras. (*apud* FREITAS, 2000, p. 140)

Essa experiência emocional acontece num ambiente relacional que se estabelece entre o líder carismático e seus liderados e que também é capaz de contagiar os que deles se aproximam.

O poder do carisma [...] fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens “de dentro para fora” e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário. No entanto, deve-se compreender corretamente esta oposição. Apesar de todas as diferenças fundamentais da esfera em que circulam, as “ideias” religiosas, artísticas, éticas, científicas e todas as demais, particularmente também as organizatórias políticas e sociais, surgiram, do ponto de vista psicológico, de uma maneira essencialmente idêntica. Trata-se de um “avaliar” subjetivo, “a serviço da época”, o qual quer atribuir algumas ideias ao “intelecto” e outras à “imaginação” (ou seja, como for a distinção): a “imaginação” matemática de um *Weierstrass*, por exemplo, é “intuição” exatamente no mesmo sentido que aquela de qualquer artista, profeta ou demagogo; não é aqui que se encontra a diferença. Não se encontra, e isto cabe enfatizar para se compreender a significação do “racionalismo”, na pessoa ou nas “vivências” anímicas do criador das ideias ou das “obras”. Encontra-se, ao contrário, na forma em que são internamente apropriadas e “vivenciadas” pelos dominados ou liderados. (WEBER, 1999, p. 327-328).

A sustentação do *carisma* depende, portanto, do reconhecimento social do portador do *carisma* por aqueles que seguem seus ensinamentos e sua trajetória no contexto da comunidade dos discípulos e adeptos, que se encontra inserida dentro de um determinado *campo religioso*. No caso do Pr. Armando Bispo será analisado,

<sup>29</sup> Para Wasielewski (*apud* FREITAS, 2000, p. 140), “as emoções se baseiam firmemente numa série de entendimentos organizados sobre o mundo e, além disso, respondem ao mundo de forma racional. Em si, a experiência emocional não é nem racional nem irracional, podendo ser ou não logicamente apropriada a um contexto particular – por exemplo, chorar e não dar gargalhadas num velório”.

no capítulo a forma que esse reconhecimento adquire. O líder carismático e seus liderados, no entanto, têm o desejo de

Transformar o carisma e a felicidade carismática de uma agraciação livre, única, externamente transitória de épocas e pessoas extraordinárias em uma propriedade permanente da vida cotidiana. Mas com isso transforma-se, inexoravelmente, o caráter interno da estrutura (WEBER, 1999, p. 332)

A associação permanente da comunidade de fiéis é chamada de *congregação*,<sup>30</sup> que tem como suporte organizacional uma estrutura social “claramente definida, com órgãos pessoais e um aparato de serviços e bens materiais que se adaptam à missão do portador do carisma” (WEBER, 1999, p. 330).<sup>31</sup>

A IBC pode ser classificada, dentro da perspectiva acima, como uma *congregação* que se reúne em torno de lideranças carismáticas, sendo principal e fundante da comunidade religiosa a do Pr. Armando Bispo. O seu suporte organizacional e estratégico será descrito nas próximas seções deste capítulo.

Ao propor o “novo”, a liderança carismática que emerge dentro de um campo religioso precisa desenvolver estratégias de subversão do capital simbólico do grupo dominante para produzir as mudanças que intenciona realizar. De acordo com Bourdieu (1984, p. 155), tais estratégias

são orientadas para uma acumulação de capital específico que supõe uma inversão mais ou menos radical do quadro de valores, uma redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios da produção e da apreciação dos produtos e, ao mesmo tempo, uma desvalorização do capital detido pelos dominantes.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> O termo “congregação” é utilizado, às vezes, nos diversos segmentos cristãos de forma diferente do formulado por Weber. No catolicismo, por exemplo, pode designar uma ordem religiosa institucionalizada ou algum tipo de comissão. No protestantismo, em duas múltiplas correntes, pode ser utilizado para uma pequena comunidade que ainda não alcançou autonomia em relação a uma outra, maior (em geral, chamada de “sede” pelos seus membros), e que, portanto, ainda não foi organizada regularmente como autônoma, isto é, juridicamente ou eclesiasticamente como “igreja”.

<sup>31</sup> Bendix (1986, p. 235) registrou que, quando as demandas dos seguidores são satisfatoriamente atendidas pelo líder, “desenvolvem-se regras e tradições que desnaturam o carisma que eles conscientemente pretendiam servir”. Modifica-se, portanto, o sistema de dominação outrora estabelecido.

<sup>32</sup> Segundo Bourdieu (1984, p. 90), “falar de capital específico é dizer que o capital vale em relação a um certo campo, portanto dentro dos limites deste campo, e que ele só é convertível em outra espécie de capital sob certas condições”.

A comunidade passou por um período de transição, nas palavras do próprio pastor Armando Bispo da Cruz, “tomando como base os critérios de funcionalidade, eficiência, objetividade, contextualização e respaldo neotestamentário” (1994, p. 100) visando alterar as estruturas eclesiais vigentes naquele período de sua história.

A transição não foi tão fácil como se esperava, pois as estruturas estavam arcaicas e desgastadas. Tinha-se perdido a flexibilidade e a capacidade de adaptação ao novo que surgia, o que por sinal constituiu-se numa possibilidade sempre presente. Era preciso crer no processo de mudanças que trazia a marca da espontaneidade e da criatividade do Espírito Santo que, aliado à criatividade da comunidade, gerava ideias e experiências capazes de tornar a igreja mais viva e poderosa para impactar a sociedade (NOGUEIRA, 2008, p. 26).

No discurso acima é visível a diferença entre a antiga ordem institucionalizada e a nova, que estava sendo “gerada pelo Espírito santo” com a mediação da nova liderança. Enquanto a primeira era marcada pelo engessamento, pelo anacronismo e pelo desgaste, a segunda seria portadora de espontaneidade, criatividade, vida e poder espiritual. Essa transição provocou seu rompimento com a organização denominacional da qual a comunidade se encontrava vinculada.<sup>33</sup>

Depois de um período de grande turbulência e em meio a questionamentos de uns e a desistência de outros, chegou-se ao ponto em que a comunidade decidiu acreditar que havia um caminho a ser percorrido. A igreja decidiu pela desativação de todos os departamentos, pela suspensão de quase todas as atividades, até mesmo os diáconos, líderes dos departamentos, resignaram seus postos, a fim de que, sob a orientação pastoral, o rebanho pudesse dedicar-se à oração e ao exame cuidadoso das Escrituras, para uma melhor compreensão da atuação do espírito santo na vida da igreja local. Foi praticamente um ano de espera, enquanto estudava-se a pessoa e a obra do Espírito Santo, a dinâmica da igreja primitiva, os dons espirituais e a função e a qualificação dos líderes da comunidade. (NOGUEIRA, 2008, p. 26)

As mudanças, então, começaram a acontecer. Surgiram unidades de serviços lideradas pelos próprios membros que foram chamadas de “ministérios” e que passaram a atuar dentro e fora da igreja local. A supervisão e a administração desses ministérios foram realizadas inicialmente de modo informal, mas foi aperfeiçoada para garantir unidade e ordem nas atividades religiosas realizadas pela

<sup>33</sup> Segundo Ladeira (2007, p. 56), a convenção batista da qual a IBC fazia parte “é formada por 110 igrejas e 125 congregações espalhadas em cerca de 80 municípios”.

comunidade. Estas não eram mais centradas na figura do pastor, que mantinha a presidência da igreja e a tarefa de orientar, de modo geral, os ministérios. Dessa forma, considerava-se que, ao invés de um modelo administrativo hierárquico e burocrático, estava se adotando um modelo que se adequava “ao dinamismo e espontaneidade da comunidade”. Quando, na verdade, mantinha-se a hierarquia e certo nível de burocracia sem a vinculação com a estrutura defendida pela denominação de origem.

Para compreender melhor essa mudança, deve se observar que as igrejas batistas são autônomas, elas podem se vincular a uma convenção. Para que isso aconteça, precisam aceitar uma declaração doutrinária e cooperar em programas comuns a todas as igrejas, seguindo também uma estrutura administrativa que se impõe como norma sobre toda comunidade afiliada.

As igrejas batistas se filiam em convenções regionais que por sua vez se ligam a convenções nacionais. A “forma de governo”<sup>34</sup> dessas igrejas, numa linguagem teológica, é conhecida como “congregacional” e possui muitas variações. A forma predominante de “congregacionalismo” é aquela onde os membros de uma comunidade cristã local elegem o pastor e os diáconos responsáveis pela administração, mas conservam o poder para tomar as decisões mais importantes, tais como eleições de líderes, venda e compra de imóveis, etc.

Uma das principais características das igrejas batistas é a autonomia. Cada igreja é um grupo livre de crentes que não tem a obrigação de sujeitar-se a qualquer tipo de autoridade que lhe seja externa, tais como as próprias convenções ou outras igrejas locais. A saída da IBC das instâncias em que esteve associada não deve, portanto, causar nenhum estranhamento por não se tratar de um caso único. Pessoalmente, não considerei a possibilidade de ouvir as partes a fim de tentar elucidar as razões que produziram esse desligamento.

A IBC rompeu também com a forma de governo tradicional das igrejas batistas e adotou uma forma mais próxima daquela que, novamente em termos teológicos, é chamada de “episcopal”, que tem como figura central na tomada de decisões o pastor principal, chamado também de “Bispo” (sem nenhum trocadilho

<sup>34</sup> Para uma descrição, numa perspectiva teológica, das formas clássicas de governo eclesiástico e suas variações, cf. Wayne Gruden (1999).

com o nome do Pr. Armando). Essa forma de governo favorece o exercício do poder religioso por líderes carismáticos dentro de uma comunidade cristã. Conforme Bourdieu (1992, p. 92), “o poder religioso é o produto de uma transação entre os agentes religiosos e os leigos”, além disso, “todo o poder que os diferentes agentes religiosos detêm sobre os leigos e toda a autoridade que detêm nas relações de concorrência objetiva que se estabelecem entre eles, derivam seu princípio da estrutura das relações de força simbólica entre os agentes religiosos e as diferentes categorias de leigos sobre os quais exercem seu poder”.

As sementes da mudança não apareceram, portanto, do nada, de um vazio, mas têm sua origem sociológica nas relações de poder existentes no contexto da comunidade religiosa. É interessante que Bourdieu (1992, p. 92), ao discutir as ideias de Weber sobre o poder exercido pelo profeta, observou que este “baseia-se na força do grupo que mobiliza por meio de sua aptidão para simbolizar em uma conduta exemplar e ou em um discurso [...] os interesses propriamente religiosos de leigos que ocupam uma determinada posição na estrutura social”. Isso significa que o líder carismático, como pode ser caracterizado o Pr. Armando Bispo, lida com “aspirações que já existiam antes dele, embora de modo explícito, semiconsciente ou inconsciente” dentro da comunidade de seguidores, vindo à tona a partir de seus discursos, conduta exemplar ou palavras de ordem. A palavra profética é uma “fala exemplar”. Assim, teve êxito como profeta, pois conseguiu “dizer o que era para ser dito” (BOURDIEU, 1992).

As mudanças que se processaram foram entendidas e recebidas pela comunidade como uma forma da ação de Deus e produziram novas práticas religiosas a partir dos ensinamentos do Pr. Armando. Nogueira (2008, p. 27) descreveu esse quadro da seguinte forma:

Não demorou até que a comunidade percebesse a atuação poderosa do Espírito Santo no meio do seu povo. Através do estudo de cada dom espiritual, as pessoas foram renovando seu compromisso com Deus e com a igreja. A percepção de que cada um recebeu de Deus o dom e que pode

<sup>35</sup> Segundo Bourdieu, “O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá aquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *autoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe [...]. O *kred*, o crédito, o carisma, esse não-sei-quê pelo qual se tem aqueles de quem isso se tem, é o produto do *credo*, da crença da obediência, que parece produzir o *credo*, a crença, a obediência” (1989, p. 188)

e deve colocá-lo a serviço do Reino foi revolucionária para o rebanho. De posse dessas verdades, os membros do corpo local puderam entender que todos são ministros de Cristo

A plasticidade da nova estrutura administrativa permitia o aparecimento e o desaparecimento dos ministérios de acordo, na leitura de Nogueira (2008, p. 27), com “a visão que o espírito santo dava a cada membro. Os ajustes maiores nesse novo modelo foram feitos ao longo dos anos sob a supervisão pastoral e o apoio dos liderados.

As mudanças que a IBC atravessou tornam praticamente impossível a sua classificação dentro das tipologias do protestantismo histórico ou dos pentecostalismos brasileiros (Cf. Anexos e Apêndices) a situam dentro do quadro das novas comunidades que surgiram na década de oitenta do século passado.

O crescimento numérico da IBC, por sua vez, obrigou-a a uma verdadeira peregrinação, levando-a a vender seu antigo imóvel e a se reunir em lugares como o Hotel Metropolitan (?-1988) e a sede do Colégio Sete de Setembro no Bairro Papicu (1996-?). Essa mobilidade se relaciona ao movimento do próprio modelo administrativo implementado.

Entre a utilização desses dois lugares, destaca-se o aluguel de uma propriedade no bairro Dionísio Torres, onde foi construído um “templo” nada convencional, que ficou conhecido como a “Palhoça”, uma construção artesanal utilizando materiais da carnaubeira inédita para os padrões das igrejas evangélicas de Fortaleza acostumadas às estruturas fechadas de concreto (Cf. A Fotografia 2). Posteriormente, essa propriedade foi adquirida e nela foi criado também o Colégio Kerigma (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2006?).



**Fotografia 2** - Pregação do Pr. Armando Bispo na “Palhoça”  
**Fonte:** 25 ANOS DE MINISTÉRIO..., 2008.

A IBC, então, passou a desenvolver um modelo eclesiológico<sup>36</sup> considerado inovador para o campo religioso evangélico brasileiro e cearense, que revelou afinidade com as experiências ministeriais dos pastores norte-americanos Bruce Bugbee, Dano Cousins e Bill Hybells. Esse modelo ficou conhecido como **Rede Ministerial**,<sup>37</sup> sendo desenvolvido no contexto brasileiro pelo Pr. Armando Bispo na IBC e, mediante uma série de estratégias, “exportado” posteriormente para comunidades de diversas denominações no Brasil.

As instalações físicas da IBC, em meados dos anos noventa, já não eram suficientes para dar conta dos sonhos e projetos de sua liderança. Onde abrigar as diversas reuniões da comunidade e o crescente número de membros? a liderança

<sup>36</sup> Tradicionalmente, entende-se Eclesiologia como o ramo da teologia (bíblica, sistemática ou dogmática) que aborda temática relacionadas à igreja ou mesmo a modos de conceber sua organização. Quando se fala em “modelo eclesiológico”, portanto, têm-se em vista a forma como as igrejas locais ou as denominações religiosas se organizam.

<sup>37</sup> Segundo os pastores Bruce Bugbee e Armando Bispo, “A *Rede Ministerial* é um sistema de fluxo de pessoas para a igreja”, cuja aplicação pode produzir “resultados acima do comum” e que os líderes que usam esse sistema “citam benefícios como maior participação, aumento do número de voluntários, crescimento das doações, redução da rotatividade e maior satisfação global dentro do ministério” (BUGBEE e CRUZ, 1997, p. 124 e 125).

da IBC, a partir da visão ministerial do Pr. Armando Bispo, preparou-se para desenvolver um ousado projeto de construção, assim descrito no *site* da IBC:

Em 1996, Deus passou a direcionar nossos corações para nos mudarmos para um local definitivo, e assim a liderança passou a procurar várias localidades em Fortaleza que servissem de abrigo para os sonhos que o Senhor estava nos presenteando. Após muita procura, em 1998 adquirimos uma propriedade de tamanho e valor impensáveis para nossa realidade naquela época: O campus Pedras, com 24 hectares (24 mil metros quadrados) a um custo de R\$ 800.000,00. Na entrada da cidade, num local de fácil acesso, tanto pela BR-116, como pela Washington Soares e pelo Anel Viário.

Deus realmente nos dera algo muito além dos nossos sonhos mais incríveis! E com a fidelidade, investimento, sacrifício (sic) dos irmãos, em 1999 nós recebemos a posse definitiva do nosso terreno, com o pagamento da última parcela. Estávamos prontos para iniciarmos uma nova fase em nossa caminhada.

No final de 2002, devido às inúmeras dificuldades de espaço e logística que enfrentávamos no Colégio 7 de Setembro, começamos a planejar a ocupação do campus Pedras, até então somente utilizado para retiros e evento especiais. Nossos engenheiros e arquitetos desenharam várias possibilidades, porém uma estrutura que abrigasse mais de 2.000 pessoas não seria uma realização fácil e barata.

Então a liderança, com base em pesquisas anteriores, optou pela construção inédita de uma tenda com 5.000 m<sup>2</sup> de área livre. (IGREJA BATISTA CENTRAL: 2006?)

A opção pela construção de uma tenda e não de um templo nos moldes convencionais, segundo seus idealizadores, atendeu a vários critérios de ordem prática: aproveitamento da estrutura pré-existente (palco, anfiteatro, piscina para batismos, cozinha e banheiros); adequação ao clima cearense; flexível para crescimento da comunidade; rápida construção; beleza e baixo custo de manutenção (IGREJA BATISTA CENTRAL: 2006?). A construção da tenda justificava-se ainda pelo impacto visual e pela tecnologia utilizada:

Quem chega em nossa propriedade, certamente fica impressionado com o projeto. Suas características técnicas são inigualáveis, do que há de mais moderno no mundo. Ela é utilizada em projetos de ponta, desde centros de convenções (Chicago, EUA) até aeroportos (Riad, Arábia Saudita e Denver, EUA). O cálculo de nossa tenda foi elaborado na USP, em São Paulo, e depois de construído, nosso auditório tornou-se um projeto piloto, referência de estudo em nosso país. O tecido é importado da Alemanha, com base de teflon, com garantia de 15 anos, mas a previsão de duração é de praticamente o dobro disso (IGREJA BATISTA CENTRAL: 2006?)



Segundo informação verbal,<sup>38</sup> o ânimo dos membros e da liderança teria sido revigorado pela leitura da passagem bíblica que se encontra no livro do profeta Zacarias, capítulo dois, versículo cinco,<sup>39</sup> pois marginais que usavam o espaço para consumo de drogas e “desova” de cadáveres tentaram intimidar e impedir a ocupação da área onde seria construída a tenda com ameaças à segurança do lugar. A despeito disso, o momento de erguer a grande lona branca da Tenda foi marcado por forte emoção, sendo acompanhado por “orações e clamores” a Deus.



**Fotografia 3** - Erguimento da Tenda da IBC  
**Fonte:** 25 ANOS DE MINISTÉRIO..., 2008.

No mês de setembro de 2003 realizaram-se os primeiros cultos na nova propriedade, sob o abrigo da tenda, que possui uma capacidade para acolher cerca de cinco mil pessoas. O ineditismo desse projeto levou uma pesquisadora, com certo deslumbramento, a afirmar: “Estando na IBC, você se sente mais em um auditório de primeiro mundo que em uma igreja protestante, inserida em um bairro pobre de Fortaleza” (LADEIRA, 2007, p. 56). Em entrevista, Rosimar (, <sup>40</sup> um outro membro da igreja comentou: “estou aqui desde o final dos anos setenta. Vi quando o

<sup>38</sup> Membro conhecido como José Carlos, no culto de comemoração dos 25 anos de ministério do Pr. Armando Bispo, em 03 de março de 2008, na Tenda do Bairro Pedras, em Fortaleza-CE.

<sup>39</sup> Na supracitada passagem bíblica, se lê “Pois eu lhe serei, diz o Senhor um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória” (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA, 1999, p. 1076).

<sup>40</sup> O nome é fictício, pois o membro pediu para não ser identificado.

pastor Armando chegou. Vi as mudanças que começaram a acontecer e hoje vejo tudo grande. Diferente de como era no começo, mas bonito”.



**Fotografia 4 – Vista noturna da Tenda**  
**Fonte: 25 ANOS DE MINISTÉRIO..., 2008.**

Nos últimos anos, a IBC foi se distanciando do modelo da **Rede Ministerial**, e passou a utilizar também a estratégia de “pequenos grupos” para consolidação da membresia e evangelização, combinando diversas estratégias novas, dentre as quais se destaca o “Celebrando a Restauração”,<sup>41</sup> desenvolvido inicialmente nos Estados Unidos pela Igreja Saddleback, que foi fundada por um dos mais conhecidos líderes cristãos norte-americanos da atualidade, o Pr. Rick Warren.<sup>42</sup>

<sup>41</sup> A experiência da IBC foi considerada tão bem sucedida que a Igreja Batista de São José dos Campos-SP, pioneira na implantação desse e de outros programas da Igreja Saddleback enviou representante a Fortaleza para conhecê-la.

<sup>42</sup> Rick Warren é o idealizador da metodologia conhecida como “Igreja com Propósitos”. Igrejas e pastores de várias denominações têm aderido a essa metodologia. A obra principal de divulgação desse modelo é: WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Vida, 1999. Simplesmente um dos livros evangélicos mais vendidos na última década. A igreja batista brasileira que mais divulga essa metodologia é a Igreja Batista de São José dos Campos.

A implementação do Programa “Celebrando a Restauração” produziu um profundo impacto na liderança da IBC. Nelson Massambani, líder desse ministério, durante a entrevista realizada, ressaltou esse fato ao afirmar que

*Eu diria que Deus, nesses nove anos que eu estou aqui sacudiu mais. [...] Ele sacudiu na época, quando houve o primeiro rearranjo, com a chegada do Celebrando a Restauração. Foi um novo movimento aí. Isso foi há sete anos atrás. Certo? Então, ali houve um remelexo com toda a liderança da igreja. Meu amigo, mexeu com todo mundo. Márcio foi prá Grupos Pequenos. Pr. Alcimou começou com o retiro espiritual. Foi há sete anos atrás. Foi um remelexo que Deus deu ali [...].*

O Programa “Celebrando a Restauração” utiliza os “12 passos” utilizados pelos Alcoólicos Anônimos e outros grupos que combatem os chamados “vícios” – adaptando-os para o uso religioso uma estratégia que também tem bases religiosas – e tem como público-alvo as “pessoas com problemas de depressão, alcoolismo, drogas, transtornos alimentares, traumas emocionais e outras dificuldades” (GUIMARÃES, Y. 2007, p. 8).

O propósito é “ajudar as pessoas a vencerem seus traumas, vícios e maus hábitos, através de diferentes grupos de apoio, onde as pessoas ajudam umas às outras, sem terapia ou orientação profissional e sem uma estrutura hierárquica” (GIOVENARDI, 2007, p. 34). Nesse aspecto, usando expressões empregadas por Giddens (1993, p. 87), a *Restauração* seria uma estratégia religiosa de recuperação do vício mediante “profundas mudanças no estilo de vida e um reexame da auto-identidade”, tendo como motivo condutor da ação dos grupos “uma reescrita da narrativa do eu”.

Segundo Giovenardi (2007, p. 34), “Na prática, um grupo de apoio se reúne e trata de seus problemas comuns partilhando experiências, falando e ouvindo, produzindo o chamado efeito espelho: ver a si mesmo no outro, percebendo qualidades, defeitos, atitudes e comportamentos até então não percebidos pela pessoa”. Atualmente existem os seguintes grupos: Depressão, Traumas Emocionais, Ira, Alcoolismo, Transtornos Alimentares, Dependência de Amor e Sexo, Co-dependência e Drogadicção. Existe ainda um “grupão de apoio”

para quem não se identifica com nenhum dos grupos acima, mas que discute temas como comportamentos disfuncionais, vícios e maus hábitos.<sup>43</sup>

A base da estrutura administrativa atual da IBC foi consolidada em 2007, como decorrência de um processo de estudos e de avaliação iniciado no ano de 2005, implicando em revisão de contratos e reorganização do espaço físico. Antes de 2005, por exemplo, cada Ministério possuía sua sala, o que provocava dificuldade de integração, falta de comunicação e troca de experiências, além de dificultar um planejamento conjunto. Com a reorganização do espaço físico, foram colocados todos numa mesma sala, onde as tensões iniciais deram lugar a uma interação maior e aquisição de maior agilidade e autonomia para as equipes de trabalho.

A IBC, através de sua liderança, no final de 2008, assumiu a visão de que é uma “igreja de pequenos grupos”. Em entrevista (30/08/2011), Síria Giovenardi atesta que

*Há dois anos atrás, a gente já tinha os grupos pequenos... dentro dessa evolução da igreja deixar de ser tão organizacional para ser uma igreja mais relacional... o Pr. Armando, ele... assim, Deus aperfeiçoou a visão. Ele sempre teve essa visão, mas assim é como se Deus desse um foco maior. Essa coisa da igreja ser uma igreja voltada para as pessoas, voltar a ser uma igreja mais neotestamentária... [...] Essa visão ficou muito forte, da gente ter menos estrutura. A gente entende que precisa ter um local para reunir. A gente não navega por essa ideia, por essa corrente que fala da igreja ser totalmente orgânica, que não tem templo... Não é por aí... a gente não vai para esse extremo. Essa coisa dos pequenos grupos foi ficando cada vez mais forte. Hoje, então, a igreja está procurando se entender, se configurar como uma **igreja em grupos pequenos** (tom de ênfase). Até dois anos atrás nós éramos uma igreja de grupos pequenos... Hoje nós somos, estamos construindo em cima dessa linha, de sermos uma igreja em grupos pequenos.*

A visão do Pr. Armando Bispo foi decisiva, mais uma vez, para o direcionamento das atividades religiosas da IBC. O termo “visão” na perspectiva teológica relacionada ao ministério pastoral encontra uma melhor definição em Means (apud MONTROYA, 1998, p. 333): “a visão é uma tentativa de articular, de

<sup>43</sup> O antropólogo Carlos Alberto Steil, ao discutir a dimensão místico-religiosa no contexto contemporâneo, destaca as “articulações entre o sagrado e a busca de saúde, de equilíbrio psíquico e de bem-estar pessoal. As novas formas de crer surgem quase sempre relacionadas com tentativas de eliminar estados mórbidos ou de preencher o vazio deixado pelo estado de insatisfação difusa presente na sociedade moderna. Muitas das práticas religiosas, no quadro da experiência religiosa centrada no indivíduo, hoje estão efetivamente ligadas a questões terapêuticas que se configuram, em alguma medida, como parte de um sistema de cura. Um sistema que pode abranger desde rituais massivos até procedimentos restritos e individualizados realizados no espaço” (2008, p. 13).

modo mais claro e vivo possível, o estado futuro ideal que a organização deseja. A visão é o alvo que fornece direção, alinha os jogadores principais e fornece energia para as pessoas atingirem um propósito comum”. Montoya, numa leitura teológica, afirma que “Assim, em primeiro lugar, a visão é saber o que a igreja deve fazer e, depois, compartilhar com as pessoas, de tal forma, que também possam 'ver o invisível'. Sentimos que a visão para o pastor é principalmente ver o que Deus quer daquela igreja especificamente. A questão não é necessariamente mística ou reveladora. Antes, é possuir um profundo senso das possibilidades e conduzir outros a uma visão semelhante” (1998, p. 333). Ele acrescenta ainda que a visão será personalizada em cada líder e congregação, tendo como fontes o próprio Deus (mediante a Bíblia), as experiências do passado e as oportunidades do presente. Essa perspectiva exprime de uma forma muito clara o conceito de visão para o Pr. Armando Bispo e dos seus liderados, manifestas nas entrevistas e conversas informais.

Embora no discurso da liderança da IBC seja sempre ressaltado o aspecto da “visão” do Pr. Armando Bispo quanto ao modelo de “igreja em pequenos grupos”, outros fatores também foram decisivos. Segundo Anderson (nome fictício, pois o entrevistado solicitou a preservação de sua identidade), ex-colaborador, afirmou o seguinte:

*Ocorre que à medida de seu rápido crescimento a liderança da IBC percebeu que não dispunha de uma estrutura de liderança com chancela pastoral em quantidade adequada ao tamanho da membresia. Em outros modelos seria o caso de escolher e consagrar novos pastores para cuidar do rebanho, mas a decisão tomada pela liderança foi no sentido de estabelecer uma estrutura de grupos pequenos na qual os líderes não teriam a posição pastoral, mas exerceriam o pastoreio. Assim a função teria proeminência sobre o cargo - um valor muito caro para o Pr. Armando. O modelo foi copiado, com ajustes, da Willow Creek Community Church (Manuais foram traduzidos e líderes treinados conforme a experiência daquela igreja).*

*Quando isso aconteceu, a IBC funcionava em células familiares. Esses agrupamentos mistos (em termos de sexo, idade e interesses) aconteciam sem muita organização e não muito raro reuniam dezenas de pessoas na casa de uma família da igreja. Quando a proposta de grupos pequenos foi apresentada e junto com ela uma série de restrições em relação a tamanho do grupo, liderança, interesses comuns dos participantes e forma de crescimento entre outros, não foi digerida instantaneamente pela membresia. Vários líderes rejeitaram a ideia, de forma que, do meu ponto de vista, o fato de a IBC ter começado como uma igreja de grupos pequenos não foi uma decisão, mas (1) uma acomodação ao impacto da mudança em relação ao modelo de células familiares e (2) à ausência de*

*liderança preparada em número suficiente para atender ao seu rápido crescimento com elevado percentual de manutenção das decisões.*

Na fala do ex-colaborador fica evidenciada a necessidade de controle do rebanho em expansão na tomada de decisão, que pode ser analisada sob dois aspectos fundamentais: estabelecimento de uma liderança com “função pastoral”, mas sem “cargo pastoral”, visando a manutenção dos novos membros; e normatização dos pequenos grupos existentes a partir de um modelo previamente definido pela liderança da IBC.

Quanto ao primeiro aspecto acima mencionado, faz-se necessário adiantar o que direi mais adiante: a estratégia de pequenos grupos é, principalmente, uma estratégia de formação de lideranças. Novos líderes surgiram a partir daí. Isso talvez explique a resistência dos líderes dos pequenos grupos mais antigos: esse novo modelo afetava a base de poder desses líderes. Além disso, essa opção, conforme ressaltou o ex-colaborador, também vem “em resposta às pressões internas quanto às necessidades não atendidas de cuidado pastoral”. Esses novos líderes iriam ser preparados dentro do próprio modelo para suprir essas necessidades.

O segundo aspecto, a normatização dos pequenos grupos a partir de um determinado modelo (adaptação do modelo da *Willow Creek Church*), retira também desses antigos líderes o controle dos seus grupos, pois teriam que abandonar o seu modelo de pequeno grupo. Além disso, com a criação de novos pequenos grupos, o surgimento de novos líderes seria praticamente inevitável. Mais ainda, com a redistribuição dos membros em outros pequenos grupos, a antiga liderança perdeu a sua preeminência. Dessa forma, criou-se uma estrutura de pequenos grupos capaz de se ajustar à nova estrutura organizacional que a IBC estava implementando, com o prevalectimento de uma tendência à burocratização, que favorece o já existente processo de “episcopalização” do Pr. Armando Bispo.

Entretanto, dizer que a IBC é uma “igreja de pequenos grupos” não significa dizer tudo sobre a IBC. Por isso se faz necessário também compreender como funciona a estrutura organizacional da IBC e como esta se articula com a dos

pequenos grupos, contribuindo para o exercício da liderança carismática do Pr. Armando Bispo.

## **2.2 A estrutura burocrático-administrativa: as vivências da organização**

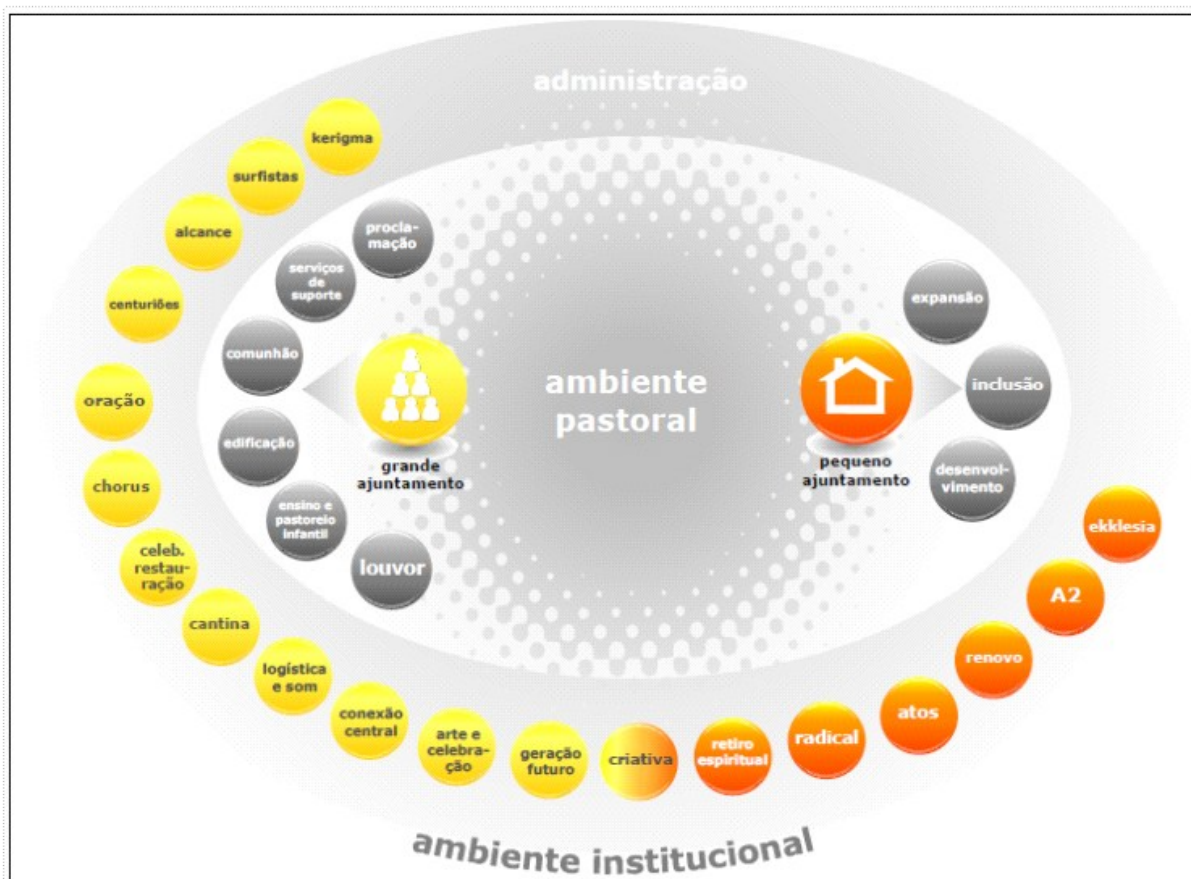
A formação de uma comunidade de discípulos, uma congregação, surge como “produto da cotidianização” para assegurar a continuidade da revelação e da administração da graça, garantindo de forma permanente “a existência econômica desta última e de seus gerentes, e monopolizando em seguida, em relação àqueles que são obrigados a cumprir os respectivos deveres, também determinando direitos” (WEBER, 1994, p. 311). Dessa maneira, com a entrada do ensino carismático na vida cotidiana, a adesão pessoal transforma-se também em adesão a uma forma de estruturação organizacional da comunidade.

Weber acentuou ainda que “o carisma puro é especificamente alheio à economia”, ou seja, não admite “o aproveitamento econômico dos dons abençoados como fonte de renda – o que, no entanto, é mais um ideal do que uma realidade” (1994, p. 160-161). Entretanto, em decorrência da necessidade de separação do líder das formas de sustentação regulares de caráter “mundano” (um emprego “secular”, por exemplo), concede-se ao líder carismático o sustento necessário para suas atividades (WEBER, 1999, p. 325). Com a transformação da comunidade carismática em uma empresa religiosa permanente, esse benefício pode se estender a diversos segmentos do quadro administrativo carismático.

Weber ainda ressalta que o *carisma* tem um grande poder de mudança em contextos marcados pelo apego à tradição, significando “[...] uma modificação da consciência e das ações, com orientação totalmente nova de todas as atitudes diante de todas as formas de vida e diante do ‘mundo’, em geral” (1994, p. 161).

A partir da configuração organizacional da IBC representada pela figura abaixo, é possível perceber a divisão do “trabalho religioso” em dois ambientes: o “ambiente pastoral” e o “ambiente institucional”. Essa divisão decorre da

compreensão de que a igreja tem duas dimensões: a “espiritual” e a “estrutural” (Informação verbal).<sup>44</sup>



**Figura 2** - Configuração organizacional da IBC  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009.

A “dimensão espiritual” está relacionada à ideia de que a comunidade cristã é, acima de tudo, um organismo. Teologicamente, se fala na comunidade cristã como o “Corpo de Cristo”. A salvação, a edificação, a mutualidade, a adoração, a mordomia, o serviço, entre outros, fazem parte da dimensão espiritual e são considerados frutos da ação do Espírito Santo de Deus. Enquanto organismo, a igreja conta com uma liderança espiritual que tem como objetivo a atividade de

<sup>44</sup> As explicações para as dimensões espiritual e estrutural da IBC foram fornecida por Aristides Ulhoa, líder da IBC, durante o seminário “Administrando a Igreja” no Encontro de Pastores e Líderes, em Fortaleza-CE, em 11 de junho de 2009. Conforme informações do site da IBC, Aristides “é administrador por dom e formação, supervisiona os processos de gestão financeira, pessoal e logística. [...] seu planejamento de gestão é primordial para que os pastores e demais diaconos possam atuar com maior liberdade na oração, na Palavra e no pastoreio dos discípulos. Graduado em Administração de empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR)” (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2010).



pastoreio dos membros. Essa liderança é responsável pelo encaminhamento dentro de uma visão, que orienta a visão de cada ministério no atendimento das necessidades dos membros da comunidade e da sociedade.

Duas áreas são da responsabilidade direta da liderança pastoral: o “**grande ajuntamento**”, composto pelas pessoas que se reúnem nas ocasiões de culto (sejam membros da congregação ou não), atendidas pela proclamação do evangelho, por estudos bíblicos (edificação), pelos serviços de suporte, pelo ensino e pastoreio infantil e pelo ministério de louvor; e o “**pequeno ajuntamento**”, o pequeno grupo, atendido nos termos do processo IDE, já descrito na seção anterior.

A “dimensão estrutural” ressalta o fato de que a comunidade cristã possui organização, estrutura física, recursos, etc, que visam servir de apoio aos propósitos da comunidade cristã enquanto organismo. A Administração, então, cumpre o papel de executar a visão da liderança espiritual. Ela requer o controle de processos, atividades, rotinas e recursos materiais e financeiros por parte de agentes especializados, liberando a liderança pastoral do trabalho operacional e das questões gerenciais. Tem, portanto, a responsabilidade de conduzir os processos de planejamento, organização, coordenação e controle necessários ao gerenciamento eficaz das atividades executadas.

Três grandes áreas estão sob a responsabilidade da Administração: a **gestão de pessoas**, que envolve: o recrutamento, a seleção e o treinamento de funcionários; a definição do plano de cargos e salários em quatro níveis a partir de critérios de competência e tempo de serviço; a aplicação de uma política de benefícios, tais como plano de saúde; e o zelo no atendimento à legislação trabalhista; a **gestão financeira**, que registra as entradas de dízimos e ofertas; cuida do pagamentos das despesas aprovadas em orçamento (cerca de 50 funcionários contratados, manutenção predial, serviços de energia elétrica, telefonia e água, contratação de uma empresa que presta serviços de vigilância armada, dentre outras), planeja os gastos mediante um orçamento; mantém um fluxo diário de movimento de caixa por razões de segurança;<sup>45</sup> e realiza os investimentos necessários; a **Logística**, que gerencia a aquisição, movimentação e armazenagem

<sup>45</sup> A IBC adota um procedimento que, nos dias atuais, tem sido muito comum entre as igrejas evangélicas: o movimento financeiro, por questões de segurança, não é divulgado publicamente, mas pode ser solicitado pelos membros no caso de dúvida quanto à aplicação dos recursos.

de materiais, os fluxos de informação correspondentes e a manutenção do patrimônio, com menor tempo e custo.

Essas três áreas compreendem o núcleo duro da burocracia que foi se estabelecendo nesse setor da vida da IBC nos últimos anos. Isso pode ser exemplificado muito bem pela descrição dos passos necessários para admissão de uma pessoa durante um seminário que realizou no EPL 2011, com o tema “Administração de uma igreja de pequenos grupos”:

### **PROCESSO DE ADMISSÃO**

#### **O LÍDER:**

**1.** Identifica uma demanda de serviço e, juntamente com sua equipe, reavalia as funções para definir se, de fato, esta demanda não pode ser suprida pela própria equipe.

Nesta ocasião o líder precisa dispor da descrição de cargos de cada membro da equipe e do organograma identificando a hierarquia e as respectivas áreas de competência;

**2.** Cria uma estratégia para levantar voluntários para suprir esta nova necessidade;

**3.** Avalia junto à Gestão de Pessoas a real necessidade de um profissional;

**4.** Preenche a ficha de descrição do Cargo

**5.** O Setor Pessoal identifica se a ficha está coerente com a política funcional.

(Neste estágio o processo pode ser interrompido ou continuado)

**6.** Define-se um salário e encaminha-se ao setor Financeiro a informação para aprovação.

(Neste estágio o setor Financeiro Pode barrar o processo ou sequenciá-lo)

**7.** Caso haja disponibilidade financeira o Setor Pessoal busca a aprovação final dos pastores;

**8.** Em seguida, o Setor Pessoal dá um retorno formal dos pareceres ao Líder de ministério;

**9.** Inicia-se o Processo Seletivo com divulgação da vaga, inicialmente via Intranet e, depois, nos veículos de comunicação;

**10.** Identificada a pessoa (Membresia e PG), leva-se ao conhecimento dos pastores, os quais têm liberdade para aprovar ou rejeitar o(a) candidato(a);

**11.** Finalmente, se estabelece a data de admissão, com a respectiva entrega de documentação, e se dá início ao contrato de experiência.

(IGREJA BATISTA CENTRAL, 2011, p. 5-10)

O texto acima, extraído dos *slides* utilizados no seminário acima referido, revela de uma forma muito viva a consolidação de um processo de burocratização na IBC dentro dos moldes weberianos: uma estrutura corporativa com fins

objetivos.<sup>46</sup> A “religiosidade congregacional” parece que não chega nesse setor da vida eclesial da IBC.

Os chamados “ministérios” (Colégio Kerigma, Surfistas e outros são descritos nos Anexos) são acompanhados, ao mesmo tempo, “espiritualmente” pela liderança da igreja (não necessariamente pelos três pastores), recebendo as orientações necessárias, e “administrativamente”, apresentando suas demandas com as devidas justificativas e sendo orientados na utilização dos recursos recebidos.

Essa forma bipolar de compreensão da igreja pode ser encontrada, por exemplo, na obra de Christian Schwarz<sup>47</sup> (2001), “Mudança de paradigma na Igreja”, que chama atenção para o perigo da tendência a concentrar-se na “organização”, produzindo uma identificação entre os dois pólos que deságua em institucionalização, ou no “organismo”, gerando uma separação radical entre os dois pólos que resulta em espiritualização. Enquanto a primeira tendência prevaleceria no protestantismo histórico ou no catolicismo, a segunda apontaria para os pentecostalismos.

As dimensões Administrativa e Espiritual acima apresentadas são distintas, mas não estanques. Na concepção da liderança da IBC, elas devem interagir. Essa distinção, a princípio, parece ser bastante simples e funcional. A sua implementação tem sido objeto de reflexões internamente, sobretudo quando se considera a respeito de qual dimensão tem maior peso na vida da comunidade. A declaração do Pr. Armando Bispo quanto a esse ponto é bastante significativa:

*[...] eu não gostaria que a Igreja Batista Central se tornasse no futuro... uma igreja marcada como instituição. Eu não sei se a gente chamaria isso de institucionalismo. Esse é o meu medo. Onde a estrutura, a igreja enquanto organização, enquanto instituição, enquanto estrutura institucional,*

<sup>46</sup> Segundo Weber (2004, p. 198), os três fatores da “empresa burocrática” são os seguintes: “1) existe uma distribuição fixa das atividades regularmente necessárias para realizar os fins do complexo burocraticamente dominado, como deveres oficiais; 2) os poderes de mando, necessários para cumprir estes deveres, estão também fixamente distribuídos, e os meios coativos (físicos, sacros ou outros) que eventualmente podem empregar estão também fixamente delimitados por regras; 3) para o cumprimento regular e contínuo dos deveres assim distribuídos e o exercício dos direitos correspondentes criam-se providências planejadas, contratando pessoas com qualificação regulamentada de forma geral”.

<sup>47</sup> Schwarz afirma se fundamentar na teologia sistemática do teólogo alemão Emil Brunner, dentre outros autores.

*organizacional. Eu não gostaria que ela oferecesse guarida para as vaidades pessoais, prá hierarquização do ministério, centralização do poder. Então, a instituição tem esse perigo. Ela é necessária para a igreja viver como organismo, como organização ela é necessária como serva e suporte do organismo. A organização é necessária para ser serva e suporte do organismo, mas nós precisamos manter a organização subserviente e serva do organismo. Pessoas são mais importantes do que o programa. Ser é mais importante do que fazer.*

Na visão do Pr. Armando Bispo, a igreja como *organismo* tem primazia sobre a igreja como *organização*. O comunitário tem primazia sobre o institucional.<sup>48</sup> Ao invés do tripé organização-metodologia-gerenciamento, o referencial tem sido organismo-pastoreio-relacionamentos. Essa bipolaridade favorece a manutenção do seu carisma enquanto líder principal da comunidade. Ela o desvincula, mas não o afasta de atividades mais burocráticas, que são delegadas a outros líderes que lhe prestam contas, ao mesmo tempo em que é liberado para as atividades que requerem muito mais da sua presença e da sua palavra, como as pregações e as “reuniões de alinhamento” com os líderes, ou seja, em reuniões onde ele transmite e reforça a visão que, em sua compreensão, como pastor da igreja, teria sido recebida por Deus. Essa visão, portanto, deveria ser acolhida pelos demais pastores, líderes e pelos liderados, servindo como um referencial tanto para as decisões a serem tomadas, como para os programas a serem desenvolvidos no futuro.

Falar em administração, planejamento, orçamento e outros conceitos relacionados ao processo de gestão no contexto das igrejas evangélicas não é matéria de consenso. É possível falar de organizações religiosas que se pautam por uma estrutura administrativa de caráter empresarial, como a Igreja Universal do Reino de Deus (CAMPOS, 1997) ou de comunidades pentecostais que ressaltam que os princípios de organização seculares não se coadunam com os objetivos espirituais da igreja (KIVITZ, 2006).<sup>49</sup>

<sup>48</sup> Bourdieu (1989, p. 192) acentuou os princípios que orientam as permutas entre agentes e instituições: “A instituição dá tudo, a começar pelo poder sobre a instituição, àqueles que deram à instituição, mas porque fora da instituição e sem a instituição eles nada seriam, e porque não podem negar a instituição sem se negarem a si mesmos pura e simplesmente privando-se de tudo o que eles são pela instituição e para a instituição à qual tudo devem. Em resumo, a instituição investe naqueles que investiram na instituição”.

<sup>49</sup> O pastor batista Ed René Kivitz (2006), mesmo com apresentando um caráter devocional, traz uma interessante discussão sobre “organismo” e “organização” que interessa tanto aos sociólogos da religião quanto aos agentes religiosos.

### 2.3 A experiência dos pequenos grupos: a vida do organismo

A construção desta seção foi feita a partir da entrevista realizada com o líder Nelson Massambani, de informações verbais do líder Márcio Félix, durante palestra realizada em 22 de maio de 2008 no Encontro de Pastores e Líderes e da observação de reuniões de pequenos grupos.

O modelo de pequenos grupos antecede à existência da IBC e não representa nenhuma inovação. Já existiam pequenos grupos na IBC antes que essa visão fosse adotada, sendo que estes eram supervisionados por um ministério específico até o ano de 2008, o AGRUPE (Apoio a Grupos Pequenos). Esses pequenos grupos têm como princípio vital a relação de pessoa a pessoa, servindo de contraponto à distância e à frieza “das normas objetivas e abstratas, sem as quais o grande grupo não pode subsistir” (SIMMEL apud WILLAIME, 2009, p. 145).

É importante ressaltar ainda que existem diversas formas de se construir numa igreja local a estrutura de pequenos grupos e que existem organizações paraeclesiais que se propõem a auxiliar nessa tarefa, como o Ministério Igreja em Células,<sup>50</sup> que possui boa aceitação em diversas denominações protestantes históricas, embora tenha sido fundada por membros da Igreja Evangélica Menonita.<sup>51</sup> A IBC procurou construir sua própria estrutura de pequenos grupos sem buscar a assessoria de organizações paraeclesiais.

Antes de seguir adiante, se faz necessário dar uma explicação a mais sobre a questão acima levantada. Em relação a existência de pequenos grupos, é

---

<sup>50</sup> Segundo o Pr. Robert Michael Lay, O Ministério Igreja em Células, sediado em Curitiba-PR, oferece às igrejas locais e denominações cristãs treinamento e materiais para que possam fazer a “transição pacífica e definitiva, sem rachas e divisões” de um modelo de igreja tradicional para o modelo de igreja em pequenos grupos, prometendo que, independente da forma de gerenciamento e administração, estas podem crescer de 25 a 35% ao ano se vivenciarem os valores transmitidos (O ANO DA TRANSIÇÃO, 2004, p. 4).

<sup>51</sup> O termo “menonita” se refere a Meno Simons (1496-1561), que liderou o movimento anabatista na Holanda, onde se chamavam os “Irmãos”. O movimento anabatista pretendia um retorno ao modo de vida da igreja do tempo dos apóstolos, pois considerava que a Igreja católica estava completamente desviada e que Lutero e Calvino não reformaram totalmente a igreja (CAIRNS, 1984).

possível classificar as igrejas evangélicas dentro dos seguintes modelos<sup>52</sup>: **Igrejas sem pequenos grupos**, comunidades que não possuem uma estrutura de pequenos grupos, mas que organizam suas atividades religiosas considerando a existência de “sociedades internas”, “departamentos” ou “ministérios” prescritas pela denominação à qual estão vinculadas (como, por exemplo, grupos de senhoras, de ação social ou estudo bíblico); **Igrejas com pequenos grupos**, que são geralmente comunidades que possuem, paralela à estrutura organizacional proposta pela denominação, uma estrutura de pequenos grupos em fase de implantação ou consolidação; **Igrejas de pequenos grupos (ou em pequenos grupos)**, que não seguem a estrutura organizacional de “sociedades internas, “departamentos” ou “ministérios”, submetendo essas organizações à estrutura de pequenos grupos e os adotam como “modo ser igreja”. Esses modelos, claros, apresentam singularidades conforme a realidade de cada congregação.

É possível encontrar na atualidade, dentro de uma mesma denominação, a existência de comunidades que se organizam dentro dos três modelos acima. É o caso, por exemplo, da Igreja Presbiteriana do Brasil. Algumas dessas comunidades presbiterianas, como a Igreja Presbiteriana de Fortaleza, possuem ministérios e grupos pequenos, além das sociedades internas previstas pela denominação.

Os pequenos grupos na IBC são formados por um número que varia entre 3 e 14 membros. Existem diversos tipos de pequenos grupos organizados em “Redes”, visando atender segmentos com necessidades espirituais e sociais distintas: crianças, adolescentes, jovens, homens, mulheres, solteiros, divorciados, mulheres com maridos não crentes e casais. No caso de um grupo formado por casais, por exemplo, a orientação é que tenha, no máximo, sete casais. Essa

<sup>52</sup> Aqui faço uma adaptação baseando-me nos três tipos de igrejas apontados pelo Ministério Igreja em Células: “UMA LAGARTA, Igreja baseada em programas no coração e nos odres da estrutura; UMA BORBOLETA EM POTENCIAL, Igreja em células no coração, mas não tendo ainda os odres da estrutura de uma igreja em células; UMA BORBOLETA, Igreja em células no coração e nos odres da estrutura” (O ANO DA TRANSIÇÃO, 2004, p. B-3). Cada tipo, nessa ordem, corresponde ao modelo que destaco. Observe-se o juízo de valor na utilização de uma metáfora da natureza embutido nas expressões “lagarta” e “borboleta”. O termo “célula”, outra metáfora, equivale a “pequeno grupo”. O termo “odre” se refere a um tipo de recipiente feito de couro onde se guardava o vinho nos tempos bíblicos. É uma referência a ensinamentos de Jesus Cristo que se encontra da seguinte forma no Evangelho segundo Lucas, capítulo 5, versículo 37 a 38: “E ninguém põe vinho novo em odres velhos, pois o vinho novo romperá os odres; entornar-se-á o vinho e os odres se estragarão. Pelo contrário, vinho novo deve ser posto em odres novos [e ambos se conservam]” (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999, 1190). O texto é interpretado na perspectiva da necessidade de se repensar a estrutura da igreja local.

variação do número de membros pode ser verificada na prática. Numa reunião de pequeno grupo observada, que aconteceu em um bairro próximo ao colégio Kerigma, por exemplo, além do líder e sua esposa, contou-se com a participação de mais dois casais. Outros, por motivos de viagem, não compareceram à reunião.

Em relação à faixa etária da liderança nos pequenos grupos, existe também a preocupação que a geração mais velha cuide da geração mais nova, que pode ser exemplificada pela prática de utilizar jovens mais maduros para liderar grupos de adolescentes. Esse mesmo critério pode ser observado nos pequenos grupos de crianças, onde os líderes são adolescentes.

A escolha de líderes para os pequenos grupos não utiliza a formação teológica como um critério determinante. A vida de testemunho pessoal e familiar conta como um elemento decisivo nessa escolha. No ano passado, 2010, a IBC resolveu desenvolver um processo de formação para esses líderes conhecido como “capacitar”, descrito pelo Pr. Armando Bispo como “o maior mutirão de ensino e capacitação de liderança jamais experimentado na vida da IBC”. Ao invés de privilegiar apenas alguns, o objetivo era investir em toda a rede de líderes para que os mesmos transmitissem os conteúdos e experiências aos membros de seus pequenos grupos, produzindo um “nivelamento”, por representar uma formação comum, e “alinhamento”, por ajustar esses líderes à “visão” da IBC.<sup>53</sup>

A IBC, como já foi mencionado, havia criado uma estrutura de ministérios e, paralelamente, foi desenvolvendo seus pequenos grupos. Estes últimos adotam os seguintes princípios vitais para a sua dinâmica de funcionamento: assegurar a prática de atividades ligadas à evangelização e integração de novos membros, à formação dos membros dentro de princípios éticos e culturais, ao desenvolvimento de laços comunitários e à capacitação para atividades de serviço em favor de outros; incentivar e preparar os membros para anunciar a sua fé, exercer dons espirituais, crescer e praticar mandamentos que incentivem à mutualidade; favorecer um espaço onde os membros se sintam seguros e aceitos, considerando que “prestarão contas” de sua vida e estão caminhando na restauração de suas vidas; garantir e acompanhar a formação dos membros no ensino bíblico, permitindo avaliar a

<sup>53</sup> O curso Capacitar é dividido em seis módulos, cada um com quatro disciplinas (Cf. o currículo desse curso nos Anexos).. O currículo pretende atender três áreas em especial: o exercício da liderança de pequenos grupos, a vida moral do líder de pequeno grupo e ensino da Bíblia.

situação espiritual destes. O grupo, para cumprir essas finalidades, deve firmar os seguintes compromissos:

- Pelo menos 3 (três) reuniões por mês;
- Cada membro assume a responsabilidade pelo pastoreio mútuo;
- Sigilo total quanto às partilhas e confissões quando for o caso, procurar ajuda junto ao orientador, para com a pessoa);
- Cadeira vazia: sempre tem espaço para mais um. (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009b, p. 2)

Há diversas formas de acesso à participação em um pequeno grupo. As formas mais comuns de acesso ao pequeno grupo, para que está de fora dessa dinâmica, são as seguintes: (1) o membro da IBC, por exemplo, que ainda não está participando, pode procurar o pequeno grupo que se reúne mais próximo da sua casa; (2) os convidados que se convertem nos cultos dominicais,<sup>54</sup> ao final destes, recebem orientações dos voluntários que ficam no espaço chamado “Conexão Central” (que fica ao lado da Tenda no Bairro Pedras) e são encaminhados a um pequeno grupo; (3) os convidados a participar de uma reunião podem se tornar membros. Os membros de outras igrejas evangélicas não são convidados para participar das reuniões, mas podem conseguir permissão para frequentá-las caso tenham interesse em levar a experiência dos pequenos grupos para suas igrejas.

Uma das estratégias para alcançar pessoas para o pequeno grupo é a iniciativa individual ou o convite pessoal, práticas incentivadas pela liderança da igreja mediante o boletim semanal, conforme o texto abaixo, extraído de uma coluna do boletim de 16 de agosto de 2009 ((IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009e, p. 2):

#### **COMO ENCONTRAR UM PG?**

Pode ser por indicação de amigos próximos, ou você pode falar diretamente com um líder de pequeno grupo, ou ainda acessando o site [www.ibc.or.br](http://www.ibc.or.br) e preenchendo um cadastro na seção “Conecte-se”, na página principal.

<sup>54</sup> Ricardo Mariano (1999, p. 103) observou uma prática semelhante na Igreja Renascer em Cristo: “os novos convertidos são encaminhados para os GCDs (grupos de Comunhão e Desenvolvimento), que se reúnem semanalmente em residências. Nelas, os fiéis têm maiores oportunidades de formar laços de amizade – rede de sociabilidade importante para manutenção dos conversos numa igreja dotada de grandes templos – e são introduzidos nas doutrinas pentecostais básicas. Os GCDs formam os embriões dos futuros templos e por isso, desempenham destacado papel na expansão denominacional”. Faltam, no entanto, maiores detalhes que possibilitem uma comparação dos modelos de pequenos grupos adotados. A liderança da IBC, no entanto, não considera a possibilidade de construir outro grande templo em Fortaleza, além do que existe no bairro pedras, e muito menos de fundar pequenas congregações.



Informe-se no Espaço Conexão ou pelos contatos: pequenosgrupos@ibc.org.br e 3444 3600.

### **INCLUSÃO**

Se você conhece alguém que ainda não tem Pequeno Grupo, o Conexão Central disponibiliza convites impressos para você convidá-lo e incluí-lo em seu PG. São vários modelos que você pode escolher de acordo com o perfil do convidado. Durante a campanha “Juntos, para que muitos creiam” ninguém pode ficar de fora do PG, por isso inclua outros no seu grupo.

As reuniões dos grupos pequenos, de uma forma geral, acontecem nas casas, funcionando em um sistema de rodízio. Contudo, há exceções. É o caso dos pequenos grupos de adolescentes, cujas reuniões se realizam no Colégio Kerigma, e das crianças, que acontecem dentro do programa Geração Futuro.

Os seguintes elementos fazem parte das reuniões do pequeno grupo: **Louvor**, momento de adoração que pode acontecer com ou sem música; **Oração**, que pode ser na forma de intercessão, de gratidão, de pedido ou de reconhecimento; **Ensino**, que não se trata de uma pregação pelo líder, pois os participantes têm liberdade de falar e de instruir uns aos outros; **Confissão de pecados**, que deve ser ouvida com respeito, seguindo-se oração e palavras de encorajamento; **Prestação de contas**, é um momento no qual os participantes concedem liberdade para serem questionados pelos demais sobre assuntos relacionados a diversas áreas, tais como, vida conjugal, relacional, profissional, financeira, escolar, sexual, etc.; **Partilha**, trata-se de um tempo onde os participantes compartilham suas derrotas e vitórias, pedidos de oração e testemunhos de vida; **Celebração**, momento onde as conquistas particulares ou coletivas são festejadas pelo grupo; e **Dinâmicas**, que são técnicas que podem ser usadas em qualquer momento da reunião para apresentações, diversão, fortalecimento do relacionamento entre os participantes, fixação de ideias, etc (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009b).

Nas reuniões de pequenos grupos observadas foi possível verificar a aplicabilidade desses princípios. O “louvor” e as “dinâmicas” servem para “quebrar o gelo” da reunião. São momentos de leveza e descontração, abrindo espaço para que muitos membros participem e percambam a inibição de estar frente a um grupo.

A máxima de Jesus “onde dois ou mais estiverem reunidos, aí estarei no meio deles” pode se aplicado à forma como a presença e as palavras do Pr. Armando Bispo reverberam nos pequenos grupos de múltiplas formas, tais como no esboço de sua mensagem dominical e nas referências à suas prédicas realizadas aos domingos.

Os momentos mais “agudos” dessas reuniões são a “confissão de pecados”, o processo de “prestação de contas” e a “partilha”, onde assuntos de natureza muito íntima do indivíduo e de sua família são apresentados, muitas vezes, de forma muito forte. É um pressuposto dessas reuniões a construção de um ambiente de confiança, que permita as pessoas se expressarem sem serem interrompidas, censuradas ou posteriormente expostas à comunidade em virtude do seu relato.

Na reunião dos pequenos grupos também acontece uma vez por mês a celebração da **Ceia do Senhor**, onde os participantes comem pão e vinho (no caso da IBC, suco de uva), em memória da morte e da ressurreição de Jesus. Diferentemente de outras comunidades cristãs, a presença do pastor não é requerida para essa celebração desse ato litúrgico de natureza comunitária. Cabe ao líder do pequeno grupo, na data estabelecida, a tarefa de presidir essa celebração.

A Ceia é realizada na Tenda da IBC bimestralmente, não sendo considerada como um “sacramento”, como acontece no catolicismo e em algumas igrejas protestantes históricas. Esse posicionamento teológico retira dos pastores a “pretensão sacerdotal” de controlar essa celebração. Na prática, funciona como uma forma de reconhecimento do “sacerdócio universal dos crentes”.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Sacramento é um termo teológico utilizado para designar um meio de comunicação da graça de Deus aos homens. A Ceia do Senhor, também chamada de Eucaristia, é entendida e celebrada de forma distinta nos diversos segmentos do cristianismo: (1) no catolicismo fala-se em transubstanciação (o pão e o vinho se transformam no corpo e sangue de Jesus Cristo), somente o sacerdote tem autorização para celebrá-la em todas as missas e bebe o vinho; (2) no luteranismo fala-se consubstanciação (o corpo e o sangue de Jesus estão presentes no pão e no vinho, mas não ocorre nenhuma transformação); (3) no calvinismo admite-se que, ao participar do pão e do vinho na eucaristia, o fiel experimenta a graça de Deus mediante a ação do Espírito Santo; (4) no pentecostalismo e em muitas comunidades batistas, a Ceia tem apenas o aspecto de memorial, ou seja, é ressaltado apenas o que também é comum aos outros segmentos cristãos, que deve ser celebrada em memória da morte e ressurreição de Jesus Cristo e na expectativa da sua vinda. Nas diversas correntes protestantes, em geral, apenas o pastor tem autorização para celebrar a Ceia uma vez por mês e todos os fiéis comem o pão e bebem o vinho.



**Fotografia 5** - Batismos na IBC-Pedras (25/05/2008)

**Fonte:** MENDES, 2008.

O líder de pequeno grupo também tem autoridade para realizar o batismo das pessoas que se convertem a partir do seu testemunho. Esse rito, no entanto, não acontece no ambiente dos pequenos grupos. Acontece durante a celebração dominical em data apropriada, de forma coletiva, na piscina batismal. Essa prática diverge daquela adotada pelas igrejas protestantes históricas e pelas pentecostais e neopentecostais, onde apenas o pastor tem a prerrogativa de realizar a ministração desse ato. Além disso, da mesma forma como a Ceia, o batismo não é considerado um sacramento. É compreendido como uma ordenança deixada por Jesus Cristo para ser cumprida por aqueles que crêem, o que exclui a realização de batismos infantis. Na Fotografia acima, líderes batizam novos membros oriundos tanto da ação evangelizadora dos pequenos grupos quanto os convertidos durante as mensagens dominicais. Estes últimos, por sua vez, são encaminhados para um pequeno grupo a fim de integrarem na membresia da IBC.

A IBC, assim como as demais igrejas batistas e pentecostais, batiza seus novos membros por meio da “imersão”. Nessa forma ritual, os conversos têm que mergulhar todo o corpo nas águas da piscina ou, como é o caso da maioria das igrejas, de um tanque. No caso do catolicismo, emprega-se a pia batismal, pois o batismo é por “aspersão”, ou seja, os novos membros têm apenas a cabeça molhada com a água do batismo. Entre os protestantes históricos, por exemplo, os luteranos e os presbiterianos utilizam também a forma da “aspersão”, mas geralmente recorrem a recipientes com água nessas ocasiões. O diferencial é que, da mesma forma que a Ceia, a realização dos batismos não é prerrogativa dos pastores. Os líderes, ordenados ou não, administram os batismos. Mais uma vez, há uma retomada da ideia de “sacerdócio universal dos crentes”.

O Líder de pequenos grupos é considerado o responsável direto pelo funcionamento de toda essa dinâmica, tendo as seguintes responsabilidades:

Que ele viva e multiplique os valores de pastorear, mobilizar para o serviço, evangelismo, estimular o grupo a uma vida devocional de oração; promover o ensino; promover um clima de segurança e acolhimento; garantir o cumprimento das ordenanças (ceia, batismo e disciplina bíblica); estimular o repartir; promover a vivência / prática dos valores dos 5M's. (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009c, p. 3)

Além de receber orientações, dicas e materiais específicos para o exercício da sua função através de treinamentos de capacitação e de área exclusiva no site da IBC, o líder do grupo pequeno atua sob a supervisão de um Orientador, que tem o seguinte papel:

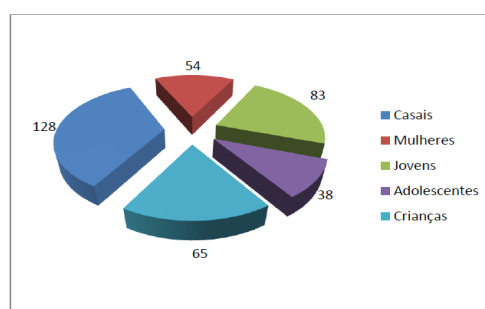
Cuidar dos líderes nos aspectos espiritual, pessoal e relacional, através da prática de prestação de contas; apoiar o desenvolvimento dos grupos pequenos sob sua oração através de oração, informação e do suprimento de recursos e de soluções; realizar reuniões com os líderes, visitar os grupos, dirimir conflitos, e outros; manter os líderes alinhados à filosofia de grupos pequenos e visão da IBC, acompanhando sua liderança (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009a, p. 9)

Os Orientadores, por sua vez, são acompanhados pessoal e ministerialmente por Supervisores e Diáconos<sup>56</sup> mediante a prática da “prestação de

<sup>56</sup> O termo “diácono” na IBC, assim como em muitas igrejas batistas, se refere a indivíduos, homens ou mulheres, que servem como líderes. Não tem o mesmo sentido que é empregado no catolicismo, ou seja, o de representar um degrau para o exercício do sacerdócio. Também não tem o mesmo

contas”. Esses últimos também cumprem as funções de preparar e disponibilizar recursos para auxiliar os pequenos grupos a cumprirem seu papel, além de preparar supervisores a partir dos orientadores (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009a, p. 7).

As Redes de pequenos grupos apresentavam a seguinte composição no primeiro semestre de 2011, conforme dados disponíveis no site da IBC e informações verbais obtidas em entrevista com Síría Giovenardi (30/08/2011):



**Gráfico 1-** - Total de pequenos grupos da IBC, conforme as Redes.  
**Fonte:** Entrevista com Síría Giovenardi, 2011.

No gráfico acima é possível perceber a predominância da Rede de pequenos grupos de casais sobre as demais. Esse número talvez possa ser considerado um reflexo de fatores como: as mudanças e crises que a estrutura familiar atravessa na sociedade contemporânea, a centralidade do tema “Família” nas séries de mensagens utilizadas pelo Pr. Armando Bispo e da família ser, tradicionalmente, um dos principais espaços para o testemunho dos membros de igrejas evangélicas. Essa rede conta com cerca de 1050 participantes, 128 líderes, 107 aprendizes, 22 orientadores, cinco supervisores e um coordenador (Pr. José Edson). Há uma segmentação desses pequenos grupos, tais como pequenos grupos para casais com filhos, para recém-casados e casais maduros. A Rede desenvolve ações como retiros para casais e outros eventos.

A Rede de mulheres apresenta o seguinte perfil em sua composição: mulheres casadas, entre 30 e 50 anos, que possuem curso superior e trabalham fora. Essa Rede está sob a coordenação de Síría Giovenardi e conta com 54 líderes,

---

sentido empregado no protestantismo histórico ou no pentecostalismo, referindo-se a indivíduo que é consagrado para tarefas como: arrecadação de ofertas, ajuda a necessitados, ordem nas dependências do templo, etc. Para uma discussão teológica e antropológica da diaconia na atualidade (cf. GUIMARÃES, J., 2010)

12 orientadores. Participam dessa rede cerca de 500 mulheres, dentre as quais solteiras, separadas, divorciadas e, principalmente, casadas.

A Rede de jovens tem 83 líderes, 49 aprendizes, 13 orientadores e um Coordenador (Márcio Holanda). Assim como nas Redes de crianças, adolescentes e mulheres, não existe a figura do supervisor. Existem 36 pequenos grupos para jovens do sexo masculino e 47 para jovens do sexo feminino. Não existem grupos mistos. Cerca de 800 jovens participam dessa Rede. Perfil desses jovens: faixa etária entre 18 e 30 anos, universitários ou profissionais, solteiros com ou sem namorado(a), morando com os pais ou sozinhos (as).

A Rede de adolescentes conta com cerca de 350 participantes, sob a responsabilidade de 38 líderes, 20 aprendizes, 12 orientadores e um coordenador. Não conta com grupos mistos. A Rede possui 19 pequenos grupos para adolescentes do sexo masculino e 19 para os do sexo feminino. Assim como os jovens em conjunto com eles em alguns casos, desenvolvem várias programações especiais.

O grande número de pequenos grupos na Rede de crianças se explica pelo fato dessa rede funcionar aos domingos, dentro do programa Geração Futuro (GF). Dominicalmente, cerca de 450 crianças comparecem às reuniões. Possui 69 líderes, 56 aprendizes e 12 orientadores. O papel de coordenador é desempenhado pelo diretor do GF.

O pequeno grupo desempenha um papel de grande importância na vida religiosa dos seus participantes, qualquer que seja a faixa etária dos mesmos. Enquanto a existência de lugares fixos para a realização dos serviços religiosos dá um sentido de “localização” e “referência” física e simbólica da comunidade em seu conjunto (aspecto que será ressaltado no capítulo 4), o deslocamento e a capacidade de mobilização da comunidade impede o seu fechamento em determinados limites geográficos, sua “paroquialização”. Aplica-se, nesse ponto, a essa realidade, as palavras de Simmel (apud WILLAIME, 2009, p. 150) ao caráter itinerante da evangelização batista na América do norte:

Essa mobilidade do serviço divino deve ser particularmente propícia para a propaganda, porque ela faz sentir concretamente aos adeptos dispersos que eles não estão nos postos avançados, isolados e perdidos, mas que pertencem a um todo unido, cuja coesão é mantida por ligações em funcionamento permanente.

Ao todo, cerca de 4.150 pessoas estão participando de pequenos grupos na IBC que se encontram espalhados por toda a cidade de Fortaleza, experimentando a dinâmica do “pequeno ajuntamento” de casa em casa durante a semana e a do “grande ajuntamento” aos finais de semana na Tenda.

Simmel (apud WILLAIME, 2009) chamou a atenção para o fato de que a vida religiosa é influenciada pela “determinação quantitativa do grupo”. Ele menciona o papel cumprido pelas pequenas comunidades cristãs de união dos indivíduos em torno da “experiência subjetiva da relação imediata com Jesus”, cuja extensão para grandes círculos resultou em esfacelamento dessa unidade em virtude de um crescente processo de despersonalização e institucionalização.

Os três pastores que compõem o “Ministério pastoral” acompanham diretamente os diáconos e supervisores, compondo o que chamam de “estrutura de pastoreio”, conforme pode ser visto na Figura 3.



**Figura 3** - Estrutura de pastoreio da IBC  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009.

Essa “estrutura de pastoreio” é um dos setores que fazem parte do “ambiente pastoral”. É uma estrutura eclesiástica piramidal, onde o poder e o modelo de liderança emana do pastor principal e “desce” até o líder de pequeno grupo, passando por pastores auxiliares, diáconos, supervisores e orientadores.



**Figura 4** - Estrutura do Processo IDE  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009.

A estrutura de pastoreio da IBC (ministério pastoral, diaconia, supervisores, orientadores, líderes de PG e aprendizes de líderes) depende de três processos utilizados na gerência dos pequenos grupos: Inclusão, Desenvolvimento e Expansão (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009a). As iniciais de cada processo formam a palavra “IDE”, que serve para identificar os processos fazendo alusão à ordem de evangelizar que Jesus Cristo deu aos apóstolos.<sup>57</sup>

<sup>57</sup> Essa ordem de Jesus Cristo é conhecida no meio protestante como a “Grande Comissão” e se encontra no trecho bíblico do Evangelho segundo São Mateus, capítulo 28, versículo 19 a 20: “**Ide**, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.” (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999, p. 1143-1144. Grifo nosso)

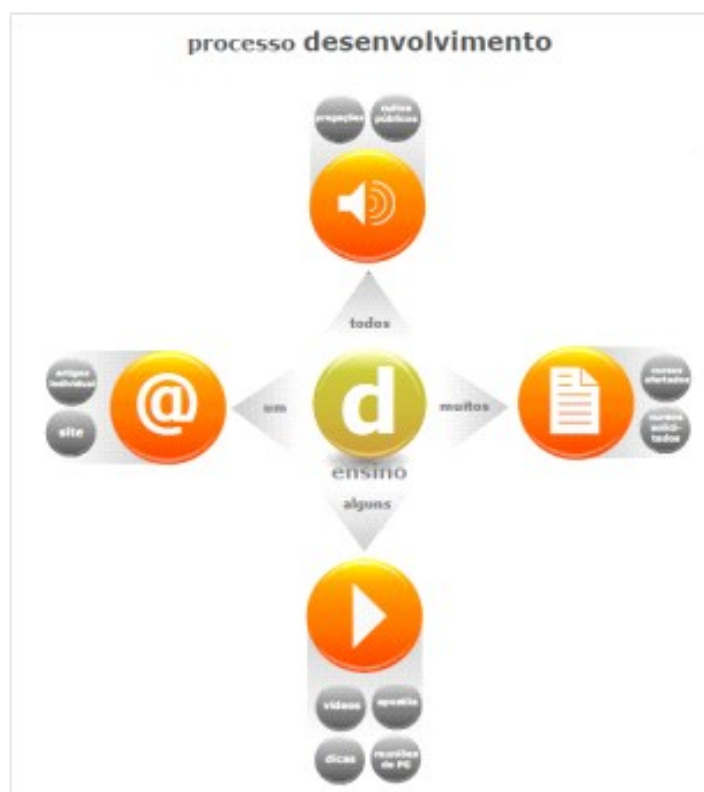


O primeiro deles chama-se **Inclusão**, sendo responsável pela divulgação do valor de participar de um pequeno grupo, pelo gerenciamento de cadastros, de inclusão de membros e outras questões que envolvem os membros (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009a). Ressalta-se, na Figura 5, o papel inclusivo e acolhedor que deve ser desenvolvido pelo pequeno grupo.



**Figura 5** - Processo INCLUSÃO  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009.

O segundo é chamado **Desenvolvimento** e diz respeito à produção dos materiais necessários para o ensino e a capacitação das lideranças (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009a). A Figura 6 apresenta a estratégia utilizada por esse processo em termos de metodologia, número de pessoas que se pretende atingir e recursos utilizados.



**Figura 6** - Processo de DESENVOLVIMENTO  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009.

Conforme a figura 6, então, as pregações e os cultos públicos visariam atender a “Todos”, ou seja, tanto os que são membros como os que não são membros da comunidade. O termo “Muitos”, por sua vez, refere-se apenas a uma grande faixa de membros da IBC, que seriam atendidos pelos cursos ofertados para atender algum objetivo específico ou através dos cursos solicitados pelos próprios membros. Um número mais reduzido, “Alguns”, líderes ou líderes em potencial, teriam acesso a vídeos, apostilas, orientações e reuniões dos pequenos grupos. Os artigos dos boletins e as informações e materiais do site da IBC atenderiam as pessoas individualmente, daí o emprego do termo “Um”.

O terceiro, **Expansão**, tem a responsabilidade de identificar e contribuir para a formação de novos líderes, estabelecer metas de crescimento para os grupos e mantê-los atentos para o valor da “cadeira vazia” (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2009a).

A formação de novos líderes é fundamental para a criação de novos grupos. Esse é um ponto central no processo de expansão. Conforme o Pastor Armando Bispo (2010): “nosso alvo é que cada membro da IBC um dia se torne um líder de PG, um discipulador que não cessa de conduzir pessoas a Cristo e edificar a vida daqueles que estão ao redor”.

Nas reuniões dos pequenos grupos deve haver sempre uma “cadeira vazia” como sinal de que o grupo deve estar aberto para acolher novas pessoas e, dessa forma, não se acomodar ao número de participantes que congrega e crescer para gerar um novo grupo. Isso exemplifica a afirmação de Schünemann quanto às estratégias de sociabilidade de comunidades evangélicas fundamentalistas: “Os processos de socialização e contato com pessoas não membros da igreja devem acontecer a partir de uma ótica conversionista. Em maior ou menor grau, todo fundamentalista é um sujeito envolvido na conversão de outras pessoas para o seu próprio grupo religioso” (2011, p. 126). A “cadeira vazia”, portanto, é a cadeira do próximo convertido.

A “multiplicação” de um grupo, ou seja, seu desdobramento em outro grupo, é prevista para acontecer dentro de um período que varia entre um ano e um ano e meio de existência do grupo. Acontece, nesses casos, uma divisão equilibrada, onde a tendência é que o novo grupo criado fique com a metade do número de membros do antigo grupo. O crescimento do número de grupos requer a preparação de líderes, que é inicialmente realizada dentro do próprio grupo com a figura do “aprendiz”. O Pr. Armando Bispo afirmou que

*Todos os grupos têm um aprendiz de líder, é obrigatório. Nos ministérios menos, mas também, no sentido de que o grupo pequeno quando nasce, ele já tem que nascer com o aprendiz. Isso é uma exigência. Ele já prepara. Porque? No caso dos grupos pequenos, como tem essa característica de multiplicação, o grupo vai se multiplicar num determinado período, num determinado tempo, aliás, depois de um determinado período. Então, ele já tem que estar preparado para ter um aprendiz. Quando ele se multiplica, o líder antigo adota um outro aprendiz e o aprendiz que se torna líder adota um outro aprendiz também. E assim a gente vai multiplicando liderança. Hoje, nosso investimento de capacitação é muito em cima da liderança, muito mais forte do que foi no passado.*

Durante a entrevista realizada com o Pr Armando Bispo, de forma descontraída, afirmei que esse era um “princípio Jedi” (uma alusão à série cinematográfica “Guerra nas Estrelas”, onde todo mestre tem um aprendiz sob sua orientação). Ele sorriu e confirmou: “Isso, sempre tem um aprendiz... exatamente”. Ainda que nem sempre essas expectativas correspondam na prática, pois a partir dos dados estatísticos mencionados anteriormente e as observações realizadas sejam possíveis perceber que a maioria das redes não possui um número de aprendizes correspondente aos de líderes, a busca por novos líderes é uma realidade na vida dos pequenos grupos conhecidos.

A ampliação do número de líderes para os pequenos grupos, portanto, está conectada ao crescimento destes. A estratégia do trabalho de pequenos grupos é, na sua essência, muito mais que uma estratégia de crescimento numérico de membros, trata-se de uma estratégia de formação de líderes.

Na entrevista, ainda tratando dos pequenos grupos, pedi ao Pr. Armando Bispo que falasse acerca do futuro da IBC enquanto comunidade, bem como dos projetos para o futuro. Assim ele respondeu:

*Eu diria assim, que o futuro, a curto, médio prazo, é a consolidação da igreja em grupos pequenos. Acho que a gente ainda vai patinar uns dois, três anos, até consolidar o modelo que é bíblico e que a gente já vem trabalhando desde o começo, mas agora nós decidimos – como você sabe bem – a gente decidiu diminuir as atividades institucionais, programáticas, voltadas pra programas, e decidimos investir em relacionamentos e relacionamento encontra no grupo pequeno o seu ambiente mais fértil. Então, hoje, nós estamos aí num processo de consolidação dessa visão. [...] Isso é o que estou sonhando: a consolidação desse projeto nos próximos dois, três anos e talvez daqui há uns quatro a cinco anos nós vamos começar a experimentar a verdadeira explosão. [...] Então, projeto para o futuro da IBC é esse projeto, que ela seja uma igreja consolidada em grupos pequenos, de casa em casa, atingindo um maior número de pessoas possível aqui em Fortaleza.*

O processo de “consolidação da igreja em grupos pequenos” começou com o desmonte da Escola Bíblica no início de 2008 e culminou com a extinção do ministério AGRUPE (Apoio aos Grupos Pequenos) no final de 2008. Alguém poderia se perguntar se não se tratava de uma contradição. Entretanto, essas medidas foram tomadas para ressaltar a centralidade dos pequenos grupos no “estilo de ser igreja” da IBC.

*[...] Ainda tem uma parcela da comunidade que não faz parte de grupos pequenos. E existe uma parcela de grupos pequenos que ainda não compreendeu o valor da multiplicação. Nós estamos ainda num processo de sedimentação, de consolidação dessa visão. Eu, aí sim, a curto e médio prazo, eu penso na consolidação de tal forma que o crescimento da igreja será exponencial. Eu acredito nisso. Eu acredito que vai ela vai crescer. Eu não antecipo a quantidade, o número, porque não tenho uma figura alvo, não tenho um número alvo. Ah, nós queremos chegar a dez mil, vinte mil, trinta mil. Não, eu tô preocupado, muito mais preocupado em que os crentes em Cristo Jesus vivam o cristianismo no dia-a-dia, que sejam sal e luz onde eles estão e que através dos grupos pequenos, mais e mais pessoas em Fortaleza conheçam as bases do cristianismo, o amor de Jesus, a beleza que é andar com Cristo. Então, eu não tô preocupado com número. É o maior número possível, como disse Paulo. [...] Já houve, pra quem olha aonde estávamos e aonde estamos já houve um incremento muito bom, mas nós estamos analisando os números, porque embora a gente não esteja ligado em números especificamente, mais os números, as estatísticas, são muito importantes pra nós, a gente analisa, a gente acompanha, a gente sabe quantos grupos pequenos, quantos membros, a gente sabe. Acabei de vir de uma reunião onde a gente estava analisando os números, aonde estão essas pessoas?... a gente analisa também, pra conhecer melhor. [...]*

A consolidação dos grupos pequenos é importante por duas razões fundamentais que se destacam no discurso do Pr. Armando. A primeira delas é de ordem quantitativa: consolidar esses grupos seria vital para o crescimento numérico da IBC nos próximos anos. Esse crescimento seria exponencial, representando uma “verdadeira explosão” nos próximos cinco anos. A outra seria de ordem qualitativa, ou seja, espera-se que os grupos pequenos contribuam para que os membros “vivam o cristianismo” e alcancem outras pessoas de Fortaleza mediante o seu testemunho cristão.

O foco da ação missionária da IBC é a cidade de Fortaleza. Durante a entrevista, o Pr. Armando afirmou que “*estamos estabelecendo igrejas fora do país, mas não como filial da IBC, apenas como estilo pra eles*”. Com essa perspectiva, a estratégia de pequenos grupos foi levada, por exemplo, para a África.

A opção pelos pequenos grupos justifica-se ainda pela leitura teológica da realidade mundial efetuada pelo Pr. Armando Bispo.<sup>58</sup> Na visão deste,

<sup>58</sup> O pastor norte-americano Larry Stockstill (2000), em seu livro “A igreja em células”, relata que adotou a estratégia de pequenos grupos com a finalidade de fazer frente a dois tempos distintos que a igreja norte-americana atravessaria: Colheita e Oposição. O tempo da colheita seria o tempo de crescimento do número de membros. O outro tempo, o da Oposição, seria um tempo de franca hostilidade e de perseguição aberta aos cristãos.

*Acho que existe um complô intencional, estrategicamente pensado, prá desmoralizar, desmontar os valores cristãos que a nossa sociedade aprendeu, caminhou e se sedimentou ao longo de muitos anos. E eu entendo que o que a sociedade está fazendo com medidas que partem da Organização das Nações Unidas, partem de outros países que influenciam culturalmente o nosso país, medidas que dizem respeito à sexualidade, dizem respeito à família, dizem respeito aos valores éticos e morais... Essa sociedade hoje reage contra a igreja institucionalizada, ela reage contra a instituição igreja, não reage contra o evangelho. Então eu sei que nós vamos enfrentar o desafio futuro de termos que talvez sofreremos as represálias, ou quem sabe a coação, ou quem sabe... o constrangimento à medida que a gente continua pregando os valores do reino de Deus. Antecipo uma fase, um momento muito difícil que vem por aí, mas não tenho medo e estou absolutamente tranquilo e acho que a igreja, configurada em pequenos grupos, tem uma grande chance de sobreviver como sobreviveu ao longo da história de dois mil anos, principalmente quando ela foi perseguida, no passado no Império Romano, mais recentemente na própria China e em países onde o comunismo imperou e impediu que a igreja mostrasse a sua cara. Ela cresceu a despeito disso. Então eu acho que nós vamos enfrentar um pouco dessas coisas. Não sou muito catastrófico nem apocalíptico, mas eu acho que nós estamos preparados pro que der e vier e queremos continuar sendo sal para impedir que a sociedade apodreça ainda mais e luz para que a sociedade encontre um norte, um caminho prá seguir melhor do que o que está proposto.*

As preocupações com uma suposta crise mundial relacionada ao fim dos tempos revelam as afinidades com correntes teológicas fundamentalistas que ensinam que antes da vinda final e definitiva de Jesus para julgar os vivos e os mortos haverá um período de grande tribulação onde os cristãos fiéis serão provados. Nesse ponto, é possível perceber como concepções conservadoras se articulam com as inovações metodológicas tornadas possíveis a partir da adoção de uma estrutura administrativa organizada e uma estratégia de crescimento quantitativo e qualitativo dos membros na IBC.

### 3 CONSTRUÇÃO E LEGITIMAÇÃO DA AUTORIDADE PASTORAL NA IBC

O presente capítulo tem como propósito refletir sobre a forma específica como se construiu e como se sustenta a autoridade pastoral do Pr. Armando Bispo na IBC, partindo do momento da sua vocação e avançando até a forma de legitimação de sua autoridade, dividida e unificada entre os dois ambiente identificados no capítulo anterior.

#### 3.1 Vocação, *habitus* e *carisma* no ministério pastoral

A ideia de *vocação* desenvolvida pelo reformador Martinho Lutero apontava para um chamado divino dirigido a todos os homens para a realização de determinadas atividades dentro da sociedade (WEBER, 1989, p. 53).<sup>59</sup> Contudo, essa forma de compreender a *vocação* não conseguiu livrar o termo de uma associação direta com áreas de interesse especificamente religioso (atualmente, é raro alguém fazer uso do termo *vocação* para explicar a sua opção por uma carreira profissional “profana”). Nas diversas igrejas evangélicas brasileiras, ainda que essa *vocação* seja compreendida como algo absolutamente individual e seja direcionada à transformação do “mundo”, não se pode prescindir da experiência comunitária.

No caso dos pastores, geralmente, a experiência religiosa, em termos da formação religiosa que recebeu dentro da própria família ou a partir da experiência

---

<sup>59</sup> Lutero, na sua tradução da Bíblia para a língua alemã, emprega o termo *beruf* para se referir tanto à vocação (chamado divino) quanto à carreira profissional. Segundo Weber, “assim foi que em Lutero o conceito de vocação profissional permaneceu com amarras tradicionalistas. A vocação é aquilo que o ser humano tem que *aceitar* como desígnio de divino, ao qual tem ele de “se dobrar” – essa nuance eclipsa a outra ideia também presente de que o trabalho profissional seria uma missão, ou melhor, a missão dada por Deus. [...] Algo de negativo, portanto, foi de início o único produto ético a que se chegou aqui: a supressão do afã de suplantar os deveres intramundanos pelos deveres monásticos, ao mesmo tempo em que se pregava a obediência à autoridade e a aceitação das condições de vida dadas”. (1989, p. 77)

de conversão, dão origem à opção pela carreira pastoral. Conforme Campos (1987, p.112), “Nas famílias de origem rural ou ainda vivendo sob uma orientação pré-urbana ou pré-industrial, o peso da tradição religiosa familiar é ainda muito forte”. Esse também pode ser um dos indicadores do grau de eficiência da rede familiar em garantir a plausibilidade dos elementos da fé que professa. O *habitus* adquirido através da inculcação familiar é muito forte e durável.

O Pr. Armando Bispo, nas entrevistas realizadas, relatou como foi sua chegada à igreja batista. Inicialmente, sua família não era evangélica. O Pai professava um misto de catolicismo e o espiritismo e a mãe, além do catolicismo e do espiritismo, chegou a ter ligações com o Adventismo. A família fornecia ao Pr. Armando uma orientação religiosa sincrética, sem muita preocupação com os conteúdos religiosos, o que levava seus pais em alguns momentos o levarem para tomar um “passe” no centro espírita e, em outros, se abster de carnes segundo a prática religiosa adventista.

A aproximação com a igreja evangélica aconteceu através de um convite de uma amiga da escola – Heloísa, que viria a ser sua esposa – cujo testemunho cristão chamou muito sua atenção. Não gostou da primeira vez que foi em sua igreja, mas cultivou a amizade.

A experiência de conversão na juventude, aos 18 anos, aconteceu em 1971, na Igreja Batista de Tucuruvi, cidade do interior de São Paulo, foi o ponto de partida para a descoberta da vocação. Nessa época, O Pr. Armando (Entrevista em 17/08/2011) relata que vivia uma crise interior muito grande. Quando foi a um culto, numa quarta feira pensava na vida e nos amigos:

*Chegando lá eu entrei, sentei lá no último banco [...] e naquela hora passou um filme da minha vida que tava acontecendo. Alguns amigos meus estavam presos. Outros tinham problema com overdose. Outros decepcionados com a vida e, finalmente, naquele momento passou um filme da minha vida e um desejo muito grande de conhecer mais desse Jesus que eles pregavam [...] Interrompi o pastor no meio da pregação. Se Jesus tinha poder para mudar a vida, então queria que ele mudasse a minha. Era quase um desafio. E eu fiz uma entrega numa quarta-feira à noite. Então tá aqui minha vida. [...] Naquele momento eu estava me entregando a Jesus, não à igreja. Foi assim que aconteceu a minha*



*conversão... Foi daí que eu fui deixando gradativamente, paulatinamente, as drogas, o fumo, as bebidas, as boates e os lugares em que eu ia tocar e cantar que já não faziam mais sentido para mim. [...] decidi me batizar na igreja evangélica por acreditar no que a Bíblia diz [...].*

Berger e Luckmann (1985) empregaram o termo “alternação” para designar a experiência da conversão religiosa, ressaltando que acontece uma “ruptura biográfica” e o início de uma “nova vida”. Mudar de um grupo religioso para outro, no entanto, não se resume apenas a uma questão subjetiva, pois existem também questões de natureza objetiva presentes nessa atitude. A migração de um grupo para outro implica em migração de um *habitus* para outro e, conseqüentemente, de uma prática religiosa para outra. A construção de um novo *universo simbólico* se faz necessária para que o indivíduo que “alterna” encontre sentido, orientação e valores para a sua vida.

A descoberta da vocação se deu de forma progressiva. A experiência de conversão, conforme relatou em entrevista o Pr. Armando (17/08/2011), foi tão positiva surgiu em seu coração um compromisso de ser um instrumento para a conversão de outras pessoas. Ele relatou essa experiência da seguinte forma:

*Eu sempre fui muito intenso e muito comprometido com aquilo que eu fiz [...]. Engraçado que, no momento que me converti, ficou muito claro que aquilo que eu estava experimentando era tão bom que eu queria que meus amigos também experimentassem. A partir daí veio um compromisso quase que, não sei se velado ou íntimo de dizer “Deus, eu quero ser usado, eu vou falar. Não sei o que é que o Senhor vai fazer da minha vida não”. É como se eu tivesse perdido a noção da minha carreira, da minha profissão [...]. Tudo que eu tentei na vida parecia não fazer muito sentido na hora que eu fiz essa descoberta de Jesus na minha vida... Então, logo de início eu tinha uma noção clara de dizer, “Deus, eu estou aqui, estou disposto, eu quero ser usado”. Não tinha noção do que era ser pastor ou o que não é. Eu não sabia nada disso, mas eu sabia assim: “me usa, eu quero trazer meus amigos, eu quero falar, eu quero mobilizar gente para conhecer Jesus como eu conheci” [...] à medida que o tempo foi passando e eu fui conhecendo as estruturas da igreja, pastor, diácono, a liderança, os líderes de jovens e à medida que fui me empolgando com a leitura e o conhecimento da Bíblia, que eu não queria crer numa coisa que eu não conhecesse – eu lia muito a Bíblia logo no início – comecei naturalmente a falar com as pessoas e aí começou a acontecer isso dentro da igreja também. Como jovem, liderando, falando, tava pregando e eu não sabia. [...] e as pessoas mesmo começaram a dizer: “você é pastor”, “você virou pastor” e essa coisa foi entrando na minha cabeça. [...] Meu chamado foi mais ou menos nesse sentido que ele configurou. Tanto no meu desejo e na minha disposição*

*quanto na confirmação da própria congregação, dos próprios pastores e do pastor da época de que eu tinha uma vocação especial para aquilo.*

O passo seguinte, a entrada para o seminário, conforme relatado pelo Pr. Armando em entrevista (17/08/2011), só aconteceu mediante a demonstração clara do apoio do pai à sua decisão de seguir a carreira ministerial. Conforme informação verbal,<sup>60</sup> o falecimento do pai, que havia se convertido um pouco tempo depois de sua conversão, não abalou a sua fé de neófito. Naquela ocasião, na ausência de um pastor, o próprio Pr. Armando tomou a frente e realizou a cerimônia fúnebre, lendo a Bíblia e trazendo aos presentes palavras de conforto.

No caso do Pr. Armando Bispo, é possível se observar a tese de que a comunidade religiosa é o lugar da descoberta da vocação pastoral e do reconhecimento do carisma. Convicto dessa chamada para o ministério, concluiu o curso de Bacharel em Teologia no Seminário Batista Regular e o Mestrado em Divindade no Grand Rapids Baptist Seminary. Em entrevista, ele declarou:

*Quando eu comecei a ler a Palavra de Deus e recebi de Deus uma convicção de que ele me queria no ministério, convicção essa que foi confirmada depois pela comunidade em que me converti, pelos pastores e líderes da época, isso ainda fora daqui de Fortaleza, eu tava lá em São Paulo, então quando o Senhor me deu essa convicção, o cenário religioso, o cenário protestante, o cenário batista começou a ser alvo assim dos meus questionamentos à luz do que eu ia aprendendo e compreendendo, discernindo dentro da própria Bíblia era como se a igreja que eu via no lá livro de Atos e nas epístolas de Paulo e nas demais epístolas, era uma igreja diferente daquela que eu via na minha denominação, então ainda não sendo pastor, apenas jovem, líder, querendo aprender, então eu creio que o senhor foi trabalhando a visão de igreja já a partir daqueles questionamentos do passado onde eu via a igreja muito institucionalizada, é... muito hierarquizada, e eu via o sofrimento e a luta do pastor e dos pastores da época... eu via a igreja muito hermética, muito fechada, incapaz de atingir a sociedade ao redor e os próprios amigos, eu não tinha espaços para levá-los para a igreja, a igreja era muito diferente eu fui quase tragado por Deus para dentro da igreja porque eu não entraria por atração natural e alguma coisa que a igreja pudesse me oferecer.*

Ao discutir as conexões entre determinadas posições no campo artístico e os que buscam assumir essas posições, Bourdieu chega a conclusões passíveis de serem estendidas ao campo religioso ao ressaltar que não é preciso invocar a ação

<sup>60</sup> Informação fornecida pelo Pr. Armando Bispo, em sua pregação durante culto público dominical, em 23 de março de 2008.

da consciência ou a iluminação da intuição chamada de “vocação” para entender a relação que se estabelece entre uma determinada categoria de agentes e o mercado de trabalho que lhe corresponderia e se concretizaria “através de uma carreira por intermédio do sistema de disposições produzidas pela interiorização de um tipo determinado de condições objetivas envolvendo um tipo determinado de oportunidades objetivas” (1992, p. 201).

Ainda segundo Bourdieu,

O princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular, destas orientações comumente descritas como “escolha” da “vocação”, não é outra coisa senão o *habitus*, sistema de disposições inconscientes que constitui o produto de interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas (BOURDIEU, 1992, p. 201-202).

Seguindo esse caminho apontado, a conexão entre o contexto social onde é gerada a vocação e a decisão individual seria melhor entendida a partir do conceito de *habitus* que, além de ser uma matriz que gera comportamentos e estratégias de vida, é o motor que move o indivíduo a reproduzir as condições sociais de sua própria produção (BOURDIEU, 1984, p. 105). Na visão de Campos (1987, p. 83), esse conceito permite compreender que

as escolhas estão ancoradas numa realidade social capaz de lhes dar sentido. A ação dos atores forma uma unidade composta de antecedentes, meios e fins, concomitantemente com a ação de seus antepassados, contemporâneos e descendentes

Embora todo *habitus* seja historicamente construído, há um empenho do vocacionado em transfigurar essa origem histórica por meio de explicações teóricas com o propósito de projetar ao nível simbólico (espiritual) algo que surgiu socialmente. Os “indivíduos extraordinários” se encontram com “situações extraordinárias”. Os “escolhedores” se tornam “escolhidos”. “Dessa forma acontece a chamada ‘transfiguração simbólica’. O que é destinação social se torna escolha

individual embalado, porém em termos de uma destinação sobrenatural” (CAMPOS, 1987, p. 91. Grifo do autor).

As lideranças religiosas articulam o seu próprio discurso sobre *vocação* com frases tais como “chamado especial”, “chamado de Deus” ou “vontade de Deus”. Essas e outras expressões enfatizam Deus como o sujeito ativo e o homem apenas como receptor passivo da “vocação”. Para Leonildo Campos (1987, p. 91) “é através dessa linguagem que as origens históricas são transferidas da ordem visível, socialmente perceptível para um nível sagrado, porque inacessível”. Nessa leitura religiosa feita pelos vocacionados, Deus é a fonte do evento fundador, cabendo ao homem obediência e submissão ao poder inexorável daquele que o chamou. Aquele que foi chamado deve se colocar a serviço dessa força formidável que invadiu o seu cotidiano e transformou a sua vida (CAMPOS, 1987).

O avanço da racionalização na modernidade não impediu a eclosão de lideranças carismáticas tanto nos círculos religiosos como fora dele. A abordagem desse assunto pode abrir espaço para a compreensão das emergentes e futuras lideranças religiosas. Estas, ao optarem por uma carreira religiosa, não realizam uma escolha cega. Eles possuem determinadas expectativas e representações que se relacionam às suas próprias origens sociais, podendo esses aspectos influenciar na escolha de paradigmas de liderança e na definição de posições dentro do *campo religioso* (MENDES, 1997). Campos observa que a opção pela carreira pastoral

não é resultante de um mecanismo social cego e distante. Muito pelo contrário, quando escolhe a carreira, o agente o faz com um certo grau de consciência, prazer e na esperança de uma realização pessoal. No momento da escolha, acontece a junção entre as “necessidades individuais” e as “sociais”. A partir daí o indivíduo “escolhido” se convence de ter sido sua a escolha e lutará pela preservação de sua “liberdade” no curso de sua carreira (1987, p. 82)

A decisão individual e o contexto social que conduz alguém a assumir uma vocação ao ministério pastoral estão intimamente entrelaçados. Estabelecer os termos da relação entre a ação individual (subjetiva) e a sociedade (objetiva), no que se refere à escolha de uma carreira impregnada por elementos de natureza

religiosa, é explorar um caminho marcado pela dimensão do mistério e do sagrado. Na compreensão de fenômeno dessa natureza corre-se o risco de operar uma redução sociológica de algo que transcende à investigação científica (CAMPOS, 1987).

Embora não exista nenhuma novidade quanto a esse aspecto, o discurso acerca do chamado divino não apenas pode ser usado para legitimar o papel a ser assumido dentro de uma comunidade religiosa, mas também poder servir para fundamentar a realização de rupturas dentro do próprio campo religioso. Foi o que aconteceu com a IBC em relação à associação das Igrejas batistas regulares, na qual esteve vinculada até adotar estratégias e práticas litúrgicas diferenciadas daquelas preconizadas por esta última.

Da mesma forma que o *habitus* atua como “princípio gerador” da *vocação*, a descoberta da *vocação* e do *carisma* inerente a esta, opera como “princípio transformador” do *habitus*. Cria-se, dessa forma, as condições para o rompimento com as normas e cânones, com os elementos do sistema de sentido e com a estrutura burocrática da organização religiosa. A noção de *vocação* aponta para a de *carisma*, já discutida anteriormente.

Uma outra “vocação” do Pr. Armando Bispo guarda uma interessante relação com as atitudes heróicas que podem ser observadas nas lideranças carismáticas. Fugindo de estereótipos e do lugar comum reservado às lideranças religiosas, em momentos nos quais não está envolvido diretamente nas atividades de seu ministério religioso, o Pr. Armando Bispo dedica parte do seu tempo livre para a atividade esportiva automobilística.

Em entrevista ao Rev. Otoniel Martins,<sup>61</sup> no programa “Aos pés de Jesus”<sup>62</sup>, O Pr. Armando relatou que sua paixão pelo automobilismo iniciou por volta dos 17 anos quando participou de corridas de Kart e que sempre gostou de fazer

<sup>61</sup> O Rev. Otoniel Martins é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Oficialmente aposentado das funções ministeriais, além de apresentar o “Programa Aos Pés de Jesus”, lidera o Encontro de Casais com Cristo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, onde exerceu por mais de 40 anos o cargo de pastor efetivo.

<sup>62</sup> Exibido pela TV Bandeirantes no mês de maio de 2009 e disponibilizado por seus idealizadores no site Youtube (PROGRAMA AOS PÉS DE JESUS, 2009).

viagens a lugares de difícil acesso, sendo que no ano de 2003 realizou uma viagem aos lençóis maranhenses na companhia de um amigo, piloto de Rally, que percebeu sua habilidade ao volante. Então, inicialmente a convite deste, começou a participar de eventos.

Em 2003, agora convidado pelo Piloto Solón Mendes, participou do Mitsubishi Motors, surpreendendo ao conquistar o título mesmo sendo um estreante em eventos de grande porte, de nível nacional. Essa vitória foi considerada por ele “uma bênção de Deus, um verdadeiro milagre”. Foi ainda campeão do Rally dos Sertões, em 2008, na categoria protótipo, pilotando um carro da Mitsubishi.



**Fotografia 6** - Pr. Armando Bispo pilotando no Rally dos Sertões.  
**Fonte:** 25 ANOS DE MINISTÉRIO..., 2008.

Na entrevista acima mencionada, O Pr. Armando relatou ainda que a sua participação nesses eventos atraiu a atenção da mídia e também lhe deu oportunidade para evangelizar muitos participantes, de forma que a IBC podia contar com cerca de 30 competidores entre seus membros. Concluindo seu relato, acentuou que todo “atleta de Cristo” tem que ter a glória de Deus como alvo. No

primeiro semestre de 2010, tendo como navegador Robledo Nicoletti, conquistou mais dois títulos para sua coleção: em janeiro, o tricampeonato do Velopiocerá e o título do Rally RN 1500 2010.

A participação nesses eventos deixou o pastor mais conhecido fora dos espaços religiosos nos quais interagem a maioria dos pastores evangélicos e leva o nome da IBC a outras esferas de sociabilidade, além de fornecer uma marca distinta para o seu *carisma* de líder religioso. Há uma demonstração de “heroísmo” clara nessa performance.

### **3.2 A figura do pastor na IBC a partir das abordagens de Max Weber e Pierre Bourdieu**

Segundo Weber (1994, p. 279-294), na esfera religiosa, o fenômeno de racionalização pode ser observado no processo de passagem da *magia* para a *religião*. Para compreender melhor esse processo, ele lançou mão dos “tipos ideais”, construções teóricas de valor heurístico e instrumental, que cumprem a função de recursos metodológicos. A compreensão da religião como uma realidade objetiva, na visão de Weber, passa pela construção de uma tipologia da ação dos agentes religiosos. Por isso, considerando os obstáculos encontrados no desenvolvimento do monoteísmo, Weber construiu tipos ideais de agentes religiosos que disputam a atenção dos *leigos* (indivíduos de diversos grupos sociais “arrebanhados” para as diversas propostas religiosas): o *magô*, o *sacerdote* e o *profeta* (1994, p. 294-319).

O fenômeno da racionalização é observado na disputa entre os *Sacerdotes*, especialistas do sagrado, e os *Magos*, especialistas autônomos. Outro *tipo* de especialista religioso, o Profeta, também contribuiu com a racionalização da religião. Esse fenômeno, segundo Bourdieu (1992, p. 34), se relaciona com o surgimento e o desenvolvimento das cidades e, em particular, com o desenvolvimento da divisão social do trabalho e a separação entre trabalho intelectual e trabalho material.

Conforme Bourdieu (1992), o *campo religioso* de qualquer sociedade depende do surgimento de especialistas para se desenvolver e pode ser concebido como espaço onde se manifestam relações de poder entre os dominantes e os dominados, respectivamente, os de maior e os de menor capital social. Essas relações de poder entre os portadores da “verdade” (ortodoxos) e os “pregadores de novidades” (heterodoxos), ou seja, entre tendências “sacerdotais” e “proféticas”. Ainda segundo Bourdieu (1984, p. 89) “em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência”.

A elaboração teórica das figuras do mago e do sacerdote surge na abordagem weberiana a partir da distinção que efetua entre magia e religião. Ele mesmo reconhece serem fluidos os critérios para delimitar conceitualmente essas figuras, pois observa que mesmo dentro do cristianismo o conceito de “sacerdote” inclui a qualificação mágica. Entretanto, Weber observa que a diferença entre os dois tipos pode “ser procurada qualitativamente, na diversidade geral do respectivo saber” (1994, p. 294).

O *mago* é um indivíduo qualificado carismaticamente para o exercício da magia, prestando serviços religiosos a indivíduos particulares em ocasiões singulares e atuando em virtudes dos milagres que realiza ao forçar os “demônios” por meios mágicos. Ele exerce de forma descontínua sua “profissão liberal”, sendo adestrado segundo um “ensino puramente empírico da arte mágica” (WEBER, 1994, p. 292). Tem ainda que “provar o seu carisma mediante a realização de milagres” perante a sua clientela e quando fracassa perde a credibilidade, o que acarreta (no mínimo) a sua morte simbólica (WEBER, 1994, p. 296).

Nas análises do neopentecostalismo efetuada por Mendonça (1997, p. 161), a figura do pastor é relacionada com a do mago, que age de forma autônoma e depende somente do poder emanado do seu carisma. Além disso, ele “não forma em torno de si uma comunidade, mas sua relação com os indivíduos é pessoal, de clientela e de casa para caso”. Não é o caso do Pr. Armando Bispo.



A IBC não recorre, portanto, aos recursos mágicos das “correntes” (a versão neopetecostal das novenas católicas), da “água benta” ou de objetos milagrosos. Ela não tem o mesmo perfil das igrejas mágicas constituídas ou instituídas pelo neopentecostalismo.

O *sacerdote*, diferentemente do *magos*, é um funcionário de uma organização religiosa permanente, regular e estruturada para atender aos interesses religiosos de seus membros. Ele trabalha com um “sistema racional de pensamento religioso” que se vincula a uma “‘ética’ sistematizada e especificamente religiosa” (WEBER, 1994, p. 292-293). Não existe sacerdócio sem culto, mas pode existir culto sem sacerdotes. A atuação sacerdotal requer “a existência de lugares de culto em combinação com algum aparato material de culto” (WEBER, 1994, p. 294). Está capacitado, em virtude do saber específico, da doutrina fixamente regulada e da qualificação profissional, para exercer sua função, servindo a uma tradição sagrada.

Dentre os tipos religiosos, destaca-se ainda o do *Profeta*<sup>63</sup> elaborado por Weber:

Por “profeta” queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino. Não queremos distinguir fundamentalmente entre o profeta que anuncia de novo uma revelação antiga (de fato ou suposta) e aquele que reivindica para si uma revelação totalmente nova, isto é, entre o “renovador” e o “fundador” de uma religião. Ambas as coisas podem estar entrelaçadas [...]. O decisivo para nós é a vocação “pessoal” (1994, p. 303).

O profeta age carismaticamente em virtude do dom pessoal que recebeu, dificilmente se origina do círculo sacerdotal. Em geral, ele tem a sua origem na comunidade formada por leigos. Fundamentado em seu chamado pessoal, ele proclama a palavra que recebeu da divindade. A relação que constrói com o leigo, por conta do seu carisma, tem um caráter profundamente pessoal e afetivo.

<sup>63</sup> Partindo da noção de que o conhecimento *a priori* do sagrado é um conhecimento que qualquer um pode possuir (mas ninguém o possui por si mesmo) e de que as pessoas experimentam esse tipo de conhecimento de forma qualitativamente diferenciada, Rudolf Otto acentuou que os profetas percebem a “voz interior” e possuem a faculdade de divinização e a capacidade de produção religiosa. Essa divinização do sagrado é uma “faculdade hipotética de conhecer e reconhecer o sagrado no mundo dos fenômenos” (OTTO, 1985, p. 140). Essa faculdade não seria exercida pelo exercício da lógica, mas pelo sentimento.

As características da liderança carismática a aproximam do tipo weberiano do profeta. Em entrevista concedida ao pesquisador, pode ser percebida o nascedouro da “visão profética” do Pr. Armando Bispo:

*Então essa visão ministerial que Deus me deu foi exatamente do estudo da palavra de Deus, da leitura, e do comparativo que eu fiz com o estilo de igreja que eu vivi no passado, que era uma igreja mais tradicional. Então, depois disso eu resolvi, eu era empresário em São Paulo, resolvi vender tudo e fui aperfeiçoar meus estudos até para compreender melhor aquilo que eu estava vendo como discrepante entre a realidade da Bíblia e a realidade da denominação, da igreja batista na qual eu me converti, e esses meus estudos, que foi até fora do país, me levaram a pensar, a criar uma teologia pessoal, por ser nova, mas por não ser sistemática e só recebida dos professores e dos líderes denominacionais e naquela oportunidade muito mais nos corredores da escola eu tive a oportunidade de começar a sonhar com um modelo de igreja neotestamentária, então foi a partir dali que o Senhor foi trabalhando essa nova visão de igreja.*

O caminho seguido pelo Pr. Armando Bispo no encontro de sua “visão ministerial” começou pelo estudo da Bíblia. Consciente ou não, esse discurso parece ser produzido para se articular com a ideia protestante tradicional de que o encontro com a Bíblia, a Palavra de Deus, tem um poder transformador e é sempre o início de transformações espirituais, tais como as que se deram a partir da Reforma do Rei Ezequias (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999) ou da Reforma Protestante. Junto com essa descoberta, a reflexão sobre as vivências em sua antiga e tradicional igreja foram decisivas na emergência de sua vocação e visão ministerial.

Ainda em referência ao relato da entrevista acima transcrito, as analogias com as experiências bíblicas ainda podem ser percebidas no discurso quando se trata do preparo em um curso teológico e da viagem ao exterior visando a preparação para uma grande missão, guardando-se as devidas proporções e entendidas as especificidades: Moisés passou muito tempo no deserto antes de ir libertar o povo do Egito ou Paulo, que passou um tempo isolado em Damasco antes de tornar-se o “Apóstolo dos Gentios” (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999). O decisivo aqui é a experiência de aprendizado, sobretudo a capacidade de articular uma “visão ministerial” a partir de uma leitura fundamentalista da Bíblia e de uma

proposta contemporânea (ou “liberal”) de vida eclesial. Tudo isso é interpretado como um modo da operação do divino em sua trajetória pastoral.

A biografia do profeta e a sua visão profética estão estreitamente vinculadas. Bourdieu observou que “as características sociologicamente pertinentes de uma biografia particular [...] fazem com que um determinado indivíduo se encontre *socialmente* predisposto a sentir e a exprimir, com uma força e uma coerência particulares, disposições éticas ou políticas, já presentes, de modo implícito, em todos os membros da classe ou do grupo de seus destinatários” (1992, p. 94).

Segundo Weber (1994), os profetas podem ser de dois tipos: *emissários*, de caráter ascético, que promovem a transformação das práticas pela transmissão de ensinamentos; ou *exemplares*, de caráter contemplativo, que difundem uma religiosidade mística. O Pr. Armando Bispo se enquadra dentro do primeiro “tipo profético”. A visão e a mensagem recebidas de Deus o colocaram em oposição à liderança institucionalizada (sacerdotal)<sup>64</sup> de sua denominação religiosa, daí sua afirmação:

*[...] eu sempre tive problemas na denominação em que estou inserido porque eu nunca quis jogar o jogo da denominação, eu nunca quis jogar o jogo da instituição, da liderança mais preocupada com a institucionalização da igreja e isso tem muito a ver com meu espírito aventureiro, questionador, e que num certo sentido procura sempre viver na condução do Espírito de Deus [...].*

Em certa medida, inicialmente, ele teve que “jogar o jogo da denominação”. Caso contrário, não teria tido condições de chegar à condição de pastor. Entretanto, houve o momento da ruptura, da crise com a instituição que o levou a assumir seu inconformismo com a “institucionalização da igreja”. A figura do *profeta*, enquanto liderança carismática, é especialmente requisitada nos períodos

<sup>64</sup> Bourdieu (1992) aprofunda a configuração típico-ideal dos conflitos entre os agentes do *campo religioso*, remetendo-os às lutas propriamente políticas que se desenrolam na sociedade global. Bourdieu fez ainda uma releitura da figura do *profeta* no que diz respeito ao *carisma* e, em certo sentido, retoma a categorização weberiana dos *protagonistas* da ação religiosa, acentuando os seus limites e aprofundando suas análises observando relações entre a tipificação dos agentes religiosos e a estruturação do *campo religioso*. Weber, por exemplo, não construiu a noção de *campo religioso*, nem analisou os conflitos entre *profetas* e *sacerdotes*.

de crise (BENDIX, 1986). Quando Weber fala em “carisma”, na visão de Bourdieu (1989, p. 191), ele se refere ao

[...] produto de uma acção inaugural, realizada em situação de crise, no vazio e no silêncio deixados pelas instituições e os aparelhos: acção profética de doação de sentido, que se fundamenta e se legitima ela própria, retrospectivamente, pela confirmação conferida pelo seu próprio sucesso à linguagem de crise e à acumulação inicial de força de mobilização que ele realizou.

Segundo Bourdieu, “[...] assim como o sacerdote alia-se à ordem ordinária, o profeta é o homem das **situações de crise** quando **a ordem estabelecida ameaça romper-se** e quando **o futuro parece incerto**” (1992, p. 73. grifo meu). As expressões “situações de crise”, “rompimento da ordem estabelecida” e “incerteza quanto ao futuro” indicam também as situações extraordinárias nas quais esses *profetas* surgem. Enquanto na concepção de Weber (1994) o *profeta* aparece como um homem “extraordinário”, para Bourdieu (1992) o *profeta* é um homem das situações extraordinárias.

O discurso profético tem maiores chances de surgir nos períodos de crise aberta envolvendo sociedades inteiras; ou então, apenas algumas classes, vale dizer, nos períodos em que as transformações econômicas ou morfológicas determinam, nesta ou naquela parte da sociedade, a dissolução, o enfraquecimento ou a obsolescência das tradições ou dos sistemas simbólicos que forneciam os princípios da visão do mundo e da orientação da vida. (BOURDIEU, 1992, p. 74).

Dessa forma, a crise se transforma em uma oportunidade para a veiculação de novos discursos, trazendo um novo horizonte para os indivíduos e grupos que reconhecem neles a resposta para seus anseios. O momento “autoriza” uma nova linguagem, a possibilidade de dizer tudo o que antes não poderia ser dito porque tudo pode ocorrer (BOURDIEU, 1992).

Pensando no Pr. Armando Bispo, é possível situá-lo, em determinados aspectos, nos tipos do Sacerdote e do Profeta. Nesse caso, não se pensaria aqui em termos de posições antagônicas, mas no desempenho de papéis aparentemente conflitantes dentro de uma empreendimento que se organiza para dar conta das

demandas religiosas contemporâneas. Sacerdote por se vincular a um modelo organizacional, a um lugar de culto, a um certo nível de especialização das tarefas desempenhadas e à tradição cristã primitiva. Por outro lado, Profeta em virtude da ação carismática a partir de dons recebidos da divindade e a capacidade de apontar um “caminho novo”, de ruptura com os esquemas e práticas vigentes.

A comunidade religiosa é o lugar da descoberta de uma *vocação* e, por extensão, do reconhecimento do *carisma*. Na concepção de Weber, a comunidade carismática de um profeta pode dar origem a uma igreja ou a uma seita, deixando a forma de existência do carisma “exposta às condições da vida cotidiana e aos poderes que a dominam, sobretudo aos interesses econômicos” (1999, p. 332). Para que o profeta inculque “uma conduta de vida de efeito duradouro” a persistência da liderança profética num quadro de conflitos dentro de determinado campo religioso requer a “morte da profecia”, ou seja, exige que a profecia deixe de ser uma mensagem de rompimento com o rotineiro e com a ordem vigente e passe a fazer parte do cotidiano. Nesse aspecto, é extremamente interessante observar na trajetória do Pr. Armando Bispo sua preocupação em não se deixar acomodar pelos êxitos obtidos, fugindo da rotinização do seu carisma.

### **3.3 A figura do pastor na IBC a partir da análise de Jean-Paul Willaime**

A tentativa de retomar a antiga ênfase reformada no sacerdócio universal de todos os crentes, a princípio, coloca o pastor na mesma condição dos leigos em termos teológicos. Contudo, em termos sociológicos, não se pode dizer que o pastor seja um leigo. Afinal, o pastor foi um indivíduo consagrado para uma função de liderança dentro de sua comunidade, assumindo direitos e deveres que o diferenciam dos membros comuns.

No caso do Pr. Armando Bispo, acrescenta-se ainda a experiência vivida por muitos outros pastores: o carisma deve se ajustar ao processo de formação que

dá acesso à “hierarquia sacerdotal” de sua denominação religiosa. Por isso, cabe aqui também a observação de Corten (1996, p. 184):

O fato de ser retribuído não basta para fazer de um pastor, frequentemente saído da comunidade, um elemento do clero. “um corpo pastoral constitui um clero se ele dispõe do monopólio de certas funções sagradas e ele se compõe um estrato distinto do povo de crentes; devido sua formação”. Assim sendo, é um critério acadêmico aparentando-se às carreiras universitárias que define o clero. Este constitui um “corpo de eruditos cujo acesso é interdito àqueles que não cumpriram a escolarização exigida” Eis a natureza do clero cristão de uma religião de classe média.<sup>65</sup>

Ele assume a função de um clérigo, de mediador do sagrado. Segundo Willaime (2000, p. 30),

A sua autoridade se constrói mais socialmente no da concorrência e do carisma. Poder-se-ia falar em modernidade e precariedade do clérigo protestante, modernidade por causa dessa mobilização de competências e de carismas como formas de legitimação de sua autoridade. Ao insistir em sua qualidade de teólogo, em sua capacidade para interpretar a Bíblia e para dizer qual é o seu sentido atual, ao sublinhar que a diferença de status com relação aos leigos é de caráter funcional e não ontológico, o pastor está acionando uma forma moderna de legitimação da autoridade: aquela que se apoia no domínio de um saber e não na pertença a uma categoria social particular. Também, ao valorizar os carismas individuais de condutor, pregador, conselheiro, guia espiritual, a profissão pastoral utiliza uma outra legitimação moderna da autoridade: aquela que garante a ascendência social de um indivíduo na base das suas performances pessoais.

A modernidade do clérigo protestante tem como outra face a precariedade decorrente de sua relação ambígua com o sagrado, por constituir-se numa figura dessacralizada e secularizada, um profissional da religião dentro de uma sociedade marcada pela divisão social do trabalho e que exige, mediante a profissionalização, uma distinção dos papéis sociais (WILLAIME, 2000).

Ao discutir a questão do pastor protestante como um tipo particular de clérigo e os modos de sua legitimação na sociedade contemporânea, Willaime

<sup>65</sup> Os trechos entre as aspas são citações de Christian Lalive d'Épinay, extraídos de **Religion, dynamique sociale et dépendance, Le protestantisme en Argentine ET au Chili**. Paris, Éditions Mouton, 1975. p. 140. Na mesma página em que faz essas referências, Corten (1996, p. 184) traz a seguinte nota de rodapé: “Devemos notar que o clero – etimologicamente “colocado à parte” – é definido no *Littre* 1º em oposição a leigo, toda pessoa que estuda para entrar no estado eclesiástico, 2º antigamente, por extensão, todo homem letrado ou culto.”

(1986, 2003) partiu dos tipos weberianos de autoridade religiosa (o sacerdote e o profeta, em especial, que abordei anteriormente). A análise da figura do pastor protestante mediante esses tipos, na visão de Willaime, seria muito limitada. Assim, ele propõe o tipo de doutor como modelo de “autoridade ideológica” e estabelece os modos de legitimação do papel pastoral na atualidade: tecnocrático, carismático, mágico e tradicional.

O primeiro modo de legitimação apresentado por Willaime (2003) é o “tecnocrata”, que visa o ajustamento do pastor à ideologia moderna da competência mediante a especialização em uma determinada área. Com a posse de um saber específico, o pastor poderia se tornar, por exemplo, um especialista em “aconselhamento conjugal” ou em trabalho com jovens. Segundo Willaime (2003, p. 147)

Em um mundo de especialistas, em que reina a autoridade de competência, os pastores procuram também se afirmar como especialistas que, na sociedade, exercem sua competência no domínio particular de questões extremas (sentido da aventura humana, gestão da morte, do sofrimento) como se estivessem finalmente se antecipado ao “sentido último” das coisas e à interpelação ética. Mesmo que o saber teológico esteja socialmente desvalorizado, essa especialização *externa* pode contribuir para recredibilizar o papel, pois o que assim é reconhecido é menos um sistema fechado de respostas a perguntas extremas do que o fato de haver profissionais ocupados com “essas coisas” e que é bom que seja assim em uma sociedade em que cada um é ocupado por atividades muito numerosas e especializadas.

A especialização pode não se limitar ao “consumo interno” de sua comunidade religiosa e avançar em áreas seculares como o Direito e a Administração de Empresas. O incremento dessas especializações tende a apontar para aumento do grau de profissionalização da atividade pastoral. Essa profissionalização, é descrita por Willaime (1986, p. 217), como

o processo pelo qual um ofício se torna autônomo, em relação à instituição na qual ele é exercido, e se torna legítimo a partir da competência que ele põe em prática: o profissional é um *expert* em um determinado domínio; e essa qualidade de *expert* se constitui a principal fonte de sua legitimidade.

O segundo modo de legitimação destacado por Willaime (2003) é o “carismático”, que coloca extremo oposto ao tecnocrático. Ao invés do “pastor

especialista”, tem-se o “pastor profeta” nos moldes da liderança carismática já apresentada anteriormente, que se apresenta como um líder inspirado, portador de uma revelação pessoal, à frente de uma comunidade religiosa emocional. Nesse perfil traçado por Willaime, não se encaixaria apenas o pastor pentecostal (carismático) e o pastor tradicional que opera uma renovação pentecostal (ou carismática), caberia também o pastor com um ideário político de combate às injustiças sociais. Para Willaime (2003, p. 148), “trata-se de uma recredibilização do papel pela garantia pessoal que lhe é assegurada por aquele que o traz: não é mais a função que traz o homem, mas sim o homem que traz a função ao se autolegitimar a partir de uma mensagem específica”. Esse modo de legitimação também pode ser acionado pelo pastor envolvido com as lutas em favor dos oprimidos e contra as “injustiças sociais”. Discorrei sobre esse aspecto mais adiante.

Willaime (2003, p. 148) cita ainda o modo de legitimação mágica, o terceiro, onde se destaca “a imagem tradicional do clérigo como mediador do sagrado, personagem que regula as relações do homem com a divindade”. O pastor seria o mediador do sagrado mediante a manipulação dos bens simbólicos em prol dos seus fiéis nas ocasiões de culto. Essa imagem pode não corresponder à imagem do pastor protestante tradicional, que faz parte de uma religião “secularizada” onde a dimensão mágica cedeu espaço à racionalidade da pregação. O resgate desse aspecto, como bem observou Willaime, pode se dar, por exemplo, através da apropriação das vestes litúrgicas ou ações simbólicas como a de ungir com óleo. O que está em jogo, então, seria a tendência contemporânea à estetização do culto, a experiência ritual e a ênfase nas emoções.

Finalmente, o quarto modo de legitimação é o tradicional, onde a atuação pastoral se caracteriza por uma reação à modernidade por meio de um “estreitamento ortodoxo e reafirmação das normas” (WILLAIME, 2003, p. 148). Os pastores que adotam uma postura fundamentalista para se legitimar podem ser encaixados dentro desse modelo., bem como aqueles que se mostram resistentes a quais quer tipos de mudanças e defendem a permanência do estilo generalista de pastoreio dos membros.



Na visão de Willaime (2003), esse quatro modos de legitimação podem ser encontrados em diversas combinações produzindo perfis originais e diferenciados de pastores. Na sua análise, os modos de legitimação tecnocrático e mágico corresponderiam melhor às aspirações religiosas contemporâneas, enquanto os outros modelos, o carismático e o tradicional, seriam acionados em situações de crise e/ou de reações fundamentalistas.

Embora as teses de Willaime tenham sido elaboradas no contexto europeu, revela similaridade com a realidade brasileira, o que justifica sua aplicação no objeto em estudo. Portanto, à luz dessa análise, procurou-se compreender a figura do pastor Armando Bispo no contexto da IBC. Fica evidenciada uma combinação dos modos de legitimação tecnocrático, tradicional e carismático. O modo de legitimação mágico foi descartado. A valorização da ocupação pastoral e a sustentação do seu prestígio social passam, portanto, por esses três modos de legitimação:

(a) O primeiro deles é a profissionalização do seu papel, garantido por uma formação conservadora no seminário de sua antiga denominação, bem como pelo curso de pós-graduação realizado no exterior com domínio da língua estrangeira e autonomia financeira em relação à denominação.

(b) O segundo modo de legitimação acionado é o “tradicional”, mediante o qual ele se apresenta como “ortodoxo” e “conservador” em termos bíblicos, doutrinários e éticos, enaltecendo os valores tradicionais do fundamentalismo. Esses modos de legitimação articulam-se, tornando viável o desenvolvimento da carreira pastoral dentro da organização religiosa.

(c) Finalmente, ele também aciona o modo carismático de legitimação de sua autoridade, ao apresentar-se e ser reconhecido como um pastor que tem uma “visão”, um tipo de revelação pessoal acerca do que Deus espera que seja a comunidade cristã que está sob a sua orientação, além de um posicionamento político “divinamente orientado”.

Esses modos de legitimação articulam-se muito bem com as formas como se dá a atuação do Pr. Armando Bispo no contexto da IBC que serão abordados no sexto capítulo: Pregador, Doutor e *Performer*.

Avançando um pouco mais na análise feita por Willaime (2003), compreende-se que a profissão de pastor, a condição de clérigo, possui semelhanças com o de “membro de um partido político”. O pastor é membro de uma “instituição simbólica de caráter militante”, que desenvolve ações de conservação e expansão de capital simbólico visando a conquista de novos adeptos. Assim, Willaime (2003) apresenta quatro características da profissão clerical,<sup>66</sup> apresentadas em suas linhas gerais logo abaixo. Juntamente com essa apresentação, ressalto a forma como isto se aplica ao exercício da profissão clerical pelo Pr. Armando Bispo.

A primeira característica é a **adesão ideológica**. O pastor tem que aceitar e dar um firme testemunho do sistema de sentidos e dos valores da instituição religiosa da qual faz parte. Ainda que as organizações religiosas possam apresentar uma grande variedade de estruturas teológicas, que pode ir desde as mais simples até as mais complexas formas de construção doutrinária, ele precisa demonstrar seu compromisso com estas. Não se pode deixar de acrescentar que podem acontecer conflitos dentro das organizações quanto à interpretação da tradição teológica da instituição, bem como dos modos como se pretende tornar relevante essa tradição perante o conjunto da sociedade.

Ainda que faça uma nova leitura de muitas práticas eclesiais decorrente de sua compreensão dos textos bíblicos e do diálogo feito com o pensamento de outros teólogos e pastores, o Pr. Armando Bispo não prescinde de uma referência ao sistema de sentido e aos valores constantes que se conectam em seus aspectos mais amplos aos do movimento batista e que são aceitos pela sua comunidade religiosa. Isso pode ser observado nos trechos das entrevistas onde ele expressa a sua identidade confessional.

---

<sup>66</sup> Willaime utilizou-se das contribuições teóricas de Annie Kriegel e dos sociólogos norte-americanos Everett C. Hughes e Thomas Gannon.

A segunda característica é o **trabalho com militantes benévolos**: o pastor trabalha com leigos, “militantes benévolos”, que desenvolvem parte do trabalho religioso e contribuem financeiramente para manutenção da organização religiosa. Assim, o pastor pode garantir o seu próprio sustento e ser “aliviado” de muitas ocupações. Entretanto, o ato de contribuir pode ensejar e a divisão do trabalho religioso, que implica em desdobramento do poder religioso, dá oportunidade aos leigos de participar da definição dos caminhos seguidos pelas organizações religiosas. Os pastores, por sua vez, procuram desenvolver estratégias para que esses leigos não exerçam uma posição hegemônica.

A expansão do número de membros mediante a multiplicação dos pequenos grupos e a complexificação das tarefas administrativas da IBC exige que o Pr. Armando Bispo partilhe com outros pastores e leigos determinadas parcelas de poder. Entretanto, a delegação tem os seus limites. Conforme ele relatou em entrevista:

*Eu tenho várias reuniões, mas com pessoas-chave, tenho várias reuniões com líderes que precisam de direcionamento, que precisam alinhar a visão de quando em quando. Eu tenho reunião mensal com todos os líderes de grupos pequenos, que é outra forma como a gente se organiza enquanto igreja. Então, muito do que eu fiz até agora eu já fui delegando, fui delegando, fui delegando, hoje eu não poderia delegar no momento é o envisionamento, é assim... o dom que Deus tem me dado de antecipar coisas, de antecipar o futuro, de olhar... antecipar não no sentido de adivinhar, mas de antecipar as tendências, de compreender o que está acontecendo, de fazer uma leitura (pigarro) da sociedade, do rebanho, dos crentes em geral, dos jovens, dos adolescentes, até porque eu sou muito ligado na sociedade, eu tenho muitos amigos não evangélicos, eu atuo em vários setores não evangélicos e isso me ajuda muito a ter uma leitura sobre o que a sociedade está vivendo. Então eu percebo que isso é um dom que Deus me deu e eu tenho exercido isso para envisionar a igreja, para ser uma igreja atuante, e disponível para servir a sociedade como e onde a sociedade está [...]. Deus tem me dado um discernimento, uma vivência que eu sou capaz de opinar na instituição sobre um galho de uma árvore que está fora do lugar lá no Pedras e sou capaz também de detectar uma tendência doutrinária que não é sadia e que está, de repente, aparecendo na boca ou no comentário ou no que está escrito vindo de qualquer área da comunidade. Então, essa visão me mantém ocupado... esse discernimento me mantém ocupado demais, sempre atento a tudo que está acontecendo ao redor. É isso aí, tarefas que eu já tenho delegado e visão, envisionamento que eu, por enquanto, mantenho isso comigo até onde Deus permitir.*

O apoio de outros líderes à capacidade de envisionamento do Pr. Armando Bispo é um elemento decisivo para sua permanência na liderança da IBC. Essa é a forma como ele pode se resguardar do desejo de muitos leigos em estabelecer uma outra linha de pensamento e de ação na IBC. Por isso, a relação com os leigos pode se tornar tensa. No entanto, conforme afirmou Anderson, um ex-colaborador, acerca da distribuição do poder religioso na IBC:

*[...] o compartilhamento da liderança com outras pessoas ocorre na medida de seu consentimento. Não foram poucos os casos em que lideranças que se estabeleceram internamente, ou chegadas de outras comunidades, foram "chamada ao seu lugar". Usando como vassoura textos bíblicos e princípios importantes das Escrituras, muitos desses líderes foram varridos ou para debaixo do tapete ou para a porta de saída.*

Existe na IBC um número limitado de leigos que usufrui junto com os pastores do privilégio de serem mantidos integralmente. Ser contratado, no futuro, para servir à comunidade em tempo integral é um sonho alimentado por alguns voluntários com quem mantive conversas informais.

O ato de contribuir financeiramente na IBC é incentivado de forma bastante discreta se comparada com as práticas de muitas igrejas neopentecostais. A ênfase é na generosidade e na oportunidade de abençoar muitas pessoas mediante as contribuições.

A terceira característica é a **relação de assalariamento com a instituição**. O pastor é um assalariado da instituição religiosa. Estabelece-se uma relação de interioridade, marcada pela adesão ideológica, conjugada a uma relação de exterioridade, o recebimento de um salário por sua dedicação ao serviço religioso.<sup>67</sup> Essa condição não é livre de constrangimentos, pois os militantes leigos trabalham, muitas vezes, sem a necessidade de salário. O constrangimento dessa situação é minimizada pelo pastor mediante o destaque ao grau de sua adesão.

<sup>67</sup> Acerca da "precariedade" dessa situação, Rubem Alves afirmou: "o pastor tem um seriíssimo problema a resolver: a sua própria sobrevivência. Ao contrário do padre, celibatário, cujas decisões afetam somente a ele, o pastor, via de regra, traz consigo mulher e alguns filhos" (1982, p. 162). Decisões como mudança de local do pastoreio e alterações no salário afetam a família toda.

A discussão sobre a remuneração coloca sempre os pastores numa situação difícil. Nunca ouvi nenhum pastor afirmar que serve a Deus nessa função em virtude da compensação financeira. Entretanto, nenhum pastor escapa da discussão sobre a sua situação no futuro, quando não puder mais exercer a atividade ministerial. Esse aspecto foi abordado em entrevista com o Pr. Armando Bispo, onde ele fez a seguinte afirmação: “Somos muito bem cuidados, muito bem remunerados, mas em termos de futuro, ôpa, ninguém sabe. A gente está pensando nisso... Nós somos autônomos, em algumas igrejas o pastor é um funcionário. Nós não somos funcionários, somos autônomos e isto de confissão religiosa”.

A aposentadoria é uma preocupação crescente de muitos pastores. Eles abraçaram a ideia de que não são “funcionários”, mas como fica a sua situação em termos de férias, 13º salário, FGTS e outros aspectos referentes aos benefícios sociais auferidos pelos trabalhadores?

As três características acima se articulam para produzir a necessidade do pastor vivenciar um nível de compromisso pessoal e institucional desconhecido em outras profissões. A quarta característica, portanto, é o **comprometimento pessoal e profissional**.<sup>68</sup>

O nível de envolvimento psicossocial do pastor é muito alto, pois o que está em jogo não é uma mera atividade profissional, mas uma “missão” que envolve capacidade de mobilização, desprendimento e sacrifício. Por conta disso, a

---

<sup>68</sup> Esse comprometimento pode ser exemplificado nas palavras de Kliewer (1978, p. 10), ao discutir o nível de envolvimento exigido do pastor luterano: “Do mecânico se espera que realize um bom trabalho; do vendedor, que venda e trate o freguês com respeito. Aí, não interessa se os dois, depois do serviço, encham a cara num boteco. Do professor se espera que dê boas aulas e se comporte decentemente na frente de seus alunos. Em casa pode bater na mulher, sem que isso prejudique muito a sua carreira profissional. Do pastor, porém, se espera que ele represente a doutrina que ele prega, tanto na vida profissional quanto particular. Isso é *conditio sine qua non* para o exercício da sua profissão. Ele tem que viver o perdão, o amor, a salvação de maneira exemplar e sem exceções. Tem de ser pai e marido impecável, motorista responsável, administrador consciencioso dos seus bens, não avarento nem esbanjador, não pode ter ambições materiais elevadas, mas tem de levar uma vida digna. E mais: as expectativas se estendem aos seus familiares. Filho de pastor malandro causa muita estranheza. O biquíni da filha facilmente se transforma em escândalo. A esposa no mínimo tem de ser boa dona-de-casa. Onde quer que o pastor esteja, ele não escapa de ser pastor. A habilidade profissional não o salva dessas exigências. Pode ser exímio pregador, conselheiro e educador eficiente; mas, sendo adúltero, ninguém ouvirá sua prédica. E, por outro lado, sendo pregador fraco, mas que vive à risca segundo as expectativas, conseguirá aceitação geral”.

integridade na vida pessoal foi um tema sempre recorrente nas pregações do Pr. Armando Bispo.

### **3.4 O carisma diante da vida orgânica e organizacional da comunidade.**

Fazendo um balanço da liderança carismática exercida pelo Pr. Armando Bispo, é possível afirmar que se tornam visíveis as seguintes características gerais: *A natureza extraordinária de sua personalidade*, cujos poderes espirituais a diferencia das demais; *O reconhecimento dos liderados*, que se traduz numa confiança quase inabalável e num profundo sentimento de dever; *O êxito*, ou seja, as vitórias alcançadas ou as bênçãos divinas recebidas pela comunidade dos discípulos; *O caráter emocional da comunidade carismática*, que rompe com autoridades e estruturas tradicionais e permite ao carisma impor uma liderança praticamente irrestrita; *A experiência de desregulação provocada pela emergência do carisma*, projetando a comunidade numa situação liminar de irracionalidade / racionalidade, desconstrução / reconstrução e subversão / restauração; *A dimensão antiutilitária da missão*, que confere ao carisma o caráter de vocação autêntica ou tarefa pessoal em oposição aos interesses econômicos.

O caráter permanente da congregação modifica substancialmente o caráter da liderança carismática, fazendo com que tradicionalize-se ou racionalize-se (legalize-se), ou ambas as coisas. Segundo O'dea, a liderança carismática é "intrinsecamente instável" e "sua transformação em liderança institucionalizada é necessária para a sobrevivência do grupo" (1969, p. 72).<sup>69</sup> Dois motivos conduzem a essa realidade: o interesse dos discípulos na persistência e reanimação contínua da comunidade e o interesse do quadro administrativo dos discípulos.

<sup>69</sup> Conforme O'dea (1969, p. 78), a institucionalização avança por três níveis interdependentes: o culto, a doutrina e a organização. O culto, "que continua e representa, em transformação simbólica, a experiência religiosa original" é central para os movimentos em desenvolvimento.

Um aspecto que não poderia deixar de refletir, ao final deste capítulo, diz respeito à contribuição do Pr. Armando Bispo para a atual configuração orgânica e organizacional da IBC. Na entrevista, ele afirmou:

*Eu, sinceramente, penso que a igreja é hoje o que ela é por uma providência da ação soberana de Deus sobre vários fatores. Acho que eu, num certo sentido, tenho sido agraciado por Deus como líder ao longo desses anos, desses vinte e sete anos. Eu acho que só posso falar dessa parcela de contribuição que provavelmente o Senhor tem me permitido fazer, que tem muito a ver com a minha própria personalidade, meu jeito de ser, a forma como fui criado pelos meus pais, a liderança exercida em outras instâncias da vida, no exército, no futebol, no meio dos amigos, no passado hora pro bem, hora pro mal, mas eu sempre exerci a função de liderança e a função de questionar os valores vigentes, seja onde for, por exemplo, na época era na escola, no futebol, dentro do próprio exército também tive várias instâncias em que tanto a liderança quanto essa tendência de questionar o status quo, de inconformismo com a mesmice isso sempre fez parte da minha característica e da minha personalidade. [...] Então eu posso dizer que a visão e a atuação ministerial, a minha visão, a minha atuação ministerial, é fruto do trabalho de Deus na minha vida e que de verdade tem contribuído, tem uma contribuição, não digo que é 100%, 80% ou 90%, mas acho que tem uma parcela de contribuição no que a igreja é hoje porque ao longo desses anos, certamente eu fui forjando também, sendo usado por Deus para forjar lideranças e a própria visão da igreja.*

A tendência comum seria considerar essas informações tão somente como uma evidência do personalismo presente nas lideranças carismáticas. Entretanto, muito mais que isso, considero ser possível ver a forma como uma biografia pastoral se encontra e se imbrica visceralmente com o destino de uma comunidade. Em entrevista, de Anderson, o ex-colaborador mencionado anteriormente, faz um comentário que aponta nessa mesma direção:

*Um observador mediano será capaz de perceber que a IBC, não se levando em conta a crença de que as igrejas são guiadas pelo Espírito Santo, é expressão direta de sua liderança maior. O Pr. Armando Bispo é um líder forte, com visão clara e determinado [...].*

*Assim, a atuação da IBC, sua presença (ou ausência) na sociedade, sua desconexão (ou dificuldade de conexão) com as demais expressões evangélicas na cidade, a valorização da excelência em tudo que realiza, sua cultura de confrontação do pecado, sua busca por uma ética elevada, ou seu desapego às estruturas eclesiais, estão diretamente ligados à liderança do Pr. Armando Bispo. No discurso, ele tenta descolar essa ligação, o que revela sua compreensão do fenômeno. Mas, na prática, quanto mais ele fala, maior dependência se estabelece.*

*Creio que essa ligação é tão intensa que a igreja foi-se ajustando às mudanças, normais à um homem de meia idade, experimentou crises de identidade juntamente com ele e agora parece-me que vai na direção de acomodar-se a uma posição mais conservadora, também como ele. Assim a IBC vai abrindo mão daquilo que lhe foi muito peculiar no passado: a inovação.*

Liderança pastoral e dinâmica eclesial, no discurso acima, aparecem intimamente conectadas. Seu autor observa uma afinidade “psicológica” entre o pastor e organização religiosa. Assim, se aventuraria a hipótese de que as sucessivas mudanças na IBC estariam ligadas às “crises de identidade” e que, com a “estabilização” deste, a IBC deixaria de inovar e, tal qual seu pastor, tenderia a uma posicionamento mais conservador.

A IBC, sem dúvida alguma, não teria se tornado o que se tornou sem a presença do Pr. Armando Bispo. A verdade é que não se sabe que caminho ela teria seguido a sua liderança. Teria permanecido em seus moldes tradicionais? Teria se “renovado”, assumindo feições pentecostais mais explícitas? Teria o Pr. Armando o mesmo sucesso em outro lugar onde assumisse o pastorado?

O fato é que a mesma liderança carismática que produz uma comunidade de seguidores, como já foi discutido, também não deixa de sofrer as influências dessa comunidade. O Pr. Armando Bispo e a IBC são o que são hoje em virtude de uma série de fatores, que vão desde as flutuações do cenário religioso mais amplo até os acontecimentos fortuitos que envolvem o cotidiano da vida de um pastor inserido em uma comunidade. Entretanto, no presente momento, é difícil pensar a existência de um sem a da outra parte.

A crise de continuidade pode implicar em crise de sucessão. Esse fenômeno se torna mais agudo nos casos de morte física ou simbólica do portador do carisma, pois pode trazer à tona a questão da sucessão (WEBER, 1994, p. 161-162).<sup>70</sup> Willaime (2000, p. 17) observa que,

<sup>70</sup> As soluções possíveis para os casos de sucessão: (1) escolha de novo líder carismático mediante determinadas características, (2) revelação divina, (3) designação pelo líder antecessor com o reconhecimento da comunidade, (4) designação pelo quadro administrativo carismático com reconhecimento da comunidade, (5) transmissão hereditária, (6) transmissão hierúrgica (WEBER, 1994, p. 162-163).



O tempo dos fundadores é uma coisa, o tempo das tradições é uma outra coisa. Processo muito conhecido e que um sociólogo como Max Weber, estudando a rotinização do carisma original e os problemas da sua transmissão, tem explicado muito bem. Trabalho do tempo e dos espaços que transformam os impulsos originais, que os inscrevem em novos campos e os fazem participar de outras apostas.

Dessa forma, na visão de Weber, há um refluxo no movimento que havia tirado o grupo carismaticamente dirigido do circuito da vida cotidiana. Com isso, no mínimo, a dominação pura do carisma, tenderia a se transferir ao “institucional” e nele ser refratada.

É então como que mecanizada, ou é imperceptivelmente substituída por outros princípios estruturais ou se confunde e se entrelaça com eles nas formas mais variadas, de modo que chega a representar, dentro da formação histórica empírica, um componente de fato inseparavelmente ligado a eles, muitas vezes irreconhecivelmente desfigurado e somente depurável analiticamente para a consideração teórica (WEBER, 1999, p. 332).

A impressão que se tem na abordagem weberiana é que a transferência do carisma ao “institucional” só aconteceria dentro do processo de rotinização onde se envolve a questão da sucessão. Penso que é possível pensar a rotinização também em termos de uma estratégia de persistência ou sobrevivência do carisma mediante a sua transferência para uma organização religiosa.

Nesse caso, as qualidades inerentes ao líder carismático poderiam ser atribuídas / reconhecidas, em maior ou menor grau, na organização por ele estabelecida. O quadro, então, seria o seguinte: *A natureza extraordinária da organização*, cujos poderes excepcionais a diferencia das demais; *O reconhecimento dos liderados*, que se traduz numa confiança quase inabalável e num profundo sentimento de dever em relação à organização; *O êxito*, ou seja, as vitórias alcançadas ou as bênçãos divinas, seu constante crescimento e sua extraordinária capacidade de permanecer atual; *O caráter emocional que desperta na comunidade carismática*, ao realizar rituais de grande impacto e eventos grandiosos, suscitando fervor e lealdade à liderança da organização; *A experiência de desregulação provocada pela emergência do carisma*, projetando na comunidade a visão de que sua organização religiosa possui um dinamismo que não permite que

se acomode em estruturas cristalizadas,mas que se renove constantemente; - A *dimensão antiutilitária da missão*, quando ressalta os benefícios colhidos pelos membros no ato de contribuir que retornam para a comunidade na forma de serviços (não necessariamente religiosos) e comodidades.

### 3.5 A dimensão política no discurso do Pr. Armando Bispo

Nas entrevistas realizadas, o Pr. Armando Bispo ressaltou sua participação no movimento estudantil secundarista no final dos anos 1960, estando à frente de greves e mobilizações estudantis. Entretanto, posteriormente, alistou-se no serviço militar e atuou no exército. Afirmou que perdeu o encanto com a “esquerda” e não deixou que a “direita fizesse a sua cabeça”. Na condição de “crente batista” seu interesse era a pregação do evangelho, não a militância política progressista ou reacionária.

Os assuntos relacionados à dimensão política da vida social nunca tomaram grande espaço nas pregações do Pr. Armando Bispo que eu pude assistir. Ele direcionou muitas críticas aos políticos, de um modo geral, em especial à prefeitura de Fortaleza e ao presidente da República, mas nunca me pareceram fazer parte de uma oposição sistemática. No **Blog Cotidiano e fé**, do Jornal **O Povo**, porém, as críticas foram pesadas.

O nosso presidente, marxista de carteirinha, oportunista e eleitoreiro, desfila com uma imagem da Senhora Aparecida na sua lapela enquanto defende, propaga e impõe leis absolutamente anticristãs sem muita resistência do clero, revelando o renascimento do acordo imperialista que recebe a benção Romana sobre os desmandos do Planalto em troca das benesses espúrias e dos privilégios que violam o direito do cidadão comum.

Posso prever as reações dos que por ignorância ou por conveniência não percebem que estamos transferindo direitos individuais para o Estado, transformando a liberdade religiosa numa escravidão ao governo imperialista cujas políticas se opõem a Deus e a religião, embora não abra mão destes pelo interesse populista e em nome da manutenção do poder.

Desta forma, parece ingloria a luta contra a catolicização das praças, morros, canteiros, ruas e avenidas de Fortaleza. Ao invés de espalharem a mensagem do Evangelho de Cristo, insistem em propagar uma estranha caricatura da Maria descrita na Bíblia. O folclore e a imaginação popular

ganham contornos de dogma de fé pela conveniência dos que se aproveitam dos sentimentos maternos e da boa fé do povo.

Iniciativas leigas, pretensos milagres, supostos fluidos benéficos para diminuição de acidentes ou roubos são os argumentos estampados em reportagem do Jornal O POVO, deste último domingo (20/06/10), tratando dos pequenos altares em praça pública.

Infelizmente, o Jornal se propõe a estimular um ato que polui a cidade, descaracteriza ambientes de lazer, abre trilhas em morros com desmatamento e a inserção de escadarias e altares que nada contribuem para a preservação da natureza, senão para o ganho dos comerciantes que exploram a presença dos religiosos.

Se a influência dos ícones religiosos ou de santas sagradas pudesse minimizar ou eliminar o roubo e o vandalismo, imaginem como deveria ser a moral da Câmara, do Senado, dos Ministérios de Brasília, das repartições públicas da Federação, das sacristias e dos púlpitos dos que abusam dos infantes da fé.

Enquanto multiplicam-se os altares da mesmice, da ladainha, da idolatria e da alienação, católicos apostólicos, evangélicos e protestantes históricos continuarão pregando a Palavra do Cristo Vivo, Salvador e único capaz de transformar mentes e corações em altares promotores de transformação que regenera o homem, respeita a natureza e religa o ser humano ao Deus Único, Vivo, Criador e Invisível. (CRUZ, 2010)<sup>71</sup>

Essa crítica, dirigida à “idolatria estatal” que apóia a “catolicização” dos espaços urbanos e aproveita-se da desinformação e boa vontade popular, atinge tanto a Prefeitura de Fortaleza quanto à Presidência da República. Essa crítica, diga-se de passagem, também foi feita por espíritas em outro grande jornal do Ceará, **O Diário do Nordeste**. No quinto parágrafo, uma crítica “verde” e religiosa, da qual não nem o jornal onde está hospedado o *blog* escapa.

Em relação à política partidária, Lembro que nas últimas eleições municipais, um membro de sua igreja concorreu à Câmara dos Vereadores, tratava-se de Murilo Marques, do Partido Verde. Em 29 de agosto de 2008, fui assistir um debate promovido por esse candidato no anfiteatro do Colégio Kerigma, que contou com a presença do Pr. Armando Bispo e do Pr. Carlos Queiroz (da Igreja de Cristo no Brasil, igreja pentecostal de raízes nordestinas).

Nessa ocasião, o próprio Pr. Armando afirmou que tinha o Murilo como “um filho” e manifestou-se como “menos politizado”, ao se comparar com o Pr. Carlos. Ressaltou, de forma muito resumida, sua participação como militar durante o período da Ditadura Militar.

---

<sup>71</sup> Mantive o Link na citação para atender a um possível interesse do leitor em conhecer a matéria referida pelo Pr. Armando.

Durante o debate, duas falas do Pr. Armando me chamaram atenção. A primeira foi sua preocupação em explicitar que o Murilo Marques não era um candidato oficial da IBC e que estava ali como indivíduo, como um cidadão, e não como quem veio manifestar um apoio institucional. A segunda foi uma crítica dirigida à Ordem dos Ministros do Estado do Ceará – ORMECE, atual entidade representativa dos pastores do estado do Ceará, que é formada em sua maioria por membros pentecostais: ela estaria muito “interessada em colocar uma Bíblia na estante de cada escola, mas não se manifestou em favor do pão em cada casa”.

Considerarei a posição política do Pr. Armando nesse debate conservadora. Sua participação pode ser considerada como discreta, mas seu discurso era predominantemente religioso. No segundo semestre de 2010, não tive condições de acompanhar o posicionamento político do pastor, manifestado em suas pregações, em relação às eleições. No **Blog Cotidiano e Fé**, entretanto, após os resultados do primeiro turno, vi seu posicionamento.

Não tenho procuração para defender partido ou candidato “A” ou “B”. Votei sim em Marina, por acreditar na coerência que deve se manter firme contra a volúpia do seus companheiros de partido que vêem no segundo turno, uma oportunidade para auferir cargos e prestígio na composição do novo governo.

O voto do bem e da ética espera que a Marina não se renda e não se venda aos interesses escusos dos que vão dissimular a ditadura da imoralidade e a censura dos que ousam discordar das medidas anticristãs que emanam do planalto.

Enquanto as urnas nos oportunizarem a livre expressão e, ainda que nos censurem por crermos nos valores e princípios cristãos, vamos votar contra a onda vermelha que, na base do populismo assistencialista, busca manter o poder para aprovar leis pró-aborto e proteger uma minoria homossexual que deveria ter as mesmas garantias e direitos constitucionalmente garantidos a qualquer cidadão comum. (CRUZ, 2010).

Na minha avaliação, sua identificação com Marina tem sua origem em alguns pontos básicos: a origem evangélica da candidata, sobretudo porque ela não tem um perfil “igrejeiro”, ou seja, não disputava a presidência em nome dos evangélicos; o fato de Marina ter representado uma “terceira via”, para eleitores evangélicos ou não que não pretendiam votar em Dilma ou Serra; as conexões de membros de sua igreja com o partido verde. Poderia se pensar em outras conexões, mas estas são as que considero fundamentais para entender sua visão política.

O “núcleo duro” de suas críticas se direciona ao governo petista classificado como uma “onda vermelha” e como uma “ditadura da imoralidade”, que adota “medidas anticristãs”, o “populismo assistencialista”, sendo “pró-aborto” e protetora de “uma minoria homossexual”. Aqui o discurso se torna quase “profético”, mas não deixa de ser conservador quando se recorda que nos encontramos em uma sociedade pluralista e diante de um estado laico. Ele tenta preservar a Marina, ao mesmo tempo em que denuncia a “volúpia dos seus companheiros de partido”.

Considero importante ainda frisar que o Pr. Armando Bispo foi o único pastor presente ao ato ecumênico que antecedeu a posse do Governador Cid Gomes e do Vice Domingos Filho, no mesmo dia, na residência oficial do governador. Esse rito contou ainda com a presença do Presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará (FEEC), jornalista Nonato Albuquerque, e do padre da Igreja Bizantina, Nélio Façanha. A fala do Pr. Armando, transcrita pelo site do governo do Estado, foi a seguinte: “Seu último mandato teve uma relevante aceitação do povo cearense, com mais de 70% de aceitação, isso reflete o sucesso do seu mandato” (CEARÁ, 2011).

O site ainda registrou que “o pastor lembrou do encontro que teve com Cid Gomes durante a campanha de 2010, que segundo ele só reforçaram a sua convicção do empenho do Governador em melhorar a vida dos cearenses, e sua crença na política. 'Sou testemunha do seu empenho em garantir melhorias para o nosso povo. Hoje volto a acreditar na palavra de um homem público'[...].” (CEARÁ, 2011).

O quadro apresentado ao longo deste capítulo pode ser discutível (e, com certeza, é), mas abre um espaço para se compreender a forma como acontece e se consolida a autoridade pastoral na IBC, bem como a forma específica como se dá a imbricação entre o líder carismático e a vida orgânica e organizacional da comunidade religiosa no sentido de preservar e favorecer o reconhecimento de sua liderança carismática.

## 4 DOS TEMPLOS À TENDA: OS USOS DO LOCAL DE ADORAÇÃO

O objetivo do presente capítulo é compreender como no protestantismo contemporâneo o templo cumpre um papel importante não apenas como espaço de manifestação do sagrado e analisar o cenário de performances que autenticam o carisma. Antes disso, uma breve abordagem histórica acerca dos templos no cristianismo se faz necessária.

A religião, segundo Rubem Alves,<sup>72</sup> é “uma teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transsubstanciar a natureza” (1996, p. 18). Ele, no entanto, não se prende às ideias *a priori* de Rudolf Otto (1985),<sup>73</sup> ressaltando que o sagrado não é sagrado por si mesmo, mas si um produto da ação humana, que “sacraliza”, ou seja, torna sagrado determinados elementos que fazem parte de sua realidade, atribuindo-lhes valor simbólico.

Nenhum fato, coisa ou gesto é encontrado já com as marcas do sagrado. O sagrado não é uma eficácia inerente às coisas. Ao contrário, coisas e gestos **se tornam** religiosos quando os homens os batizam como tais. A religião nasce com o poder que os homens têm de dar **nomes às coisas**, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. E esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes

<sup>72</sup> A perspectiva de Rubem Alves se fundamenta, principalmente, em Peter Berger que procura “salvar” a relação com o Transcendente e o aspecto da “criação humana”, admitindo que cientificamente a religião só pode ser examinada como “empreendimento humano”, pois assim é que ela se manifesta como fenômeno empírico. A questão da existência de “algo mais” estaria além da compreensão científica (BERGER, 1985, p. 38).

<sup>73</sup> Na visão do teólogo protestante Rudolf Otto, o *sagrado* é uma categoria complexa e “completamente inacessível à compreensão conceitual, e constitui algo inefável” (1985, p. 11). Na concepção de Rudolf Otto, “A religião é o produto da história na medida em que esta desenvolve a predisposição do conhecimento do sagrado e, por outro lado, a própria religião, em certos casos assume a manifestação do sagrado” (OTTO, 1985, p. 164). A ideia do *numinoso* e os seus sentimentos correspondentes encontram-se para além da experiência sensível, posto que se originam na “fonte de conhecimento mais profunda que existe na alma” (OTTO, 1985, p. 112). Embora o *numinoso* não nasça de experiências sensíveis, aparece graças a elas. O instinto religioso e/ou a busca religiosa são parte de uma da mente humana manifestos pela excitação de certos dados exteriores. Há um conhecimento *a priori* do divino que se apresenta “com a certeza da constatação pessoal da verdade e uma afirmação quando ela é claramente enunciada e compreendida” (OTTO, 1985, p. 116).

símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços construindo, com seu auxílio uma abóbada sagrada com que recobrem o mundo. (ALVES, R., 1996, p. 19)

Pode se chamar, então, de “sacralização”, essa disposição humana de estabelecer como sagrado “objetos, tempos e espaços. Essa perspectiva difere daquela apresentada, por exemplo, por Sell e e Brüseke (2006, p. 67) que, seguindo a tematização de Rudolf Otto, ao discutirem a relação entre o sagrado e o misticismo,<sup>74</sup> consideram a sacralização como uma projeção e um fazer humano que “deturpa o sentido do sagrado, fazendo dele um simulacro atraente e perigoso”.

#### 4.1 O templo na tradição judaica

Na tradição judaico-cristã é perceptível a sacralização de lugares especiais, tornando-os espaços privilegiados de encontros com a divindade. A configuração desses lugares sagrados decorreu de uma diversidade de fatores: cultura, clima, geografia, economia, tecnologia, política, teologia, etc. Regina Machado observa que “cada grupo humano tem características próprias e, conseqüentemente irá produzir uma arquitetura própria, dando origem a uma variedade ilimitada de formas de organizar o espaço celebrativo” (2001, p. 14).

Não se pode pensar no cristianismo sem as suas raízes hebraicas. Os antecedentes culturais registrados na parte da Bíblia conhecida como Velho Testamento forneceram os fundamentos históricos e teológicos para a constituição de espaços sagrados pelos cristãos ao longo dos tempos (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA, 1999).

---

<sup>74</sup> Sell e Brüseke, sociólogos, adotam a seguinte definição de misticismo desenvolvida pelo filósofo Leszek Kolakowsky: “ Doutrina segundo a qual é possível, dentro de certas condições, que a alma humana, que é uma realidade diferente do corpo humano, comunique-se por meio de uma experiência (não sensível, mas análoga por suas características diretas aquela que se produz no contato o sentido humano com os objetos) com a realidade superior que conserva a primazia (no tempo ou na criação) em relação a toda outra realidade; admite-se ao mesmo tempo que esta comunicação, ligada a uma intensa afeição de amor, e também livre de toda participação das faculdade físicas do homem, constitui um bem particularmente desejado e que ela é, ao menos nas suas formas mais intensas, o bem supremo que o homem pode conquistar na sua vida terrestre” (KOLAKOWSKY apud SELL e BRÜSEKE, 2006, p. 22). Na tematização de Weber, o misticismo tem como característica o afastamento do mundo visando uma possessão contemplativa do sagrado, “É principalmente a busca de um ‘repouso’ no divino e somente nele” (1994, p. 366)

As primeiras referências a lugares sagrados na tradição judaico-cristã encontram-se no livro de Gênesis, onde se relata que os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó construíram altares e armaram suas tendas em lugares escolhidos pela própria divindade (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999). Mediante os registros bíblicos,

Vemos que os Patriarcas tinham necessidade de manter aberto o canal de comunicação com Deus, que se manifestava em seus sonhos. Por isso, levantavam altares e marcos em lugares especiais, para poderem continuar encontrando-se com Deus. Os altares e os marcos funcionavam como a escada no sonho de Jacó, como um eixo cósmico que ligava o céu à terra. Construindo esses altares para Deus, os patriarcas santificavam e sacralizavam o lugar onde tinham feito a experiência de Deus. (MACHADO, R, 2001, p. 15).

Para um povo nômade, a estadia em um local indicado pela divindade representava a garantia de que experimentaria segurança e obteria o necessário para a sua manutenção, além disso assegurava uma comunicação direta com Deus.

No livro do Êxodo, a divindade se manifesta tanto nas montanhas que ficavam na rota dos hebreus, libertos da escravidão no Egito, que vagavam pelo deserto sob a liderança de Moisés, como nas colunas de fogo e de nuvem que acompanhavam a marcha do povo. Dessa forma, comunicação e proteção eram garantidas ao longo da jornada (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999).

No deserto, entretanto, a divindade decide estabelecer um novo espaço para abrigar as tábuas da lei, o sinal visível da sua aliança com o povo libertado: um santuário onde repousará a arca onde seriam guardadas as tábuas. O santuário, que podia ser montado e carregado durante a trajetória pelo deserto, recebeu o nome de “Tenda da Reunião”. No livro do Êxodo estão contidas as leis relacionadas a esse santuário: o material para sua construção, a confecção de cortinas, a armação, a arca da aliança, a mesa dos pães ofertados a Deus, o candelabro, os altares do incenso e do holocausto, o átrio, a bacia, as vestes sacerdotais e as orientações para a consagração do santuário (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA, 1999).



Segundo Regina Machado, “esse santuário foi construído conforme a concepção comum na época, de que o templo terrestre deveria ser imitação do templo celeste – morada da divindade. A Tenda da Reunião foi feita conforme esse modelo” (2001, p. 18. grifo da autora).

Após o período de peregrinação pelo deserto, o povo hebreu iniciou o processo de ocupação da “terra prometida” sob a liderança de líderes que ficaram conhecidos como “juízes”. Percebendo a necessidade de um rei, segundo o modelo das nações circunvizinhas, o povo escolhe um homem chamado Saul para essa função. Com o fracasso deste, o sacerdote Samuel unge a Davi para assumir o reinado.

O rei Davi conquista a cidade de Jebus e a transforma em capital do nascente reino, Jerusalém. A população aumenta. O rei constrói o seu palácio e, posteriormente, segundo o relato bíblico, recebe a incumbência divina de iniciar os preparativos para a construção de um templo.

Na visão de Eliade (1992), a concepção de templo que se desenvolve no povo de Israel é uma herança das grandes civilizações orientais, constituindo-se numa reprodução terrestre de um modelo transcendente, uma cópia do arquétipo celeste. “Os modelos do tabernáculo, de todos os utensílios sagrados e do templo foram criados por Jeová desde a eternidade, e foi Jeová que os revelou aos seus eleitos, para que fossem reproduzidos sobre a terra” (ELIADE, 1992, p. 56-57).

O templo onde a divindade estabeleceria sua morada foi erguido, no entanto, por Salomão, descendente de Davi. Jerusalém tornou-se, portanto, além de centro político, centro da vida religiosa do povo hebreu. Consolidaram-se, então, três elementos centrais da religião judaica: templo, sacerdócio e sacrifício.

A construção e a reconstrução do templo de Jerusalém estiveram marcadas todo o tempo por objetivos políticos. Salomão o usou para fortalecer o seu poder e sua política centralizadora. O templo era o símbolo do poder do rei, por isso foi destruído na invasão de Jerusalém pelos babilônios. E entre os planos de Herodes estava a reconstrução do Templo de Jerusalém a fim de remover um pouco a hostilidade que os judeus tinham contra ele. Mas, ao mesmo tempo que o Templo era usado pelos governantes com fins políticos, nem sempre no interesse do povo, servia também como ponto de coesão e um símbolo na luta do povo [...]. (MACHADO, R, 2001, p. 18-19).

O Templo de Jerusalém foi frequentado por Jesus Cristo, que o considerou a “casa de meu Pai”. Seu respeito pelo templo, registrado pelos evangelistas no Novo Testamento, é visível também em outras expressões que empregou: “casa de Deus” e “casa de oração”. Essa compreensão do Templo o levou a agir com rigor, expulsando cambistas e vendedores que atuavam ali.

Na compreensão cristã, a instituição religiosa do Templo terminou com a morte e ressurreição de Jesus. Considerando que o sacrifício de Jesus foi único, definitivo e superior, não se justificava mais a necessidade do Templo de Jerusalém com os seus sacrifícios nem ainda de uma casta de sacerdotes.

#### **4.2 Os templos na igreja cristã**

O cristianismo não erigiu templos nos seus primeiros anos de existência. Segundo o relato do Novo Testamento, as casas eram o lugar por excelência das reuniões, pois bastava apenas uma sala ampla para a realização dos serviços religiosos. A comunidade cristã nascente compreendia que o “verdadeiro templo do Deus vivo consistia na assembléia reunida. Por isso não pensaram em lugares especiais para as celebrações” (MACHADO, R, 2001, p. 20).

O crescimento numérico, mesmo em meio às perseguições, exigiu a construção de espaços maiores ou o aproveitamento de salas mais amplas que já atendiam outras necessidades para os fins da reunião da comunidade. O primeiro local específico para realização de cerimônias religiosas cristãs data do século segundo, trata-se da pequena “casa de oração” de Dura-europos.

Durante cerca de trezentos anos até a época de Constantino, os cristãos não tiveram um modelo determinado de edifício [...]. São duas as razões para essa ausência de modelo: uma porque como eram perseguidos, não queriam ser identificados; outra porque a motivação cristã estava alicerçada na assembléia reunida e não mais em um edifício vistoso como tinha sido o Templo de Jerusalém. (MACHADO, R., 2001, p. 21).

No século IV, o cristianismo conquista a liberdade religiosa e, depois, torna-se a religião oficial do Império Romano. O crescimento do número de fiéis

requeriu um lugar bem maior para as celebrações: as basílicas, que não foram concebidas originalmente para os cristãos, pois tratavam-se de salas utilizadas para reuniões cívicas, tribunais e negociações entre mercadores e banqueiros, sendo adaptadas para o culto cristão. Segundo Regina Machado (2001, p. 21),

Foram necessárias poucas adaptações: a abside ajustou-se perfeitamente à cátedra do bispo e ao banco dos presbíteros. A mesa da Palavra foi colocada no início da nave e o lugar da mesa da eucaristia podia variar segundo a região – ou perto da abside, entre o clero e o povo, ou mais no meio do povo, que ao seu redor fazia um círculo. E utilizou-se o átrio como lugar de purificação com água antes de entrar no espaço de oração. As basílicas eram muito bonitas, possuíam estrutura harmoniosa e uma imponente decoração. Todo o conjunto enfatizava o caráter escatológico da liturgia terrestre, que anunciava e realizava antecipadamente a liturgia do céu.

A beleza e a imponência desses templos tinham ainda o propósito de ressaltar a supremacia da fé cristã sobre o paganismo e atrair mais fiéis. Os edifícios construídos a partir desse período seguiram esse referencial. Segundo Eliade (1992, p. 57-58),

A basílica cristã, e mais tarde a catedral, retoma e prolonga todos esses simbolismos [do templo judaico]. Por um lado, a igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste [...]; por outro lado, reproduz igualmente o Paraíso ou o mundo celeste. Mas a estrutura cosmológica do edifício sagrado persiste ainda na consciência da cristandade; é evidente, por exemplo, na igreja bizantina. “As quatro partes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo. O interior da igreja é o universo. O altar é o paraíso, que foi transferido para o oriente [...]. O meio do edifício da igreja representa a Terra [...]”. Como imagem do mundo, a igreja bizantina encarna e santifica o mundo.

As transformações políticas, econômicas, sociais e religiosas experimentadas pela Europa por volta do século XIII se refletem na arquitetura dos templos. Embora a planta preserve o modelo das basílicas, os princípios da monumentalidade, da solidez e da durabilidade vão nortear o estilo gótico adotado nas construções. “Inicialmente, a catedral gótica era o símbolo do poder dos reis. Ali eles eram coroados e sepultados. Com a ascensão da burguesia nos séculos XIV e XV, as catedrais passam a ser o orgulho das cidades, dos burgueses e das corporações” (MACHADO, R., 2001, p. 23).

O termo “gótico” surgiu na Itália para depreciar a diferença desse estilo em relação aos padrões gregos e romanos. Era considerado “bárbaro” em lembrança dos Godos, povo que devastou a Itália antiga. Uma das características principais é a altura, o predomínio da linha vertical sobre a horizontal. Esse efeito foi obtido pela utilização de duas invenções francesas: o arco em ogiva (capaz de suportar um peso maior que o redondo) e os arcobantes externos (que reduziram a pressão do teto sobre as paredes, permitindo ainda imensas janelas com vitrais representando cenas religiosas). Uma das mais famosas catedrais góticas é a de Nossa Senhora de Paris (*Notre-dame*).

A arquitetura religiosa ganha uma nova dimensão no Renascimento. Torna-se mais “mundana” e menos transcendental, mais humana e menos espiritualizada, transformando-se na expressão de uma realidade grandiosa. As catedrais góticas deixam de ser construídas. Segundo Regina Machado,

Um novo estilo marcará essa época: o barroco. Nele a dimensão das construções é grandiosa, o esplendor da decoração e toda a organização dos espaços proclamam a autoridade da Igreja e do Estado. A essência do barroco é o fausto [...].

Todas as artes subordinam-se à arquitetura. Todos – escultores, pintores e arquitetos – são chamados à criação de uma obra simbolicamente faustuosa. A arquitetura renuncia às pesquisas de proporcionalidade iniciadas na Renascença e procura novos efeitos com o objetivo de conseguir resultados emocionais. (2001, p. 23).

A característica faustuosa do barroco atendeu também aos interesses da Contra-reforma, como forma de aludir à grandeza e ao poder da Igreja Católica Romana.

A Revolução Industrial marca um novo período na sociedade europeia e cresce a tensão entre o cristianismo e a nova sociedade gerada pela expansão do capitalismo em virtude da consolidação da ciência como saber hegemônico, a industrialização, o anticlericalismo, o liberalismo, a democracia representativa, o socialismo utópico e o marxista, o ateísmo e o materialismo.

A relação entre a cultura arquitetônica e o cristianismo se modificou. As concepções cristãs sobre o espaço utilizado para fins cultuais adotam como referência fundamental o princípio da funcionalidade dos locais de celebração. No caso do catolicismo, a mobilidade dos fiéis entra como um complemento dessa ideia

No caso do protestantismo, essa funcionalidade se relaciona a aspectos racionais e utilitários. Segundo Abumanssur, “as igrejas construídas nesse período, em geral, possuíam uma planta centrada, isto é, onde o púlpito ocupava o lugar principal e os fiéis eram dispostos em torno dele” (2004, p. 98). O púlpito, ainda hoje, mantém-se como um vértice para onde devem convergir as atenções dos fiéis.

A planta longitudinal nunca deixou de estar presente entre os templos católicos, tomados por ou doados para as comunidades reformadas. Essas adaptações consistiam em eliminar a estatuária, o altar, eventualmente os vitrais [...].

O entendimento de que o templo é um lugar para os cultos públicos e não para as devoções particulares, fez com que as capelas e altares secundários, comuns nas plantas de estilos românico e gótico, fossem simplesmente abolidos. Qualquer pintura, entalhe, alto ou baixo relevo era nivelado ou caiado de branco. Palavras como austeridade, simplicidade, sobriedade orientavam as ações e intenções gerando edifícios de paredes limpas e lisas. (ABUMANSUR, 2004, p. 112).

Abumanssur (2004) ressalta que dois estilos, em especial, foram as principais fontes de inspiração para as comunidades protestantes: o **neoclássico**, uma expressão da reação racionalista ao Barroco e uma busca de renovação do espírito da antiguidade, e o **neogótico**, estilo que surgiu na Inglaterra no século XVIII sob inspiração do gótico. Este último enfatiza a soberania e a transcendência de Deus, em virtude da verticalidade de seus espaços e a grandeza de suas dimensões. O primeiro estilo, por sua vez, reflete uma ênfase na racionalidade da fé protestante, pois “pela disposição geométrica dos elementos, a simetria na organização dos espaços, as proporções volumétricas, tudo faz entender que é um lugar perfeito para que o homem se sinta em um ambiente confortável ao espírito” (ABUMANSUR, 2004, p. 116).

### 4.3 Os templos protestantes no Brasil

A presença dos protestantes reformados holandeses no Brasil, no século XVII, “não deixou qualquer vestígio arquitetônico dado que na cidade do Recife os edifícios públicos ou religiosos não foram poupados na restauração portuguesa de 1649” (ABUMANSUR, 2004, p. 100).

No século XIX, a vinda da família real portuguesa para o Brasil e a assinatura de tratados comerciais com a Inglaterra possibilitaram o estabelecimento de protestantes ingleses e norte americanos no país, desde que cultuassem em lugares que não pudessem ser identificados como templos, mas como residências comuns. Essa orientação foi ratificada pela Constituição de 1823. Para Abumanssur,

É difícil dizer se essa interdição, no início da presença evangélica no Brasil, tornou-se a razão de uma tradição arquitetônica entre os protestantes de origem missionária, mas o fato é que, mesmo depois da interdição ter sido levantada no período republicano, eles continuaram, em muitíssimos casos, a se reunir em templos “com aparência exterior de habitação”. O mais provável é que a simplicidade arquitetônica estivesse associada à relativa pobreza das comunidades originais. Sempre que havia alguma condição financeira essas comunidades procuravam dar ao lugar de culto uma aparência ainda que simples e despojada, de templo. (2004, p. 100-101).

No Brasil, os primeiros templos das comunidades protestantes erigidos seguiram os estilos neoclássico ou neogótico, sendo o mais comum a adoção de traços de um desses estilos ou até mesmo uma mistura de estilos (ABUMANSUR, 2004).

Os templos utilizados pelos protestantes históricos e pelos pentecostais no Brasil não diferem em muitos detalhes. Os seguintes elementos são os principais utilizados na composição do cenário desses templos:

- a) O **púlpito**, ponto de onde o pregador anuncia a mensagem divina, ocupa lugar proeminente: sempre está localizado em lugar mais alto ou de destaque e todos os bancos estão para ele direcionados. Em geral, cadeiras são colocadas atrás do púlpito e se destinam ao pregador, ao oficiante do culto e aos auxiliares, sendo que ao pregador ou ao pastor efetivo destina-se as cadeiras centrais. A sofisticação dessas cadeiras tende a acompanhar as condições financeiras da comunidade;
- b) Os **bancos**, nas igrejas mais tradicionais são de madeira envernizada ou pintada, variando o nível de conforto segundo as condições financeiras da comunidade. Nas comunidades mais novas e mais pobres, os bancos tendem a ser leves e móveis ou se utilizam cadeiras de plástico;
- c) A **mesa** onde é colocado o pão e o vinho das celebrações eucarísticas raramente se localiza no mesmo nível do púlpito. Recentemente, é possível observar que a

mesa só é colocada no centro ou trazida para o templo nessas celebrações que, geralmente, só acontecem uma vez por mês. Essa mesa também é utilizada para a presidência de assembléias ou para reuniões de líderes, quando não se dispõe de uma sala apropriada para esse fim;

d) A **pia batismal** não é um elemento comum nos templos dos protestantes de missão ou de migração, que batizam seus membros por aspensão de água sobre o batizando. É comum, no entanto, entre os batistas e os pentecostais, um batistério (na forma de tanque) localizado, geralmente, atrás do púlpito, ao fundo do templo, junto com a pintura de uma paisagem. Na forma de um tanque quadrangular, tem cerca de 1,40 cm de profundidade e espaço que permita a presença do pastor e do candidato ao batismo, que será mergulhado nas águas após um ritual onde consta a confissão da sua fé e oração efetuada pelo pastor. No catolicismo, em geral, localiza-se próximo à entrada.

e) O **gazofilácio** é um móvel de madeira, onde são depositadas as ofertas e os dízimos dos que participam dos cultos. Algumas comunidades aboliram esses móveis, por motivos de ornamentação do templo ou riscos de assalto, e utilizam o serviço de auxiliares que passam com cestas ou sacolas nos bancos, evitando também o deslocamento de pessoas durante a celebração.

Nos templos das igrejas protestantes históricas tradicionais é possível observar ainda a existência de um órgão de pedais ou de um piano para acompanhar a execução dos hinos cantados pela congregação. Ainda é o caso, por exemplo, da Igreja Presbiteriana de Fortaleza que, apesar das inovações tecnológicas e litúrgicas que assimilou, continua usando um órgão.

Segundo informação verbal,<sup>75</sup> antes da chegada do Pr. Armando Bispo, o templo da IBC era “uma igreja pequeninha, modelo tradicional de igreja evangélica. Aqueles bancos de madeira, batistério com pintura do Rio Jordão no fundo...”. A Fotografia 5 atesta essa afirmação. Com exceção do gazofilácio, é possível observar os utensílios mencionados acima. O batistério ficava oculto pela cortina observada atrás do pregador.

---

<sup>75</sup> Ricardo Marques no culto de comemoração dos 25 anos de ministério do Pr. Armando Bispo, em 03 de março de 2008, na Tenda do Bairro Pedras, em Fortaleza-CE.



**Fotografia 7** - Templo da IBC em 1982.  
**Fonte:** 25 ANOS DE MINISTÉRIO..., 2008.

O templo na forma de palhoça, que pode ser observado na Fotografia 2 representou, de certa forma uma espécie de “preparação” da comunidade para o templo no formato de tenda que viria a ser adotado.

No cenário da Tenda da IBC, na atualidade, é possível observar esses mesmos elementos, mas com diferenças marcantes em relação aos observados nos templos das igrejas protestantes e pentecostais tradicionais e no próprio templo antigo da IBC, que se localizava na Rua Gonçalves Ledo:

a1) O **púlpito** é de acrílico e, portanto, leve, móvel e não está fixado ao chão. Aliás, só é colocado no centro do palco quando vai se realizar algum aviso mais demorado ou quando se realizará a pregação. Não é colocada nenhuma cadeira atrás dele, pois os pregadores e oficiantes dos cultos se sentam nas cadeiras dispostas na nave do templo junto com a congregação;



b1) Ao invés de bancos, a IBC usa **cadeiras** plásticas brancas que são colocadas em colunas na nave do templo nas ocasiões de culto, deixando espaços para o deslocamento dos fiéis. Ao final dos trabalhos, são recolhidas pelos próprios membros,

c1) A **mesa** não é um elemento fixo no cenário. Aliás, são utilizadas diversas mesas nas celebrações da Ceia do Senhor, ocupando os espaços destinados à circulação dos fiéis entre as colunas de cadeiras;

d1) Ao invés de uma pia batismal ou um batistério (na forma de tanque) para a realização de batismos, a IBC utiliza uma **piscina** para a realização dos batismos, que acontecem simultaneamente, conforme mencionei no capítulo 2. Esta fica localizada próximo ao palco, ao lado esquerdo de quem participa dos cultos nas cadeiras dispostas na nave do templo (Cf. Fotografia 11).

e1) Na IBC, os **gazofilácios** são na forma de urnas móveis e ficam posicionadas em diversos pontos da nave do templo antes do início do culto ao momento final da entrega das ofertas. Após a oração de ação de graças feita pelo oficiante do culto, são retirados e levados, com a ajuda de auxiliares, para uma sala específica onde as ofertas são removidas, sendo depois devolvidos para o seu lugar de origem;

A estrutura e a fachada dos templos protestantes históricos e pentecostais apresentam uma grande diversidade. Os templos neopentecostais de denominações religiosas como a Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, podem seguir um padrão arquitetônico comum. Esse fenômeno, entretanto, não é regra no neopentecostalismo.

Na contemporaneidade, os templos religiosos não representam mais o centro da vida da grande maioria de homens e mulheres que vivem nas grandes metrópoles. As torres de televisão e das companhias telefônicas, bem como os grandes edifícios das instituições bancárias e comerciais, marcam o centro da vida urbana, não mais as torres dos templos (MACHADO, R, 2001).

O tempo nas cidades segue o ritmo dos horários do comércio ou das novelas, tornando o som dos sinos dos campanários desnecessários para a orientação dos cidadãos. Essa tendência não é uma particularidade das metrópoles,

pois também atinge as áreas rurais onde a cultura urbana tem sido assimilada (MACHADO, R., 2001).

#### **4.4 A Tenda e seus componentes arquitetônicos**

A tenda da IBC, que na Fotografia 10 pode ser avistada do portão de entrada a que se tem acesso pelo Anel Viário, possui um grande poder simbólico. Em termos bíblicos, o primeiro espaço formal de culto no Antigo Testamento era uma “tenda”, chamada de “tabernáculo” em diversas versões da Bíblia. O tabernáculo, no entanto, tinha a característica de ser desmontável e móvel, acompanhando a trajetória do povo hebreu no deserto e na terra de Canaã.

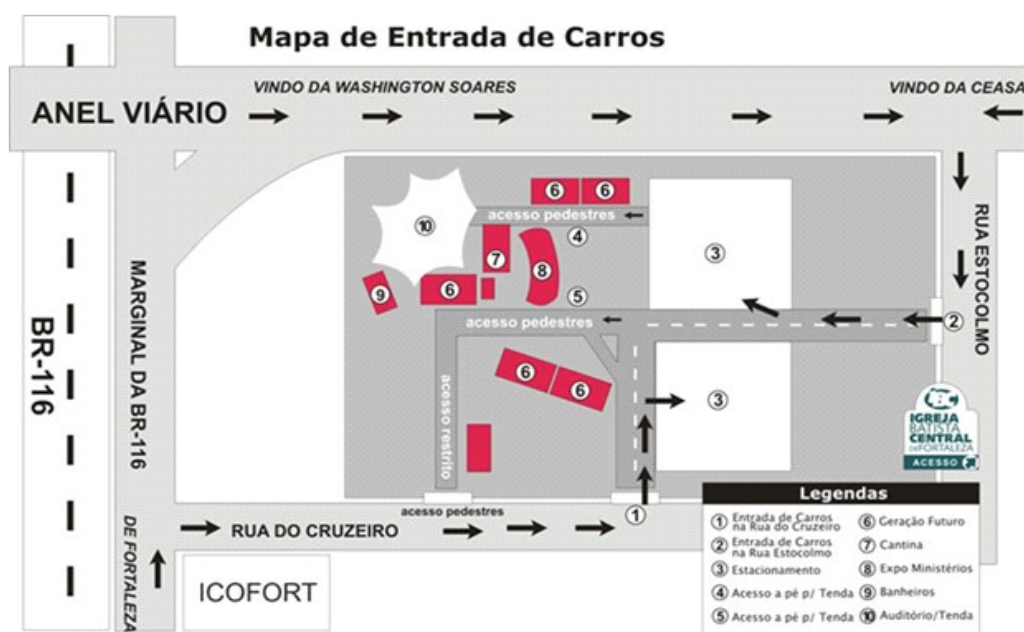
Em termos históricos, denominações pentecostais também usaram tendas. A Igreja do Evangelho quadrangular foi fundada pelo Missionário Harold Williams, em São Paulo, “após intensa campanha em tendas de lona com o nome genérico Cruzada Nacional de Evangelização” (MENDONÇA, 1997, p. 158). As tendas de lonas eram utilizadas como espaços que atendiam as seguintes finalidades: evangelização, cura divina e expulsão de demônios. As tendas também contribuíram para inovações nos cultos pentecostais, introduzindo “o uso de instrumentos antes só usados em *shows*, como guitarras elétricas e instrumentos de sopro e o cânticos de “corinhos” ao estilo “*country*” (MENDONÇA, 1997, p. 158. grifo do autor). A Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo” surgiu desse movimento de tendas.

No estado do Ceará, por exemplo, a Igreja Assembléia de Deus Betesda, fundada pelo pastor Ricardo Gondim, usou uma tenda de lona por um certo período quando a comunidade se reunia em um terreno localizado na Avenida Santos Dumont, até sua transferência para um grande galpão próximo à Avenida Pontes Vieira. Longe de ser uma improvisação, o investimento na construção dessa tenda *hi-tech* foi elevado.



**Fotografia 8** - Vista aérea da Tenda  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, s/da.

A tenda da IBC e as estruturas anexas se localizam na Rua do Cruzeiro nº 401, no bairro Pedras, bem próximo ao 4º Anel Viário, na altura do Km 11 da BR 116, na saída de Fortaleza (veja o mapa abaixo, fornecido no *site* da IBC). A tenda tem espaço para cerca de 4.000 pessoas.



**Figura 7** - Mapa de acesso à Tenda  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, s/db.

A distância desse espaço em relação ao centro de Fortaleza e as dificuldades de acesso (especialmente de retorno para casa) representam uma restrição para membros e frequentadores das camadas mais baixas da população. Já constatei essa dificuldade ao fazer os percursos de ida e volta para casa nos ônibus que se integram ao Terminal da Messejana .

Uma outra opção para quem não utiliza carro são os ônibus providenciados pela IBC, que deixam seus usuários dentro da propriedade da IBC. Estes cobram o equivalente à passagem Inteira, não aceitando vale-transporte ou meia passagem (Conf. Fotografia 9). Esses ônibus têm como pontos de referências os terminais do Papicu, Parangaba e Lagoa.



**Fotografia 9** - Chegada na IBC-Pedras (18/05/2008)  
**Fonte:** MENDES, 2008.

As condições sócio-econômicas do conjunto dos frequentadores poderão ser estabelecidas, posteriormente, mediante pesquisa. Considerando dados obtidos mediante observação (vestuário, veículos no estacionamento, etc.), penso que a grande maioria dos participantes dos cultos da IBC, cerca de três a quatro mil

peessoas que se abrigam sob a Tenda utilizada como templo, é formada por famílias e indivíduos pertencentes aos diversos estratos da chamada “classe média”. Se isso de fato proceder, o espaço da IBC representaria um enclave dessa classe numa área empobrecida da cidade. Na entrevista, o Pr. Armando falou sobre a composição social da IBC:

*Qual é a composição social da nossa igreja? Você tem do Juiz, do rico muito rico. Você tem do dono de uma holding ao assentado numa invasão de terra bem ali no Pedras. Esse é um aspecto importante também, porque ao longo dos anos, obviamente, a gente trabalhou muito mais com a classe, vamos dizer assim a classe média, a classe média mesmo, mas nunca foi intencional, nunca foi um negócio de “ah, eu vou trabalhar especificamente com essa classe”. Quando eu cheguei a igreja já era constituída por pessoas da classe média. Tinha industriais. Era pequena, mas era constituída de universitários, industriais e comerciantes. Era uma igreja bem elitizada nesse sentido e depois começamos a atingir outras comunidades, etc, etc. A nossa mudança do 7 de setembro para o bairro Pedras, esta foi uma mudança estratégica porque aí tem o seguinte: tendo uma igreja com um perfil eminentemente classe média alta, que fazia incursões na favela dos trilhos e o trabalho social era uma espécie de desengano de consciência prá cuidar dos meninos pobres. Nós decidimos levar toda a comunidade para uma propriedade maior, prá dentro de um bairro de classe D, E ou F, sei lá. Ali é um lugar violento, perigoso, de altos índices de pobreza... Não tem saneamento. Ali é um lugar horrível, mas desde que chegamos lá nós temos visto uma mudança no perfil daquela comunidade. Mudanças em índices de dengue. Mudanças em tanta coisa. E hoje, parte, grande parte da IBC hoje é constituída de pessoas daquela comunidade, de Messejana, que se misturou...*

A mudança para o Bairro Pedras alterou, com certeza, a composição social dos frequentadores das celebrações dominicais. Agora, se vai alterar configuração da membresia e das lideranças é uma questão que só posteriormente poderá ser confirmada. Isso porque também ainda não se sabe em qual camada social se dará o crescimento numérico mediante a atuação dos pequenos grupos. Ficam algumas perguntas: no futuro, membros oriundos das camadas empobrecidas da população terão as suas vozes ouvidas dentro do “staff” da IBC? Em que áreas da vida da IBC esse fenômeno produziria mudanças?

A presença da IBC naquele bairro é também percebida pelo Pr. Armando como transformadora. Em seu discurso, ele ressaltou as mudanças trazidas por essa presença. Lembro que durante o Encontro de Pastores e Líderes em 2009, ele mencionou que a ação missionária da IBC na atualidade não se preocupa apenas com a “salvação dos indivíduos”, mas também com saneamento básico.

Nas entradas que dão acesso a essa propriedade da IBC há uma placa dando boas vindas e anunciando sua missão de restaurar todos os que ali chegam (Conf. Fotografia 10). A entrada das pessoas pelos portões é plena de significados: “O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso” (ELIADE, 1992, p. 29).



**Fotografia 10** - Portão de entrada da IBC-Pedras (24/08/2008)  
**Fonte:** MENDES, 2008.

Além de acentuar uma diferença, no caso dos templos, a porta abre uma nova oportunidade: “de maneira mais precisa é possível dizer que a porta é o limite... entre o mundo profano e o mundo sagrado [...]. Assim, ‘atravessar a soleira’ significa ingressar em um mundo novo” (VAN GENNEP, 1977, p. 37), ter acesso de uma forma especial à divindade, ou melhor, ser restaurado pelo poder dessa divindade.

O que um visitante vai encontrar na Tenda? O que faz dela um lugar especial para onde se dirigem cerca de quatro mil pessoas todos os domingos? Que estrutura ela possui? Em que se diferencia dos templos convencionais das diversas igrejas que existem em Fortaleza?

Após estacionar o carro, descer do ônibus ou chegar caminhando na propriedade da IBC, as pessoas poderão tomar os muitos caminhos existentes que as conduzirão à **nave**. Começarei por esse lugar a descrição. Ela tem a forma semicircular, não possuindo um átrio ou vestíbulo de acesso. Não é delimitada por paredes ou qualquer recurso que a separe da área não coberta pela tenda. É completamente acessível a quem chega por qualquer dos pontos de entrada na propriedade. A cobertura estendida sobre a nave é sustentada por duas torres metálicas onde também encontra-se fixada a iluminação do ambiente.



**Fotografia 11** - Nave da Tenda (16/03/2008)  
**Fonte:** MENDES, 2008.

O piso apresenta um pequeno declive à medida que se aproxima do palco. Cerca de 4000 cadeiras brancas de material plástico são dispostas em toda a extensão da nave, de forma organizada, deixando corredores livre para o trânsito dos participantes.

O **palco** (nos templos convencionais é chamado de coro ou presbitério) possui uma posição de destaque, elevando-se acima da nave e não possui nenhum painel ou balaustrada que demarque uma separação. Não há cadeiras destinadas

aos oficiantes e ao pregador. Estes se sentam ao lado dos demais participantes do culto nas cadeiras comuns dispostas na nave do templo.



**Fotografia 12** - Palco com músicos (16/03/2008)<sup>76</sup>  
Fonte: MENDES, 2008.

Há pequenas escadas laterais que dão acesso às pessoas que, estando na nave, querem subir ao palco. Nele ficam localizados os músicos e seus instrumentos, bem como o púlpito de acrílico utilizado no momento em que o pregador vai apresentar a sua mensagem. A decoração segue o tema de campanhas específicas, eventos ou épocas do ano (como, por exemplo, festas juninas).

Não há na Tenda nenhum altar<sup>77</sup>, elemento comum nos templos católicos e luteranos onde se localiza a mesa para celebração da Ceia do Senhor. Aliás, não há nenhuma mesa fixa, pois a Ceia atualmente é celebrada uma vez por mês nas residências onde os membros se reúnem em pequenos grupos durante a semana e de dois em dois meses durante o culto dominical na tenda.

<sup>76</sup> A fotografia dos músicos no palco foi feita no dia da apresentação do espetáculo sobre a paixão de Jesus, intitulado “O grande sacrifício”. A pintura da cortina faz alusão ao amanhecer da ressurreição.

<sup>77</sup> Na Bíblia, altar é o termo empregado para locais sagrados, memoriais ou de sacrifícios.



As duas grandes **colunas** que dão sustentação à cobertura da tenda são metálicas e não receberam externamente nenhuma estrutura ou “capa” que ocultasse a sua aparência. Nessas colunas se localizam as lâmpadas que iluminam a nave. Vistas do lado de fora, elas adquirem o formato de torres e produzem um grande impacto estético próximas ou mesmo à certa distância (conf. Fotografias 4, 8, 9 e 10).

#### 4.5 O usos sociais do espaço religioso

A propriedade da IBC no Bairro Pedras, onde se localiza a Tenda, enquanto local de produção e de gestão do sagrado, pode ser caracterizado ainda como disperso e diversificado, em virtude da multiplicidade dos usos a que se destina. Essa propriedade é utilizada para grandes aglomerações como as que acontecem nos cultos dominicais ou em eventos especiais, enquanto a estrutura do Colégio Kerigma, que fica no bairro Dionísio Torres, perto da Assembléia Legislativa, é utilizada para reuniões de menor porte. Georg Simmel (apud WILLAIME, 2009, p. 149) percebeu a importância da identificação de uma organização religiosa com um lugar, ao afirmar que:

As grandes organizações têm, por natureza, necessidade de um ponto central no espaço: com efeito, elas não podem sobreviver sem subordinação e hierarquia e, em geral, o comando deve possuir uma residência fixa para, de um lado, ter seus subordinados sob controle e, do outro, para que estes saibam onde encontrar seu chefe.

O espaço onde se localiza a tenda da IBC, além de servir de referência espacial juntamente com o Colégio Kerigma, tem finalidades que transcendem a esfera meramente **Cultural**. Diferentemente de outras organizações religiosas contemporâneas centradas nos seus templos, tais como a Igreja Universal do Reino de Deus, a propriedade da IBC é multifuncional, tendo também outras finalidades que serão analisadas a seguir.

O primeiro uso que pode ser destacado é o **Educacional**, pois não apenas a área da tenda é utilizada para o ensino bíblico, também nas palhoças e

nas salas dispostas em diversos pontos da propriedade são realizados estudos bíblicos, oficinas de música, cursos de liderança e práticas de aconselhamento. Os pais que possuem crianças menores, por exemplo, podem deixar seus filhos aos cuidados de voluntários da IBC durante o momento em que participam do culto dominical para que estas participem de uma programação especial chamada de Geração Futuro, dentro da qual se inclui reuniões de pequenos grupos infantis. A presença da criança nessas salas é condicionada ao preenchimento de uma ficha na primeira vez que esta vai participar e à quantidade de voluntários disponíveis. Os pais ou responsáveis recebem um cartão colorido com o nome, o número e a classe da(s) criança(s).<sup>78</sup> Existem salas para diversas faixas etárias, onde se realizam o ensino de textos da Bíblia e de músicas cristãs, além de brincadeiras. As crianças e adolescentes também contam com um pequeno campo de futebol e outros espaços para atividades esportivas próximo às salas onde acontece o Geração Futuro.

Há diversos espaços onde as pessoas podem interagir e dialogar com outras pessoas. Esses espaços cumprem o papel de favorecer a **Sociabilidade**. Além dos ambientes mencionados anteriormente, há também a lanchonete e a palhoça de divulgação dos ministérios da IBC, que também abriga uma livraria com uma grande variedade de literatura religiosa. É importante também dizer que não existem muitos lugares disponíveis para se sentar para conversar com outras pessoas.

---

<sup>78</sup> O número no cartão da criança aparece nos telões se, por exemplo, acontecer algum problema, se esta vier a se machucar ou não quiser permanecer na sala.



**Fotografia 13** - Palhoça de vendas e serviços (02/03/2008)  
**Fonte:** MENDES, 2008.

O uso de atendimento às necessidades de **Consumo** dos presentes é atendido pela lanchonete, pela livraria e outros espaços de vendas de apostilas, CDs, DVDs, etc. A palhoça de divulgação dos ministérios também contribui como espaço onde **Serviços** são prestados. Além dos *stands* destinados às informações e inscrição em eventos, há também um *stand* onde os membros têm acesso a empréstimo gratuito de livros religiosos. Além disso, a IBC conta com um amplo estacionamento, o que não é comum na maioria das igrejas evangélicas, especialmente nas que estão localizadas no centro de Fortaleza.

A tenda é utilizada com maior frequência para as celebrações, reuniões e estudos bíblicos. Entretanto, serve de espaço para apresentação de musicais, de cantores e de bandas *gospels*. Desse modo, o local atende também o uso de **Entretenimento**. Um dos maiores eventos musicais realizados pela IBC aconteceu no dia 18 de outubro de 2008, tendo como atração principal a banda norte-americana *Christafari* (apresentada como a maior banda cristã de *reggae* do

mundo), na companhia de outras atrações internacionais como Dominic Balli, Jennifer Howland, Avion Blacman, Salomon Jabby. A Banda Surfistas, prata da casa, também marcou presença no evento (Cf. Anexo 6).

A preocupação com segurança e proteção é uma marca da sociedade contemporânea que se reflete na IBC. Um exemplo: o preenchimento das fichas pelos pais ou responsáveis das crianças que vão para o Geração Futuro atende essa necessidade. Quando termina a programação, as crianças só são liberadas pelos voluntários se acontecer a devolução do cartão fornecido na entrada, preferencialmente por um adulto, a fim de que seja comprovado o vínculo de responsabilidade com a(s) criança(s).

Os riscos de violência também incomodam o ambiente religioso. Muitas igrejas já contrataram empresas de segurança para fazer a vigilância eletrônica dos locais de culto. A IBC não fugiu a essa tendência. Além disso, em diversos pontos da propriedade podem ser observados vigilantes contratados para garantir a segurança dos frequentadores.

Essa multiplicidade de usos da propriedade da IBC se torna necessária em virtude da distância geográfica da residência dos participantes, atendendo demandas que não são supridas de forma satisfatória pela estrutura de pequenos grupos.

Essa organização do espaço é ainda reveladora da forma como o “movimento do sagrado junta as flutuações e contradições da modernidade”, conforme Balandier (1997, p. 212), que ainda acentuou que

A religião explode e se pluraliza, está sujeita à lei da concorrência. Deve se tornar crível e desejável por ser incapaz de se impor autoritariamente: “É preciso ‘vendê-la’ a uma clientela que não está mais obrigada a ‘comprá-la’... As instituições religiosas tornam-se desse modo agências de organização do mercado e as tradições religiosas tornam-se bens de consumo”. Da mesma forma que o sagrado se difunde no espaço do profano, o secular se insinua no espaço do religioso.

A cultura contemporânea, que leva as marcas da espetacularização, certamente exerceu uma considerável influência na configuração da Tenda, pois

todo espetáculo reivindica um lugar necessariamente público, seja geográfico ou virtual, para sua realização. Conforme Ramos,

Não se pode negar a transformação espacial dos lugares de culto sob a influência da ideologia do espetáculo: a remodelação dos tradicionais templos é para parecerem mais casas de show do que com santuários. Não raro para se estabelecerem os grupos religiosos, preferem, no lugar de construir templos, adquirir casas de espetáculo, como teatros e salas de cinema. A reforma arquitetônica promovida pela religião espetacular transformou em palco o espaço outrora reservado para o púlpito, que por sua vez ocupava o lugar do altar, em função da ênfase racionalista dos reformadores (2005, p. 179).

É possível ainda, arriscando-se um pouco, a lançar um outro olhar, menos “religioso”, para essa propriedade da IBC: ele pode também ser caracterizado como um “espaço público” que “se destina a servir aos consumidores, ou melhor, a transformar o habitante da cidade em consumidor” (BAUMAN, 2001, p. 114). “Consumidores religiosos”, mas não necessariamente “consumidores” passivos.

A sede da IBC em Pedras parece adquirir, dentro das tendências religiosas contemporâneas, portanto, o aspecto de um “shopping center”. Uma ida nesse espaço representa “mais do que testemunhar a transubstanciação do mundo familiar, é como ser transportado a um outro mundo” (BAUMAN, 2001, p. 115).



**Fotografia 14** - Vista aérea da IBC (Anel viário e BR 116 ao fundo)  
**Fonte:** IGREJA BATISTA CENTRAL, s/da

Assim como os shoppings se diferenciam das “lojas de esquina” do passado, a sede da IBC em Pedras se diferencia dos templos evangélicos espalhados nos bairros de Fortaleza. Mais ainda, os participantes dos cultos na IBC que procedem de pontos distantes da cidade, diferentemente dos frequentadores das igrejas de bairro, não têm a mesma preocupação com o *reconhecimento* ou a *conveniência* (MAYOL, 1996), ou seja, com a visibilização dos seus interesses religiosos pela vizinhança. O bairro, para muitos desses frequentadores, é só um lugar de passagem. Entretanto, recebe a atenção de outros membros interessados em colaborar com o bem-estar da população local mediante, por exemplo, iniciativas como a participação em campanhas de combate à dengue.

A Tenda está na cidade, mas localiza-se nos limites da cidade, à beira da BR 116, próxima ao Anel Viário, e por isso aparenta a realidade de que não faz parte da cidade. A sensação que esse fenômeno produz se assemelha àquela descrita por Bauman a propósito dos shoppings:

Não é o mundo comum temporariamente transformado, mas um mundo “completamente outro”. O que o faz “outro” não é a reversão, negação ou suspensão das regras que governam o cotidiano [...], mas a exibição do modo de ser que o cotidiano impede ou tenta em vão alcançar – e que poucas pessoas imaginam experimentar nos lugares que habitam normalmente (2001, p. 115).

Esse fenômeno permite o fácil trânsito das classes médias, pois se trata de um mundo e de códigos de comportamento que ela já conhece. Não deixa de atrair, no entanto, pessoas oriundas das camadas populares de outros bairros e das circunvizinhanças. Mediante as observações realizadas, penso que é possível estender à sede da IBC em Pedras, sem necessariamente perder a noção de “sacralidade” desse espaço, o que Bauman afirma sobre o shopping: “Esse ‘lugar sem lugar’ auto-cercado, diferentemente de todos os lugares ocupados ou cruzados diariamente, é também um espaço *purificado*. [...] Os lugares de compra/consumo oferecem o que nenhuma ‘realidade real’ externa pode dar: o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança” (2001, p. 116).

Aliás, “[...] O templo do consumo bem supervisionado, apropriadamente vigiado e guardado é uma ilha de ordem, livre de mendigos, desocupados, assaltantes e traficantes – pelo menos é o que se espera e supõe” (BAUMAN, 2001, p. 114). É também um espaço onde se pode experimentar “o sentimento reconfortante de pertencer – a impressão de fazer parte de uma comunidade” (BAUMAN, 2001, p. 116).

“Estar dentro” produz uma verdadeira comunidade de crentes, unificados tanto pelos fins quanto pelos meios, tanto pelos valores que estimam quanto pela lógica de conduta que seguem. Assim, uma viagem de consumo é uma viagem à tão almejada comunidade que, como a própria experiência de ir às compras, está permanentemente “alhures”. Pelos poucos minutos ou horas que dura o nosso “passeio”, podemos encostar nos ombros de “outros como nós”, fiéis do mesmo templo (BAUMAN, 2001, p. 117-118).

Além disso, a tenda da IBC evita uma identificação imediata com um templo tradicional em sua concepção arquitetônica. Ela não tem a solenidade dos templos católicos ou protestantes históricos, que pode exemplificada, respectivamente, pelo templo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, localizado na Av. Treze de Maio, e pelo templo da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, localizado no centro, na Av. Visconde do Rio Branco. A Tenda também não possui a “aura energética” dos templos iurdianos, como o da Catedral da Fé, que se localiza na Av. Trsitão Gonçalves, próximo da Praça José de Alencar.

Nada, à distância, a identifica com um templo cristão. Poderia, por exemplo, ser confundida com a estrutura de um circo. Ela se destaca pela sua multifuncionalidade e pode abrigar, sem nenhuma reserva, conforme já foi mencionado, desde cultos até shows de bandas cristãs.

A construção da Tenda da IBC no bairro Pedras operou uma verdadeira sacralização de um espaço profano. Ela encontra-se encravada numa zona urbana liminar - entre o litoral e o sertão, entre o rural e o urbano - como uma “rotura” espacial e existencialmente significativa.

Concluindo o presente capítulo, pretendo ressaltar que a Tenda, com toda a sua configuração arquitetônica e as características funcionais de toda a propriedade, se constitui como um espaço que atende às atuais demandas de sua

audiência religiosa identificadas pela liderança. As celebrações dominicais, que serão abordadas no próximo capítulo, encontram na Tenda o espaço adequado para se desenvolverem.



## **5 A RITUALIDADE DAS CELEBRAÇÕES NA IBC: CENOGRAFIAS DE UM ESPETÁCULO**

A eficácia simbólica das celebrações na IBC pode ser melhor compreendida se vista como uma ação performática coletiva, ao evocar narrativas da igreja cristã primitiva (baseando-se sobretudo nos relatos bíblicos do livro de Atos dos Apóstolos) e experiências religiosas dos membros. Delimitadas no tempo e no espaço, as celebrações da IBC demarcam uma esfera específica no âmbito das vivências religiosas, podendo ser consideradas rituais de curta duração.

### **5.1 Considerações sobre culto e ritual**

As instituições religiosas, os grupos religiosos, as ideias religiosas e as práticas religiosas se originam nas respostas dos homens a experiências religiosas (O'DEA, 1969, p. 54). Estas, seguindo a tematização de Wach (1990, p. 30-31) possuem as seguintes formas de expressão: expressão teórica (doutrina: mitos, teologias, etc); expressão prática (culto: ritos, símbolos, sacramentos e sacrifícios) e expressão sociológica (comunhão: religião coletiva e individual). Essas três dimensões se articulam de tal forma que

Nenhum ato de culto pode subsistir de maneira independente de uma dada concepção do divino e, vice-versa, nenhuma concepção religiosa pode atingir a plenitude somente em nível doutrinal, ou seja, sem uma expressão cultural. A doutrina e o culto pressupõem uma comunidade religiosa mesmo que as formas concretas de organização dependam do tipo de doutrina e das características das práticas culturais que, por sua vez, retroagem sobre a ulterior configuração destas (MARTELLI, 1995, p. 175).

A forma da expressão teórica da experiência religiosa, na perspectiva histórica desenvolvida por Wach, evolui das narrativas mitológicas até as construções teológicas contemporâneas mediante processos de sistematização e racionalização. Em termos de conteúdos, a expressão intelectual da experiência

religiosa alcança três temas de fundamental importância: **Deus** (teologia),<sup>79</sup> o **mundo** (cosmologia) e o **homem** (antropologia).<sup>80</sup> Os princípios éticos derivam das expressões teóricas. Não será possível aqui empreender uma descrição extensa desses e de outros assuntos no contexto da IBC, mas os aspectos fundamentais das suas doutrinas podem ser encontrados nos anexos.

A expressão prática ou cultural se relaciona com a primeira de forma íntima e diz respeito diretamente ao culto ou aos atos de adoração do *homo religious*. Segundo Wach, “a religião, enquanto tal, foi definida como adoração, experiências do sagrado são expressas em todas as religiões em atos de reverência para com o *nume* cuja existência é definida como intelectualmente em termos de mito, doutrina ou dogma” (1990, p. 39). Wach reconhece a contribuição de Evelyn Underhill para investigação sistemática sobre a natureza, relação e significado das práticas culturais, ao propor a classificação destas em: “1) ritual (modelo litúrgico), 2) símbolos (imagens), 3) sacramentos (coisas e feitos visíveis) e 4) sacrifício” (1990, p. 39). As expressões culturais são bem diversificadas: podem ser simples ou complexas, se relacionarem a tabus dos tempos e lugares sagrados, fazerem parte de um grande sistema cerimonial ou se constituírem em ritos únicos para uma finalidade definida (como, por exemplo, a purificação). Para Wach,

A história do culto revela a mesma ação recíproca sucessiva entre compulsão e tradição, de um lado, e o impulso constante pela liberdade individual, contribuindo para o surgimento de novos impulsos e para a atividade criativa de *homines religiosi*, de outro (1990, p. 41).

A expressão sociológica complementa as duas expressões anteriores. Wach (1990) percebeu que tanto a doutrina quanto o culto são portadores de significados e implicações sociológicas, pois possuem um poder integrador, que se revela: na criação de formas organizacionais transitórias ou permanentes; e no estabelecimento de um corpo de especialistas autorizados para as funções de transmissão das crenças e condução das atividades culturais.

<sup>79</sup> A *teologia* trata da *teogonia* (a origem da divindade), da *teontologia* (os atributos da divindade) e da *teodicéia* (a forma de justificação da relação da divindade com o mundo).

<sup>80</sup> A *cosmologia* e a *antropologia* tratam da origem, do desenvolvimento e do destino, respectivamente, do mundo e do homem. Envolvem ainda a *soteriologia* (crenças ligadas à salvação) e a *escatologia* (ensino sobre as “últimas coisas”, tais como a segunda vinda de Jesus e o estabelecimento de um milênio).

Na visão de Wach (1990, p. 42-43), a compreensão de que “a atividade comunitária, cooperativa e conjunta em assuntos religiosos é parte integrante e básica da experiência religiosa ou se ela é um fenômeno acidental” depende das concepções da natureza, função e significado da religião. Existem atitudes religiosas individuais e disposições comunitárias. Ele observa ainda que o Protestantismo, nas suas diversas correntes, embora imagine a comunidade cristã como “comunhão de santos”, tende a colocar ênfase mais forte sobre o indivíduo e sobre a sua responsabilidade direta diante de Deus.

“Assim, o ritual focaliza a atenção por enquadramento; ele anima a memória e liga o presente com o passado relevante” (DOUGLAS, 1976, p. 82). Entretanto, o rito<sup>81</sup> não é simplesmente um gesto simbólico ou apenas uma mera lembrança de acontecimentos passados, pois tem um valor existencial e sacramental poderoso para aqueles que dele participam (RIBEIRO Jr., 1992, p. 43). Segundo Durkheim,

[...] Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de confirmar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade. Ora, essa restauração moral só pode ser obtida por meio de reuniões, assembléias, congregações, onde os indivíduos muito próximos uns dos outros, reafirmam em comum seus sentimentos comuns (1989, p. 504-505).

As diversas formas de deslocamento para o templo-tenda da IBC representam um interessante prelúdio para a celebração. Como prática religiosa excepcional, “a mobilização a que o acontecimento dá lugar, o tempo de preparação prévia que ele por vezes requer vêm romper a rotina da prática ordinária” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 111).

Na perspectiva de Van Gennep (1977), um ritual é uma sequência de comportamentos padronizados com começo, meio e fim. Embora sejam padronizados, esses comportamentos não são rotinizados. A rotina está mais para

---

<sup>81</sup> Segundo Terrin (2004, p. 30), “o rito é uma ação que se realiza com objetos e com gestos, em relação a pessoas e situações deste mundo e que, nesse sentido o simbólico tem também a contrapartida do pragmático”. O rito é a base de todo culto. Seus elementos básicos são os “gestos” e a “palavra”. No caso dos cultos das igrejas protestantes históricas, conforme Weber já destacou (1994), a “palavra” é fundamental, se sobrepondo aos “gestos”. Esta relação parece se inverter nas igrejas pentecostais. Reúne-se a estes dois elementos a música, que se deriva da “palavra”.

o âmbito profano, enquanto o ritual projeta o participante numa dimensão sagrada. Todo evento religioso guarda sempre as marcas do ritual.<sup>82</sup>

O espaço fundamental onde as igrejas evangélicas se constroem como uma comunidade religiosa peculiar, em uma maior escala, é no culto que acontece dominicalmente no templo nos horários da manhã, tarde ou noite. Nas igrejas protestantes históricas e pentecostais os cultos, em geral, não se realizam em todos os dias da semana. O dia reservado para **O Culto** é o domingo. Nenhuma programação da semana é tão importante quanto esse culto, por isso fiz questão de frisar. Ele representa um acontecimento extraordinário, cujo espaço de realização e tempo de duração se distingue das atividades cotidianas. Assim, a ideia de culto pode ser aproximada à de espetáculo porque também se trata de um evento que se contrapõe ao dia-a-dia, ao ordinário. Conforme acentua Rubim (2004),

A instalação no âmbito do extraordinário potencializa a atenção e o caráter público do ato ou evento espetacular. A ruptura com a vida ordinária, condição de existência do espetáculo, pode ser produzida pelo acionamento de inúmeros expedientes, em geral, de modo intencional, mas, em alguns horizontes, até mesmo de maneira não prevista.

Esse fato, com todas as suas implicações, pode ser observado nos cultos que dominicalmente acontecem na Tenda. Enquanto nas igrejas protestantes históricas e pentecostais é comum ouvir falar do culto como “trabalho”,<sup>83</sup> Na IBC e em outras novas comunidades protestantes geralmente os cultos não chamados de “celebrações”. Culto e celebração são empregados neste trabalho como sinônimos.

---

<sup>82</sup> Os rituais não acontecem apenas no âmbito religioso. Há rituais profanos como, por exemplo, como o Carnaval ou as Festas Juninas (embora tenham uma origem religiosa). Simmel já havia ressaltado a função integradora das atividades rituais comunitárias: “Elas suprimem radicalmente as barreiras que habitualmente isolam os indivíduos em suas simpatias e repulsas. Assim, o princípio social de conciliação transcende o caráter sociologicamente estabelecido para se atingir a interioridade destas festas religiosas, e o seu espírito recebe disso um simbolismo universal e positivo” (SIMMEL apud MARTELLI, 2005, p. 250).

<sup>83</sup> É comum se ouvir nessas igrejas, na chamada “hora dos avisos”, que acontecem no meio ou no final do culto, pastores e membros se referirem aos cultos e outras programações que acontecerão ao longo da semana como “os trabalhos da semana”.

## 5.2 A ritualidade das celebrações dominicais

A observação dos cultos em diversas denominações evangélicas e a minha própria vivência religiosa possibilitou a percepção de uma estruturação da atividade ritual desses grupos religiosos. A estrutura dos cultos, de uma forma geral, oscila entre a fixidez da liturgia das igrejas históricas e a espontaneidade dos cultos pentecostais ou neopentecostais. Segundo Durkheim,

[...] qualquer que tenha realmente praticado uma religião sabe bem que é o culto que suscita aquelas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são para o fiel, como que a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é a coleção de meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente. Que ele consista em manobras materiais ou em operações mentais, é sempre ele que é eficaz (DURKHEIM, 1989, p. 494).

O culto, mesmo com uma grande variedade de formas, pode ser considerado como uma articulação de quatro momentos rituais que assim designo utilizando uma terminologia religiosa: (1) **Acolhida**: chegada, saudações, início da celebração e avisos; (2) **Invocação**: orações, leituras da Bíblia ou referência a textos bíblicos e músicas; (3) **Edificação**: leitura da Bíblia e pregação; (4) **Despedida**: orações, avisos e cumprimentos.<sup>84</sup>

Cada um desses momentos possui a sua própria ritualidade, lugar e eficácia na esfera do culto com grandes possibilidades de variações. Procurarei explicitá-los, nas seções que seguem, mediante a narrativa dos cultos em que tomei parte.

### 5.2.1 A introdução na esfera cultural: a dinâmica da acolhida

Os preparativos para a participação no culto acontecem muito antes da chegada ao local de adoração. A introdução dos indivíduos na esfera cultural

<sup>84</sup> Essa mesma estrutura foi usada para analisar a Marcha para Jesus em Fortaleza no ano de 2007 (MENDES, 2008).

aconteciam propriamente no primeiro elemento do processo ritual designado aqui como **Acolhida**. Era o momento da chegada, quando os participantes chegam de diversos pontos da cidade: membros da igreja ou não, famílias inteiras, casais ou pessoas aparentemente desacompanhadas, das mais diversas faixas etárias. Geralmente eram recebidos com sorrisos, apertos de mão e uma saudação apropriada por recepcionistas, amigos e conhecidos, que pode variar desde a tradicional saudação pentecostal “paz do Senhor” aos convencionais “boa tarde” ou “seja bem vindo”. Era um momento de confraternização.

Havia um grande número de recepcionistas voluntários, identificados com camisas ou coletes amarelos ou verdes onde estão impressos o logotipo da IBC e a expressão “posso lhe ajudar?”. Entretanto, por conta das dimensões do local, é possível passar quase despercebido em meio à multidão que se reúne debaixo da tenda.

Ao mesmo tempo em que se separam do “mundo lá fora”, como um “rito de separação”, os participantes foram agregados à comunidade que se reuniu num lugar sacralizado. Não se tratava, no entanto, apenas de estar em um “lugar sagrado” (ou melhor, “sacralizado”, tornado sagrado pela construção do templo), entrou-se também em um tempo sagrado

Nos momentos que antecedem a abertura do culto podem ser observadas atitudes distintas por parte dos presentes. Há pessoas que optam por fazer meditações individuais da Bíblia e orações silenciosas. Algumas pessoas conversam e circulam de forma discreta dentro do templo, sem interferir nas devoções individuais dos outros. A situação de espera era interrompida pelos avisos transmitidos nos telões, que se iniciavam depois de uma contagem regressiva. Seguiam-se um prelúdio instrumental e as palavras de Boas Vindas de um dos pastores ou do dirigente do culto, que se apresentavam sem se referir à sua posição na hierarquia da igreja. Os pastores, por exemplo, se apresentavam “oi, eu sou o José Edson”,<sup>85</sup> ou então, “oi, continuo sendo o Armando, diziam os pastores de forma descontraída, utilizando-se de um modo de apresentar-se típico dos **Alcoólicos Anônimos** e do **Celebrando a Restauração**. Ao mesmo tempo, os

---

<sup>85</sup> O Pr. José Edson Cardoso exerce a tarefa de pastor junto os grupos pequenos de casais e às famílias ligadas à IBC, desde 1991. Formou-se em Fisioterapia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em Teologia pelo Seminário Batista Regular de São Paulo (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2010).

músicos vocalistas e instrumentistas assumiam silenciosamente sua posição no palco.

Os cultos dominicais na IBC, a partir de agosto de 2008, passaram a ocorrer nos horários das 08h30min, 17h e 19h10min. Em certas ocasiões observadas, antes de agosto de 2008, os dois últimos cultos conservaram a mesma estrutura ritual e a mesma mensagem. Há cerca de um ano, o culto das 19h10min, que tinha como foco principal o voluntariado foi transferido para o horário das 08h30min.

No meio da semana, dois cultos regulares são realizados no Colégio Kerigma: o Culto de Oração, nas segunda-feiras, às 19h30min, com uma frequência de cerca de 50 a 60 pessoas; o Culto de Doutrina, nas quartas-feiras, também às 19h30min, com a presença de um número de participantes que varia entre 250 a 400 pessoas.

Os cultos começam pontualmente e seus horários são divulgados em folders e no site da IBC. A organização dos cultos do meio da semana é mais simples. Os cultos dominicais utilizam um aparato tecnológico maior e seguem um roteiro previamente elaborado pelo líder responsável, com a ordem e o tempo estabelecido para as atuações do dirigente, dos músicos, do pastor e de outros participantes. Um exemplar desse roteiro pode ser visto nos Anexos.

### 5.2.2 Orando e cantando: o momento da invocação

O segundo elemento da ritualidade no templo é a **Invocação**. As orações e a música nesse momento são os veículos da comunicação dos participantes do culto com uma divindade transcendente. As orações e as músicas têm a finalidade de ordenar cada fase do ritual, envolvendo os participantes numa atmosfera sacral. Depois de cada música podem se observar reações distintas dos presentes: há os que permanecem quietos e em silêncio esperando a próxima música, bem como os que aplaudem e os que chegam em alguns momentos a assoviar.

Embora o Pr. Armando Bispo e a liderança da IBC creiam na contemporaneidade dos dons espirituais e, em especial, no dom de “falar em línguas”, não existe nenhuma ênfase nessa prática durante o culto. Em todas as celebrações que compareci não ouvi ninguém usar esse dom espiritual, o que é típico em igrejas pentecostais tradicionais como a Assembléia de Deus.<sup>86</sup>

As músicas cantadas nas igrejas evangélicas pela coletividade nos momentos de culto, de modo geral, são comumente classificadas em dois grupos: os *hinos* (que fazem parte de uma coletânea tradicional, geralmente preferida pelos membros mais velhos) e os *cânticos* (também chamados de “corinhos”, que são mais recentes, não são necessariamente originários de algum compositor da denominação religiosa que os utiliza, adotam ritmos contemporâneos como o *rock* ou o *reggae* e, por isso, em geral, são preferidos pelos membros mais novos).

Na IBC predominam os chamados *cânticos*, ministrados por bandas cuja estrutura revela certa busca pelo profissionalismo em sua execução. Há diversas formações no grupo musical da IBC. Por exemplo, no culto que participei em 02 de dezembro de 2007, o grupo musical era formado por cerca de 24 mulheres e 8 homens vocalistas, 3 violinistas, 1 violoncelista, 1 baterista (a bateria era eletrônica), 1 atabaque e 1 tecladista. Já em outro domingo, o último de junho de 2008, um grupo especial estava se apresentando, com músicas tocadas em ritmo regional (baião, forró, etc.).

Havia também, nesse momento do culto, a prática de recolhimento de ofertas. Um dos pastores ou líderes, após ressaltar alguns avisos, lia uma passagem bíblica relacionada a ofertas, passando a tecer comentários e incentivar as contribuições. Uma música era executada pelo grupo musical enquanto as pessoas procuravam envelopes para colocar as ofertas que seriam depositadas em caixas posicionadas em diversos pontos da Tenda e, na falta dos envelopes, colocavam as cédulas ou moedas diretamente nessas caixas.

---

<sup>86</sup> Para uma análise dessa prática nas igrejas pentecostais, especialmente no que se refere às comunidades formadas em meio à população pobre, cf. André Corten (1996).



### 5.2.3 A pregação da palavra de Deus: a edificação do rebanho

Após o período de **Invocação**, chega-se ao momento da **Edificação**, que é considerado central nos cultos evangélicos de um modo geral, pois é descrito como o momento onde “se vai ouvir a voz de Deus falando aos corações”. Autoridade para pregar não é necessariamente concedida ao pregador, na hora em que ele vai cumprir essa tarefa. Geralmente, confirmado com antecedência, ele assume o púlpito convicto de que sua autoridade já foi concedida por Deus. É comum o pregador ler um trecho da Bíblia e explicá-lo em seguida para a comunidade, fazendo aplicações para determinadas situações da vida. A atuação do pastor como *performer* será objeto de análise no capítulo 6.

No caso da IBC, a pregação geralmente é realizada pelo seu pastor principal, Pr. Armando Bispo, e, na ausência deste, pelos pastores auxiliares José Edson e Alcimou Barbosa<sup>87</sup> ou por líderes convidados. A admissão de pregadores de outras denominações no púlpito da IBC não é algo comum e sempre passa pelo crivo dos pastores principais da IBC.

As séries de mensagens especiais que assisti, tais como “o Caminho da Restauração”, “Cristo, Comunidade e Carisma” e “Família: de onde veio essa ideia?”, foram pregadas pelo Pr. Armando Bispo. Os telões, durante as pregações, alternavam a imagem do pastor com o esboço da mensagem de cada série que estava sendo pregada, trechos bíblicos e imagens dos participantes do culto.

A utilização de recursos como os testemunhos foi observada na Série “Família: de onde veio essa ideia?” e, em maior extensão, na série “O caminho da restauração”. Nessas mesmas séries foram apresentadas dramatizações como forma de preparar o terreno para as prédicas realizadas.

Antes da segunda mensagem da série “Família: de onde veio essa ideia?”, foi apresentada uma dramatização de problemas familiares: marido

---

<sup>87</sup> Alcimou Barbosa atua como pastor desde 1993, é responsável pelo processo de acolhimento de novos membros na IBC, sendo ainda “conselheiro e líder do ministério de restauração através dos Retiros Espirituais. Sua experiência teológica advém de estudos pessoais e sua vivência ministerial dentro e fora da comunidade IBC” (IGREJA BATISTA CENTRAL, 2010).

desempregado (que maltrata verbalmente a sogra), mulher trabalhando para sustentar a casa, filho que engravida a namorada e chantageia o pai para obter dinheiro para a realização de um aborto. Expressando tristeza diante dessas situações. Nesse momento, a equipe de louvor canta uma música que fala do “esfriamento” nas relações familiares e sobre o poder de Deus como restaurador das famílias. A pregação dessa noite teve como tema “família – campo de batalhas espirituais”.

Outro momento em que se utilizou da dramatização, desta vez conjugada com música, foi na quinta pregação da série “O caminho da restauração”. Nessa ocasião, sete jovens entraram em silêncio no palco. Após alguns segundos, começam a cantar o refrão “eu quero que me , então eu sou assim”, fazendo o acompanhamento com palmas, estalar de dedos e batidas nas coxas com as palmas das mãos. Assim, foram se alternando na apresentação dos seus personagens. À medida que os nomes destes apareciam nos telões, cantarolavam a frase que os representava na seguinte ordem: Engraçadinho (“olhem pra mim, gostem de mim, não quer me conhecer”), Namoradeira (“me abraça, me conquista, é tão fácil me ganhar”), Sarado (“vou malhar, vou bombar, preciso ser o tal”), Cabeça de vento (“ok, ok, então, então, sem maquiagem eu não vou não”), Esnobe (Sou legal, sou amiga, se você beijar meu pé”), Fera (“quero ganhar, quero vencer, eu só penso em competir”) e Doidão (“tomo todas, tô doidão, tô pra lá de Bagdá”). Em seguida, todos ao mesmo tempo passaram a cantarolar suas falas confundindo as vozes. Ao final, eles entraram numa espécie de gaiolas com rodas puxada por um membro da IBC que os conduzia para fora do palco. Nessa noite o tema era “O passo da transformação”.

Nas igrejas protestantes históricas e pentecostais mais tradicionais, a utilização de dramatizações durante os cultos dominicais não é bem aceita em virtude da importância dada à pregação e por certa dificuldade em se lidar com a dimensão lúdica presente no teatro. O argumento contra o uso destas no culto é simples: “Jesus e os apóstolos não usaram o teatro para falar do evangelho”. Na IBC, as dramatizações nas celebrações dominicais acontecem de forma articulada com a mensagem pastoral como parte da estratégia de produzir impacto nos participantes.

O áudio dessas mensagens foi disponibilizado gratuitamente no site da IBC. A série “O caminho da restauração”, até 29 de junho de 2008, poderia ser assistida também pela internet gratuitamente. Durante essa série, os participantes podiam ter acesso a folhas contendo o esboço da mensagem (com lacunas em branco para serem preenchidas à medida que o Pastor Armando Bispo pregava). Além disso, os participantes, posteriormente, podem adquirir uma cópia em DVD ou o áudio em CD da mensagem de cada noite. A pregação também é transmitida pela Internet.

A realização de prédicas ou pregações pastorais no contexto das comunidades protestantes contemporâneas pode ser considerada também como, na terminologia de Zumthor (1997, p. 37), uma *performance mediatizada tecnicamente*, quando estas são guardadas tecnologicamente, digitalmente, em gravações em áudio ou em arquivos de imagem com áudio. Não apenas a emissão, mas também emissão e recepção podem ocorrer simultaneamente dessa forma mediante os recursos de microfones e mídias sonoras diversas. “aquilo que se perde com os *media*, e assim necessariamente permanecerá, é a corporeidade, o peso, o calor, o volume real do corpo, do qual a voz é apenas extensão” (ZUMTHOR, 2000, p. 19). Embora preservem algumas características da *performance*, participar desta ao vivo tem um impacto indiscutivelmente maior.

#### 5.2.4 O retorno ao cotidiano: a hora da despedida

O último elemento da ritualidade é a **Despedida**.<sup>88</sup> Concluída a pregação, o culto se encerrava geralmente com uma oração em favor de todos que ouviram a “mensagem de Deus” naquela noite. O pastor fazia um apelo para que aqueles que desejassem “entregar a sua vida a Jesus” levantassem uma das mãos. Aqueles que levantavam as mãos eram aplaudidos com alegria pelos demais participantes do culto. O pastor, então, pedia para se dirigirem a uma área reservada de convivência

chamada “Conexão Central” a fim de serem instruídos e encaminhados aos

<sup>88</sup> Segundo Van Gennep (1977, p. 39), “Aos ritos de entrada na casa, no templo, etc., correspondem ritos de saída, porém inversos”.

pequenos grupos ou ministérios da IBC. Desejando uma boa semana a todos, o pastor despedia a multidão. O grupo musical apresentava um cântico (às vezes, apenas um solo instrumental). A iluminação do espaço era reduzida progressivamente. O culto terminou.

O culto pentecostal, geralmente, tem hora para começar, mas não tem hora para terminar, pois há espaços para improvisações e a hora de encerramento depende da orientação dada pelo Espírito Santo ao dirigente. No caso da IBC, a celebração segue o roteiro previamente elaborado e não se estende de forma indefinida. Aliás, o próprio tempo da pregação também é delimitado pelo tempo da duração do culto, o que não impedia do Pr. Armando avisar algumas vezes para os responsáveis pela cronometragem que “não adianta acender a luz vermelha, vou continuar” e assim dar continuidade à sua mensagem daquela noite.

Os membros da comunidade, ao final do culto, são reincorporados ao seu cotidiano. Adoraram, receberam a palavra profética e podem retornar aos seus lares e afazeres diários. Para aqueles que experimentaram uma experiência de conversão durante o culto, o ritual teve a função de demarcar uma passagem para um novo *status*, uma nova condição perante Deus, a sociedade e a nova comunidade religiosa na qual pode vir a se inserir e tornar-se um membro efetivo.

Ao final do culto se iniciava a dispersão dos participantes. Muitos permaneciam por algum tempo nos espaços de convivência. Muitos saíam em grupos para as paradas de ônibus próximas à propriedade da IBC, outros se dirigiam aos ônibus providenciados pela IBC que retornavam aos bairros da cidade considerados estratégicos pela IBC, outros seguiam caminhando, e outros partiam no próprio carro ou seguiam de carona para suas residências.

### **5.3 Cenografia e espetáculo nas celebrações**

As celebrações na IBC são organizadas como um *espetáculo*, onde a ação representativa se desenvolveu, com a sua temporalidade, seu ritmo e

momentos rituais. A noção de espetáculo utilizada aqui se refere à dimensão da representação cênica onde a fala, gestos e detalhes cenográficos são planejados e desenvolvidos estrategicamente para produzir determinados efeitos no público. Não se trata aqui de afirmar a passividade de um público que apenas assiste a uma representação nem de ressaltar algum falseamento da realidade dentro do processo de espetacularização do espaço religioso contemporâneo.<sup>89</sup>

Nesse processo de *espetacularização*, o participante do ritual se tornou parte do espetáculo, um dos protagonistas. A *performance*, com o seu *ethos discursivo* correspondente, tem a finalidade de produzir efeitos de significado sobre os participantes, mediante os elementos cenográficos do culto. Esse fato, de certa forma, não representa nenhuma novidade, pois a produção de sensações é um dos principais objetivos dos rituais.<sup>90</sup>

Na maioria das comunidades cristãs – católicas, protestantes, pentecostais ou neopentecostais – existem pessoas que desempenham a tarefa de ornamentar o local de culto. Em geral, essa tarefa não guarda relação muito próxima com o processo ritual. Jarros, flores e objetos como candelabros e Bíblias sobre uma mesa, por exemplo, são alguns dos elementos mais comuns nesses locais. Não se pode falar, nesses casos, que há uma preocupação com a cenografia.<sup>91</sup>

A linguagem cenográfica é usualmente empregada nos contextos das representações teatrais quando se trata da criação e construção do evento estética-espacial e da imagem cênica.<sup>92</sup> A IBC, dentro das tendências contemporâneas de produção de espetáculos, emprega esse tipo de linguagem em seus cultos.

Nas igrejas protestantes históricas e, de certa forma, nas igrejas pentecostais pode se falar em “liturgistas”, ou seja, em pessoas encarregadas da

<sup>89</sup> Em virtude de sua conotação negativa e do reducionismo econômico, não se emprega neste trabalho a noção de espetáculo no mesmo sentido empregado por Guy Debord (1997).

<sup>90</sup> Os ritos e as *performances* mais que “um momento anamnésico e rememorativo, ou representativo de um evento, de um relato, de uma cosmologia”, são ações, movimentos, “significados em ato”, “exercícios práticos” e “organizações de significado” (TERRIN, 2004, p. 390).

<sup>91</sup> Para compreender melhor a discussão e a contextualização histórica da linguagem cenográfica, consulte a dissertação de Nelson José Urssi (2006).

<sup>92</sup> Embora Simmel reconheça que a religião e a arte, enquanto “formalizações” do mundo se inscrevam em lógicas distintas, ressalta que: “o comportamento religiosos e o comportamento artístico têm em comum o traço seguinte: tanto um como o outro projetam seu objeto muito além de qualquer realidade imediata, para aproximá-lo de nós, melhor que uma realidade imediata poderia fazê-lo” (apud WILLAIME, 2009, p. 154).

elaboração da ordem dos cultos, geralmente o pastor ou um dos líderes sob a orientação pastoral. Na IBC, é mais correto falar em “cenografista” que em “liturgista”, pois as atividades deste transcende a mera articulação entre os momentos do culto, envolve também a produção de um cenário. Luzes, móveis, cores, desenhos e outros elementos são utilizados para atender as demandas do espetáculo e suas ênfases do começo ao fim.

O funcionamento de todos esses recursos e da atuação dos envolvidos na montagem da celebração é avaliado, às segundas-feiras, pelo Pr. Armando Bispo e por todos os líderes envolvidos na preparação do culto. Assim como são tomadas resoluções para os próximos cultos a serem realizados, especialmente se eles se referem a uma série especial de sermões.

A Tenda é um espaço cuja versatilidade possibilita uma grande variedade de arranjos e formas de utilização. O palco utilizado para a pregação das mensagens, apresentações musicais, dramatizações e coreografias é especificamente organizado para atender aos temas de cada série. Nas Fotografias que seguem, dois exemplos dessa capacidade criativa, que contrasta com a fixidez comuns aos altares católicos e dos púlpitos das igrejas protestantes e pentecostais tradicionais, mas que fica numa espécie de meio termo entre as composições dos palcos neopentecostais como os da Igreja Universal do Reino de Deus durante campanhas especiais e a dos palcos teatrais.

A IBC também promove seus arraiais juninos, mas aproxima também essas referências às suas celebrações dominicais. Dessa forma, no dia 29 de junho de 2008, conforme a Fotografia 15, a Tenda estava enfeitada como um arraial e contou com a presença de um grupo especialmente convidado, chamado Sal da Terra, que cantou músicas religiosas no ritmo do “fórró pé de serra” acompanhadas, em muitos momentos, por coreografias realizadas por jovens vestidas em trajes típicos nordestinos.



**Fotografia 15** - Palco da Tenda em 29/06/2008  
**Fonte:** MENDES, 2008.

Em geral, as igrejas protestantes e pentecostais tradicionais procuram evitar as datas religiosas do catolicismo, tais como as festas juninas. Digo “em geral” porque nos últimos quinze anos tenho percebido alterações nessa atitude em algumas comunidades, que tem visto nessas datas uma oportunidade de evangelização e de entretenimento voltado para os membros mais jovens. Com o nome de “Festa do milho”, por exemplo, realizam programações com motivos juninos, com a presença de sanfoneiros evangélicos e até com dança. Essas atividades, no entanto, são realizadas distantes do contexto dos cultos dominicais.

É importante também ressaltar a dinâmica presente na montagem do palco que pode ser exemplificado na Fotografia 16: à medida que os domingos se passavam, o “quebra-cabeças” colorido, que aparece ao fundo na imagem fotográfica, ganhava novas peças e, no último dia da série, estava totalmente montado. Além do propósito estético, estava em jogo tanto um chamado para que os frequentadores se integrassem nos pequenos grupos e ministérios da IBC, como para que os membros se envolvessem nas atividades que requerem o apoio de voluntários.



**Fotografia 16** - Palco da Tenda em 18/05/2008  
**Fonte:** MENDES, 2008.

A Fotografia 17, por sua vez, traz ao participante dos cultos uma representação menos festiva e mais concreta: uma casa, o abrigo da família, com muros, porta, janelas, paredes e plantas que evocam a imagem de um jardim. No momento da dramatização, o púlpito foi retirado e colocado no palco um sofá de dois lugares para representar uma sala, lugar onde transcorreria o drama familiar referido na seção anterior.





**Fotografia 17** - Palco da Tenda em 24/08/2008  
 Fonte: MENDES, 2008.

Nas duas séries representadas pelas fotos, havia uma articulação deliberada e clara entre o espaço do ritual, a pregação pastoral e as apresentações musicais. Tudo é programado para produzir efeitos de significado. O decisivo é que tanto os recursos cenográficos quanto os musicais reforçavam a centralidade e serviram como suporte da pregação. Os exemplos poderiam ser multiplicados. A composição do palco durante a série de mensagens o “Caminho da Restauração” será apresentada no último capítulo, junto com a análise da *performance* do Pr. Armando Bispo.

A participação no ritual pode ser considerada ainda como uma *performance* em três sentidos básicos: as ações rituais dos fiéis e líderes religiosos visavam obter efeitos como atos convencionais de legitimação de ampla aceitação pública; implicava diversas modalidades sensoriais por meio das quais os participantes experimentam o evento de modo intenso e com grande impacto tanto em termos individuais quanto comunitários; há valores simbólicos indexados à

*performance* que conectavam ao atores diversos tipos de capital simbólico, quer se tratassem dos simples fiéis ou dos líderes (TAMBIAH, 1997; 1985).

A cenografia dos cultos é elaborada para atender a temática que está sendo desenvolvida nas séries de mensagens e ocasiões específicas, tais como acontece durante eventos especiais ou nas celebrações dos aniversários de ministério do Pr. Armando Bispo e de funcionamento da Tenda. Os temas funcionam como “textos” a partir dos quais se desenvolviam a fala e a atuação do pregador como um *performer*. Há uma afinidade precisa entre a elaboração do cenário e o estilo de comunicação deste.

A *performance* do pastor será analisada mais adiante. Destaco aqui a que se dá em nível comunitário. A ação performática nesse nível se faz acompanhar de determinados códigos que podem ser observados durante a execução das músicas, e que são comuns aos carismáticos católicos, aos pentecostais e aos neopentecostais. Em primeiro lugar, *os corpos em movimento*, o recurso às vozes, às palmas, às mãos erguidas e às danças suaves realizadas por alguns participantes de ambos os sexos. Em segundo, *o cenário*, a tenda como um espaço sagrado que abriga os fiéis, que se posicionam conforme a disposição do palco/púlpito e dos dois telões estrategicamente colocados. E, finalmente, o *predomínio de um código musical* que acompanhou toda a celebração.<sup>93</sup>

Huizinga observa que a representação religiosa não pode ser reduzida à mera imitação, pois leva aqueles que o põem em prática a uma “verdadeira participação no próprio ato sagrado” (1996, p. 18). Os elementos representacionais do ritual não podem ser considerados independentes dos sentimentos religiosos envolvidos na ritualidade. As formas ritualísticas prescrevem, de múltiplas maneiras, a relação dos corpos dos participantes com o sagrado, tanto numa dimensão individual como coletiva. As ações tornam-se mais que movimentos, representam um meio de conexão entre o passado mítico e o presente, entre a memória e o imaginário. O ritual possui aspectos de um drama, de representação, de *espetáculo*.

---

<sup>93</sup> Na pesquisa realizada por Machado (1996, p. 154), ela mostra que a adesão aos grupos carismáticos e pentecostais deve-se em grande parte “a alegria, a espontaneidade, a música (numa palavra: a emoção) como as características mais citadas pelos adeptos para justificar sua participação naquele grupo”.

No culto, de uma forma muito nítida, é possível observar o aforamento as tensões entre o emocionalismo e o intelectualismo. Lembro aqui das palavras de Willaime (2000, p. 29)

Não é positivo para o emocionalismo a procura de uma relação experimental com a verdade, a valorização do vivido e da sua intensidade? Também ele se acomoda bem à espetacularização da religião e à promoção midiática dos heróis do crer. Do seu lado, o intelectualismo coincide com as aspirações à racionalização da religião de certas camadas sociais e se encontra em congruência com a procura de legitimidade procedente do sistema institucional confrontado, este último, com desafios éticos consideráveis.

As afinidades de cada um desses pólos com as tendências socioculturais contemporâneas se expressam no culto, onde é possível experimentar o individual e o comunitário. Assim, ao invés de se ampliar a brecha entre esses pólos, buscam-se possibilidades de complementação

Simmel sustentou que a religiosidade pode dar nova *formatação* às relações sociais originalmente não religiosas, mostrando a conexão que existe entre as transformações sociais e o “a priori” religioso (que assume as vivências originadas no decorrer das relações sociais): “tanto a coesão como a transformação social são formas de relação que supõem o mesmo conteúdo prático de vida. Além disso, ele sublinha que, quando as exigências sociais atingiram um grau suficiente de estabilidade e de harmonia emotiva, então elas são colocadas sob a égide da religião, e são, por assim dizer, ‘consagradas’” (MARTELLI, 2005, p. 247).

Assim, a *espetacularização*, reconhecida como relevante na vida social contemporânea, adquire um *status* sagrado, sendo facilmente transposta da esfera cultural original para a esfera religiosa e afeta, portanto, experiências religiosas significativas como o surgimento de líderes carismáticos vocacionados que articulam as suas práticas dentro dessa nova situação histórica. Esse fenômeno pode ser observado em andamento na IBC.

Finalmente, nas palavras de Corten (1996, p. 185), ainda que os leigos desempenhem um papel importante no culto, é nesse momento “que se reconhece, afirma-se e reforça-se comunitariamente e individualmente o poder monopolístico”, pois “o que caracteriza melhor o clero é de fato sua especialização em vista de uma

operação cultural regularmente exercida”. A gestão do espaço sagrado pela liderança religiosa se completa na gestão das emoções na esfera cultural. Cria-se, então, o espaço e a ocasião para a realização das performances.

## 6 A PERFORMANCE DO PASTOR

O caminho institucional de acesso ao ministério pastoral não é construído do dia para a noite. É fruto de um tempo de preparo, onde a vocação é compreendida como originária da parte de Deus, o *habitus* religioso é desenvolvido ao longo da trajetória do vocacionado e o reconhecimento do carisma pela comunidade são elementos decisivos. No exercício da atividade pastoral, por sua vez, há pelo menos três opções, considerando o referencial weberiano apresentado mais adiante: a magia, o sacerdócio e a profecia. Abordei esses aspectos no capítulo 4.

Neste capítulo, ressalto que a opção pela profecia conduzirá à realização de duas tarefas principais a serem realizadas: a cura de almas e a prédica. Além disso, o desempenho dessa última tarefa poderá ser decisivo para a autenticação do carisma profético. Compreender como a atuação performática do pastor contribui para os fins da autenticação do carisma, portanto, é o propósito desse capítulo.

### 6.1 O pastor, a *cura de almas* e a prédica

O pastor, enquanto agente religioso, seguindo a abordagem weberiana, realiza tarefas típicas dos profetas. Sua atuação, assim como a desses últimos, se volta diretamente para a comunidade de discípulos mediante o “sermão” e a “cura de almas”. A *cura de almas* é, na concepção de Weber (1994, p. 318), entendida como “assistência religiosa aos indivíduos” que pode assumir uma diversidade de formas:

Na medida em que é administração de graça carismática está muito próxima das manipulações mágicas. Mas ela pode ser também um ensinamento individual sobre deveres religiosos concretos, em caso de dúvida, ou, por fim, em certo sentido, encontra-se entre os dois casos, sendo administração de consolo religioso individual em aflições internas ou externas.

No que se refere à *cura de almas*, o primeiro tipo de administração de graça pode ser exemplificado pela oração em favor de enfermos, quer realizada em culto público ou em uma reunião de pequeno grupo. O segundo, pelo aconselhamento em ocasiões de luto ou problemas nos relacionamentos familiares. Nos dois casos, as “almas são curadas”, recebendo o alento necessário para enfrentar os problemas da vida.

Durante a entrevista, quando perguntado se no seu ministério pastoral a assistência religiosa na forma de aconselhamento cedeu lugar à prática da pregação, o Pr. Armando Bispo respondeu que:

*Não é que o aconselhamento cedeu à pregação, cedeu espaço para a pregação não. Quando eu aconselhava, eu fazia o trabalho de aconselhamento aos membros, no varejo, eu pregava com a mesma intensidade que eu prego hoje, não diminuí, o que aconteceu foi o seguinte: eu comecei a acreditar que a igreja de Jesus é uma comunidade terapêutica e que o aconselhamento não é nem prerrogativa nem responsabilidade única dos pastores. Eu percebi que você gastava horas e horas, horas e horas, ouvindo histórias e, às vezes, problemas e lutas pessoais que poderiam ser resolvidas em qualquer instância da comunidade, não necessariamente com o pastor. [...] Então, não que eu não aconselhe, mas a Bíblia diz que nós devemos nos aconselhar mutuamente no Senhor. Então... e que nós devemos confessar os nossos pecados uns aos outros, tá lá em Tiago, que a igreja deve ensinar uns aos outros. [...] Imagine se eu fizer uma agenda para estar em todos os momentos em que algum crente da IBC tem uma aflição, cinco mil, quatro mil, sei lá... Não existe isso e todo pastor que faz isso, mesmo numa igreja pequena, ele entra num corredor de desgaste muito grande [...] Então, eu fiz muito no começo, lá atrás... tinha um gabinete com hora marcada... Os nossos pastores, que nós temos mais dois, eles fazem muito aconselhamento ainda, e principalmente o pastor José Edson faz aconselhamento para casais, porque ele não só treina, tem curso de noivos, mas ele também hoje faz parte de uma rede que treina líderes de casais que possam ajudar outros, que possam ajudar outros e assim por diante. [...] Mas, às vezes, por exemplo, eu recebo um casal que nem evangélico é, que precisa de uma ajuda. Eu vou lá. Não tem problema. Eu vejo qual é prioridade, se aquela pessoa está engajada num grupo ou não, quem é o líder, se já falou com o líder, se já falou com fulano... Se é membro de outra igreja aí eu peço para falar com o pastor dele, antes de falar comigo. Se o pastor encaminhar pra mim, então eu falo...*

A prática do aconselhamento é realizada pelo Pr. Armando Bispo, mas também é dividida com os outros pastores e com membros da igreja, considerando o papel “terapêutico” da comunidade e a dificuldade de atender o atual número de membros. Sendo praticamente inviável para a comunidade religiosa depender apenas do atendimento dos três pastores ordenados, a prática do aconselhamento,

enquanto forma de *cura de almas* na IBC, é realizada por um número extenso de pessoas, que vai do pastor principal até os líderes do menor e mais distante “pequeno grupo”.

Percebe-se seletividade na prática do aconselhamento realizado pelo pastor, pois o início de qualquer processo de aconselhamento é precedido de um levantamento preliminar de informações que podem implicar no atendimento ou não dos indivíduos que o procuram.

O pastor Armando Bispo mantém um foco decisivo para o exercício da sua liderança e preservação da sua autoridade pastoral: o aconselhamento direcionado aos líderes da IBC. Assim se expressou o Pr. Armando:

*Então, eu tenho que aconselhar a liderança, me manter aberto e pronto pra ser o conselheiro dos líderes pra que eles aconselhem outros líderes, pra que eles aconselhem outros líderes, assim chega até a ponta da congregação, o pequeno ajuntamento, onde o aconselhamento é mútuo e acontece toda hora: “fulano me ajudou”, “fulano esteve comigo na dor”, “fulano esteve comigo no hospital”... [...] Então, eu diminuí o aconselhamento de gabinete, com hora marcada, mas eu não diminuí o aconselhamento dos líderes que precisam de mim, do jovem ao idoso, do casal à mulher solteira, ou mãe solteira que faz parte da liderança. Então, eles precisam de conselhos... [...] Eu posso fazer isso com qualquer membro da igreja se houver uma emergência... mas eu digo que como prática não é isso que eu faço mais. Eu aconselho os líderes que estão imediatamente ao meu redor e digo a eles: “agora vocês têm responsabilidade de aconselhar aqueles que estão agora debaixo da sua autoridade pastoral. Cuidem deles! Estejam prontos e dispostos!”. [...] você tem que aprender a dizer não, a estabelecer prioridades, a compreender, de novo, que o aconselhamento não é prerrogativa nem de um profissional unicamente nem do pastor. É uma prerrogativa do corpo de Cristo como um todo, que tendo a Palavra e o Espírito de Deus é capaz de ajudar o irmão na sua aflição, chorar com ele de um jeito que eu não vou conseguir, de acudi-lo numa hora em que eu não vou estar perto. Assim a comunidade funciona muito mais... Sinceramente não existe, não existem grandes demandas, mesmo eu tendo assumido essa posição. No princípio sim, mas depois as pessoas se acostumaram com o modus operandi.*

Aconselhando os líderes, o pastor transmite princípios, práticas e autoridade que possibilitam aos primeiros oportunidades para o atendimento das demandas por apoio espiritual dos demais membros da igreja. Estes líderes atuam como uma extensão da presença pastoral à medida que o representam, exercendo o papel de conselheiros ou liderando pequenos grupos.

Além disso, a atuação dos membros nessa área é vista como um fator que contribui para evitar problemas como o envolvimento afetivo ou sexual dos pastores com membros. Quanto a esse último aspecto, na entrevista, o Pr. Armando ressaltou que:

*Eu comecei a entender que era um mito achar que o pastor seria a pessoa mais habilitada para lidar com o aconselhamento. Por exemplo, pense numa mulher traída, buscando aconselhamento do pastor, quem melhor do que outra mulher que talvez tenha passado pela mesma experiência?... quem melhor do que ela poderia aconselhar? O pastor? O pastor quando entra numa situação como essa vira uma armadilha. Eu comecei a detectar essas armadilhas emocionais que o aconselhamento profissional ou pastoral... fica sujeito.*

O envolvimento afetivo ou sexual dos pastores com membros da igreja em processos de aconselhamento é visto como uma “armadilha”, pois pode gerar um “escândalo”, ou seja, algo que choca a comunidade por afrontar os princípios éticos cristãos.

Quero ainda ressaltar, citando Weber, que influência prática dessas duas modalidades de “ação profética”, o *sermão* e a *cura de almas*, sobre a condução da vida dos “leigos” ocorre de forma diferenciada.

O sermão manifesta sua próxima força em épocas de excitação profética. Mas já pelo simples fato de que o carisma retórico é uma qualidade individual, seus efeitos sobre o modo de viver diminuem na vida cotidiana com extrema rapidez, até desaparecerem completamente. A cura de almas, ao contrário, em todas as suas formas, é o verdadeiro instrumento de poder dos sacerdotes precisamente na vida cotidiana, e tanto mais influencia o modo de viver quanto mais ético seja o caráter da religião. Particularmente o poder das religiões éticas sobre as massas caminha paralelamente ao desenvolvimento destas. (WEBER, 1994, p. 318-319).

Embora o *sermão* e a *cura de almas* sejam ambos produtos da religião profética revelada, respectivamente, elas apontam a diferença entre as formas de atuação do profeta e do sacerdote. O profeta tem como base da sua atuação carismática a força da palavra profética, descontínua, extracotidiana e temporal. O sacerdote, por sua vez, atua pela força do “método religioso de tipo racional” cujo poder de ação contínua e cotidiana tem o apoio de um aparelho administrativo forte e organizado burocraticamente (BOURDIEU, 1992, p. 89).



O *sermão* ou *prédica* se constitui no “[...] ensinamento coletivo sobre coisas religiosas e éticas, no sentido próprio da palavra, é em regra, um elemento específico da profecia e da religião profética” (WEBER, 1994, p. 318). No protestantismo histórico, com a eliminação dos componentes mágico-sacramentais comuns ao Catolicismo Romano, o sermão ganhou maior importância e “[...] o conceito de sacerdote foi totalmente substituído pelo conceito de pregador” (WEBER, 1994, p. 318).

Na perspectiva protestante fundamentalista, o valor de um sermão é avaliado pela sua harmonia com a Bíblia. Por isso, “não é sem razão que um bom sermão é caracterizado pelo uso extensivo da Bíblia, lendo diversos trechos e comentando-os” (SCHÜNEMANN, 2011, p. 123). O pregador deve ser “bom de Bíblia”.

Jean-Paul Willaime (2002, p. 47), destacou o lugar central do sermão no culto protestante, acentuando que seu papel é quase insignificante na missa católica:

Uma missa sem prédica é um culto integral no sistema católico, pois o elemento central pelo qual se efetua, neste dispositivo de culto, a apresentação da divindade (ou seja, o fato de a tornar presente) é o sacrifício da missa. Ao contrário, um culto protestante sem prédica fica amputado do seu elemento essencial na medida em que é através da prédica, neste dispositivo de culto, que se efetua a presença de Deus aos fiéis reunidos.

No Protestantismo de missão prevaleceu o modelo de pastor como pregador. A formação de pastores,<sup>94</sup> basicamente, se constituía na preparação de pregadores. Nos seminários protestantes, de um modo geral, os cursos teológicos enfatizam disciplinas que dão suporte à tarefa da pregação,<sup>95</sup> tais como a

<sup>94</sup> Leonildo Campos (1987, p. 115) descreve o papel que os Seminários exercem nos seguintes termos: “A função básica do Seminário é de reproduzir o capital religioso acumulado pelo campo, dentro de uma lógica de re-interpretação do passado congelado nos dogmas e fazer deles programações de vida para novas gerações de agentes. Ele visa homogeneizar o conhecimento, gerar comprometimento no candidato com a cultura organizacional, transmitir-lhe um conhecimento „esotérico., (reservado à minoria de clérigos e que será, em certas condições, repartido com o laicato), criar um espírito de corpo, interiorizar a disciplina eclesiástica”.

<sup>95</sup> Outras disciplinas fundamentais são as de Teologia Sistemática (que trata dos grandes temas bíblicos à luz da história do cristianismo: Teontologia, Cristologia, Antropologia, Eclesiologia, etc),

hermenêutica (que trata dos princípios de interpretação dos textos bíblicos), a Exegese (tradução e compreensão dos textos bíblicos a partir dos originais em hebraico e grego) e, sobretudo, a Homilética<sup>96</sup>, que diz respeito ao preparo e apresentação dos sermões. Willaime (2003, p. 155) observa ainda que,

A figura do pastor se afirmou, com efeito, particularmente na do pregador. Isto é, na efetuação do discurso visando diretamente a transmitir o sentido da vontade divina e da condição humana. Ele se decidiu pela dessacralização do apelo clerical, fazendo do pastor não o intermediário obrigatório para o acesso aos “bens de salvação”, mas um teólogo versado nas Escrituras e na sua interpretação. A Reforma, neste sentido, já é a entrada do papel do clérigo na modernidade, pois que ela fez dele um especialista na figura do doutor. Mas essa modernidade pode paradoxalmente revelar-se como um *handicap* na conjuntura atual. Se existe, com efeito, uma tendência ao reconhecimento do papel do clérigo como especialista, não se trata de reabilitação do poder normativo do doutor, mas sim do reconhecimento de uma autoridade de competência das questões de sentido.

A função e a autoridade do pastor se expressão nas características da pregação protestante, sintetizadas da seguinte forma por Ramos (2005, p. 60 e 61):

[...] a primazia da palavra oral em relação aos outros meios de graça; a Palavra de Deus deve consolar e libertar a consciência moral do ser humano por meio da prédica evangélica; somente a Cristo se deve pregar; a pregação da Palavra se destina ao indivíduo; integração ou nexos entre o espaço público; troca do meio de comunicação mais acentuadamente visual para uma comunicação mais acentuadamente comunicativa, linguística.

Não é de se admirar, portanto, que os olhares dos fiéis católicos estejam voltados para um altar (lugar do sacrifício divino, central na missa), enquanto os dos protestantes se voltam para o púlpito (lugar de exposição da Bíblia). Ainda que pentecostalismo e, sobretudo, o neopentecostalismo procurem realizar uma combinação de elementos mágico-sacramentais com a prédica, a centralidade desta permanece. Acerca da pregação, o Pr. Armando Bispo afirmou em entrevista:

onde são apresentados os distintivos doutrinários da denominação que mantém o seminário.

<sup>96</sup> Após a disciplina de Homilética, alguns seminários oferecem ainda a disciplina de Prática da Pregação, visando promover um melhor treinamento para os seus alunos nessa área. Na primeira ou na segunda disciplina mencionada, o futuro pastor deverá pregar vários tipos de sermões (biográfico, textual, expositivo e temático) na presença de outros alunos e dos professores. Quando se trata de “Sermão de prova”, ou seja, de um sermão válido como uma prova, os professores fazem publicamente a crítica do sermão, ressaltando seus aspectos positivos e negativos. Dependendo de seu desempenho, o aluno pode ser aprovado ou reprovado.

*Eu vejo que, ao longo desses anos, Deus tem me dirigido a isso, parece-me que até aqui Deus tem abençoado o momento de pregação, que pra mim é muito especial. Desde o início eu acreditei e ainda acredito naquilo que John Stott<sup>97</sup> fala sobre a pregação, “a pregação é a alavanca que move o mundo”. Eu diria que a pregação é a alavanca que move a igreja na direção da vontade de Deus. A pregação da Palavra como ela é, não é a filosofia cristã, mas é a Palavra vista como um documento histórico, como um documento atual, no sentido da sua aplicação, a paixão pela Palavra de Deus como ela é, a sua interpretação histórico-literária e gramatical, lidar com ela como um documento e tirar dela inspiração para tudo que nós somos e fazemos no dia de hoje, instrumento vital para colocar as pessoas diante de Deus, porque os atributos de Deus estão desvendados pra nós, a sua natureza nas Escrituras. Então, a pregação sempre teve um lugar muito central na minha vida e prioritário em termos do pastorado e, nesse sentido, eu devoto muito tempo para a preparação da Palavra de Deus, é tanto que eu fui deixando pouco a pouco as demais tarefas diaconais de serviço até com base no texto de Atos quando os apóstolos dizem “nós vamos nos dedicar ao ministério da palavra e da oração e vocês vão cuidar desse serviço aí”, que era exatamente as demandas das viúvas dos helenistas. Eu sempre tive isso como prioridade.*

A pregação é uma atividade central no ministério do Pr. Armando que tem como ponto de partida a Bíblia, interpretada nos moldes tradicionais do protestantismo histórico.<sup>98</sup> Dessa forma, a pregação requer uma disciplina de preparação reconhecida através das seguintes palavras:

*A pregação da Palavra de Deus não pode ser um evento... sem preparo, sem preparação, sem cuidado... Então eu devoto tempo pro estudo. Geralmente, eu separo minhas quintas e sextas pra mergulhar mais no texto. A preparação começa especialmente se é uma série de mensagens, eu preparo bem antes, pra ter a série pronta e aí, durante a semana, vou retrabalhar tudo que eu preparei. Eu faço muito isso, eu faço uma série em Jonas, uma série em Frutos do espírito, que numa série você tem condições de prever quatro, cinco, seis mensagens que são domingos seguidos e quando é uma mensagem avulsa, que deve ser pregada para este domingo, normalmente no domingo anterior eu já estou pensando o que vai acontecer na outra semana e isso vem de oração, vem da leitura, vem da percepção, vem do momento que a igreja está vivendo, então é uma soma de fatores. Eu jamais preguei e jamais pregaria uma mensagem que não passe primeiro pela minha mente, pelo meu coração... tanto que eu prego muito pouco fora da IBC. Aliás, ao longo dos anos, cada vez menos, e a razão é porque eu não gosto que me dêem um tema pra pregar... “ah, fale sobre isso!” Não! Eu quero falar sobre o que está ardendo no meu coração, faz parte da minha vida, do meu momento, daquilo que o rebanho está vivendo. [...] E a pregação é algo assim, vem dessas percepções que eu acredito serem costuradas pelo Senhor e aí na segunda ou terça eu tenho um tema,*

<sup>97</sup> Renomado pastor anglicano inglês cujos livros são publicados por diversas editoras evangélicas.

<sup>98</sup> A “interpretação histórico-literária e gramatical” foi defendida pelos reformadores contra o abuso da interpretação alegórica dos textos bíblicos, que encontrava sentidos “ocultos” no texto que transcendia ao sentido visado pelos autores das Escrituras Sagradas. Os reformadores preconizavam o estudo do texto em sua língua original, grego ou hebraico, a prioridade do sentido literal sobre o teológico, o princípio de que “a Escritura interpreta a Escritura”, a ideia de que o texto bíblico tem um sentido único e simples e que o intérprete deve usar a fé e contar com a iluminação do Espírito Santo, dentre outros aspectos..

*tanto que eu tenho uma reunião aqui, toda segunda-feira à tarde, para avaliar o domingo e estabelecer o tema da pregação do próximo domingo. Então eu já tenho o esboço e a direção que eu vou tomar. Quarta-feira eu já entrego o esboço porque vai sair no boletim. Então, quinta e sexta eu tenho tempo de mergulhar no texto e expandir o texto e eu passo praticamente o domingo à tarde todo revendo, ruminando aquilo que foi preparado a ponto de eu ter o texto praticamente todo na minha mente e se apagar a luz ou o esboço voar, eu continuo do mesmo jeito. Então eu devoto muito tempo, muita dedicação à pregação da Palavra de Deus. É isso que eu tenho feito.*

O estudo é apontado como necessário, mas o “direcionamento divino” é considerado como fundamental; o assunto tem que “arder no coração” e nasce das percepções “costuradas pelo Senhor”. O conteúdo das mensagens, embora tenha sua base bíblica sustentada pelo pastor, tem como ponto de partida a sua própria vida, o seu próprio momento e as situações e experiências vivenciadas pelos membros da comunidade. O propósito divino intuído pelo pastor, porém, precisa se encontrar com o pragmatismo da instituição no estabelecimento de um esboço, ou seja, o tema e a estrutura básica da mensagem que vai ser pregada, que sairá no boletim semanal da igreja e poderá ser utilizada nas reuniões de pequenos grupos durante a semana. Além disso, o Pr. Armando, na entrevista, discorreu sobre o caráter estratégico da pregação:

*O púlpito, pra mim, é muito importante e tem sido importante do ponto de vista estratégico também para o alinhamento da visão. Por exemplo, se eu invisto a minha vida nos líderes e repasso a visão e peço que eles repassem a líderes, que repassarão a outros, até chegar na ponta do rebanho, até na ponta do arraial, você pode ter problemas de ruídos de comunicação, a mensagem não chega direito... alguém não passou com o mesmo entusiasmo e eu tenho vários exemplos de reações que aconteceram lá na ponta do arraial, lá no final da cerca, onde alguém disse “como? isso que você tá dizendo aí não bate com aquilo que o pastor tem nos ensinado no domingo à noite, que ele tem dito, parece que diferiu daquilo que você está me dizendo”. Isso é a ovelha falando pro líder imediato que tá lá na ponta, que já ouviu de um líder, que ouviu de outro líder, de outro líder, que ouviu de mim. Então eu acho, eu creio que o domingo à noite tem esse poder de alinhamento, da visão única, que vem da liderança pastoral.*

O termo “alinhamento da visão” foi ouvido em diversas pregações e, sobretudo, em estudos para líderes conduzidos pelo pastor e, como já foi abordado, se refere ao processo de transmissão da visão concedida por Deus ao pastor da igreja para os demais pastores e liderados. “Alinhar-se” significa andar de acordo com essa visão. Em um outro ponto da entrevista, o Pr. Armando afirmou que “a

visão é uma avenida muito larga, o indivíduo pode transitar por dentro dela do jeito que ele quiser, mas eu tenho concordado que nós temos uma direção única, uma mão única, a visão é única, agora dentro dela você pode atuar de acordo com seus dons, suas preferências, etc”.

Durante a entrevista também foi perguntado ao pastor sobre os objetivos da sua prática da pregação, bem como se ele estabelecia sua mensagem focando um público-alvo, obtendo-se a seguinte resposta:

*Quando você fala sobre objetivos, o meu objetivo é sempre a edificação do corpo de Cristo, sempre ensino para as ovelhas, é alimento pro rebanho. Meu público-alvo não é o descrente, o que não crê. Meu público-alvo é aquele que crê, é o rebanho (tosse) e, você sabe bem, eu tenho evitado ao longo dos anos e até rejeitado os convites pra a televisão, pra programa. Eu não tenho como alvo pregar pra mais ninguém além do rebanho que está debaixo da minha responsabilidade. Se alguém for lá e colocar uma câmera de TV e quiser passar pro mundo, problema dessa pessoa, não vai ser por minha iniciativa porque eu me contento em pregar pro rebanho, qualquer que seja o tamanho prego hoje com o mesmo entusiasmo que eu pregava pra o rebanho de 20 pessoas, 30 pessoas, 40 pessoas num auditório. Eu diria que eu prego primariamente pra Deus, eu faço pra ele, eu faço pra Jesus. Eu sei que ele precisa saber que aquilo que eu estou fazendo é autêntico e é bem feito. Tô dando o meu melhor. Depois eu diria que prego para os crentes em Cristo Jesus, e terceiro lugar eu sei que tem gente que me ouve que não é evangélico, que frequenta a comunidade e é tanto que sempre no final eu faço uma aplicação para que as pessoas ali entendam e, às vezes, quando estou falando principalmente no domingo à noite e sei que tem pessoas não evangélicas presentes, aqui e acolá dentro da pregação, eu procuro esclarecer alguns termos usados, ilustrações que sejam mais adequadas, mas eles não são o público-alvo. O público alvo, em primeira instância, é o meu Senhor, a igreja do Senhor, depois aqueles que são convidados a se tornar ouvintes.*

Num sentido amplo, todas as ações originadas da experiência religiosa e por ela determinadas podem ser consideradas como prestação de um serviço religioso, de um ato cultual, mantendo a vinculação e o resultado da opção com o contexto onde esta foi realizada (WACH, 1990). A pregação é vista nessa perspectiva, conforme ressaltam as afirmações: “eu prego primariamente pra Deus, eu faço pra ele, eu faço pra Jesus” e “o público-alvo, em primeira instância, e o meu Senhor”. O atendimento aos membros da igreja, o “rebanho” do “crentes em Cristo Jesus”, das necessidades espirituais também foi enfatizado e as mensagens escutadas e gravadas conferem com essa afirmação, mas os “convidados”, os que não são evangélicos e frequentam a comunidade, não deixam de ser confrontados

com uma chamada à conversão no final de cada mensagem pregada (isso acontece mesmo que não seja o Pr. Armando o pregador da ocasião).

## 6.2 O pastor como Pregador e como Doutor

A figura do pastor no protestantismo representou muito mais que uma mera substituição do sacerdote católico. Émile G. Lèonard (apud WILLAIME, 2000, p. 19-20), quanto a isso, afirmou que:

O pastor é uma das características e das originalidades essenciais da Reforma. Ele não está separado da sequência da constituição do poder taumatúrgico, seu ministério é uma especialização, não um monopólio; ele vive como todo o mundo, no meio de todo o mundo. Entre a laicidade e o clericalato, o pastorado é um estado intermediário, às vezes ambíguo, feito de situações difíceis. Situação difícil do leigo que não é o único [...]. Situação difícil do especialista, de uma especialidade à qual concorrem mais ou menos os melhores de seus fregueses que fazem parte do “sacerdócio universal” [...]. Situação difícil do homem que, mesmo na sua privacidade, não deixa de pertencer ao público.

Lèonard expressou muito bem a tensão presente na condição de clérigo do pastor protestante. Com base nos conceitos de Willaime (1986, 2002, 2003) seria também possível classificar o Pr. Armando Bispo na categoria de “clérigo”. Seria necessário, entretanto, ainda se perguntar sobre sua especificidade como clérigo. Willaime, partindo da tipologia weberiana de autoridade religiosa, procurou analisar a figura do pastor protestante como clérigo. Assim, percebeu que essa tipologia era insuficiente para compreender as ambiguidades e contradições presentes na figura do pastor como “profissional da religião”. Ele, então, ressalta a figura do pastor como “Pregador” e como “Doutor”.

Conforme já mencionei anteriormente, Weber (1994, p. 318) ressaltou que no Protestantismo “o conceito de sacerdote foi totalmente substituído pelo conceito de pregador”. Mantendo-se na perspectiva weberiana, a pregação, elemento constitutivo da religião profética, o que coloca o pastor protestante próximo do tipo weberiano do profeta. Entretanto, sua vinculação funcional a uma organização religiosa, a uma “empresa social de salvação” (WEBER, 1991), o aproxima do tipo

weberiano do sacerdote. Assim, o pastor pode ser compreendido como “um pregador profissional” (WILLAIME, 2000, p. 130). Rubem Alves acentua as expectativas da comunidade acerca do pastor:

deve ser um bom pregador. Não nos esqueçamos de que, para o protestante, o poder “ex opere operato” do sacramento está fora de questão. Não é pela magia do sacramento que ele vai ao culto, mas para ser edificado, instruído, consolado. Maus pregadores só produzem bom sono e bancos vazios (1982, p. 162).

Já foi também acentuado que a prédica é central no culto protestante e pentecostal. Sem pregação, portanto, não se pode falar em culto. Ela é forma, por excelência, de apresentação do divino. Entretanto, não se trata de um elemento que dependa exclusivamente da subjetividade do pastor. Não se pode esquecer que ele se filia a uma determinada tradição teológica a partir do qual sua pregação é examinada e avaliada pelos outros líderes e pelos membros da comunidade. Dessa forma, a adequação ou não a essa tradição, pode conduzir a classificação da sua mensagem como ortodoxa ou profética.

A prédica será considerada “ortodoxa” à medida que reflita os padrões teológicos aceitos pelo pastor e sua comunidade que se consubstanciam em documento escritos conhecidos como “confissões de fé”, “catecismos” ou “declarações doutrinárias”. No caso da IBC, uma das formas de divulgação desses padrões é o “Guia- Preciso saber”, documento contendo as crenças e os valores reconhecidos como ortodoxos que os novos membros devem conhecer ao aderirem à comunidade.

A prédica, no entanto, assume um caráter “profético” quando se trata da compreensão do texto bíblico em diálogo com suas experiências, suas iluminações pessoais e suas leituras de autores considerados relevantes. Alguns desses autores, como George Barna, Rick Warren e outros, têm seus livros comercializados na livraria que funciona num dos espaços de sociabilidade da propriedade no Bairro Pedras e na que funciona em sala específica no Colégio Kerigma.

A prédica, portanto, se desenvolve dentro de referências institucionais e individuais, dentro de verdade oficial e de um testemunho pessoal, dentro de uma

tradição teológica e de uma interpretação profética particular. É dentro dessas possibilidades que se desenvolve a tarefa do pastor como pregador, oscilando entre os tipos do sacerdote (por ser um defensor da instituição e de uma tradição sagrada) e do profeta (por apresentar uma mensagem bíblica em consonância com o seu carisma pessoal).

Essas considerações nos remetem a outra forma de análise do pastor dentro do protestantismo, que o aproxima do defensor da instituição, de uma verdade oficial e de uma determinada tradição teológica. Trata-se da compreensão do pastor como “Doutor”.

Willaime (2003) emprega o termo “doutor” para representar o pastor como tipo de autoridade ideológica. Para Willaime (2003), o pastor exerce uma autoridade ideológica que não se reporta necessariamente de carisma ou de posição institucional, mas à defesa de um corpo de crenças aceitas como legítimas dentro de uma organização religiosa. As relações entre os tipos de clérigo, de autoridade e forma de legitimação podem ser assim representadas:

<b>Tipo de autoridade</b>	<b>Tipo de clérigo</b>	<b>Forma de legitimação</b>
Autoridade racional-legal	Sacerdote	Instituição portadora de um carisma de função
Autoridade ideológica	Doutor	Modo racional em valor, como agente ideológico
Autoridade carismática	Profeta	Posse de técnicas de acesso ao divino
Autoridade tradicional	Mágico	revelação pessoal

**Quadro 2** - Tipos de Autoridade e Forma de Legitimação

**Fonte:** WILLAIME, 2003

Na visão de Willaime (2003), pela vinculação de sua mensagem à instituição religiosa e ao carisma de função, o pastor estaria mais próximo ao tipo do doutor. Willaime observou ainda que,

o que permite o protestantismo colocar limites na sua precariedade institucional e nos seus efeitos fissipares é a mediatização dos *doutores*. [...] Ao colocar a disposição de cada fiel o meio supremo de legitimidade religiosa, isto é, a Bíblia, a verdade tornou-se um problema hermenêutico, mas ao mesmo tempo erigiu-se um novo tipo de poder religioso: o do pastor-teólogo (2000, p. 30).



O fundamental, no entanto, é a fidelidade do pastor à mensagem ideológica. Os membros da comunidade religiosa reconhecem sua autoridade a partir do conteúdo de sua mensagem, o que também implica no reconhecimento de sua competência e do seu carisma pessoal.

Na análise específica da autoridade do Pr. Armando Bispo, além de sua proximidade com os tipos do Sacerdote e do Profeta descrita anteriormente e suas formas específicas de exercício da autoridade (racional-legal e carismática, respectivamente), destaca-se a sua autoridade ideológica. Portanto, é também um Doutor.

Em termos do objeto de estudo desta pesquisa, na próxima seção, interessa sobretudo analisar o *sermão*, que acontece no principal momento de ajuntamento dos membros: o culto dominical. A realização desse sermão é uma prerrogativa do pastor principal da comunidade, embora outros pastores da comunidade, líderes e outros convidados possam desempenhar essa tarefa (o que pode acontecer também em outras ocasiões de culto). Assim, além do discurso teológico autorizado, a sua própria performance se torna também mensagem a ser recebida pelos membros.

### **6.3 O pastor como *performer***

O pentecostalismo herdou a função do pastor/líder do protestantismo, reforçando a ênfase no carisma distribuído pela divindade em termos de uma comprovação durante o exercício das atividades religiosas. Conforme já observado por Campos (2006, p. 123), os tipos de agentes religiosos criados por Weber encontram a sua síntese na figura do pastor pentecostal, que atua como mago, sacerdote ou profeta, conforme a necessidade dos leigos. Segundo Berger,

A religião sempre foi suscetível a influências mundanas, afetando até suas construções teóricas mais rarefeitas. A situação pluralista, todavia, introduz uma forma nova de influências mundanas, provavelmente mais poderosa para modificar conteúdos religiosos do que as antigas formas, como os desejos de reis ou os capitais investidos de classes: a dinâmica da preferência do consumidor. (1985, p. 57).

Considerando as flutuações religiosas contemporâneas é possível afirmar ainda que essa tendência pode ser observada, em maior ou menor grau, no conjunto das igrejas evangélicas, variando a partir de certos fatores, tais como: formação pastoral, origem denominacional dos pastores,<sup>99</sup> ou o nível de “pentecostalização” da comunidade religiosa assistida pelo pastor.

Com o inevitável intercâmbio entre membros de igrejas protestantes tradicionais e membros de igrejas pentecostais, algumas crenças e práticas se difundem, levando alguns autores a sugerirem a existência de uma “religiosidade protestante mínima” que tem maior afinidade com o pentecostalismo (CAMPOS, 1996, p. 98).

Além disso, no contexto da maioria das comunidades protestantes contemporâneas de origem carismática, a figura do pastor rompeu com a tradicionalidade do papel formal de principal condutor de atividades rituais, adquirindo cada vez mais força o seu papel de protagonista de ações performáticas ou de atos performativos, que se tornam uma das principais modalidades de revelação do seu carisma.

Conforme já acentuei anteriormente, a liderança carismática, com suas “qualidades extraordinárias”, atrai seguidores, cria movimentos de forte caráter emocional e dissemina ideias inovadoras dentro de um determinado universo religioso. Segundo Balandier, “a inovação religiosa contribuiria para o ajustamento às situações presentes que derivam da contestação, ao introduzir meios de expressão pessoal que compensam os fatores de despersonalização e combinam valores que, em parte, são tradicionais” (1997, p. 213).

As mensagens da série **Caminho da Restauração** tiveram um diferencial em relação às mensagens comumente pregadas pelo Pr Armando ou pelos outros pastores, por isso foram escolhidas para compor o *corpus* utilizado na análise da *performance*. As celebrações onde se realizaram essa série de mensagens ocorreram dominicalmente, funcionando como ritos pragmáticos que tiveram a função de fortalecer as vivências dos diversos “grupos de apoio” existentes,

---

<sup>99</sup> Ainda não encontrei estudos que dessem conta do fenômeno da mudança de organização religiosa pelos pastores. Essa é uma pesquisa que pretendo realizar mais adiante: compreender como pastores de igrejas protestantes tradicionais migram para igrejas pentecostais e vice-versa.

identificar e atrair prováveis candidatos a participantes desses grupos e promover uma leve “terapia religiosa” coletiva. Do dia 21 de outubro a 09 de dezembro de 2007 foram abordados os seguintes passos do “Caminho da Restauração”: “Reconhecimento”, “Esperança”, “Confiança”, “Limpeza”, “Transformação”, “Reparação”, “Manutenção” e “Testemunho”.

A abertura da série aconteceu na mesma data em que se comemorava o aniversário de quatro anos da tenda. Representou uma continuação da série de palestras realizadas em 2003 com o mesmo tema: “Caminho da Restauração”. As celebrações relacionadas a esta série representaram, em termos práticos, um braço do programa **Celebrando a Restauração**, que foi abordado no capítulo 3.

As celebrações, descritas e analisadas no capítulo 5, enquanto espetáculos e assim como os espetáculos trazem consigo o caráter de um evento extraordinário produzido para maravilhar, encantar, atrair e seduzir os sentidos e o público. Segundo Rubim (2004)

Esse “maravilhamento” produz-se pelo exacerbamento de dimensões constitutivas do ato ou evento, da dramaticidade de sua trama e de seu enredo, através de apelos e dispositivos plástico-estéticos, especialmente os relativos ao registro da visão, mas também aos sonoros, em menor grau. A plasticidade visual, componente essencial, e a sonoridade tornam-se vitais: os movimentos, os gestos, os corpos, as expressões corporais e faciais, o vestuário, os cenários, a sonoridade, as palavras, as pronúncias, as performances; enfim, todo esse conjunto de elementos e outros não enunciados têm relevante incidência na atração da atenção, na realização do caráter público e na produção das simbologias e dos sentidos pretendidos com o espetáculo.

A *performance* analisada representa o ápice, o ponto alto das celebrações. A noção de *performance* – utilizada para expressar as operações humanas presentes no ato comunicacional – torna-se um elemento fundamental no sentido de possibilitar a compreensão acerca da forma como um líder carismático alcança projeção e cativa um público fiel e se torna capaz de formar a sua própria comunidade de seguidores.

Para os fins do presente trabalho, o termo *performance* é utilizado como instrumento teórico para se compreender como a ação performática e a posse do carisma se articulam fortemente no contexto das novas comunidades protestantes.

Procurei, com essa finalidade, fazer uma articulação entre os conceitos trabalhados pelo mediavaliata Zumthor e pelo pesquisador e *performer* Renato Cohen.

Se o termo *performance* vem ganhando cada vez mais terreno, nas mais diversas áreas, é porque a importância de quem e de como realiza tais ações é grande para que esse ato efetive-se nos processos comunicativos. Aquilo que é de característica própria do *performer* é o que promove de fato a comunicação, pois ele executa sua atuação por meio de suas capacidades, habilidades e aparência. Porém, essa espécie de construção [...] o não descarta as operacionalizações que constroem uma personagem, já que essa categoria pode configurar o atuante visualmente em sua composição física (cabelo, roupas, acessórios) e oral (jeito de falar, frases, expressões ou gestos que caracterizam-no) (SILVA, 2004, p. 105).

O domínio das dimensões performáticas dos *gestos*, da *voz* e da *indumentária* remetem à aquisição de um determinado *habitus* pelo agente religioso em foco (BOURDIEU, 1984, 1992) .

O conceito de *performance*, conforme Zumthor (1997, 2000) , contribui para compreender mais sensivelmente os processos de transmissão e recepção gerados pela literatura e pela poesia. *Performance*, nessa perspectiva, é uma ação complexa pelo qual uma mensagem é transmitida e percebida, simultaneamente, aqui e agora, e mediante a qual são concretamente confrontados locutor, destinatário e circunstâncias (ZUMTHOR, 1977, p. 33). Implica em competência, em um *savoir-faire*, mas principalmente em um saber-ser, ou seja, “um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnadas em um corpo vivo” (ZUMTHOR, 2000, p. 35). Assim, conforme Zumthor,

A ideia de *performance* deveria ser amplamente estendida; ela deveria englobar o conjunto de fatos que compreende, hoje em dia, a palavra *recepção*, mas relaciono-a ao momento decisivo em que todos os elementos cristalizam em uma e para uma percepção sensorial – um engajamento do corpo (2000, p. 22).

Num uso mais geral, a *performance* se refere imediatamente a acontecimentos orais e gestuais, nos quais as ideias da presença de um corpo e da existência de um espaço são decisivas. Os gestos, a voz, o olhar, a respiração e a presença tornam-se elementos fundamentais para as recepções, operadores

imprescindíveis da *performance* no ato enunciativo, tal que suas regras regem, ao mesmo tempo, o tempo, o lugar e a finalidade da transmissão.

Zumthor (1997, p. 206) propõe a seguinte classificação dos tipos de gestos, conforme a amplitude do espaço que tomam para se desenvolver: (1) gestos de rosto; (2) gestos dos membros superiores; (3) gestos de corpo inteiro. No âmbito da prédica realizada na IBC, esses três tipos de gestos puderam ser observados e serão enfocados nos próximos parágrafos. Os gestos expressam ênfase, descrevem coisas e acontecimentos, além de completar ou substituir informações verbais. Segundo Le Breton (2006, p. 44), os gestos executados pelo homem, até os mais elaborados tecnicamente, incluem significação e valor.

O gesto de sentar-se e de acompanhar o culto na nave do templo em cadeira igual às que estão disponíveis aos demais participantes representava o primeiro momento da *performance* do Pr. Armando como pregador na IBC. Nessa hora, ele era apenas um adorador como os outros. A linha que o separava dos participantes só ficava visível quando ele se levantava e, de forma compenetrada, caminhava em direção ao púlpito colocado no centro do palco, em um gesto onde o seu corpo inteiro podia ser observado pelos presentes.

O olhar, lançado para a comunidade reunida na nave da Tenda, e as palavras que expressam sua satisfação com a presença de todos na celebração precedem e, às vezes, acompanham a organização da Bíblia e das anotações do conteúdo da mensagem protegidas por uma capa plástica junto com o roteiro do culto que se realiza. Então, ele dava início à pregação daquele dia, introduzindo a temática da noite e, em seguida, fazendo a leitura do texto bíblico que servia de base para a prédica.

A gestualidade é um dos elementos de maior importância na *performance*. Gestos comuns e cotidianos assumem um caráter extraordinário no palco, onde “são executados unicamente em função das necessidades do espetáculo, desenraizados da afetividade quotidiana”, porque a um recondicionamento nas maneiras de ser (falar, caminhar, etc) que vão deslocadas mesmo se apoiando sobre os ritos sociais das palavras e dos gestos, pois se tratam

“de gestos submetidos às modulações do espaço cênico e da dramaturgia” (LE BRETON, 2009, p. 251).

Uma articulação importante entre gestos e palavras acontecia no início e no final da mensagem. Tratava-se da oração que, enquanto diálogo com a Divindade, exigia a deferência de fechar os olhos, curvar a cabeça num gesto de submissão e dirigir-se ao Ser Superior com humildade. As orações representaram a forma ritual do pastor e da comunidade se dirigir a Deus, na compreensão de que este faria ouvir a sua voz junto à comunidade reunida mediante o pastor. Após a mensagem recebida, a oração demarcatória do final da prédica.

Para Zumthor, “a voz é o lugar simbólico por excelência” (2000, p. 97). A voz do pastor exerce uma função poderosa junto aos participantes de uma celebração, extrapolando o que é dito, pronunciado, proclamado com autoridade profética ou sacerdotal. Ela carrega o peso de uma identidade religiosa. A leitura do texto bíblico, então, é feita pelo Pr. Armando com muita expressividade, fazendo pausas ou dando entonação especial nos trechos que pretende enfatizar.

Nas igrejas protestantes contemporâneas há um investimento na aparelhagem eletrônica, sobretudo para melhorar a vocalidade e dar ao pregador liberdade de movimento no palco/púlpito, possibilitando que elementos midiáticos adquiram papel fundamental na relação entre pastores e fiéis. Galindo observa que,

[...] é assim que a religião midiaticizada tem apresentado o sagrado, muito perto dos sentidos, totalmente táctil emocionalmente. Nunca se trabalhou tanto para o sagrado, atendendo hoje a uma enorme gama de necessidades orientadas pela disponibilização de produtos essencialmente comunicacionais (2004, p. 39).

Sem o suporte eletrônico seria difícil o exercício da prática da pregação ou a realização de estudos e palestras pelo Pr. Armando, considerando que anos atrás ele foi impedido de exercer essas atividades em virtude de problemas de saúde e não podia elevar o volume da voz. Além disso, deve ser observado que, no meio batista, os pastores podem até intensificar o som da sua voz, mas não têm a prática de gritar ao microfone que já observei em diversos pregadores pentecostais. Nesse ponto, a sonoridade da sua voz fica em algum ponto entre a suavidade

demonstrada pelo Missionário R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, e a eloquência observada no Pr. Silas Malafaia, da Assembléia de Deus Vitória em Cristo, para compararmos com pregadores conhecidos no meio evangélico na atualidade.



**Fotografia 18** - Pr. Armando Bispo durante a pregação (21/10/2007)  
**Fonte:** Acervo do autor, 2007.

Outro momento em que essa articulação podia ser observada era durante a própria pregação. A cabeça podia se curvar durante alguns intervalos de tempo enquanto o Pr. Armando lia trechos de suas anotações. Nesses intervalos, sua voz perdia em expressividade. Após a leitura, ele voltava a olhar diretamente para o auditório imprimindo em muitos dos presentes a sensação de que estava olhando diretamente para eles. Esse efeito podia ser observado até mesmo através dos telões. Esse olhar para a congregação reunida, dentro dos princípios de comunicação contidos na prédica que guardo da minha formação pastoral, também é uma forma de buscar no auditório um *feedback* no processo de pregação. Por vezes, esse olhar vinha acompanhado de uma breve pausa seguida ou não de uma pergunta retórica, cujo silêncio despertava a atenção dos ouvintes e direcionava-os para a pessoa do pregador.

Nesses momentos, é possível falar da elaboração consciente ou inconsciente de um reconhecimento da alteridade do público, de que se está diante do outro cujos gestos de aprovação, descontentamento ou indiferença expressos por seus corpos interferem no processo de comunicação. Nessas ocasiões, se abrem oportunidades para o improviso e a utilização de um repertório variado de saídas que podem ditar mudanças na forma de conduzir a prédica, tais como alterações no ritmo e velocidade da fala, o uso de recursos para captar a atenção do ouvinte (tais como ilustrações) e até mesmo o tempo de duração da mensagem.

Conheci casos pitorescos de esposas de pastores que, sentadas nos seus lugares, interferiam na mensagem dos pastores demonstrando aprovação ou reprovação através de sinais. Infelizmente, não sentei em nenhum ponto que me permitisse verificar se a esposa do Pr. Armando colaborava dessa forma no seu ministério.<sup>100</sup>

Os participantes de um culto religioso em um templo de grandes proporções como a Tenda, se posicionados distantes do púlpito, experimentariam certa dificuldade em visibilizar os gestos de rosto de um pregador sem o auxílio dos modernos recursos eletrônicos imagéticos disponíveis na atualidade. Os gestos de rosto do Pr. Armando Bispo eram transmitidos através dos telões dispostos nas laterais do palco e contribuem para complementar o sentido dos conteúdos transmitidos em sua pregação.

O rosto podia apresentar seriedade em uma afirmação contundente ou descontração em um instante de brincadeira com o público presente, mas não deixava de refletir a objetividade do pregador em comunicar sua mensagem para os presentes. Alterações no rosto e no tom de voz também podiam ser percebidos durante partes da prédica em que o Pr. Armando procurava representar outra pessoa.

Embora certos sinais escapem totalmente ao controle da vontade ou da consciência do ator, não perdem por isso sua dimensão social e cultural, pois “cada

---

<sup>100</sup> No início das minhas idas à IBC, na companhia da minha esposa, um amigo pastor brincava comigo dizendo que eu não podia deixar de levá-la para ouvir as pregações do Pr. Armando Bispo, pois “não há ninguém mais habilitado para analisar uma pregação que a mulher de um pastor” e outro, mais irônico, me dizia que era uma “forma de recompensá-la por todos os anos que ela foi obrigada a me ouvir”.



comunidade humana elabora seu próprio repertório sensorial como universo de sentido. Cada ator apropria-se do uso desse repertório de acordo com a sensibilidade e os acontecimentos que marcaram a sua história pessoal” (LE BRETON, 2006, p. 55).

Deve-se a Marcel Mauss a construção da noção de *técnicas do corpo*, que se refere a gestos codificados procedentes de uma tradição aos quais se atribui eficácia (2003, p. 407). Em geral, a aquisição das *técnicas do corpo* depende de um processo de aprendizado, muitas vezes formal, que depende de fatores diversos (tais como idade, sexo, profissão, etc). “Uma técnica corporal atinge o seu melhor nível quando se torna uma somatória de reflexos e se impõe imediatamente ao ator sem esforço de adaptação ou preparação de sua parte” (LE BRETON, 2006, p. 43).

As mãos do pastor se alternavam no gesto de segurar o microfone e mantê-lo próximo aos lábios e na realização de gestos concernentes ao processo de comunicação que envolve a prédica. Na minha prática pastoral, na grande maioria das vezes, fiz a opção pelo microfone colocado em um pedestal para deixar as mãos livres para a gesticulação, o manuseio da Bíblia e do esboço do sermão. Outros pastores, no entanto, optam pelo microfone sem fio fixado na roupa ou em conjunto com um fone de ouvido, pois assim adquirem também maior mobilidade para caminhar no espaço do púlpito ou palco de seus templos.

Na apreensão da *performance* é necessário considerar também o papel desempenhado pela indumentária. Ela remete ao vínculo de origem do *performer* e contribui para a ampliação/delimitação dos movimentos corporais. Os religiosos, em geral, adotam vestes diferenciadas para as celebrações comunitárias: os sacerdotes católicos usam túnicas e estolas e os pastores de igrejas protestantes e pentecostais tradicionais tendem a usar paletós ou, no mínimo, roupa social com gravata.

Como pastor de uma igreja tradicional, fui obrigado a usar paletó para atender aos costumes da igreja sob minha responsabilidade. Para se ter uma ideia da força dessa tradição, devo dizer que mesmo em uma cidade como Teresina-PI, onde o calor é muito alto (especialmente nos meses de setembro a novembro), tive que usar paletó nos cultos dominicais noturnos e os pastores mais antigos “radicalizavam”, iam de paletó até na Escola Bíblica, atividade de estudo bíblico que

se realizava aos domingos, de nove às onze da manhã. A ideia era que o vestuário comunicava um princípio de distinção: o pastor não poderia ser confundido com um membro e precisava estar sempre bem vestido para revelar o grau de sua dignidade aos visitantes.



**Fotografia 19** - Pregação do Pr. Armando Bispo no templo da Gonçalves Lêdo (1983).  
**Fonte:** 25 ANOS DE MINISTÉRIO..., 2008.

A pregação foi um dos principais veículos para a disseminação das ideias de mudança da nova liderança pastoral exercida pelo Pr. Armando Bispo ao chegar na IBC. Na Fotografia 19 é possível visualizar um dos momentos em que o Pr. Armando Bispo, exerceu a tarefa da pregação no início do seu ministério na IBC. Ele segue o estilo tradicional ao usar um paletó, que o distingue dos demais membros da igreja. A centralidade do púlpito e da cadeira pastoral revelam que, no mínimo, em termos formais, a autoridade pastoral é reconhecida.<sup>101</sup>

<sup>101</sup> Uma descrição desses móveis e dos seus usos já fora feitas anteriormente. Na fotografia 5, pode ser vista ainda a presença de um órgão de pedais, modelo muito comum em igrejas protestantes tradicionais. Em templos visitados pelo pesquisador, foi possível observar que geralmente esse instrumento musical é colocado à esquerda de quem se coloca de frente para o púlpito.

O Pr. Armando, bem como os demais pastores e líderes da IBC, se veste de forma simples com roupas que podem ser usadas para ir assistir aulas em uma universidade ou trabalhar numa repartição pública sem nenhuma identificação religiosa: camisas de meia ou tecido com mangas curtas e tonalidades discretas, calças compridas informais, acompanhadas de sapatos ou tênis. Essa é uma das formas de desclericalização assumida pela conduta dos pastores. Só presenciei uma única vez e um único pastor usando paletó na IBC, o Pr. Alcimou Barbosa, que não era o pregador na ocasião, mas apenas um entre os participantes da comemoração dos 25 anos de ministério do Pr. Armando Bispo à frente da IBC, no dia 30 de março de 2008. Foi motivo de sorrisos da liderança e da congregação.

O Pr. Armando usa atualmente óculos de armação transparente (à certa distância, quase imperceptível) mantém o seu cabelo sempre curto e não usa mais um bigode que utilizava no início do seu ministério na IBC. Esse bigode, aliás, conforme informação verbal,<sup>102</sup> era alvo de brincadeiras dos membros por deixá-lo semelhante a um personagem televisivo.

Seguindo Cohen (2007), a *performance* também pode ser compreendida como uma expressão cênica que tem um papel modificador, pois visa produzir uma transformação no receptor. Zumthor já havia ressaltado o papel transformador da performance, ao afirmar que comunicar “não consiste somente em fazer passar uma informação; é tentar mudar aquele a quem se dirige; receber uma comunicação é necessariamente sofrer uma transformação (2007, p. 52)

Em termos gerais, “a performance se estrutura, portanto, numa linguagem ‘cênico-teatral’ e é apresentada na forma de um *mixed-media* onde a tonicidade maior pode dar-se numa linguagem ou noutra” (COHEN, 2007, p. 57). É importante o recurso ao *multiplex code*<sup>103</sup> para indicar o resultado de uma emissão multimídica (drama, imagens, sons, etc) capaz de gerar no espectador uma recepção onde prevalece a dimensão cognitivo-sensorial sobre a racional. Na Fotografia 20, é possível visualizar a forma como o cenário do palco foi montado.

---

<sup>102</sup> Ricardo Marques no culto de comemoração dos 25 anos de ministério do Pr. Armando Bispo, em 03 de março de 2008, na Tenda do Bairro Pedras, em Fortaleza-CE. Não poderia deixar de atender a curiosidade do leitor: o personagem é o jogador Coalhada, criado pelo humorista Chico Anísio.

<sup>103</sup> O termo *multiplex code* foi cunhado por Schechner (COHEN, 2007, p. 30).



**Fotografia 20** - Pr. Armando Bispo no palco (04/11/2007)  
**Fonte:** Acervo do autor, 2007.

Comparando o cenário montado no palco com o de outras séries de mensagens pregadas pelo Pr. Armando Bispo, é possível perceber o despojamento. O investimento no espaço cênico para a realização da pregação-*performance* se deu a partir do recurso à iluminação contínua do fundo do palco. Na primeira mensagem da série em questão, conforme a Fotografia 18, a iluminação era verde. Da segunda à sexta mensagem, um tom vermelho claro, próximo ao salmão. Na sequência, foi utilizado o mesmo tom vermelho com azul claro nas laterais do palco.

A *performance* atua dialeticamente em duas esferas: a primeira delas é a esfera das emoções e da produção de impacto no público; a segunda, é a racionalidade, pois não deixa de se preocupar com a organização da mensagem elaborada. Assume a característica de rito à medida que se desenrola em tempo real (algo está acontecendo naquela hora e naquele lugar) e faz com que o público seja mais que um espectador, levando-o a estabelecer uma espécie de comunhão. Dessa forma, predomina uma relação mítica sobre uma relação estética, possibilitando um menor distanciamento entre o espectador e a pregação

Na relação estética tem-se um público mais passivo. “O comportamento dos espectadores é regido pela discricção, eles se mantêm imóveis e calados, propiciando o desaparecimento provisório de seus corpos e vozes” (LE BRETON, 2009, p. 256). Na relação mítica, a *performance* admite a participação ritual do público, que se torna participante no cenário da encenação com seus corpos e vozes, possibilitando ao indivíduo fazer a transposição da linha que o conservava como mero espectador ou como *flâneur*.<sup>104</sup>

A congregação pode ser chamada a participar da *performance* do pregador, por exemplo, nos momentos de oração, de se levantar para a leitura bíblica ou em quando é orientada a tomar nota do que está sendo dito. Ela pode também agir com certa espontaneidade, por exemplo, ao aplaudir.

A *performance* pode guardar características de *evento*, em virtude da impossibilidade concreta de se repetir, além de contar com a cumplicidade do público, que serve de testemunha do que aconteceu. Pode também assumir característica de *espetáculo*, de *show*, pois predomina a preparação sobre a espontaneidade ou o improviso.

Conforme já foi ressaltado na seção anterior, a transmissão da mensagem bíblica é precedida de um preparo. A pregação não é fruto de uma revelação divina na hora em que vai ser realizada. Aliás, é práxis na IBC, que o pregador forneça o esboço de sua mensagem com antecedência (quinta-feira é a data limite para quem vai pregar no domingo na Tenda), para que todos possam acompanhar o “movimento” da prédica nos telões e, no caso da série em questão, os participantes recebam junto com o boletim da igreja um roteiro com espaços em branco para anotações. Entretanto, deve ser compreendido também, com certeza, que antes de veicular oralmente o conteúdo da prédica, como todo pregador, o Pr. Armando considera as possibilidades e as estratégias a serem adotadas na comunicação da mensagem segundo tenha se estruturado seu *habitus* religioso.

---

<sup>104</sup> Utilizo aqui esse termo no sentido empregado por Terrin (2004, p. 413) para descrever o indivíduo solitário “que mergulha numa multidão e observa atentamente os gestos, os comportamentos, os movimentos das pessoas, sem se fazer notar”, animando o próprio imaginário com um jogo de fantasia que se nutre de tudo que encontra, vê, percebe, sem o envolvimento com terceiros. Constitui-se como um *jogo solitário*, uma verdadeira novidade do pós-moderno em relação ao moderno.”

O Pr. Armando ao exercer a tarefa de pregador-*performer* tem diante de si a tarefa de conduzir, numa relação cara-a-cara com o público, o espetáculo-ritual e “segurar” o público mediante a sua atuação (COHEN, 2007). Ao lidar com o “aqui-agora” e ter contato direto com o público, o “trabalho com energia” adquire grande significação para o *performer*.

Essa energia diz respeito à capacidade de mobilização do público para estabelecer um fluxo de contato com o artista enviando uma mensagem signíca – e quanto mais energizado, melhor ele vai “passar” isto – como a nível de recepção, que vem a ser a habilidade do artista de sentir o público, o espaço e as oscilações dinâmicas dos mesmos. (COHEN, 2007, p. 105)

O pastor, enquanto *performer*, pode ser considerado um indivíduo que atua no “tênuo limite da espontaneidade” sem perder a dimensão de verdade sobre sua pessoa perante o seu público. Ele deve demonstrar sua idiossincrasia, ou seja, suas habilidades pessoais, seu estilo e linguagem própria, sua marca pessoal, o que reforçará seu *carisma profético*, no sentido weberiano, durante a realização da pré-dica. Esse aspecto é tão importante que da mesma forma que “no próprio processo de propaganda do espetáculo vai se veicular a figura do artista e não alguma coisa que ele vai ‘representar’” (COHEN, 2007, p. 103-104), assim também se destaca a presença do Pr. Armando como figura central na divulgação da série de mensagens. Sua presença foi e tende a ser sempre um atrativo à parte.<sup>105</sup>

Ao entrar no “espaço-tempo cênico”, o *performer* passa a “significar” (vira um signo) e, dessa forma, pode representar algo concreto como uma “personagem” ou algo abstrato como figuras numa peça surrealista. A “personagem” pode ser ficcional ou auto-referente. Nesse último caso, ele estará representando a si mesmo. É o que pode ser observado na atuação do Pr. Armando Bispo, o que confere credibilidade às suas palavras.

É também importante acentuar que, embora o trabalho de criação na *performance* possa ser marcadamente individual, “o discurso da *performance* é o discurso da *mise en scène*, tornando o *performer* uma parte e nunca o todo do

<sup>105</sup> A presença do Pr. Armando Bispo no púlpito da IBC é tão significativa que, se ele não fosse o pregador no culto, ficava sempre um ar de decepção nas pessoas que eu convidava para conhecer a IBC. Foi o caso, por exemplo, da minha orientadora, que alimentou grande expectativa de ouvi-lo, mas teve que se contentar com um outro pregador ao visitar a Tenda no segundo semestre do ano passado.

espetáculo” (COHEN, 2007, p. 102. Itálicos do autor), juntamente com a iluminação, o som, o cenário e outros elementos existentes descritos no capítulo 3.

Dessa forma, é possível pensar que o pastor principal, seus auxiliares e os fiéis da IBC cumprem suas funções de atuação num cenário por eles mesmo produzidos. Ao afirmar isso, não se está de forma alguma negando a sinceridade dessa atuação nem sugerindo qualquer tipo de artificialidade. Esses agentes apresentam, representam ou, simplesmente, participam das atividades rituais como um gênero ou evento performático. Sendo assim, não se tem mais, meramente, a figura de um indivíduo religioso, mas aparece nesse cenário, principalmente, o pastor como *performer*.

Os próprios mecanismos das mídias são adaptados para fins religiosos para criar e sustentar sua produção. Pereira ressalta que “as igrejas modernas descobriram que podiam utilizar a tecnologia a seu favor, sem qualquer pudor ou culpa. Ao contrário, a prosperidade individual e da sua igreja [...] é um sinal de estar cumprindo a vontade do Senhor” (2002, p. 43).

Observei algumas características fundamentais da série de mensagens em questão mediante a aplicação de princípios da Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 2006) em conexão com a análise da performance do Pr. Armando Bispo. A primeira dessas observações diz respeito ao fato de que suas mensagens se desenvolvem direcionada a uma comunidade discursiva, dentro um momento ritual que acontece em um cenário produzido para favorecer a transmissão dessa mensagem. Outra observação é que seus discursos são produzidos dentro dessa comunidade, refletindo também anseios e expectativas dos seus participantes. Pode tanto confirmar ideias e pensamentos quanto desconstruí-los.

É possível observar ainda que o *ethos discursivo* do Pr. Armando, ou seja a imagem de si que ele constrói enquanto pregador-*performer*, contribui para transmitir uma impressão firme e benevolente para o seu auditório visando conquistar a sua confiança. Finalmente, não basta ao pregador cumprir a tarefa de pregar. Ele também precisa se apresentar como *fiador* que dá credibilidade à mensagem de que é portador, incorporando os princípios que visa transmitir.

No meio da mensagem, o Pr. Armando cedia espaço para que os membros previamente escolhidos apresentassem o seu testemunho, praticamente, lendo um texto que descrevia como eram as suas vidas antes da chegada na IBC, seguindo-se um relato de como a sua inserção nessa comunidade colaborou para que se processassem mudanças significativas nas suas vidas. Essas “narrativas”, usando categorias de Sunwolf (2005) poderiam ser classificadas como relacionais, pedagógicas e visionárias.

A linguagem dos testemunhos seguia uma estrutura semelhante a que pode ser observada nos grupos de Alcoólicos Anônimos. No início, a pessoa se apresentava de forma simples: “oi, eu sou...”. Seguia-se a narrativa dos problemas pessoais e como estava acontecendo seu processo de recuperação. Ao final, era feito um agradecimento aos ouvintes por terem escutado. Assim, enquanto *narrativa relacional*, ela adquiria a capacidade de conectar pessoas que viveram dramas semelhantes em suas próprias vidas ou acompanhavam o de amigos e familiares.

Enquanto *narrativa pedagógica*, a linguagem dos testemunhos possibilitava o aprendizado de uma nova forma de compreensão de problemas que poderiam ser considerados em outras comunidades religiosas como de natureza espiritual. Diferentemente da Igreja Universal do Reino de Deus, que comumente transmite na televisão ou apresenta em seus cultos relatos de pessoas vítimas de espíritos malignos, os testemunhos apresentados na IBC se referem a problemas de ordem psicológica (depressão, procrastinação, complacência, etc.) ou vícios (drogas, alcoolismos, etc.). Tais problemas não foram interpretados e tratados como manifestações demoníacas ou maldições hereditárias.

Os dramas pessoais foram expostos para um público que parecia interessado em aspectos íntimos de vidas afetadas por “traumas, vícios e maus hábitos”, administrados em doses terapêuticamente controladas pelos esquemas midiáticos da IBC, para cumprir seus propósitos de testemunhar as possibilidades de reconstituição/restauração de identidades no contexto dessa comunidade. Dessa forma, os testemunhos funcionavam como *narrativas visionárias*, pois contribuía para os indivíduos vislumbrarem a possibilidade de recuperação futura, de superação dos problemas.



No caso da série de mensagens “Cristo, corpo e carisma” não foi utilizado o recurso dos testemunhos pessoais. No entanto, não faltou dramatização. O Pr. Armando, durante uma das mensagens desta série, levou uma jarra com tinta vermelha e nela mergulhou um lenço branco para explicar o significado do batismo. A ideia era mostrar a diferença do batismo realizado no catolicismo e em outras igrejas evangélicas, que praticam o batismo na forma de aspersão (ou seja, a água é derramada sobre a cabeça dos batizados), acentuando que a compreensão correta de batismo é a imersionista, ou seja, o indivíduo deve ser mergulhado inteiramente nas águas para ser batizado na forma correta.

O emprego de testemunhos durante as pregações ou em outros momentos do culto, portanto, não é uma praxe. Não se constitui em um elemento fixo. Na série “O Caminho da Restauração”, após o testemunho, o pastor retomava a palavra e fazia um apelo visando a conversão dos que “não possuíam Jesus como Senhor e Salvador”, concluindo assim sua mensagem.

O corpo, a presença e a atitude/conduta tornam-se essenciais, destacando-se como elementos diferenciais entre líderes religiosos, considerados como *performers*, na disputa de um espaço em que a espetacularização amplia sua presença. Seja representando um outro, seja sendo “eles mesmos”, o fato é que qualidades, supostas ou verdadeiras, desses atuantes são ressaltadas e reprocessadas como um produto a ser vendido, para os fins da autenticação do *carisma* no contexto flutuante e volátil da religiosidade contemporânea, onde as experiências religiosas encontram espaços para se desenvolver sem a tutela das instituições religiosas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente texto, procurei situar a IBC historicamente dentro das correntes que trouxeram o protestantismo para o Brasil e das ondas pentecostais que vieram posteriormente. Embora a IBC proceda originalmente de uma denominação batista, geralmente situada por pesquisadores dentro do caudal do protestantismo histórico, mediante as reelaborações de sua herança fundamentalista, sob a orientação teológica e pastoral do Pr. Armando Bispo, assimilou elementos presentes no pentecostalismo, tais como a contemporaneidade dos dons, inclusive o de “falar em outras línguas”.

As mudanças vivenciadas na IBC não se deram apenas no nível teológico ou doutrinário. Teve profundas repercussões na configuração de uma estrutura administrativa organizada para buscar a eficiência, mesmo que recorrendo a artifícios burocráticos, na construção de um modelo de comunidade que oferece grande espaço para os membros na divisão do trabalho religioso através dos ministérios e, nos últimos tempos, dos grupos pequenos.

A atual configuração administrativa e comunitária, os pólos da organização e do organismo mencionados anteriormente, se articulam sob a liderança carismática há mais de vinte e cinco anos à frente do pastorado da Igreja e se desenvolveu em conjunto com uma concepção moderna de utilização do espaço religioso tradicionalmente destinado aos cultos. Estes, por sua vez, são concebidos dentro de uma visão cenográfica que transmite às celebrações as marcas vivas do extraordinário e do espetacular.

A atuação do líder carismático, envolvendo os seus discípulos em tarefas que tradicionalmente lhe seriam confiadas, dentro da tematização weberiana, como a cura de almas realizada em ocasiões de aconselhamento, em pequenos grupos ou outros grupos terapêuticos produzem reconhecimento e multiplicam, de certa forma, sua presença junto à comunidade. Mais ainda, ao assumir a condução da palavra profética como portador da visão que lhe teria sido concedida por Deus em benefício dessa mesma comunidade e ao cumprir tal tarefa como pregador-*performer*, com o suporte material e humano de uma organização burocrática, consegue mediante a sua atuação

o reconhecimento e a manutenção da sua posição de líder carismático. Nesses termos, a *performance* pastoral funciona para fins de autenticação do seu carisma.

Ao concluir o presente trabalho, penso que se faz interessante se perguntar pelos desdobramentos futuros da IBC. Pensando nisso, elaborei possíveis cenários:

**Cenário 1:** “Denominacionalização” da IBC. A transformação da IBC em uma comunidade de pequenos grupos seria a última ousadia de sua liderança, que procuraria estabilizar o desenvolvimento do trabalho religioso. A institucionalização avançaria, produzindo um nível maior de burocratização, impedindo maior flexibilidade e reduzindo o ritmo de crescimento numérico. Dessa forma, a organização que surgiria aproximaria a IBC das estruturas denominacionais das quais ela pretendeu se afastar. Essa transformação poderia vir em decorrência da rotinização do carisma do Pr. Armando Bispo ou do processo de sucessão que poderia se desencadear com sua morte ou seu afastamento do pastorado da IBC. Restaria perguntar se, nos sucessores, a *performance* continuaria a funcionar em termos de autenticação do carisma e até mesmo se este último ficaria sob o controle institucional.

**Cenário 2:** Fragmentação da IBC. Até o presente momento a IBC tem sido uma comunidade independente, mas com as perspectivas de expansão mediante a estratégia de pequenos grupos é possível o surgimento de outras “tendas” em diversos pontos da cidade e, posteriormente, em outras cidades, abandonando a ideia de que a IBC tem apenas Fortaleza como foco da sua atuação missionária. Como a estratégia de pequenos grupos é uma estratégia de produção de liderança, não é difícil supor que poderão surgir novas lideranças carismáticas que não se submetam à liderança constituída. As dissidências poderiam provocar a perda de membros e a consequente constituição de novas comunidades em torno das lideranças. O recurso à *performance* entre esses novos líderes poderia se dar de uma multiplicidade de formas a partir do modelo encontrado na IBC em articulação com as adaptações e elaborações realizadas por esses líderes.

**Cenário 3:** “Neopentecostalização” da IBC. A proximidade da IBC com o pentecostalismo e com a crescente necessidade de utilização das estruturas midiáticas para alcançar a cidade de Fortaleza pode produzir novas mutações na IBC à medida que exigirá a captação de uma quantidade maior de recursos financeiros para competir

no mercado religioso-televisivo, afetando ainda a oferta dos seus produtos religiosos que seriam adequados ao universo mágico concebido pelo Neopentecostalismo e, certamente, produzindo dissidências entre a sua liderança. Nesse caso, indo além das atuais experiências com o uso da internet, as performances seriam alçadas a um novo patamar para fins de manutenção do carisma e conservação de uma comunidade de seguidores.

Acredito que a presença do Pr. Armando Bispo à frente da IBC nos próximos anos seja um fator determinante para a continuidade de seu projeto de expansão, bem como para que continue se caracterizando como uma vanguarda no campo religioso protestante no Ceará e no Brasil. Na direção que ele seguir, a IBC seguirá. Sua atuação como *pregador-performer* prosseguirá como forma de manutenção e autenticação do seu carisma diante da sua comunidade de seguidores.

A relação entre o crescimento da IBC e a utilização das ferramentas de *marketing* é uma questão interessante que demanda investigação posterior. Sobretudo porque um dos seus ministérios, a Criativa, funciona nos mesmos moldes de uma agência de publicidade, empregando profissionais da área de comunicação com formação universitária e pós-graduação.

Poderia se pensar ainda, em pesquisas posteriores, em investigar as contribuições que o ministério Alcance Social, que coordena as diversas iniciativas sociais da IBC, tem dado tanto em termos do crescimento numérico e de formação para a cidadania nas pessoas atendidas. Seria possível ainda empreender uma pesquisa que desse conta das atividades que vêm sendo desenvolvidas pelo conjunto dos ministérios da IBC.

A impressão que tive em minha experiência de pesquisa na IBC é que todo esforço investigativo para compreendê-la correrá sempre o risco de ficar “datado” em virtude das transformações que se nela processam com frequência pelo caráter desinstalador da liderança exercida pelo Pr. Armando Bispo e pelo ritmo que seus seguidores aprenderam a imprimir.

Algumas outras questões permanecem para investigações posteriores. O crescimento numérico da IBC conduzirá a que perfil da sua membresia? Poderá se

caracterizar como uma comunidade de classe média ou se constituirá numa comunidade cuja maioria dos membros serão oriundos das camadas populares? Como será tratado o problema da sucessão da liderança carismática nos próximos anos? Como funcionará a *performance* pastoral no caso da sua migração futura para a mídia televisiva?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Referências 1

ABUMANSSUR, Edin Sued. **As moradas de Deus**: arquitetura de igrejas protestantes e pentecostais. São Paulo: Novo Século, 2004.

ALEXANDRE, Ricardo. A nova reforma protestante. **Época**. São Paulo n. 638, p. 84-92, 9 ago 2010.

ALVES, Patrícia F. M. **Verbo da vida**: etnografia do neopentecostalismo. João Pessoa-PB: Manufatura, 2000.

ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo, Paulinas, 1982.

\_\_\_\_\_. **O enigma da religião**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_. **O que é religião?** São Paulo: Ars Poética, 1996.

ANTONIAZZI, A. O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio. In CALIMAN, C. (org.) **A Sedução do sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 11-19.

BALANDIER, Georges. **O contorno**: poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BASTIAN, Jean-Pierre. **La mutación religiosa de America Latina**: para uma sociologia Del cambio social em La modernidad periférica. México: FCE, 1997. (Coléccion Popular, 529)

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

BELL, Judith. **Projeto de pesquisa**: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENDIX, Reinhard. **Max Weber**: um perfil intelectual. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado** - elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa / Rio de Janeiro: DIFEL / Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.

CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

\_\_\_\_\_. Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. **Organizações em contexto**. São Bernardo do Campo-SP: UMESP, Ano 2, n. 6, p. 102-138, junho de 2006.

\_\_\_\_\_. **Destino pessoal e organização religiosa**: um estudo de carreiras pastorais no interior de uma organização religiosa. São Bernardo do Campo, 1987. Mestrado em Administração (Recursos Humanos), Instituto Metodista de Ensino Superior.

\_\_\_\_\_. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In GUTIERREZ, Benjamin F. e CAMPOS, Leonildo S (Editores). **Na força do espírito** – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: AIPRAL / Pendão Real / Instituto ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, 1996. p. 77-120.

\_\_\_\_\_. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CARVALHO, José Jorge. **Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea**. Série Antropologia. 114. Brasília, 1991. <http://www.unb.br/ics/dan/Serie114empdf.pdf>. Acesso em 28 ago. 2005.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Gabinete da Casa Civil. **Posse**: Cid Gomes reafirma compromisso com os cearenses.(01 jan 2011). Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br/index.php/sala-de-imprensa/noticias/2465-posse-cid-gomes-reafirma-compromisso-com-os-cearenses>>. Acesso em 20 jan 2011.

CÉSAR, WALDO. Urbanização e religiosidade popular. **Revista Vozes**. Petrópolis-RJ: Vozes, n. 7, p. 19-28, 1974.

CIPRIANI, Roberto. **Manual de sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2007.

COHEN, Renato. **A performance como linguagem**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESROCHE, Henri. **O homem e suas religiões**: ciências humanas e experiências religiosas. São Paulo: Paulinas, 1985.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

FREITAS, Maria Éster de. **Cultura organizacional**: identidade, sedução e carisma. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment. Campinas, 1993. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade de Campinas.

- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GALINDO, Daniel. Religião, mídia e entretenimento: o culto tecnofun. **Revista de Estudos da Religião**, Ano XVIII, nº 26, São Bernardo do Campo-SP, UMESP, 2004.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. (Biblioteca Básica).
- GODOY, Arilda S. Estudo de caso qualitativo. In GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 116-146.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Lisboa: Gradiva, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LADEIRA, Kamilla G. **Luz, câmera, pregação: a utilização de recursos midiáticos nos cultos dominicais da Igreja Batista Central de Fortaleza**. 2007. 102f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE.
- LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas-SP: Autores Associados; São Paulo-SP: Anpocs, 1996.
- MACHADO, Regina Céli de A. **O local da celebração: arquitetura e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MacRAE, Donald Gunn. **As ideias de Weber**. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1975
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Curitiba-PR: Criar, 2006.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MAYOL, Pierre. Morar. Parte I. In De CERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar. Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 31-69.
- MENDES, Napoleão Marcos de Moura. **A produção de anjos: o campo presbiteriano independente no Ceará e o processo de formação de novos pastores**. 1997. 111f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais), Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE.
- MENDONÇA, Antônio G. **A inserção do protestantismo no Brasil**. Campinas - SP, 1984a. 3f. Texto datilografado.



\_\_\_\_\_. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984b. (Estudos e Debates Latino-Americanos).

\_\_\_\_\_. A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil. **Ciências da religião** – religiosidade popular e misticismo no Brasil, São Paulo: Paulinas, n. 2, ano II, p. 9-19, junho de 1984c.

\_\_\_\_\_. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. In: LANDIM, Leilah (Org.). **Sinais dos tempos**: tradições religiosas no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1989. p. 37-86. (Cadernos do ISER, 22).

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Jürgen Habermas**: hermenêutica e epistemologia das ciências do homem. Fortaleza: impresso, 2006a. [Conforme nota do autor na primeira página do texto, “Este ensaio foi publicado como capítulo do livro organizado por FREITAG, Bárbara. *Jürgen Habermas: 70 Anos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, pp. 89-108”].

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: método, teoria e criatividade**. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994. Coleção Temas Sociais.

O’DEA, Thomas F. **Sociologia da religião**. São Paulo: Pioneira, 1969.

PASSOS, João Décio. O pentecostalismo brasileiro: resíduos e afinidades. **Religião e Cultura**. São Paulo: DTCR-Paulinas, v. 1, n. 1, jan./jun., 2002.

RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na idade da mídia**: os desafios da sociedade do espetáculos para a prática da homilética contemporânea. 2005. 281 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências da Religião), UMESP, São Bernardo do Campo-SP.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais. In FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. M. **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 3 ed. Campinas-SP: Papirus, 2004. p. 213-224.

PEREIRA, Robson de Freitas. A religião como espetáculo ou a cada um segundo a sua falta. In **RIO GRANDE DO SUL**. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Cultura. Casa de Cultura Mário Quintana e Associação Psicanalítica de Porto Alegre-APPOA. *Seminários Espetaculares*. Porto Alegre: Corag, 2002.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROLIM, Francisco C. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Religião e classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1980. (Col. Sociologia Religiosa 4).

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Espetáculo, cultura e idade mídia**. In: VII Congresso da ALAIC, 2004. Disponível em <[http://www.alaic.net/VII\\_congresso/gt/gt\\_17/gt17%20p13.html](http://www.alaic.net/VII_congresso/gt/gt_17/gt17%20p13.html)>. Acesso em 20 fev. 2010.

SCHÜNEMANN, Haller Elinar S. Sociabilidades protestantes: uma análise sobre o rito e o mito no protestantismo de teologia fundamentalista. In QUADROS, Eduardo Gusmão e SILVA, Maria da Conceição (Orgs.). **Sociabilidades religiosas**: mitos, ritos e identidades. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 119-132

- SCHWARZ, Christian. **Mudança de paradigma na igreja**: como o desenvolvimento natural da igreja pode mudar o pensamento teológico. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001.
- SIEPIERSKI, Paulo D. Contribuições para uma tipologia do protestantismo brasileiro. In: GUERREIRO, Silas (Org.). **O estudo das religiões**: desafios contemporâneos. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção estudos da ABHR).
- SILVA, Regiane Caminni Pereira da. Construção de *performers* nas mídias. **Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura**. São Paulo: Editora Mackenzie, ano 3/4, n. 3/4, 2003/2004, p. 101-107.
- STEIL, Carlos Alberto. Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global. In MOREIRA, Alberto da Silva e OLIVEIRA, Irene dias (Orgs). **O futuro da religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção estudos da religião).
- SUNWOLF, J.D. Era uma vez, para a alma: uma revisão dos efeitos do storytelling nas tradições religiosas. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Paulinas, ano 10, n. 3, set-dez 2005, p. 305-325.
- TAMBIAH, Stanley J. A performative approach to ritual. In: *Culture, thought, and social action: an anthropological perspective*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 34, v. 12, jun. 1997.
- TERRIN, Aldo Natale. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.
- TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- URSSI, Nelson José. **A linguagem cenográfica**. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Artes), USP, São Paulo-SP.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos de porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977. (Coleção Antropologia, 11).
- Yin, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- WACH, Sebastian. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 6 ed. São Paulo: Pioneira, 1989.
- \_\_\_\_\_. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. (Org.) **Max Weber**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 79-127.
- \_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3 ed. Brasília-DF: UNB, 1994. Vol. 1.
- \_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília-DF: UNB, 1999. Vol. 2.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WILLAIME, Jean-Paul. Georg Simmel (1858-1918): permanência e fluidez da religiosidade. In HERVIEU-LÉGER, Danièle e WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia e religião: abordagens clássicas**. Aparecida-SP: ideias e Letras, 2009. (coleção Sujeitos e Sociedades. p. 111-146.

\_\_\_\_\_. Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso. **Estudos de Religião**, no. 23. São Bernardo do Campo, UMESP, dez/2002.

\_\_\_\_\_. O pastor protestante como tipo específico de clérigo. **Estudos de Religião**, 25, 2003.

\_\_\_\_\_. O Protestantismo como objeto sociológico. **Estudos de Religião**, n. 18. São Bernardo do Campo, UMESP, jun/2000, p. 13-37.

\_\_\_\_\_. **Profession pasteur: sociologie de la condition du clerc a fin du XX siecle**. Geneve, Labor & Fides, 1986.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Educ/Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Educ, 2000.

## Referências 2

**25 ANOS DE MINISTÉRIO... DO PR. ARMANDO BISPO**. Brasil: Igreja Batista Central, 2008. 1 DVD (57 min), 4:3, color. Produzido por NCA – Núcleo de Comunicação Audiovisual e CRIATIVA.

AIBREB (Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares). **História da AIBREB** (2009a). Disponível em <[http://www.batistasregulares.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=44&Itemid=54](http://www.batistasregulares.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=44&Itemid=54)>. Acesso em 20 out. 2010.

\_\_\_\_\_. (Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares). **Quem somos** (2009b). Disponível em <[http://www.batistasregulares.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=48:quem-somos&catid=37:artigos&Itemid=28](http://www.batistasregulares.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=48:quem-somos&catid=37:artigos&Itemid=28)>. Acesso em 20 out. 2010.

**BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA**. Texto em português da edição Revista e Atualizada da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CAIRNS, Earl E. **O cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

COMBLIN, José. A Igreja e os carismas segundo São Paulo. **Vida Pastoral**. Ano 51, nº 270, São Paulo, Paulus, jan.-fev., 2004. p. 28-32.

CRUZ, Armando Bispo. **Altars em praças públicas**. (2010a) Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/cotidianoefe/altars-em-pracas-publicas/>>. Acesso em 17 dez 2010.

- \_\_\_\_\_. **Capacitar** – equipando líderes (2010). Disponível em <<http://www.ibc.org.br/capacitar/index.php>>. Acesso em 20 out. 2010.
- \_\_\_\_\_. Os dons espirituais: despertando o potencial divino da igreja local. In: HORREL, J. Scott (Ed.), **Ultrapassando barreiras**: novas opções para a igreja brasileira na virada do século XXI. São Paulo: Vida Nova, 1994. Vol. 1. p. 91-108.
- \_\_\_\_\_. **O voto verde**. (2010b). Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/cotidianoefe/o-voto-verde/>>. Acesso em 17 dez 2010.
- GIOVENARDI, Síria M. Restauração é para todos. **O Povo**. Fortaleza, 21 out. 2007. Espiritualidade. p. 34.
- GRUDEN, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- GUIMARÃES, J. A. L. . Diaconia, o rosto servo da Igreja. **Simpósio do Mestrado Profissional em Teologia**, 2010, São Leopoldo/RS. Anais do Simpósio do Mestrado Profissional em Teologia. São Leopoldo/RS : EST, 2010. v. 2. p. 335-361.
- GUIMARÃES, Yanna. Programação especial no 4 anos da tenda da IBC. **O Povo**. Fortaleza, 14 out. 2007. Fortaleza, p. 8.
- IGREJA BATISTA CENTRAL. **A história da IBC**. Fortaleza-CE, 2006?. Disponível em <<http://www.ibc.org.br/>>. Acesso em 28 jun. 2007.
- \_\_\_\_\_. **Galeria de imagens**. Fortaleza-CE, s/da. Disponível em <<http://www.ibc.org.br/home/templates/mapa-entrada-carros.html>>. Acesso em 02 jun. 2008.
- \_\_\_\_\_. **Liderança**. Fortaleza-CE, 2010. Disponível em <<http://www.ibc.org.br/site/?page=lideranca>>. Acesso em 05 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Mapa de entrada de carros**. Fortaleza-CE, s/db. Disponível em <<http://www.ibc.org.br/home/templates/mapa-entrada-carros.html>>. Acesso em 02 jun. 2008.
- \_\_\_\_\_. **Preciso saber** – parte 1. Fortaleza-CE, 2009a. Disponível em <[http://www.ibc.org.br/site/arquivos/preciso\\_saber\\_1.pdf](http://www.ibc.org.br/site/arquivos/preciso_saber_1.pdf)>. Acesso em 21 nov. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Na reunião - parte 1**. Fortaleza-CE, 2009b. Disponível em <[http://www.ibc.org.br/site/anexos/na\\_reuniao\\_1.pdf](http://www.ibc.org.br/site/anexos/na_reuniao_1.pdf)>. Acesso em 21 nov. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Perguntas e respostas**. Fortaleza-CE, 2009c. Disponível em <[http://www.ibc.org.br/site/arquivos/perguntas\\_e\\_respostas.pdf](http://www.ibc.org.br/site/arquivos/perguntas_e_respostas.pdf)>. Acesso em 21 nov. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Visão – igreja de pequenos grupos**. Fortaleza-CE, 2009d. Disponível em <[http://www.ibc.org.br/site/anexos/apresentacao\\_igreja\\_de\\_pgs.pdf](http://www.ibc.org.br/site/anexos/apresentacao_igreja_de_pgs.pdf)>. Acesso em 21 nov. 2009.
- \_\_\_\_\_. **Juntos alcançamos muitos** – semana 2. Informe IBC. Fortaleza-CE, Ano 1, Edição nº 5, 16 ago 2009e.
- KIVITZ, Ed René. **Outra espiritualidade**: fé, graça e resistência. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- MEISTER, Mauro. Igreja emergente, a igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória. **Fides Reformata**. São Paulo: Editora Mackenzie, vol. XI, n. 1, p. 95-112, 2006.

MENDES, Napoleão Marcos de. **Fotos da Igreja Batista Central de Fortaleza**. 2008. Arquivos de imagem, color. formato JPEG. 1 CD, 700 MB.

MONTOYA, Alex D. A liderança. In MACARTHUR Jr., John et al. **Redescobrimo o ministério pastoral**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998. p. 316-339.

NOGUEIRA, Márcio José Félix. **Liderança de grupos pequenos** – facilitando o resgate da vida em comunidade – um estudo sobre a Igreja Batista Central de Fortaleza. 2008. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Liderança e Administração Cristã), Faculdade Teológica Sul Americana. Londrina-PR.

O ANO DA TRANSIÇÃO. **Vamos mostrar a você como fazer!!! - Módulo 1**. Curitiba-PR: Ministério Igreja em Células, 2004

**PROGRAMA AOS PÉS DE JESUS**. Entrevista do Pr. Armando Bispo ao Rev. Otoniel Martins. Programa nº 29. 2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=chKb3YRdG4c>>. Acesso em 16 de junho de 2009.

STOCKSTILL, Larry. **A igreja em células**: uma visão bíblica da função das células na igreja local. Belo Horizonte-MG: Betânia, 2000.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1 - Tipologia do pentecostalismo brasileiro

PENTECOSTALISMO CARACTERÍSTICAS	1ª ONDA	2ª ONDA	3ª ONDA
<b>Igrejas Representativas</b>	- Congregação Cristã no Brasil (CCB) - Assembléia de Deus (AD)	- Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) - Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo (IEPBPC) - Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA)	- Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) - Igreja Internacional da Graça de Deus (IGD)
<b>Origem dos Fundadores</b>	CCB: italiano AD: suecos	IEQ: Norte-americano IEPBC: brasileiro IPDA: brasileiro	IURD: brasileiros IGD: brasileiro
<b>Surgimento</b>	Década de 1910	Anos 50 e início dos anos 60	Começa nos anos 70 e ganha força nos anos 80
<b>Contexto</b>	Momento de origem e expansão mundial do pentecostalismo.	Começo da urbanização e a formação de uma sociedade de massas no Brasil.	Após a modernização autoritária do Brasil, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização alcança dois terços da população, se exaure o "milagre econômico" e se inicia a "década perdida" dos anos 80.
<b>Foco de expansão</b>	CCB: São Paulo (imigrantes italianos e nordestinos) AD: Belém do Pará (membros da Igreja Batista de Belém)	São Paulo	Rio de Janeiro
<b>Ênfase sobrenatural</b>	Fala em <i>linguas estranhas</i>	Realização de <i>curas milagrosas</i>	<i>Libertação</i> , pelo exorcismo, da possessão maligna relacionada principalmente com os cultos mediúnicos.
<b>“Carismatismo” Protestante de Classe Média</b>			
<p><i>As comunidades carismáticas de classe média representam um fenômeno distinto do surgimento de igrejas protestantes "renovadas" pelo acolhimento das doutrinas e práticas pentecostais. Pretendem retomar ao modelo eclesial do Novo Testamento. Utilizam ainda o princípio da "batalha espiritual" do neopentecostalismo, bem como as práticas de exorcismo. Os cultos são altamente emotivos. Exemplos: Igreja Renascer em Cristo e Comunidade Sara Nossa Terra.</i></p>			

**Quadro 3-** Tipologia do pentecostalismo brasileiro de Paul Freston  
**Fonte:** FRESTON (1993, p. 66, 100, 115-117)

## **ANEXOS**



## ANEXO 1 - Tipologia do protestantismo brasileiro

RAMO	SUBDIVISÕES
<b>ANGLICANOS</b>	<b>Anglicanos propriamente ditos</b> (ingleses e seus descendentes)
	<b>Episcopais</b> (de origem norte-americana – brasileiros e japoneses e seus descendentes)
	<b>Metodistas</b> (de origem norte-americana – brasileiros)
<b>LUTERANOS</b>	<b>Luteranos ligados à Alemanha</b> (IECLB – alemães e seus descendentes).
	<b>Luteranos ligados aos EUA</b> (IELB – alemães e seus descendentes)
<b>REFORMADOS</b>	<b>Presbiterianos</b> (Missões norte-americanas – brasileiros)
	<b>Congregacionais</b> (Missões inglesas, norte-americanas e outras – brasileiros)
	<b>Reformados europeus</b> (igrejas de colônias – holandeses, húngaros, franceses, etc)
<b>PARALELAS À REFORMA</b> <b>(Anabatistas)</b>	<b>Batistas</b> (Missões do Sul dos Estados Unidos – brasileiros)
	<b>Menonitas</b> (Missões norte-americanas, alemães, etc – principalmente descendentes de alemães)
<b>PENTECOSTAIS</b>	<b>Propriamente ditos ou clássicos</b> (Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo)
	<b>Cura divina</b> (Deus é Amor e numerosas outras)

**Quadro 4 - Tipologia do protestantismo brasileiro<sup>106</sup>.**  
**Fonte:** MENDONÇA (1989, p. 43-44)

<sup>106</sup> Essa tipologia foi desenvolvida por Antonio G. Mendonça, que procura fazer uma “árvore genealógica” protestante no Brasil e inclui a origem dos missionários e a composição étnica de cada comunidade (FREESTON, 1993, p. 38).

## ANEXO 2 - Tipologias do pentecostalismo brasileiro

<b><u>CEDI</u><sup>107</sup></b>	<b><u>Mendonça</u></b>	<b><u>Brandão</u></b>
Pentecostalismo clássico	Pentecostalismo clássico	Igrejas de mediação
Pentecostalismo autônomo	Cura Divina	Pequenas seitas

**Quadro 5** - Formas de classificação do pentecostalismo brasileiro.

**Fonte:** FRESTON (1993, p. 39)

ANEXO 3 – Guia o que você precisa saber



**IGREJA BATISTA CENTRAL** DE FORTALEZA



**preciso**  
**saber.**  
parte 1

## GUIA “O QUE VOCÊ PRECISA SABER”

### INTRODUÇÃO

Neste guia, você vai encontrar informações e esclarecimentos sobre crenças e valores que a IIC vive. Como líder de PG, é sua responsabilidade estar pronto para explicar e anunciar o que aqui será apresentado. Havendo dúvidas, envie e-mail para [pequengrupos@iic.org.br](mailto:pequengrupos@iic.org.br)

#### É importante para nós...

1. A igreja local acima de qualquer outro instrumento dado por Deus como esperança para o mundo e como agente de expansão do Reino.
2. A autoridade do pastor como guia do rebanho que irá responder diante de Deus pelo exercício de sua autoridade.
3. A autoridade dos supervisores, orientadores e líderes de Pequeno Grupo como suporte a autoridade pastoral para garantir a condução do rebanho.
4. O capítulo 18 do Livro de Mateus, com seus princípios de confronto pessoal em amor como a via bíblica para resolução de diferenças, eventualmente culminando em disciplina da igreja, e como a extensão natural do processo de discipulado desígnado por Deus para a santificação dos seus filhos.
5. O compromisso do pastor com a congregação como dissolve somente pela direção de Deus.
6. O compromisso do membro com a congregação como dissolve somente pela direção de Deus.
7. A autoridade do homem com a sua capacitação divina para sustentar, dirigir e proteger o seu lar, pela qual ele irá responder diante de Deus.



8. O ensino bíblico da igreja local, no pequeno e grande ajuntamento, como instrumento primordial do aperfeiçoamento e capacitação dos santos para vida e ministério.

9. A prática dos Valores do Reino - São (Missão, Maturidade, Mutualidade, Ministério, Moradomia) como expressão de saúde e espiritual.

10. Grupos Pequenos como instrumentos dados por Deus para o exercício do pastoreio mútuo através da prática da prestação de contas.

11. As manifestações artísticas na igreja como expressão culturalmente relevante do amor e temor ao Senhor que traz libertação e espontaneidade à adoração das pessoas ao seu Deus.

12. A família como a unidade básica de estabilidade espiritual na sociedade e na igreja.

13. A qualidade e a excelência em tudo que fazemos por entendermos como características do Deus que servimos e do culto racional devido a Ele.

### Nossas crenças...

1. A pregação e o ensino da palavra em parceria com relacionamentos são a base e restauração do indivíduo e da congregação.

(O ensino deve promover transformação - Rm 12:7, 2 Tm 3:16;17, Tg 1:23-25)

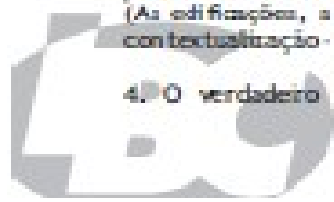
2. Porque Deus se importa com os perdidos, nós nos importamos também.

(A evangelização deve ser relacional e encarada como um processo- Lc 5:30-32; Lc 15; Mt 18:14)

3. A igreja deve ser culturalmente relevante enquanto permanece doutrinariamente pura.

(As edificações, a comunicação e as artes visibilizam a contextualização- 1 Co 9:19-23)

4. O verdadeiro discípulo de Jesus Cristo deve ser



frutífero e buscar o crescimento contínuo.  
(O caráter honesto que reflete a imagem de Jesus - Ef 4:22-25, 32; Jo 13:8, 16; 2Pe 3:18; Hb 12:1; Fp 1:11; 2:12)

5. A igreja deve funcionar como uma comunidade de ministros que unânime e desveladamente desenvolvem dons espirituais para a edificação do Corpo.  
(Unidade, servitude, dons espirituais e vocação ministerial caracterizam a comunidade - 1 Co 12, 14; Rm 12; Ef 4; 1Pe 4:10, 11; Sl 133:1)

6. O amor deve permear o relacionamento entre os membros da igreja.  
(Ministração em amor, pequenos grupos que promovam a edificação em treos irmãos - 1 Co 13; Mc 3; Cl 2:12-16; Jo 13:34, 35)

7. As mudanças mais profundas e duradouras acontecem no âmbito dos grupos pequenos.  
(Discipulado, transparência, responsabilidade mútua e prestação de contas - Lc 6:12-13; At 2:44-47)

8. A busca pela excelência traz honra a Deus e reflete o Seu caráter.  
(Planejamento, avaliação, críticas construtivas, trabalho árduo e excelência - Cl 3:17; Am 1:6-14; Pr 27:17)

9. A igreja deve ser liderada por aqueles que possuem dons espirituais, vocação e aceitação da comunidade.  
(Capacitação, liderança servil, convicção e visão - Mc 1, 3; Rm 12:8; At 6:3-5)

10. A total devoção e submissão ao Senhor Jesus são características normais de um discípulo.  
(Mordomia, servitude, humildade e dependência de Deus - 1Pe 1:14; Fp 2:1-11; 2 Co 8:7)

[preciso saber]



# **dinâmica** **GRUPOS** **pequenos**

::>Assegurar a prática dos 5M's

::> Incentivar e instrumentalizar cada membro a:

- Vivenciar sua fé
- Exercer seus dons espirituais
- Buscar o contínuo crescimento espiritual
- Praticar os mandamentos mútuos
- Exercer a boa mordomia em tudo

::>Propiciar um ambiente seguro e de aceitação para:

- Prestação de contas da vida
- Caminhada na restauração

::>Garantir a instrução/ensino bíblico e a análise da situação espiritual de cada membro, apontando para os recursos de aprendizagem disponíveis.

::>Garantir a celebração da ceia, do batismo e da disciplina bíblica

**IMPORTANTE:** a prática do batismo e disciplina deve ser submetida a condução do orientador e supervisão.



[preciso saber]

### ACESSO A MATERIAIS DE APOIO E SUPORTE

Fique sempre atento ao site da IBC ([www.ibc.org.br](http://www.ibc.org.br)), pois através dele o Processo de Desenvolvimento disponibilizará a cada semana materiais para apoiar seu pastoreio.

### PROCESSO IDE

A fim de conceder suporte à estrutura de pastoreio da IBC (supervisores, orientadores, líderes de PG e apenadores de líderes) foi desenvolvido 3 macro processos, através dos quais a Igreja (pequenos grupos) é gerida.

**Inclusão** - este processo tem a responsabilidade de divulgar o valor da participação em um Pequeno Grupo, assim como de gerenciar cadastros, sistema de fácil inclusão de membros, questões que envolvem a membresia, entre outras.

**Desenvolvimento** - este processo tem a responsabilidade rotada para produção de materiais de ensino e capacitação da liderança.

**Expansão** - este processo tem a responsabilidade de promover o valor da casinha vazia, identificar e formar nova liderança, estabelecer metas de continuidade para os grupos.

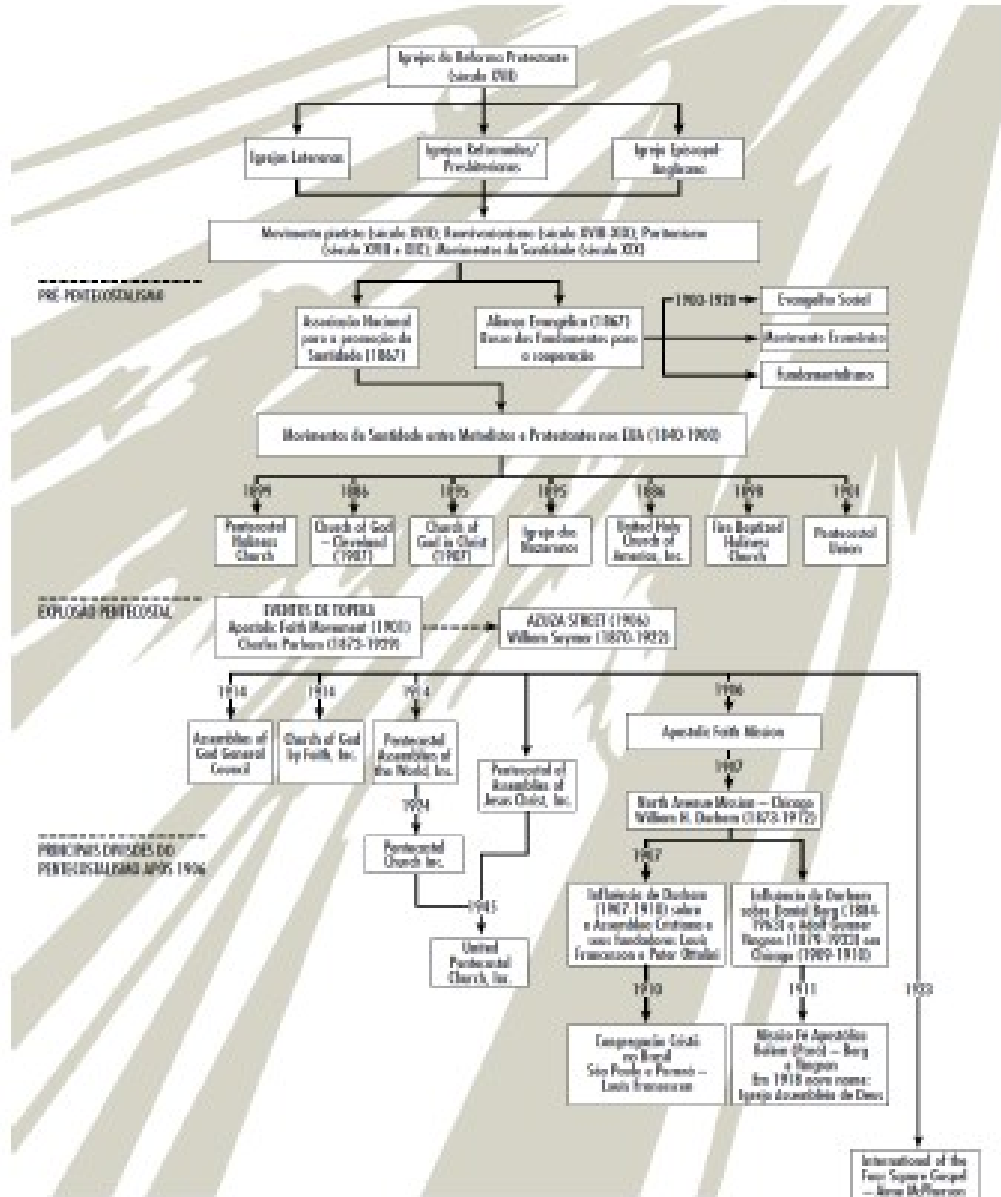
#### Equipe de Gestão do processo IDE:

- Alcides Faria - gestor de pastoreio
- Silvia Giovannielli - secretaria executiva
- Paulo Marcelo - gestor de inclusão
- Janaína Araújo - gestor de desenvolvimento
- Helena Massarini - gestor de expansão

Contato - [pequenosgrupos@ibc.org.br](mailto:pequenosgrupos@ibc.org.br)



## ANEXO 4 – Mapa histórico do pentecostalismo



**Figura 8** - Mapa histórico do pentecostalismo  
 Fonte: Campos, 2005

## ANEXO 5 – Folder sobre os ministérios na IBC

**Coneção Central**

*Eu quero ser um Servo de Mão Cheia!*

*Identifique seu local de serviço!*

**FORJAS AO LADO CENTRAL em FORTALEZA**

### Cada um de nós.

Parte integrante e **ativa do Corpo,** servindo com **dons e talentos.**

Quando Deus nos chama para sua família, logo faz habitar em nós o seu Espírito. É o Espírito de Deus não só a nossa garantia da vida eterna (Ef 1:13-14), a nossa maior presença, mas também é quem nos direciona a sermos discípulos verdadeiros de Jesus e nos faz servir com esse crescimento e com as inúmeras possibilidades de serviço. Deus faz com que cada membro seja um ministro. Isto é ministério. Este é nosso objetivo como igreja local.

Quantas vezes você já não sentiu aquela vontade de trabalhar para Deus, mas nunca soube onde começar?! Veja a seguir várias opções de serviço onde você pode se encaixar. E se o seu sonho não estiver relacionado aqui, procure a gente; saiba que nos faremos de tudo para realizá-lo.

#### ■ ABATUQUE

##### [Missão]

Levar o Evangelho de Jesus Cristo através da louvor em ritmo de canto.

##### [Oportunidades para Servir]

Integrar a banda como Vocalista, Músico (ou Compositor)

##### [Perfil para Participar do Ministério]

- Fiel às palavras bíblicas e por amar a Deus
- Dons: criatividade, comunicação oral, prática
- Terceira e habilidades no área musical

#### ■ AGRUPE

##### [Missão]

Incentivar a integração de pessoas em Grupos Pequenos para **Transformar vidas** pela aplicação da Palavra e viverem a jornada diária pela prática dos imperativos da realidade.

##### [Oportunidades para Servir]

Líder de GQ, Aprendiz de GQ, Orientador, Digitalizer, Secretariado, Incentivador de treinamento, Administrador

##### [Perfil para Participar do Ministério]

- Fiel às por vs palavras ensalvaçando no GQ
- Dons: pastoral, encorajamento, ensino, administração

#### ■ ALCANCE SOCIAL

Projetos: Alcance Graça (Comunidade do Doador), Alcance **Bejos de Mãe** (Fonque Hamburg), Alcance **Mãe de Leite** (Cairão), Alcance **CEO** (Marechal), Alcance **Ceres** (Pólis), Alcance **Lar de Paz** (Casa de Recuperação), Projeto **Paratiba**, Projeto **Aerolínia**, Projeto **Auxílio** (Cristal Saúde), Alcance **Carão** (Hocajana), Alcance **Casa de Meu Pai** (Iguape)

**Linhas de Atuação:** Educação Infantil, Desenvolvimento Comunitário, Gestão de Risco, Incentivo em conflitos com a lei ou com dependência química, Segurança Alimentar, Equipes

##### [Missão]

Envolver toda a sociedade na formação da geração de cidadãos e cidadãs conscientes, atuantes no desenvolvimento de suas comunidades e fundamentadas no padrão do amor cristão.

##### [Oportunidades para Servir]

Treinador, Proprietor Páreo, Obediente, Líderes de Grupos Pequenos, Ministério de Políticas, Administração, Secretariado, Digitalizer, Mobilização e Organização de Doações, Volontário, Incentivador para Oficinas, Evangelismo, Discipulado, Assistência Médica-Centista, Transporte, Atuação de Adultos e Crianças, Ensino Profissionalizante, Transporte



#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Ter paixão pela palavra e pessoas carentos, por justiça e transformação social
- Dons: evangelismo, ensino, pastoreio, misericórdia, serviço, fé, hospitalidade

### APTO

#### [Missão]

Promover o crescimento espiritual pessoal de cada membro do IRC através de ensino, treinamento, incentivo à busca pessoal, orientação, incentivo e acompanhamento.

#### [Oportunidades para Servir]

Professores, Aprendizes de Professores, Tradução, Computação Gráfica, Secretariado, Digitação, Organização de materiais e processos.

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por ser as pessoas aprendendo a Palavra e crescerem espiritualmente
- Dons: ensino, serviço, administração

### ARTECELEBRAÇÃO

#### [Missão]

Desenvolver em cada pessoa a verdadeira dimensão da adoração.

#### [Oportunidades para Servir]

Instrumentista, Vocalista, Auxiliar(es) Técnico em Sonoplastia, Administração

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por ser pessoas adorando a Deus
- Dons: comunicação criativa, profeta, liderança, administração, ensino, serviço

### BIBLIOTECA

#### [Missão]

Contribuir para a edificação das mentes da igreja disponibilizando livros e publicações.

#### [Oportunidades para Servir]

Empacotador de livros, Organização e manutenção do acervo, categorização e classificação dos livros

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por livros e por livros
- Dons: administração, serviço, conhecimento, ensino

### CANTINA

#### [Missão]

Fornecer boa alimentação a um espaço agradável para confraternização antes e depois dos cultos.

#### [Oportunidades para Servir]

Chefe, Atendimento, Serviço de Digitação e Secretaria, Cozinha e Ajudantes.

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por serviço, cozinha e interação
- Dons: liderança, hospitalidade, administração, serviço
- Talentos: cozinha e saber atender o público.

### CENTURIÕES

#### [Missão]

Proteger as instalações e os veículos durante as atividades institucionais da igreja.

#### [Oportunidades para Servir]

Orientar o fluxo e o estacionamento de veículos

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por guarda, proteção, saber lidar com o
- Dons: serviço, administração, hospitalidade

### CELEBRANDO RESTAURAÇÃO

#### [Missão]

Oferecer um ambiente seguro onde pessoas quebradas possam experimentar o amor de Cristo, lidar suas dores, confrontar seus problemas e encontrar na misericórdia, graça e poder de Deus a força para viver vida restaurada ao padrão que De estabelece.

#### [Oportunidades para Servir]

Cantora, Organista, Condiçãoçãoção, Cantor(es), Louvor

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por pessoas capazes de amar e restauração
- Dons: comunicação criativa, serviço, misericórdia, intercessão

### CHORUS

#### [Missão]

Conceber o amor de Cristo ao mundo, desenvolvendo o real sentido da dança em adoração a Deus.

#### [Oportunidades para Servir]

Dalchini, Coreógrafo, Fôlmeira, Produtor

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado pela dança
- Dons: comunicação criativa, administração, evangelismo, serviço

### CONEXÃO CENTRAL

#### [Missão]

Facilitar o processo de integração do novo convertido visando a desconstrução de resistências plenamente integradas.

#### [Oportunidades para Servir]

Recepção e aconselhamento aos novos convertidos ao final dos cultos, Tolo-Atos, Digitação, Secretariado

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por novos convertidos e por não-los integrados à igreja e família em Jesus
- Dons: encorajamento, ensino, liderança, administração, liderança, fé

### CRATIVIA

#### [Missão]

Facilitar a comunicação eficaz da fé.

#### [Oportunidades para Servir]

Programação de Eventos, Tradução, Computação Gráfica, Secretariado, Digitação e Edição, Organização de Materiais e Recursos, Vídeo, Fotografia, Jornalismo, Desenho e Multimídia.

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por arte, comunicação e eventos
- Dons: comunicação criativa, liderança, administração, e serviço

### GERAÇÃO A2

#### [Missão]

Ministrar aos corais do IRC uma vida relevante em Cristo.

#### [Oportunidades para Servir]

Apoio em organização de eventos

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por corais
- Dons: evangelismo, comunicação criativa, administração
- Talentos e habilidades em organizar eventos

### GERAÇÃO ATOS

#### [Missão]

Evangelizar (verba docentes), integrar à igreja local e cristã-iza a cultura no fé e no amor, servindo ao próximo em amor e adorando ao Senhor Jesus.

#### [Oportunidades para Servir]

Ensino na Escola Bíblica, Liderança de GP's, Cooperação nos eventos de recepção de pessoas, distribuição e distribuição, transporte, produção de materiais audiovisuais, logotipo

#### [Perfil para Participar do Ministério]

- Focado por jovens e por atividades relacionadas com esta fase da vida
- Dons: evangelismo, apostolado, pastoreio, ensino, com. criativa

### GERAÇÃO INTEGRAL

#### [Missão]

Ajudar os que crederem e amadurecer com experiência e propósito.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Profesor de classe de Escola Bíblica, Instrutor Fêmeo, Conselheiro, Secretário, Digitação, Decoração, Organização e Ambientação de eventos

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por líderes e por atividades relacionadas com esta faixa etária

· Devo: apastorado, pastoral, ensino, comunicação criativa, liderança, administração

### **GERAÇÃO RADICAL**

#### **[Missão]**

Disciplinar os adolescentes, em parceria com os pais, tornando-os em uma geração santa, radicalmente comprometida com Jesus.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Profesor de classe de Escola Bíblica, Líder do Grupo Pequeno, Conselheiro e Equipante em acontecimentos, Secretária, Digitação, Decoração e Ambientação de eventos

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por voluntários e por atividades relacionadas com esta faixa etária

· Devo: apastorado, pastoral, ensino, comunicação criativa, liderança, administração

### **GERAÇÃO FUTURO**

#### **[Missão]**

Servir de apoio para a família, no propósito de estabelecer uma base espiritual na vida da criança, que no tempo de Deus, irá ser conduzida a um relacionamento com Ele, através de Jesus Cristo

#### **[Oportunidades para Servir]**

Pastoral de orações, teatro, música, teatro, suporte aos pequenos grupos e atividades, criação e produção, recepção, segurança

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por Crianças

· Devo: de pastoral, ensino, comunicação criativa, liderança, administração, serviço, hospitalidade

### **INTERCESSÃO**

#### **[Missão]**

Incentivar o Corpo de Cristo à prática contínua de oração, a fim de contribuir para o seu fortalecimento espiritual

#### **[Oportunidades para Servir]**

Intercessão: Líder de grupo de oração, Secretária de ministério, Apoio logístico na organização dos cultos de oração e vigília

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por intercessor por pessoas e por suas causas

· Devo: intercessão, M, ministério, serviço

### **LOGÍSTICA**

#### **[Missão]**

Preparar o ambiente para a realização dos cultos eventos da igreja.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Preparar as salas para a Escola Bíblica nos domingos, montar e desmontar o palco e as cadeiras nos cultos dominicais, a estrutura de cultos e salas da Escola Bíblica no Natal e a estrutura para a realização de eventos e transporte e organização de materiais

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por ajuda, apoiar e servir outras pessoas, bem como por organizar e arrumar coisas

· Devo: de serviço, administração, liderança e hospitalidade

### **NCA (Núcleo de Comunicação Audiovisual)**

#### **[Missão]**

Divulgar a Palavra de Deus através de recursos audiovisuais.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Produtor e Editor de Áudio, Vídeo, Organização Interna (matrícula e envio), Duplicação de CDs, Títulos de Gen, Áudio de Gen e Áudio de Fêmeo (montagem e desmontagem)

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por comunicação, criatividade, qualidade das cores

· Devo: comunicação criativa, serviço, administração, evangelismo, ensino, profeta

### **NCI (Núcleo Cristão de Informação)**

#### **[Missão]**

Atual na gestão de informação, captação e conscientização crítica com o conhecimento e visão profética necessária para melhor entender os fatos, impactar a sociedade e defender o Evangelho de Cristo.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Análise de informações que circulam nos meios de comunicação; Produção de artigos e apostilas de interesse de defesa da fé cristã; Tradução de textos; Ensino

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por líder e atuação aos peritos

· Devo: como profeta, discernimento, conhecimento, sabedoria, ensino

### **PALAVRA AMIGA**

#### **[Missão]**

Confiar, integrar e editar pessoas que buscam o sentido de aconselhamento por telefone.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Aconselhamento por telefone e/ou pessoal, Digitação, Divulgação, Secretariado, Cuidado em aconselhamento, conexão e envio dos cursos por correspondência, estátuas

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

Curso conselheiro:

· Faltão por pessoas e por ajudar pessoas com problemas

· Devo: misericórdia, encorajamento, evangelismo. Para servir pessoas deves: Ter dons como administração, ensino, intercessão, comunicação criativa, ensino

### **RECEPÇÃO**

#### **[Missão]**

Contribuir para um ambiente adequado à realização das programações da igreja, através da organização dos serviços de recepção.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Suscipções e arrecadação pessoas, Secretária, Treinamento

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por intercessão e cuidar de pessoas

· Devo: hospitalidade, misericórdia, serviço

### **SERVIÇÃO**

#### **[Missão]**

Promover o evangelismo, a edificação e a mutualidade através de conselhos, competições e acompanhamentos.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Monitor de equipe, Equipante para acompanhamentos, Rapelista, Hósteis, Instrutor, Fêmeo-médico, Organização de eventos,

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por pessoas, encorajamento, aventura, natureza

· Devo: diligência, serviço, liderança, sabedoria, administração,

### **SURFISTAS DE CRISTO**

#### **[Missão]**

Contribuir para o melhoria da qualidade de vida dos surfistas através da aplicação de princípios cristãos e projetos que visam a transformação do indivíduo e de meio em que vive, utilizando o surf como ferramenta de integração e bem estar social.

#### **[Oportunidades para Servir]**

Instrutor, Conselheiro, Organizador de Eventos, Evangelista

#### **[Perfil para Participar do Ministério]**

· Faltão por surf, por praia, sol e por alcançar a galera surfista



**CENTRAL DE ATENDIMENTO  
AO VOLUNTÁRIO**  
**3444-3618**

**Conexão  
Central**

Rua Silveira Freixo, 1132 - B. Torres  
60.130-501 - Fortaleza-CE  
Fone 3444-3618 Fax 3444-3621  
www.fim.org.br fim@fim.org.br



# EU QUERO FAZER PARTE!



Sim, eu gostaria de saber como posso servir em um ou mais dos ministérios da IBC.

Imprima esta ficha. Ao ler as descrições anteriores, em qual(is) ministério(s) você gostaria de servir? (Pode marcar mais de um!)


- Agrupos**  
fazendo pessoas passarem uma verdadeira conexão com o Corpo.
- Alicança Social**  
sendo instrumento do respeito da dignidade humana.
- Após**  **Celebrando Restauração**  
investindo na formação espiritual dos membros.
- Arte/Celebração**  **Abataque**  **Chorus**  
servindo com arte em meio à adoração.
- Carbina**  
um brinde depois do culto tem o seu valor!
- Centuriões**  
organizando e garantindo a segurança dos automóveis.
- Criativa**  **Prod. de Eventos**  **Teatro**  
servindo à igreja local com criatividade.
- G. Atos**  **G. Radical**  **G. Futuro**  
investindo nas novas gerações.
- Geração B2**  **Geração Integral**  
investindo nas gerações maduras.
- Intercessão**  
encorajando o Corpo a viver uma prática contínua de oração.
- Conexão Central**  **Recepção**  
sendo o primeiro e próximo contato com os visitantes.
- Logística**  **Som**  
cuidando da produção dos nossos cultos.
- NCA - Núcleo de Comunicação Audiovisual**  
capturando preciosas mensagens para quem necessita.
- Pedra Amiga**  
acompanhando por dentro.
- Outro** \_\_\_\_\_
- Eu sonho com algo que não está aqui!!!**  
você tem um sonho de criar um ministério ou fazer algo para Jesus que não está relacionado aqui? Da para a gente no verso desta ficha? - - - - -

Faça como centenas de irmãos da IBC que já estão servindo a Deus e ao Corpo e procure um local de serviço significativo. Você pode marcar mais de uma opção acima. **Envie esta ficha**, preenchida com seu nome e telefone para contato e endereço para o stand do Espaço Conexão ao final dos cultos, na Secretaria da IBC ou depositar nas mãos certas de oferta. Lembra-se: você pode servir conforme sua disponibilidade de tempo e no ministério de sua escolha. Há sempre um lugar para você servir na IBC!

Nome: \_\_\_\_\_

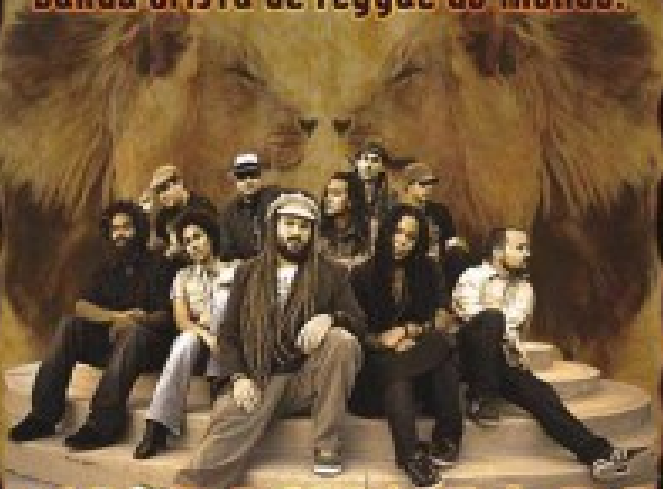
Telefones para contato: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Conexão Central **CENTRAL DE ATENDIMENTO AO VOLUNTÁRIO**  
 **3444-3618**


**ANEXO 6 – Panfleto do Christafari**

**Pela primeira vez em Fortaleza  
diretamente dos E.U.A, a maior  
banda cristã de reggae do mundo.**



**CHRISTAFARI**  
Redemption Reggae World Tour

**A banda:**



**Benjamin Balli**   **Winston Howland**   **Bando Strickland**   **Lyvon Blackman**   **Rotoman Jahke**

**Dia 18/out - às 20h  
na Tenda da IBC  
(Anel viário c/ Br 116)**

**Informações:  
3444.3600  
[www.ibc.org.br/christafari](http://www.ibc.org.br/christafari)**

**Venda de INGRESSOS:**  
Recepção da IBC, Casa da Bíblia e Bíblia & Opções  
(Centro, North Shopping e Igastermi)

## Anexo 7 – Currículo do Capacitar

<p><b>LIDERANÇA RELACIONAL</b></p> <p><b>Objetivo:</b> Equipar o líder de PG com os atributos de uma liderança eficaz, tornando-o apto a liderar, desenvolver novos líderes e promover pastoreio mútuo.</p> <p><b>Disciplinas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecendo o líder de PG</li> <li>- O poder da influência</li> <li>- Estilos de liderança</li> <li>- Ordenanças e princípios de conduta</li> <li>- Aconselhamento</li> <li>- Desenvolvendo o aprendiz</li> </ul>	<p><b>CONDUÇÃO DO ENSINO</b></p> <p><b>Objetivo:</b> Capacitar os líderes de grupo a conduzir momentos de ensino em suas reuniões e fora delas, usando técnicas e metodologias relacionais que despertem nas pessoas interesse por pesquisar, aprender e praticar as verdades bíblicas.</p> <p><b>Disciplinas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ensinar e Aprender</li> <li>- Escolha e aplicação de recursos</li> <li>- Preparando estudos</li> <li>- Discipulando novos convertidos</li> <li>- Delegando o Ensino</li> </ul>	<p><b>EXPLORANDO A BÍBLIA</b></p> <p><b>Objetivo:</b> Equipar o líder com ferramentas para uma correta interpretação e conhecimento da Bíblia.</p> <p><b>Disciplinas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Bibliografia</li> <li>- Técnicas de interpretação bíblica</li> <li>- Panorama do Velho Testamento</li> <li>- Panorama do Novo Testamento</li> </ul>
<p><b>VIDA DO LÍDER</b></p> <p><b>Objetivo:</b> Este módulo abordará de forma prática e inspiradora as práticas espirituais que qualificam o caráter de um líder em restauração.</p> <p><b>Disciplinas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A vida que satisfaz</li> <li>- Valores da Restauração</li> <li>- Disciplinas Espirituais</li> <li>- Conexões Espirituais</li> <li>- Caráter de Cristo</li> </ul>	<p><b>CRISTÃO CONTAGIANTE</b></p> <p><b>Objetivo:</b> Contagiar os líderes com dicas, exemplos e instrumentos para maximizar o seu potencial, e de seu grupo, no cumprimento da missão: "pregai o evangelho a todas as pessoas".</p> <p><b>Disciplinas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Evangelismo e Edificação</li> <li>- Usando seu estilo</li> <li>- Construindo relacionamentos</li> <li>- Usando sua história</li> <li>- Lidando com objeções</li> <li>- Compaixão e Ação Social</li> </ul>	<p><b>CONDUÇÃO DO GRUPO</b></p> <p><b>Objetivo:</b> Tornar o líder apto a planejar, desenvolver e conduzir o grupo em todas as suas fases, rotinas e necessidades, bem como habilitá-lo para o uso de ferramentas disponibilizadas pelas Redes.</p> <p><b>Disciplinas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Inclusão no Grande e Pequeno Grupo</li> <li>- Multiplicação: critérios e preparação</li> <li>- Preparação e condução da Reunião</li> <li>- Sistema de dados e comunicação</li> </ul>

**Figura 9** - Grade curricular do curso “Capacitar”  
Fonte: IGREJA BATISTA CENTRAL, 2010.

## ANEXO 8 – PROGRAMAÇÃO DO CULTO DOMINICAL (16/11/2008)

<b>Programa</b> > <i>Culto Domingo</i> <b>Dia/local</b> > <b>16/NOV/2008</b> - Campus Pedras <b>Hora/duração</b> > 17h às 18h40 <b>Tema</b> > ... <b>Preletor</b> > Pr. Adhemar de Campos		<b>TODOS OS ENVOLVIDOS NO PROGRAMA DEVEM ESTAR NO CAMARIM AS 18h30 SEM FALTA.</b>	
<b>PROGRAMA SEQUÊNCIA</b>		<div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;"> <div style="border: 2px solid black; border-radius: 50%; width: 60px; height: 60px; display: flex; align-items: center; justify-content: center; margin-right: 10px;"> <span style="font-size: 2em; font-weight: bold;">2º</span> culto         </div> <div style="text-align: right;"> <p style="font-size: 0.8em; margin: 0;">Todos no palco devem observar o semáforo que está na mesa de controle, ele será nosso indicador do tempo.</p> </div> </div>	
Hora	Ministração	Envolvidos	Observação
16h54	Locução + Cronômetro	Euriano Marquinhos	LUZ > BLACK OUT SOM > ÁUDIO VÍDEO
6' (1'+5')	[instrumental] (....)	Marquinhos Euriano	LUZ > PALCO SOM > BANDA VÍDEO > TRANSMISSÃO VIVO > A BANDA deve executar o instrumental durante os 5' do cronômetro.
17h00	LOUVOR 1 >> 1. Tempo de festa 2. Homem de guerra 3. Nossa General 4. Tributo a Jeová	Patrício Marquinhos Daniel Almeida Euriano Jamile	LUZ > NO PALCO SOM > MIC S/ FIO [1] <b>Daniel Almeida</b> + BANDA VÍDEO > TRANSMISSÃO AO VIVO MULTIMÍDIA > LETRAS DAS MÚSICAS
17h20	AVISOS >> #Vts (Transição de bloco) 1. # (Informe IBC)	Patrício Marquinhos Euriano  Patrício Marquinhos ao vivo	> #VT's LUZ > BLACK OUT SOM > ÁUDIO PARA VT VÍDEO > TRANSMISSÃO VT <b>Púlpito IN</b> > APÓS VT... LUZ > NO PALCO E TENDA SOM > MIC S/ FIO [2] <b>Pr. José Edson</b>
4'	OFERTA >>	Pr. José Edson	VÍDEO > TRANSMISSÃO AO VIVO
5'	LOUVOR 2 >> (música da oferta) 5. Dízimos e Ofertas	Milla Marquinhos Daniel Almeida Milla	> Pr. José Edson Faz OFERTA e ORA com a congregação MULTIMÍDIA > SLIDS VERSÍCULOS SOM > MIC S/ FIO [1] <b>Daniel Almeida</b> MULTIMÍDIA > LETRA DA MÚSICA
17h32	transição LOUVOR 3 >> 6. Melhor é dar	Patrício Marquinhos Daniel Almeida Euriano Jamile	LUZ > NO PALCO SOM > MIC S/ fio [1] <b>Daniel Almeida</b> VÍDEO > TRANSMISSÃO AO VIVO MULTIMÍDIA > LETRA DA MÚSICA
17h37	PALAVRA >>	Pr. Armando Patrício Marquinhos Euriano Jamile	LUZ > NO PALCO E TENDA SOM > MIC S/ FIO [3] <b>Pr. Armando</b> VÍDEO > TRANSMISSÃO AO VIVO MULTIMÍDIA > Slide > Video fica atento para entrada de VT...
18h37	ORAÇÃO >> ENCERRAMENTO >> LOUVOR 4 >> (músicas finais) 7.	Pr. Armando Patrício Marquinhos Euriano Jamile 	LUZ > NO PALCO E TENDA SOM > MIC S/ FIO (3) Pr. Armando VÍDEO > TRANSMISSÃO AO VIVO MULTIMÍDIA > LETRAS DAS MÚSICAS > AC executar música FINAL
18h40	(a quantidade e ordem das músicas podem ser alteradas conforme o tempo disponível)		